UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS – HISTÓRIA DA LITERATURA

EMANUELLE TRONCO BUENO

JORNALISMO VISCERAL: OS *FAITS DIVERS* QUE CONTAM (E CONSTROEM) HISTÓRIAS

RIO GRANDE - RS
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS – HISTÓRIA DA LITERATURA

Emanuelle Tronco Bueno

Jornalismo Visceral: os *faits divers* que contam (e constroem) histórias

Defesa da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em História da Literatura, Linha de Pesquisa Linguagem no Contexto Social, como requisito parcial para conclusão do curso de Doutorado em Letras.

Orientadora: Sylvie Dion

Rio Grande - RS
2023

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ATA DE DEFESA DE TESE nº 08/2022

No dia vinte e um de dezembro de dois mil e vinte e dois, através de videoconferência, realizou-se a defesa de tese da doutoranda EMANUELLE TRONCO BUENO, intitulada **"Jornalismo Visceral: os *faits divers* que contam (e constroem) histórias".** A sessão foi aberta às catorze horas pela Profa. Dra. Sylvie Dion (FURG), orientadora da tese e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta pelos professores doutores Francisco das Neves Alves (FURG), Kelli Machado da Rosa (FURG) e Marcela Wanglon Richter (UNIPAMPA). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que **APROVA** a doutoranda neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Doutora em Letras, na área de concentração em História da Literatura. Após, a presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata. Atendendo à Deliberação nº 025/2020 do COEPEA, a presidente da comissão examinadora assinará a ata, substituindo as assinaturas dos demais membros da banca.

Sylvie Dion
Profa. Dra. Sylvie Dion - Orientadora - FURG
Prof. Dr. Francisco das Neves Alves (FURG)
Profa. Dra. Kelli Machado da Rosa (FURG)
Profa. Dra. Marcela Wanglon Richter (UNIPAMPA)

Ficha Catalográfica

B298j Bueno, Emanuelle Tronco.
Jornalismo visceral: os faits divers que contam (e constroem) histórias / Emanuelle Tronco Bueno. – 2023.
263 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2023.
Orientador: Dr. Sylvie Dion.

1. Faits divers 2. Gênero narrativo 3. Jornalismo
4. Literatura 5. História da litertura I. Dion, Sylvie
II. Título.

CDU 070.1:82

Catalogação na Fonte: Bibliotecária Rita Moraes CRB 10/2506

Às “marias” da minha vida, Maria Júlia (*in memorian*) e Clara Maria, minhas primeiras professoras; e, ao meu irmão Jorgemar (*in memorian*), meu eterno anjo protetor.

AGRADECIMENTOS

A minha avó, Maria Júlia Tronco, que deixou este mundo terreno no curso deste doutorado, cultivou por quase oito decênios o formoso hábito da escrita. A princípio, poderiam dizer que era por ser professora. Mas, hoje, sei que há muito mais neste simplório e nobre ato. Dona Maria escrevia cartas, cartões, preenchia cadernos com anotações periódicas, deixava recados e bilhetes: “Maria da pena”, diria meu avô. Cresci no meio das palavras escritas pela “pena” de minha avó, fui ensinada por ela a rezar e a escrever. No Natal, sem falta, mais de duzentas cartas eram escritas à mão para amigos e colocadas nos Correios. Eu a ajudava, com aquela letra desajustada, a preencher os envelopes e escrever as felicitações. Aos poucos, estava escrevendo também para familiares, amigos, conhecidos. Minha avó, sempre de poucas palavras, tinha orgulho. Eu sei disso ao lembrar de seu olho brilhando e do seu sorriso largo ao contar que sua neta puxou a ela.

Ah, Dona Maria, que herança mais linda a senhora me deu. Arrisco dizer que foi a maior que um dia eu poderia receber. As lágrimas escorrem de profunda gratidão por sua mão ter estado ali quando eu precisava de seu exemplo, por ter me mostrado o poder da educação, das palavras, dos textos, da escrita. Escrever é eternizar, tocar o outro da maneira mais profunda possível. A escrita esconde, em sua essência, a dimensão da alma, pois é capaz tocá-la. A escrita presentifica a voz, os conselhos, preenche o vazio da ausência e alimenta o espírito, para sempre.

No baú de cartões recebidos por mim e escritos com sua letra cursiva, cheia de palavras doces, há um conselho muito especial: “procura sempre cultivar a humildade, os gestos de gratidão e confia no amanhã”. Não por acaso, quando comecei a escrever este agradecimento, lembrei que minha avó foi minha professora também no gesto nobre de agradecer. À Maria Júlia, e, também, à Mãe Imaculada, portanto, meu mais sonoro obrigada, para que seja escutado dos céus e para que minha avó possa brilhar os olhos e sorrir com esta longa escrita produzida por mim.

Seja em sua biblioteca, ou na estante de livros de minha mãe, também professora, nasce uma também leitora. Só escreve, quem lê, acredito. Percebo hoje, que minha avó não ensinou somente a mim. A minha mãe, Clara Maria, segurou minha outra mão e andou lado a lado comigo para que eu alçasse ou mais impensados voos. Ela não só foi comigo na seleção do doutorado, mas esteve ao meu lado durante os quatro anos de dedicação intensa à pesquisa. Resumir sua participação nesta caminhada é algo

impossível, mas gostaria de dizer que sem ela, eu nada seria. O seu suporte é a tinta que pinta o papel para formar as letras e, enfim, fazer tudo ter sentido. Ao seu companheiro na vida e meu suporte, Jairo Borges, também meu muito obrigada, pois ele nunca mediu esforços para me ver feliz.

Suponho que meu anjo da guarda, em oração ensinada ainda pequena pela minha avó, tenha sido muito generoso comigo. Colocou-me diante de mulheres fantásticas, minhas tias "marias", especial Jerarda Maria, e tantas outras figuras femininas foram e são meu amparo e referência de valores e moral nesta existência. Desde pequena, aprendi que eu poderia realizar meus sonhos sem nenhuma limitação graças ao exemplo dado por elas. A generosa professora de Língua Portuguesa, Anna Regina, que me auxiliava em minhas dificuldades, sendo exemplo de profissionalismo docente em minha trajetória.

Do mesmo modo, como uma bênção dos céus, meu companheiro de vida, Fernando, há mais de dez anos é colo e amparo em todos os momentos. O seu papel nesta tese, em especial, transcende o que as palavras poderiam explicar. Ele foi o primeiro leitor deste texto, meu confidente de angústias e suporte incansável. Tê-lo em minha vida é a certeza que não estarei só, é o estímulo e a segurança para confiar no amanhã.

Aos meus professores, em especial minha orientadora, querida e doce professora Sylvie Dion, que com maestria respeitou meus momentos, dando-me espaço para decidir meus caminhos, mas sempre estando ali para responder a qualquer dúvida. A condução de sua orientação foi de um respeito indescritível com a pessoalidade que o processo de doutoramento exige. Também agradeço a professora Kelli, empática e acessível, que chegou para completar os grandes mestres da minha trajetória acadêmica.

Também não posso deixar de agradecer aos meus amigos, em especial minha confidente e colega Franceli Couto, companheira de viagens para o mestrado, que com toda sua generosidade sempre foi escuta para minhas angústias. E, sem nomear, a todos que fazem parte da minha vida e que, de alguma forma, compartilharam seus dias para que eu amadurecesse e fosse possível concluir este doutorado.

Que este sentimento de gratidão seja, enfim, perseverante, para que, como roga o conselho de minha avó, seja o grande tesouro semeado na busca pela humildade.

“A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; [...] a narrativa está aí, como a vida.”

Roland Barthes

“Notícia de jornal é como a vida, continua sempre e a gente tem de ir virando as folhas, como se vira a folhinha do calendário.”

Clarice Lispector

RESUMO

Esta pesquisa sustenta-se em duas vertentes narrativas, o jornalismo e a literatura. Estas, originam o gênero narrativo *fait divers* (ANGRIMANI, 1995; BARTHES 1964, 1973, 1976 e 1992; DION, 2007; FOUCAULT, 1982 e 2001; GUIMARÃES, 2007 e 2014), uma categoria de textos que explora o sensacional daquilo que é comumente ordinário. O *corpus* deste estudo constitui-se pelas edições do jornal impresso Correio do Sul, no período de 1914 a 1924, um periódico que circulou por quase cem anos na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul. Com a definição do objeto de estudo, a pesquisa norteou-se pelo questionamento de como são representadas as estruturas narrativas do gênero *fait divers* a partir da imbricação jornalismo-literatura no referido jornal, especificamente no segundo decênio do século XX. Para responder a tal indagação, empenhou-se em refletir sobre essas construções narrativas, suas hibridizações, bem como suas representações sociais (CERTEAU, 2005; DEBORD, 2005). Sequencialmente, partiu-se para a análise do objeto de estudo, descrevendo-se o produto, suas variantes, agentes envolvidos na produção, bem como os contextos de significação (MATHIEU, 2011). Essa ação de situar o objeto em dado espaço-tempo viabilizou a sequencialização das demais etapas metodológicas da pesquisa. Portanto, ancorando-se na técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2006), empreendeu-se o recorte das unidades de contexto, especificamente relacionadas à pertinência dos textos coletados, amplitude, nível de inusitado e de frequência de aparições. Tais variantes facilitaram o estabelecimento de categorias amplas para verificação da presença dos elementos literários e jornalísticos na constituição do gênero. Como a coleta documental resultou em um material expressivo, demonstrou-se necessária a subdivisão dos *faits divers* selecionados em três grupos temáticos: homicídio, suicídio e ocultismo. Os referidos grupos foram pormenorizados a fim de que a análise trouxesse uma visão da função do gênero para o retrato da sociedade bageense à época, bem como clarificasse a estrutura do gênero enquanto suposta fusão dos elementos narrativos do jornalismo e da literatura. Os resultados indicam uma histórica articulação entre ambas as áreas no que se refere às construções textuais, ultrapassando a perspectiva linguístico-discursiva (BAKHTIN, 1981; CHARAUDEAU, 2019; VOLÓCHINOV, 2019). Quanto aos *faits divers*, de maneira particular, as estratégias jornalísticas inerentes ao gênero auxiliam no retrato fático dos elementos vividos em Bagé no início do século XX. Da mesma forma, os elementos literários viabilizam que essa história seja detalhadamente narrada, utilizando-se não só do interesse público, mas principalmente da linguagem poética em prol da viabilização de um propósito social claramente posicionado pelos editores do jornal. Ademais, sustenta-se a ideia de que os *faits divers* integram uma espécie de jornalismo visceral, que promove os sentimentos mais controversos em um leitor que se descobre excitado em consumir textos que expõem tudo que ficaria usualmente nas "entrelinhas" das notícias ou nos compartimentos mais ocultos do interesse humano.

Palavras-chave: *Faits divers*. Gênero narrativo. Jornalismo. Literatura. História da Literatura.

ABSTRACT

This research is based on two narrative strands, journalism and literature. These originate the narrative genre *fait divers* (ANGRIMANI, 1995; BARTHES 1964, 1973, 1976 and 1992; DION, 2007; FOUCAULT, 1982 and 2001; GUIMARÃES, 2007 and 2014), a category of texts that explores the sensational of what is commonly ordinary. The corpus of this study consists of editions of the printed newspaper Correio do Sul, from 1914 to 1924, a periodical that circulated for almost one hundred years in the city of Bagé, in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. With the definition of the object of study, the research was guided by the question of how the narrative structures of the *fait divers* genre are represented from the overlapping journalism-literature in the referred newspaper, specifically in the second decade of the 20th century. To answer this question, he endeavored to reflect on these narrative constructions, their hybridizations, as well as their social representations (CERTEAU, 2005; DEBORD, 2005). Sequentially, the object of study was analyzed, describing the product, its variants, agents involved in production, as well as the contexts of meaning (MATHIEU, 2011). This action of placing the object in a given space-time enabled the sequencing of the other methodological stages of the research (LAKATOS; MARCONI, 2003 and 2020). Therefore, based on the technique of content analysis (BARDIN, 2006), the context units were selected, specifically related to the pertinence of the collected texts, amplitude, level of unusualness and frequency of appearances. Such variants facilitated the establishment of broad categories to verify the presence of literary and journalistic elements in the constitution of the genre. As the documentary collection resulted in an expressive material, it was necessary to subdivide the selected *faits divers* into three thematic groups: homicide, suicide and occultism. These groups were detailed so that the analysis would bring a vision of the function of gender to the portrait of Bagé's society at the time, as well as clarify the structure of the genre as a supposed fusion of the narrative elements of journalism and literature. The results indicate a historical articulation between both areas regarding textual constructions, going beyond the linguistic-discursive perspective (BAKHTIN, 1981; CHARAUDEAU, 2019; VOLÓCHINOV, 2019). As for the *faits divers*, in particular, the journalistic strategies inherent to the genre help in the factual portrayal of the elements experienced in Bagé at the beginning of the 20th century. In the same way, the literary elements make it possible for this story to be narrated in detail, using not only the public interest, but mainly the poetic language in favor of the viability of a social purpose clearly positioned by the newspaper's editors. Furthermore, the idea is supported that the *faits divers* are part of a kind of visceral journalism, which promotes the most controversial feelings in a reader who finds himself excited to consume texts that expose everything that would usually be "between the lines" of the news or in the most hidden spaces of human interest.

Keywords: *Faits divers*. Narrative genre. Journalism. Literature. History of Literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação faits divers..... 75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características dos faits divers 52
Tabela 2 - Pesquisa exploratória: fases, procedimentos e técnicas 84
Tabela 3 - Categorização 90
Tabela 4 - Panorama geral do objeto 97
Tabela 5 - Contextos de significação do objeto de estudo 111
Tabela 6 - Levantamento documental 118
Tabela 7 - Publicações selecionadas para análise detalhada 169
Tabela 8 - Informações que constituem o lead da notícia 188

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resumo da aplicação da técnica da análise de conteúdo 89
Gráfico 2 - Panorama da pesquisa documental 117
Gráfico 3 - Síntese da pré-análise 120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **15**
1 A DIMENSÃO LITERÁRIA DO JORNALISMO **23**
1.1 O princípio de tudo: era uma vez a narrativa... 23
1.2 As fronteiras que permeiam a história e a literatura 36
1.3 Jornalismo cá e literatura acolá. Será? 38
2 JORNALISMO VISCERAL: O GÊNERO FAIT DIVERS **49**
2.1 Fait divers: o que é, características e relevância social 49
2.2 A notícia com sangue e vísceras 71
3 AS ETAPAS DA PESQUISA **83**
4 A ÚLTIMA NOTÍCIA: RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA **95**
4.1 Várias edições, um só produto: o jornal Correio do Sul 95
4.1.1 Descrever para conhecer 96
4.1.2 Os produtores e proprietários 105
4.1.3 Contextos de significação 111
4.2 A epígrafe do jornalismo visceral 116
4.2.1 Os contornos do crime 121
4.2.2 Os ataques à própria vida postos em evidência 140
4.2.3 Assunto oculto, interesse aparente 157
4.3 O detalhamento em evidência 169
4.3.1 Cena do crime: ultrapasse para ler 169
4.3.2 Em defesa da vida ou da notícia? 187
4.3.3 Ocultismo impresso em preto e branco 213
CONCLUSÃO **251**
REFERÊNCIAS **258**

INTRODUÇÃO

"– Saiu no jornal!". Este argumento discursivo integra boa parte das conversas cotidianas. Diz-se para legitimar, confirmar, provar. Se "saiu" é porque foi publicado; é porque o jornalismo endossou, como se o veículo fosse um sistema reprodutor das temáticas que retroalimentam o público e chancelam a realidade social. É o milagre que cura uma criança cega; o centro espírita que aplica bordoadas nos assistentes para tirar maus fluídos; um matador de crianças que perambula pelo país; o último dos ateus do Japão enterrado; a princesa galante que a todos deslumbrou e morre na miséria após treze divórcios; a família que morre com a cabeça espatifada, nariz decepado e facadas no coração; um colchão assombrado que se movimentava sozinho; a aparição do Cristo Redentor na Cidade Eterna; a casa assombrada por possíveis lobisomens; um homem que não come e só toma café; a menina que vê uma santa resplandecer entre duas velas de cera; o menor perverso que envenenou "propositalmente" a família e os empregados colocando cianureto de potássio na água do chimarrão; o casal que está convencido de ter se conhecido pela primeira vez há cinco mil anos, à sombra das pirâmides do Egito. Todos esses acontecimentos, e muitos outros**,** "saíram" no quase centenário jornal Correio do Sul.

Manchetes, notícias, reportagens que, em comum, produzem uma reação de espanto ou surpresa em quem as lê. Retirados do jornal Correio do Sul, periódico já descontinuado, mas veiculado entre 1914 e 2012 em Bagé, no Rio Grande do Sul, esses fatos podem configurar-se como *faits divers*, um gênero narrativo divulgado jornalisticamente e constituído, comumente, por temas sensacionais e inusitados. Parte-se do pressuposto de que todos são acontecimentos que instauram a curiosidade aflorada no leitor e, independentemente do local em que estejam alocados no jornal, entende-se que o *fait divers* "faz parte do universo da informação e, certamente, do universo do discurso" (DION, 2007, p. 124).

A esse conjunto de expressões comunicativas do mundo, integram-se duas artes narrativas milenares: o jornalismo e a literatura. Ambas têm origens que não se pode precisar temporalmente, uma vez que nascem das formas mais primitivas do anseio humano de comunicar. Seria pretencioso dizer que uma sucede a outra – não obstante a existência de elementos teóricos a serem necessariamente abrangidos nesta reflexão. Fazer de antemão a afirmação de que uma concebeu a outra, seria o mesmo que tirar o desenvolvimento de uma trama narrativa, subtraindo os elementos que conduziram ao

desfecho que hoje se conhece. A resposta não é simplória, principalmente quando se consideram os discursos, expressão da linguagem que gera sentido a partir da articulação entre língua e esfera pública sob uma perspectiva multidimensional da realidade social (CHARAUDEAU, 2019).

A sequência discursiva aqui predominante é, portanto, a narrativa. Esta é o ponto convergente principal entre as esferas discursivas do jornalismo e da literatura. Neste limiar, Ribeiro (2017, p. 189) elabora uma conceituação por contraste, estabelecendo que uma esfera não se confunde com uma circunscrição física, sendo um "lugar de produção, circulação e recepção de discursos, de ações tipificadas de linguagem, de modos de organização dos gêneros do discurso". Assim, as múltiplas esferas constituídas na sociedade (jornalística, literária, política, econômica, cultural, confessional etc.) organizam seus respectivos discursos e operam sob os seus critérios de funcionamento, interrelacionando-se em determinados espaços de convergência.

Análogo às esferas discursivas bakhtinianas, Charaudeau (2019) designa o "domínio da prática social", que corresponde a recortes imprecisos de saberes estruturados no espaço público. Importa assinalar a dialética entre a forma de retratação dos fatos pela mídia e as reações decorrentes de tal ato, que conforme o autor, corresponderia ao fato da instância midiática setorizar o espaço público e, assim, conseguir retratar os fatos orientando reações já projetadas pelo público em relação ao segmento em questão. Ainda nesse viés, através de tal processo a mídia edificaria uma apresentação estruturante das concepções do mundo social, de modo que, paulatinamente, o próprio público adotaria as categorizações por ela construídas.

Essa é a prova da vivacidade da língua, que se constrói através dos movimentos dialógicos promovidos pelos próprios seres humanos. Nesta tese, inclusive, optou-se por utilizar a transcrição literal das notícias assim como eram publicadas no início do século XX, o que, sob a perspectiva da língua deslocada de seu local de funcionamento, poderia não fazer sentido. Porém, ancora-se na noção da língua como um sistema real, sendo utilizado em determinados contextos comunicativos e a notícia seria fruto construído a partir desta relação dialógica.

Nesta esteira, tem-se a observação de Barros (2017, p. 3) sobre a linguagem das fontes de pesquisa administradas pelos historiadores, no sentido de que "[...] palavras, ancoradas em outra época, podiam ter então outros significados, outros usos, outras entonações, outros modos de terem sido um dia percebidas [...]. É preciso decifrar a linguagem da fonte quase como esta se fosse, metaforicamente, uma língua estrangeira".

Isso porque a grafia e a semântica das palavras possuem uma história, vez que o tempo é capaz de transformar elogios em ofensas ou mesmo erudição em vulgaridade. É possível também que o leitor, um século depois, como aconteceu diversas vezes no transcorrer desta pesquisa, defronte-se com construções frasais anacrônicas, sendo necessário auxílio teórico para sua completa interpretação e análise. Da mesma forma que as palavras, a sociedade e seus contextos demandam representação e tradução para viabilizar a sua inteligibilidade pelo leitor.

Portanto, não é estranho que o jornalismo, como afirma Pena (2012, p. 1), acompanhe os processos de comunicação mais primitivos da humanidade, sendo aprimorado conjuntamente com a linguagem oral e escrita. Igualmente, Endres (2001) vincula o surgimento do jornalismo a civilizações antigas como a suméria, a egípcia e a chinesa, atrelando-o à comunicação escrita, registrando sua história, feitos e mesmo reforçando narrativas.

Em adição, Huston (2010, p. 18) faz uma associação valorosa ao resgatar a frase bíblica: "No princípio era o verbo [e Deus disse faça-se a luz e a luz se fez]". Verbo, na mesma significação da Bíblia, em Gênesis, refere-se ao princípio de tudo, à palavra. Na proposição, é o poder da palavra que é o cerne, a essência do texto. Dito de outro modo, não havia nada do mundo, só havia Deus, seu enorme poder e a palavra – e tudo no mundo foi criado pelo poder da palavra.

Configura-se, portanto, a linguagem verbal como a linguagem da palavra. Esta toma uma importância ímpar quando articulada pelos seres humanos, pois "o Sentido humano se distingue do sentido animal pelo fato de que ele se constrói a partir de narrativas, de histórias, de ficções" (HUSTON, 2010, p. 18). Ademais, o humano necessita de respostas, de sentido, não suportando o desconhecimento, suprimido pela criação dessas estruturas narrativas.

As narrativas associadas ao jornalismo, nos primórdios, visavam comunicar fatos cotidianos, concretos. Paralelamente, a literatura resplandece associada aos sonhos, já que "a realidade humana está repleta de ficções involuntárias ou pobres, é preciso inventar ficções voluntárias e ricas" (HUSTON, 2010, 132). Para a autora, a literatura é transparente, uma narrativa que se reconhece e se anuncia como ficcional. Por isso, utiliza sem restrições os elementos da criação literária, criação que reproduz uma potência de divindade, pois é irrestrita. Assim, é possível assinalar uma distinção com a narrativa jornalística, que nasce com a pretensão de traduzir fidedignamente o real, enquanto

paradoxalmente se esconde atrás da subjetividade dos autores – que pressupõe uma abertura à criação de ficções, invenções, alterações, suposições e provocações.

No entanto, é necessário elucidar a distinção do jornalismo enquanto atividade comercial e profissão técnica daquele jornalismo associado à noticiabilidade e elementos que constituem a produção noticiosa, seja esta oral ou escrita. Sendo assim considerado, nesta visão ampla de representação social e da imanente necessidade humana por informação, associa-se a origem do jornalismo aos primeiros processos narrativos, que envolviam o objetivo de noticiar, relatar, narrar e descrever fatos (SILVEIRA, 2018). Nessa acepção, Silveira (2018, p. 26) aponta "os registros administrativos das sociedades antigas" como potencial "gênese do jornalismo".

Em relação ao jornalismo e à ficção, Sato (2002, p. 31) evoca que "apesar da vocação para o 'real', o relato jornalístico sempre tem contornos ficcionais". Essa afirmação sustenta-se em elementos resgatados pela autora, tais como: a ficção de que os fatos retratados são concomitantes à leitura da narrativa – pretensão de retratar a realidade; as fontes são condicionadas a reforçar a opinião do jornalista; as notícias são categorizadas (editorias) de forma a condicionar sua interpretação; cada veículo e atores envolvidos no processo de produção da notícia constroem uma perspectiva singular; a delimitação da representação reproduz os interesses de seu autor.

Como efeito da intenção do jornalista responsável pela narrativa, Silva (2002, p. 50) esclarece que "[...] o jornalismo não pode viver sem a consciência da literatura. É no exercício prosaico que se aprende a matemática da expressão. Da ambiguidade compreendida retira-se a objetividade verossímil". Em outras palavras, o autor afirma que o jornalismo se utiliza da linguagem literária para construir sua forma de expressão.

No mesmo sentido, Medina (1996) reconhece a necessária aproximação entre o jornalismo e o universo literário, defendendo "a dinâmica osmose dos dois universos simbólicos" (MEDINA, 1996, p. 211). A autora destaca que as áreas compartilham a escrita e suas técnicas como cerne de sua produção, reconhecendo tanto o literato quanto o jornalista pela manipulação da língua escrita – equivalência que por muito tempo levou escritores e bacharéis às redações, ao menos até a sedimentação de técnicas específicas do jornalismo.

A relevância dos *faits divers* para a consecução dos objetivos propostos, portanto, é evidenciada pela concepção de que fazer jornalismo é contar histórias do viver diário de um tempo presente. A forma pela qual o jornalismo apresenta as histórias selecionadas, entretanto, elucida que "[...] a neutralidade não existe (afinal, o jornal é uma empresa que

vende uma mercadoria chamada notícia) acentuando claramente os limites de atuação do jornalista" (SATO, 2002, p. 36).

Independente da acepção adotada, ou do longínquo período em que são alocados, o jornalismo e a literatura possuem como base a língua, ou, fundamentando-se na Linguística, sua menor unidade, a palavra. Todavia, possuem construções discursivas próprias e, inclusive, linhas teóricas específicas, o que dificulta atingir um consenso quando se trata do hibridismo entre as referidas áreas. Com efeito, o jornalismo prioriza uma linguagem referencial, expressa com clareza, transparência e simplicidade; já a literatura se apoia em uma linguagem poética, com vocábulos prolixos, períodos complexos e que se beneficia da polissemia (MEDINA, 1996).

Sob esta dualidade, assenta-se o objetivo desta tese: refletir sobre as construções narrativas do jornalismo e da literatura a partir dos *faits divers*, bem como sobre a histórica intersecção entre as áreas. Especificamente, visa-se: 1) Analisar o gênero *fait divers* e suas representações sociais através das notícias publicadas no jornal *Correio do Sul*, de Bagé, Rio Grande do Sul, periódico quase centenário (1914-2012), durante sua primeira década de funcionamento, a saber 1914-1924; 2) Compreender os sentidos da análise do gênero discursivo em foco; 3) Mapear as edições do periódico durante setembro de 1914 a dezembro de 1924[1]; 4) Estabelecer paralelos entre a pesquisa bibliográfica e documental, relacionando-as com as representações sociais suscitadas pelas construções narrativas analisadas.

Perseguir esses objetivos justificam, além de um alinhamento científico com as intenções propostas, possibilidades de obtenção de resultados, clarificando a pertinência da pesquisa. Nos termos propostos por Santaella (2002), é possível entender a contribuição a partir de três ordens: científico-teórica, científico-prática e social.

As contribuições científico-teóricas apresentam-se pela complexidade do objeto de pesquisa, que transita entre as esferas discursivas jornalística e literária, reproduzindo um movimento dialógico da própria natureza humana. Além disso, este estudo configura-se como relevante para o Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) porque evidencia a relação direta entre jornalismo e literatura, especialmente no contexto da imprensa gaúcha bageense do século XX. Além de ser uma proposta original para o Programa, contribui para o desenvolvimento da linha de pesquisa "Literatura, história e memória literária", pois associa esses dois conceitos

[1] 2.516 edições do jornal, totalizando 10.197 páginas avaliadas durante o período de setembro de 1914 a dezembro de 1924.

em busca do fortalecimento das trocas discursivas midiáticas que promovam a autonomia e tomada de consciência do cidadão.

Quanto às contribuições teórico-práticas, aplicar o arcabouço teórico multidisciplinar aqui levantado, em específico na análise de um periódico de representatividade pública no início do século XX, é relevante a partir da perspectiva da história da imprensa, da literatura e da própria evolução da língua. A escolha do objeto desta pesquisa, o jornal Correio do Sul, inclusive, está relacionada ao contexto acadêmico-prático da autora desta tese, jornalista, professora de Português e residente em Bagé há cerca de cinco anos. A prática profissional contribuiu para ampliar a visão sobre o objeto e as práticas comunicativas entretempos.

Por fim, as contribuições sociais referem-se à relevância das reflexões conceituais associadas às práticas dos *media* e aos discursivos construídos socialmente a partir dessas influências. O conhecimento desenvolvido através desta investigação traz as noções teóricas para um constante encontro entre as esferas discursivas, sendo o jornalismo produto destas relações que ocorrem dialogicamente no espaço público.

Nesse sentido, é válido reforçar que a relação e escolha dos *faits divers* são oriundas da característica elementar deste gênero de ser essencialmente narrativo. O processo embrionário desta pesquisa, portanto, retoma esses processos comunicativos mais amplos e profundos dessas crenças, em alusão a um universo mágico e sobrenatural, representações sem forma específica que fazem parte da vida humana até os dias hodiernos.

E é justamente nesses elementos que o gênero *fait divers* busca seu conteúdo. Fruto do vivido, mescla a objetividade e a subjetividade para transformar as realidades fáticas em narrativas impressionantes, atrativas e envolventes. O jornalismo, por sua vez, sai de seu lugar de operar na realidade "nua e crua" para experimentar, testar e aplicar as infinitas possibilidades lexicais que a literatura oferta.

Para se discutir esses processos de narração, optou-se em ter como base a análise estrutural da narrativa e sua fundamentação centrada na construção de modelos de descrição compostos com subdivisões relacionadas e que se repetem na diversidade das narrativas (BARTHES, 1976). Neste ponto, enquanto se trata de áreas potencialmente produtoras de narrativas, discute-se sobre a objetividade e a subjetividade das produções e sobre o dilema do texto jornalístico ser "imparcial" e reproduzir os fatos em sua integridade, de forma fidedigna.

O jornalismo e a literatura, como campos que se entrecruzam, seriam dois grandes contadores de histórias, as quais podem (ou não) ser potenciais narrativas – mas, essa afirmação somente torna-se viável quando pontuadas algumas ressalvas, pois, como diz Scliar: "Há sim, uma fronteira entre jornalismo e ficção. Mas é uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência. No passado, grandes escritores foram grandes jornalistas [...]. Nada impede que esta tradição tenha continuidade" (SCLIAR, 2002, p. 14).

Dessa forma, destaca-se que este estudo é caracterizado como uma pesquisa exploratória qualitativa, fazendo referência, portanto, "[...] mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas" (SEVERINO, 2007, p. 124). Nesse universo de significados, o grupo de exploratórias agrupa-se em fases para "proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses", face ao objetivo destes tipos de pesquisas de buscarem o aperfeiçoamento de ideias ou a revelação de palpites estruturados em um primeiro contato com o objeto de estudo (GIL, 2008, p. 41). Neste interim, utiliza-se a pesquisa bibliográfica como técnica, que objetiva "encontrar respostas aos problemas formulados, e o recurso utilizado para isso é a consulta dos documentos bibliográficos" (CERVO, 2007, p. 79).

Explicitados os procedimentos metodológicos, parte-se, no primeiro capítulo, para uma reflexão sobre a narrativa como elemento de hibridização entre os campos do jornalismo e da literatura. Neste aspecto, tem-se a narrativa como ponto convergente principal entre essas duas vertentes, sendo relevantes, do ponto de vista teórico-prático, alguns autores para embasar a discussão aqui posta. Sobre jornalismo, utilizou-se, dentre outros, as pesquisas desenvolvidas por: Cosson (2007); Erbolato (1978); Medina (1996); Nascimento (2009); Pena (2012); Silveira (2018); e, Sodré (1999). Para a teoria da literatura, ancorou-se, dentre outros, em: Candido (1980 [1965]), Huston (2010); Lajolo (1995); Perkins (1999); e, Todorov (2009 [1939]). Essa discussão, no entanto, recebe um aprofundamento ao olhar para essa narratividade enquanto movimentos dialógicos intrínsecos ao ser humano, o que deflagra em uma histórica articulação entre as áreas jornalística e literária no que se refere às construções textuais, ultrapassando inclusive a perspectiva linguístico-discursiva, discutidas prioritariamente a partir de Bakhtin (1981); Charaudeau (2019); e, Volóchinov (2019).

O segundo capítulo é dedicado ao resgate teórico, bem como estruturas e características específicas do gênero *fait divers*, conceituadas principalmente por

Angrimani (1995); Barthes (1964; 1973; 1976 e 1992); Dion (2007); Foucault (1982 e 2001); e, Guimarães (2007 e 2014). Originado a partir do intercalar discursivo das narrativas jornalístico-literária, o *fait divers* é uma categoria de textos que explora o sensacional daquilo que é comumente ordinário. Para tanto, empenhou-se em refletir sobre essas construções narrativas, suas hibridizações, bem como suas representações sociais a partir dos postulados de Certeau (2005) e Debord (2005).

O terceiro capítulo apresenta um panorama geral das etapas metodológicas. Descreve-se neste momento a pesquisa bibliográfica, documental e, especificamente, a análise de conteúdo, conforme orientam Lakatos e Marconi (2003; 2020). Esta última, classificado como técnica de análise de dados, foi dividida em três etapas para aplicação, conforme Bardin (2006, p. 121): 1) "pré-análise"; 2) "exploração do material"; e, 3) "o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação". Na pré-análise, realizou-se uma leitura flutuante nos materiais coletados, sendo o material pré-selecionado explorado a partir de categorias pré-determinadas e, na terceira etapa da análise, empreenderam-se o tratamento e a interpretação dos dados brutos categorizados e agrupados nas etapas anteriores. Adotando-se essa divisão procedimental de análise, possibilitou-se gerar quadros de resultado, pondo em relevo as informações fornecidas pelas análises e dando subsídios para a avaliação do *corpus*.

O quarto capítulo, por fim, expõe os resultados e a parte analítica desta pesquisa. Primeiramente, partiu-se para a análise do objeto de estudo, descrevendo-se o produto, suas variantes, agentes envolvidos na produção, bem como os contextos de significação (MATHIEU, 2011). Essa ação de situar o objeto em dado espaço-tempo viabilizou a sequencialização das demais etapas metodológicas da pesquisa. Portanto, ancorando-se na técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2006), aplicou-se o recorte das unidades de contexto, especificamente relacionadas à pertinência dos textos coletados, amplitude, nível de inusitado e de frequência de aparições. Tais variantes facilitaram o estabelecimento de categorias amplas para verificação da presença dos elementos literários e jornalísticos na constituição do gênero. Como a coleta documental resultou em um material expressivo, demonstrou-se necessária a subdivisão dos *faits divers* selecionados em três grupos temáticos: homicídio, suicídio e ocultismo. Os referidos grupos foram pormenorizados a fim de que a análise trouxesse uma visão da função do gênero para o retrato da sociedade bageense à época, bem como clarificasse a estrutura do gênero enquanto suposta fusão dos elementos narrativos do jornalismo e da literatura.

1 A DIMENSÃO LITERÁRIA DO JORNALISMO

Neste primeiro capítulo, pretendeu-se realizar um panorama contextual desta tese. Para isso, revisitou-se conceitos teóricos basilares para o entendimento da complexidade das narrativas que circulavam nos jornais impressos do início do século XX. Para isso, parte-se de um resgate sobre a origem da narrativa, perpassando por discussões sobre a aproximação e o distanciamento teórico-práticos do jornalismo e da literatura.

1.1 O princípio de tudo: era uma vez a narrativa...

A imersão no universo narrativo torna inevitável a profusão de olhares que se direcionam para manifestações dialógicas, representações, reproduções, costumes, valores, encenações e cultura. Ou seja, retornamos à oralidade. Logo, faz-se necessário regressar a um passado histórico que ultrapassa as discussões sobre gênero e questões linguísticas que estão associadas ao estudo da narrativa. Parte-se de uma perspectiva "narrativa-vida", ou seja, lumiam-se os processos comunicativos milenares que deram origem a esta arte que pode ser imbricada em diferentes áreas e contextos.

Não é fruto do acaso que a maior parte dos relatos contados em ambientes familiares são narrados de forma fragmentária e episódica; por vezes, descritos e representados através de gestos e com o uso da comunicação não-verbal. É facilmente identificada a experiência de se conhecer a vida de parentes mais próximos por trechos narrativos, repetições e representações. É possível retornar, ainda, às experiências, crenças, ritos, lendas e mitos que se vivem e se reproduzem na vida. Tal naturalidade fez com que os verbos "comunicar" e "narrar" acompanhassem a evolução e os costumes da espécie humana.

Esses processos comunicativos possuem raízes profundas no fenômeno da oralidade. Refletir sobre a questão do oral, portanto, "é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humanas" (LOZANO, 1998, p. 15). Sem o objetivo de se ater à discussão técnica que compreende a história oral quanto ao fato de ser ou não documento objetivo por não ter sido "escrita" para a história, evolui-se essa reflexão para o fato da oralidade não só marcar as primeiras manifestações comunicativas da sociedade, mas também, até os dias hodiernos, ser utilizada como fonte de legitimidade para variadas áreas da esfera

pública, a exemplo dos meios de comunicação (jornais impressos, digitais, televisão, rádio) e da seara jurídica (processos judiciais, sentenças, tribunais de júri).

A narrativa oral, pessoal, direta, vivida, é, assim, imanente ao ser humano. Precisamente por tal motivo, é evidente que "mesmo muito tempo após a invenção da escrita, a comunicação oral continuou (e continua) poderosa" (PENA, 2012, p. 2). Com a mesma contundência afirma Benjamin (1987, p. 198) que "A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contatadas pelos inúmeros narradores anônimos". Isso significa dizer que, em algum grau, em todos se conservam o anseio e o interesse em ouvir e contar histórias.

Na história, progressivamente, tal a valoração da oralidade, foram surgindo os diversos textos transmitidos através da comunicação verbal, como contos, lendas, mitos, parlendas, fábulas, entre outros. A isso, convencionou-se chamar de Literatura Oral, termo empregado pela primeira vez no livro *Littérature Orale de la Haute-Bretagne*, publicado em 1881 pelo francês Paul Sébillot (CASCUDO, 2006, p. 21). Neste mesmo sentido, as narrativas jornalísticas também tiveram o que Pena (2012, p. 2) nomeia de "jornalismo oral", que seria "a primeira grande mídia da humanidade", evidenciada na democracia ateniense.

Considerando-se que, no século IV a.C., Atenas era uma das principais cidades-estados gregas, justifica-se a relevância a ela atribuída para o que se convencionou chamar de "pré-jornalismo". No referido período, floresceu a democracia ateniense, exercida pela participação direta dos cidadãos. A forma de exercício direto da participação social é um dos fatores que contribuía para o desenvolvimento da comunicação oral. As notícias de maior relevância dependiam da oralidade: "O mundo grego foi, basicamente, um mundo da palavra falada e não da escrita. As informações sobre assuntos de interesse público eram principalmente difundidas pelo arauto e pela comunicação oral" (FINLEY, 1988, p. 30).

A importância social da comunicação oral, pelo arauto, era acentuada pela característica demográfica daquela sociedade. Conforme indica Finley (1988), a população não se concentrava na principal cidade-estado, mas era distribuída em múltiplas comunidades. Inexistiam meios de comunicação de massa, a despeito de se tratar de uma sociedade relativamente complexa, considerando-se as características da democracia ateniense, enaltecidas pelo autor, tais como: capacidade de participação

efetiva de cada cidadão, direito de fala e participação nas assembleias e dependência da oralidade para exercício do poder político.

Neste sentido, os gregos influenciaram a formação do fazer jornalístico contemporâneo através dos "contributos" como "a retórica, ligada à política e ao direito (vida nos tribunais), a literatura, a historiografia e os relatos geográficos e etnográficos" (SOUSA, 2008, p. 7). Mesmo hoje, tais preceitos são similarmente encontrados no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, a exemplo do dever de manter e promover a democracia e atuar em favor do interesse público, informando a participação democrática (FENAJ, 2007, p. 3).

Já Silveira (2018) vai além e afirma que as icônicas obras *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, constituem raízes comuns da literatura e do jornalismo. O autor elabora o raciocínio ao afirmar que recentes descobertas arqueológicas ratificam que os fatos narrados nos poemas épicos possuem base nos fatos vividos. Nesta toada, as narrativas eram construídas a partir da realidade e com estrutura discursiva até hoje empregada pelo jornalismo. A exemplo disso, o autor refere que a estrutura do texto jornalístico – que possui como primeiro parágrafo o que tecnicamente se conhece como *lead* – tem origem na forma de enunciação utilizada pelos gregos.

A noção de que as narrativas conglobam funções úteis – em alinhamento com a vida prática – com viés informativo, ao mesmo tempo em que podem dar vazão a ensinamentos abstratos sumariza a sua importância. Isso é elucidado por Benjamin (1987, p. 200) ao afirmar que "Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir num ensinamento moral, numa sugestão prática [...] o narrador é um homem que sabe dar conselhos". Assim, a essência da narrativa está em comunicar experiências, refinando ensinamentos diretamente extraídos do vivido ou mesmo projetados a partir dos diferentes desfechos da experiência.

Traçam-se assim distinções entre o informar e o narrar. Nesse sentido, a confluência entre jornalismo e literatura é destacada por Silveira (2018, p. 26) ao afirmar que "a primeira contribuição para a matriz do jornalismo atual foi o conceito de 'literatura'". Atribuir, entretanto, uma fatídica origem ao jornalismo causa dúvidas, pois tanto as práticas literárias da tradição oral, quanto os relatos historiográficos dos fatos cotidianos vividos ordinariamente pelos povos antigos, integram elementos precursores do jornalismo. Isso porque a linguagem noticiosa é percebida em diferentes momentos históricos, seja nos relatos dos papiros na Babilônia ou nas notícias sobre obras da Roma

Antiga. Compostos também por mitos e lendas, não distante do que se vê no jornal Correio do Sul no início do século XX, esses relatos foram se perdendo e o que restou desses registros são fragmentos:

> Nesse jornalismo ancestral, buscava-se o registro na forma de memória. Dessa maneira, nem sempre a verdade histórica era respeitada, mesmo que o relato fosse sobre um fato real. O cronista enaltecia os governantes e seus feitos. Apenas a partir dos antigos gregos é que teve início o registro 'factual' dos acontecimentos, afastando os elementos religiosos e míticos das anotações para a posteridade (SILVEIRA, 2018, p. 24).

Embora detentora de forte influência sobre a formação do que se conhece como jornalismo contemporâneo, o jornalismo de "imprensa" foi constituído posteriormente com a circulação de notícias manuscritas, ainda sem periodicidade, durante a Idade Média (PENA, 2012). O mesmo ocorre com a literatura. Na percepção de Puchner (2019), a literatura viria a surgir somente quando os processos narrativos foram associados às representações gráficas convencionadas pela arte da escrita. Segundo a autora, mesmo com o surgimento dos diversos gêneros orais, estes possuíam "regras e objetivos" distintos e a escrita trouxe uma nova perspectiva para a arte literária, de modo que "toda a história da literatura" deveria ser abordada tanto pela perspectiva da história da "narrativa quanto da evolução das tecnologias criativas, como o alfabeto, o papel, o livro e a impressão" (idem, posição 171).

Porém, em sentido prático, não há como negligenciar a importância da oralidade para a evolução comunicativa, tendo em vista a inerência do ato de comunicar. A origem do teatro, por exemplo, está nos rituais e nos mitos desde os povos originários, que imitavam as relações anímicas a partir de crenças ligadas ao universo mágico-religioso, até as múltiplas formas e usos do teatro no mundo contemporâneo. Uma dança imitando o momento da caça de um animal, a título exemplificativo, significaria que o ato seria bem-sucedido (HELIODORA, 2013).

Não só a manifestação teatral, mas as narrativas primitivas, orais e depois escritas, representadas em discursos, obras literárias, sermões, periódicos, advêm desta criatividade e necessidade premente do indivíduo, da sua capacidade de representar, imitar, encenar e conhecer. Não é por acaso que o processo comunicativo engloba o emissor, o receptor e as relações destes com o meio. Há interesse na produção narrativa que é elaborada em determinado espaço-tempo porque há o anseio também em consumi-la – independente dela "alimentar-se" do real, do ficcional ou de uma imbricação destes.

A narrativa nasce, enfim, de todo anseio comunicativo, das crenças, em alusão a um universo mágico e sobrenatural, guiadas por rituais e mitos dos povos originários. Apesar de não se poder "[...] combinar (produzir) uma narrativa, sem se referir a um sistema implícito de unidades e de regras" (BARTHES, 1976, p. 21), essa manifestação já era presente na humanidade desde tempos remotos. Isso porque a comunicação é ato inerente dos indivíduos. O anseio de narrar, seja verbalmente ou não, traduz a etimologia da própria comunicação: do latim, *communicare* – o ato de tornar algo comum entre os pares, de compartilhar com o coletivo.

As pinturas e os desenhos rupestres gravados em paredes e tetos das cavernas são a feição da vontade humana de representar, comunicar, registrar e... narrar. Essas representações têm finalidades que transcendem a utilidade mundana das tarefas; significam e imortalizam seus processos comunicativos. Já dizia Barthes (1976, p. 19-20) nos primeiros parágrafos de reflexão sobre a estrutura da narrativa: "[...] não há, não há em parte alguma povo algum sem narrativa; [...] a narrativa está aí, como a vida". Em texto anterior sobre a estrutura dos *faits divers*, Barthes (1964) já caracterizava esse gênero como "imanente", justamente por ser uma narrativa. Na mesma toada, esta é caracterizada por Benjamin (1987) como estrutura que ultrapassaria a mera informação, tanto que subsiste ao passar do tempo, conservando inclusive sua capacidade de se desenvolver, unindo vivências do narrador e daqueles que dela tomam conhecimento, na medida em que a ampliam e lhe dão continuidade.

Alinha-se a tal assertiva a conclusão de Huston (2010, p. 19) de que "a narratividade se desenvolveu em nossa espécie como uma técnica de sobrevivência. Ela está inscrita nas próprias circunvoluções do nosso cérebro". A narrativa integra o narrador ao seu grupo ao mesmo tempo em que preserva e promove seus costumes, ampliando a sua existência.

Neste limiar, Barthes (1976) afirma que é possível refletir sobre a forma da narrativa mesmo partindo desta ideia de que ela seria onipresente. E, para o autor, estudar a estrutura da narrativa só seria possível através do método dedutivo. Assim, parte-se de um argumento (modelo-base) em direção a premissas que vão se mostrando falsas ou verdadeiras quando confrontadas com o modelo inicial. A forma lógica válida, portanto, garante a verdade da conclusão a partir das premissas verdadeiras. Essas hipóteses que se afastam ou se aproximam do modelo que garantiriam a "universalidade das narrativas".

Portanto, o autor aponta para a necessidade de se criar uma teoria para, então, dar conta da descrição e classificação dessas narrativas. Com isso, elenca a Linguística como

"modelo fundador à análise estrutural da narrativa". Ou seja, essas duas searas (a linguística e a narrativa) partem dos estudos da língua. Isso porque, enquanto atividade social que se desenvolve na instância da interação entre os sujeitos, a língua atua como base primeva para a formação dos processos comunicativos. Assim, sob esta perspectiva articulada e contextualizada, ocorre a produção de sentidos. Dessa forma, todas as unidades da língua se unem (forma) para gerar uma unidade maior (sentido). Todavia, forma e sentido são dependentes, pois apenas a articulação dos elementos fonéticos, mórficos e sintáticos não geram sentido por si só; o sentido carece dessa operação linguística para ser efetivo. Assim, se a língua é um sistema de representação do mundo, o sentido só é possível porque há um contexto social envolvido.

É o contexto que possibilita, ao revelar camadas de sentido, o entendimento da mensagem e sua projeção à realidade em que a obra – seja literária ou fruto de produto comunicativo diverso – instaura-se. Ao discorrer sobre obras literárias, Cândido (1980) rememora que uma obra era valorada por sua capacidade de exprimir a realidade de forma autônoma, ou seja, desconexa de elementos exteriores e de prévio conhecimento do leitor. O autor narra que, após, tal concepção deu lugar à noção de que os aspectos formais do texto bastam para viabilizar a sua compreensão. Por fim, instituiu-se a concepção corroborada por esta pesquisa, de que é necessário interligar tais perspectivas para contemplar o processo interpretativo dos produtos comunicativos, ou seja, o movimento de fundir: "[...] texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo" (CÂNDIDO, 1980, p. 13-14).

Esse entendimento da língua, portanto, advém da evolução em suas concepções, desde os inaugurais estudos linguísticos. Cabe aqui pontuá-las para o entendimento global da estrutura da narrativa. Em um tempo ou em outro, a língua ocupa a base dos estudos não só linguísticos e narrativos, como afirmou Barthes (1976), mas se arrisca dizer que também é o ponto de partida de todos os estudos de processos comunicativos, sejam eles literários ou jornalísticos.

Tem-se como estopim para a referida reflexão, o processo evolutivo da concepção de enunciação monológica para a dialógica da língua. Saussure (2008 [1916]) pontua em seus estudos que a língua é a parte fundamental da linguagem, de natureza concreta e homogênea, sendo esta externa ao indivíduo, que não pode cria-la nem a modificar. Por outro lado, funcionalistas da Escola de Praga enfatizaram o caráter multifuncional da

linguagem. As ideias originadas nesse período, dos primórdios da linha funcionalista, são a fonte para diversos trabalhos posteriores. Considerando a língua como uma estrutura adaptável às necessidades comunicativas, Martinet (1978) encontrou a fórmula que explica as constantes alterações no léxico, ou seja, "uma língua muda porque funciona". Assim, parte da ideia de que a evolução da língua diz respeito às estruturas que a compõe e não aos elementos isolados, sendo a língua um instrumento de comunicação (variável socialmente) utilizado para analisar a experiência humana em unidades com conteúdo semântico (monemas) e expressão fônica (fonemas).

Nessa sequência, Jakobson (1965), linguista que desenvolveu uma corrente teórica[2] até hoje amplamente utilizada nos Estudos da Comunicação, defende a relação entre linguagem e contexto social, em que a comunicação tem também papel central. Assim, o autor critica Saussure e seu princípio da homogeneidade do código linguístico, pois defende que todo indivíduo participaria de diferentes comunidades linguísticas. Contudo, tal ponto de vista funcional de Jakobson está baseado na orientação que o emissor confere à sua fala, trazendo uma contribuição que não abrange toda a complexidade discursiva nem do jornalismo, nem da literatura.

As contribuições da Escola de Frankfurt e dos Estudos Culturais foram, aos poucos, reinterpretando as propostas de Jakobson, partindo da base estrutural do modelo para considerar a interferência de outros elementos no processo comunicativo. A compreensão de Charaudeau, desenvolvida no início do século XXI, critica justamente a ingenuidade deste entendimento estanque sobre a transmissão das informações que estabelecem os processos comunicativos na sociedade. Para o autor, "trata-se de um modelo que define a comunicação como circuito fechado entre emissão e recepção, [...] perfeitamente homogêneo, objetivo, que elimina todo efeito perverso da intersubjetividade constitutiva das trocas humanas (CHARAUDEAU, 2019, p. 35).

Em que pese a tese sustentada pelo autor, não se acredita que a comunicação se desenvolva em um universo hermeticamente controlado. Mesmo que se presuma a existência de uma dita pureza comunicacional, não se pode ignorar a miríade de fatores subjetivos que têm, em maior ou menor grau, efeito sobre os processos comunicativos e suas funções na sociedade. A envergadura desse mito da objetividade pura é sustentada,

[2] O modelo de comunicação de Roman Jakobson integra os currículos dos cursos de comunicação no Brasil e no mundo sendo que, para uma vertente de autores, ainda é considerado um modelo fiel do processo comunicativo. De toda forma, sua valoração teórica está diretamente associada ao pioneirismo do linguista com sua proposta de modelo comunicativo.

possivelmente, por um senso comum arraigado no espírito público, pois com uma postura passiva torna-se natural a aceitação dos discursos para todos os atores que integram as trocas dialógicas.

Esta é a perspectiva da linguagem no contexto social desenvolvida por Bakhtin (1981), linguista que estabelece uma crítica à teoria de Saussure voltada à crença de que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação. Ou seja, sobre a evolução da língua, o autor acredita que ocorre porque as relações sociais evoluem, bem como a comunicação, a interação verbal e as formas dos atos da fala. Essa perspectiva social da linguagem é aqui defendida, pois, ancorando-se no vasto *corpus* coletado, depreendeu-se que o gênero discursivo *fait divers* é permeado por aspectos ideológicos, sociais e culturais de todos os agentes do processo comunicacional.

Na mesma linha, fundando-se na teoria bakhtiniana, Ribeiro (2017, p. 190) pontua que, em se tratando de campos ideológicos – nos quais insere a ciência, a religião, a literatura – há sensível influência organizacional, uma vez que "a palavra é o ponto de partida da constituição das esferas discursivas e a mútua influência é ininterrupta". Assim, delineia-se um caráter dialógico dos interlocutores e dos próprios valores sociais de cada comunidade, sob a noção de que o sentido da comunicação é dado pelo seu contexto.

Esse ponto de vista é colocado por Todorov, inclusive, ao relacionar a noção de literatura com a de discursos, no plural. Assim, tomando-se por pressuposto a ideia de discurso como múltiplo em suas formas e funções, tem-se que "qualquer propriedade verbal, facultativa ao nível da língua, pode se tornar obrigatória no discurso: a escolha efetuada por uma sociedade entre todas as codificações possíveis do discurso determina o que se chamará seu *sistema de gêneros*" (TODOROV, 2009 [1939], p. 21). Ou seja, os gêneros literários seriam escolhidos e convencionados socialmente a partir dessa multiplicidade – o mesmo, por espelhamento, ocorreria com os gêneros jornalísticos.

Tensionar os elementos que envolvem a evolução da língua, nesse viés, pode auxiliar na compreensão da diversidade de gêneros narrativos que seguem agregando, continuamente, ao processo comunicativo. Um exemplo são os gêneros notícia e notícia virtual. O primeiro, um texto de caráter informativo impresso em um jornal com periodicidade definida; o segundo, um texto de caráter informativo publicado instantaneamente em um software que transmite a publicação para o *site* de um jornal, substituindo a tinta e o papel do jornal convencional. Nos dois casos, a língua se faz presente na mediação, acompanhando as transformações da sociedade. Logo, conforme o

preceito bakhtiniano, os gêneros do discurso pertencem a um campo de comunicação, sendo este responsável por gerar enunciados que são impactados pela expressão de posições valorativas dos falantes.

Sendo assim, o ponto de vista dos gêneros do discurso sob a perspectiva enunciativa e discursiva, que aproxima teóricos como Bakthin (1981) e Charaudeau (2019), é a noção defendida nesta tese como mais apropriada para se referir aos gêneros jornalísticos, pois coaduna com a perspectiva dialógica de língua e linguagem. Contrária à visão monológica, que não considera outros falantes, essa perspectiva proposta por Bakhtin (1981) defende que a língua "vive" e "faz viver". Em outros termos, a língua constitui-se como vida porque possui a competência de transformar-se através dos espaços-tempo. Do mesmo modo, a língua permite que o indivíduo seja inserido em um circuito comunicativo que, através da interação, gera um processo de consciência que o constitui como um ser social.

Assim, a linguagem estabelece-se nesta situação interativa muito específica, sendo necessário aproximar-se de seu contexto, propósito e situação para que o enunciado faça sentido. Isso posto, desde já pode-se observar que alguns fundamentos de Charaudeau estão apoiados no dialogismo de Bakhtin. Na visão de ambos, o emissor e o receptor estão em constante processo de interação, de modo que participam ativamente da construção dos sentidos. Cada produção linguística, oral ou escrita, seria como um elo no círculo comunicativo que liga enunciados num eterno colóquio. Logo, para os autores, a linguagem é constitutivamente dialógica, vez que o interlocutor é sempre um sujeito ativo no processo de comunicação.

Em adição, a linguagem é tratada como um "ato de *discurso*, que aponta para maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido" (CHARAUDEAU, 2019, p. 33-34). Esta é justamente a concepção de Bakhtin (1981), que compreende a linguagem como um processo de interação verbal entre indivíduos socialmente situados, sendo que a comunicação passa a ser entendida como uma relação de alteridade.

Essa noção é percebida nas páginas do Correio do Sul, vez que os enunciados dos *faits divers* que compõem o *corpus* sofrem uma clara interação com os variados atores da situação comunicativa instaurada. Isso porque os gêneros "textuais" não são mais vistos restritivamente, como algo palpável e estanque, mas sim associados a condições específicas de produção, circulação e interpretação. Segundo Charaudeau (2019), os gêneros jornalísticos estão condicionados a mudanças contínuas, pois estão inseridos em

um cenário de evolução de formatos, suportes e, inclusive, do público. Deste modo, vê-se os discursos comunicativos articulados com elementos externos, como contexto histórico-social, condições de fala e interpretação, memória, entre outros.

Neste toar, se a língua muda, os gêneros mudam e todas as unidades comunicativas que dela advém também mudam, assim como a narrativa. Porém, mesmo diante desta evolução contínua que leva a crer em uma dificuldade de estruturação, concorda-se com Barthes na ideia de que é necessário um modelo para entender a estrutura das narrativas. Como defendido pelo autor, espelhando-se na linguística, os processos fundamentais da língua da narrativa são a distorção e a expansão (que fazem alusão à forma) e a mimeses e a significação (que se referem ao sentido). A forma da narrativa é "marcada por dois poderes: o de distender os signos ao longo da história, e o inserir nestas distorções as expansões imprevisíveis" (BARTHES, 1976, p. 54). Ou seja, ao contrário da ideia de linearidade, não há controle sobre as margens do texto, quando algo rompe o fluxo de um fato, outro se inicia – enquanto, no interstício da ruptura, aparece mais um fato novo – e assim sucessivamente.

Outro processo fundamental da narrativa, mimesis e significação, ocorre após a distorção e expansão. Em outras palavras, o que foi separado no nível da forma, integra-se em um nível superior. No entendimento de Barthes, a narrativa é vista como um organograma, alinhando os sentidos em uma estrutura hierárquica que, através das ligações estabelecidas, geram a significação. Cabe ressaltar, no entanto, que Barthes (1992), posteriormente, redireciona alguns desses entendimentos e faz a associação da narrativa com a partitura, visto que esta representaria o conjunto das partes que formam uma obra musical, escritas umas por baixo das outras, para execução simultânea – nesta visão, não há mais o impedimento da significação oscilar, ou seja, agora é considerada a pluralidade e sobreposição das vozes da narrativa. Em concordância com as expectativas bakhtinianas, seria o mesmo que dizer que os enunciados formam uma rede de comunicação dialógica, sendo que o enunciado originário só passa a significar neste *continuum* que é o discurso – no caso, o discurso narrativo.

Sob um viés dos estudos da cultura na perspectiva de uma prática viva, Certeau (2005, p. 152) entende que "a narrativização das práticas seria uma 'maneira de fazer' textual, com seus procedimentos e táticas próprios". Se o relato depende da prática, um não prenuncia necessariamente o outro, tratando-se de um processo orgânico. Nesse sentido, "a narratividade tem ali [no discurso] uma função necessária" (idem, p. 152-153).

Em outros termos, a narrativa ocorre antes, durante e mesmo após a ocorrência do fenômeno. Confere-se, assim, credibilidade científica ao ato de narrar as práticas.

Nesse sentido, a narratividade não se resumiria aos processos de descrição clássicos, pois não se limita à descrição fidedigna e invariável do vivido. Pelo contrário, transpõe a barreira do "real" e transita pelos universos subjetivos propostos pelos interlocutores do processo comunicativo. Verifica-se um caráter transformativo da narrativa, o qual legitima o fato. Ou seja, "mais do que descrever o 'golpe', ela [a narrativa] o faz" (CERTEAU, 2005, p. 153).

As narrativas magnificam os efeitos transformativos da mensagem. Não por acaso os *fait divers* apresentam um padrão não apenas em narrativa, mas em temáticas surpreendentes. Não se pretende narrar, mas instigar sentimentos e formar convicções. Conforme aponta Motta (2004, p. 12), ao defender jornalismo como narrativa, é necessária a significação além do conteúdo proposto pelo jornalista a partir da interpretação do leitor: "Sua significação é cultural e sua interpretação precisa ser antropológica".

Relatos de assassinatos e milagres, instruídos pela memória, condicionam as oportunidades de transformação pela narrativa. A partir dessas variantes, figura-se um fenômeno inesperado e convincente, cujo clímax está fixado nas percepções singulares. Esta ocasião relevante é aproveitada dos acontecimentos e relatos e não criada a partir de elementos totalmente ficcionais – apesar de ser substancialmente modificada pelos elementos cuidadosamente acrescentados (CERTEAU, 2005). Aplicando ao viés jornalístico, como aponta Motta (2004, p. 15), "é na interpretação imaginativa [...] que a narrativa jornalística ganha narratividade e consistência, ganha contornos morais e éticos, reconfigura histórias significativas independente da identidade ou qualidades intrínsecas e dos estilos do texto".

Assim, há uma predisposição comum para entender a mensagem, fenômeno que é alterado significativamente pelo "momento oportuno" em que ela é emitida: "Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça! O ouvido apurado sabe discernir no dito aquilo que aí é marcado de diferente pelo ato de dizê-(lo) aqui e agora, e não se cansa de prestar atenção a essas habilidades astuciosas do contador" (CERTEAU, 2005, p. 166). Isso significa associar, no jornalismo, o sucesso da narrativa ao "[...] entendimento da comunicação jornalística como uma forma contemporânea de domar o tempo, de mediar a relação entre um mundo temporal e ético (ou intratemporal) pré-figurado e um mundo refigurado pelo ato de leitura" (MOTTA, 2004, p. 11).

Nesta linha reflexiva, é possível conjeturar sobre o enquadramento da narrativa jornalística como um dos elementos estético-expressivos que sustentam a experiência cotidiana moderna. Seguindo esse pensamento, Silva (2015, p. 44) considera que o rompimento das formas narrativas pela informação, no século XX, apontaria para uma das distinções da "modernidade tardia". O jornalismo, nessa experiência moderna, é visto pelo autor como "uma prática sociocultural que, apesar de transcodificar os padrões culturais hegemônicos da racionalidade instrumental, se dissemina na práxis do senso comum, contribuindo para a atribuição de significado à vida cotidiana" (idem, p. 48).

Por outro viés, como explica Motta (2004, p. 16), seria o mesmo que perceber, no jornalismo, que "a re-criação de sentidos no processo de recepção deve ser observada através de uma abordagem antropológica da notícia (a notícia como produto de mediação cultural)". Dito de outro modo: as notícias de uma mesma temática, ao serem fragmentadas em várias edições de jornal (ou diferentes páginas digitais) e publicadas em dias subsequentes, relacionam-se entre si e formam uma unidade de notícias articulada e complementar. A totalidade dessas notícias que formariam, portanto, uma narrativa encadeada em dada prática cultural:

> As notícias diárias podem então ser compreendidas como micro-episódios de sentido inacabado relacionados a algo gradualmente refigurado na imaginação dos receptores com o auxílio da memória. Gradualmente o leitor vai preenchendo imaginativamente as lacunas, construindo conexões, recompondo a narrativa e fazendo a fusão de horizontes [...]. A intertextualidade forma o padrão básico da memória cultural (MOTTA, 2004, p. 19).

Sob a perspectiva cultural, ao comparar as experiências estéticas da narrativa literária dos romances novecentistas europeus com as da narrativa jornalística, Silva (2015, p. 49) aponta que no primeiro plano dessas narrações literárias são valorados o "sentido de banalidade da vida cotidiana", enquanto, no jornalismo, a narração "vale-se do cotidiano em seu sentido inverso, de ruptura – naquilo é *extra* ao *ordinário* –, numa dinâmica de transcodificação e – *a posteriori* – de disseminação de um padrão cultural mais amplo calcado no ordenamento e na racionalidade".

Conforme Perkins (1999), a forma da narrativa literária, dotada de suas características estilísticas, realiza uma transição espaço-tempo e isso que guia o narrador na organização da narrativa – marcada pelas seleções, omissões, ênfases e descrições. Ainda na acepção do autor, o sucesso da narrativa estaria associado justamente à peça que o leitor não consegue encaixar de forma consistente. Essa procura pela total consistência,

embora seja uma busca incessante do leitor, pode ser dosada pela quantidade de brechas a interpretações que o texto possui. Uma sensação "duplamente deliciosa" – com a permissão do trocadilho ao título do poema de Quintana (2013, p. 563) – que a boa narrativa propicia de "brincar" com o real: "O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado".

Com a chegada da eletricidade ocorre também a transformação da vida urbana e social. Empreende-se um novo ritmo, principalmente à noite e, "nas páginas dos jornais diários, a voga era retratar o cotidiano cada vez mais esfuziante das grandes cidades de maneira tão espetacular quanto a nova vida, fantástica e aterradora" (GUIMARÃES, 2014, p. 108). Conforme a autora, uma efusão de práticas aceleradas, algo que orbita em torno de uma sociedade cada vez mais adepta aos estímulos espetaculares, algo análogo ao que viria a ser retratado por Debord (2005 [1967]) na formação da "sociedade do espetáculo".

Não por acaso que tanto o jornalismo quanto o romance (leia-se também literatura) são contemporâneos no que tange a gênese e o desenvolvimento como produtos da cultura de massa que, por sua vez, é compreendida por Morin (1997) como produto da indústria cultural. Em outros termos, ambas áreas surgem "[...] dos processos de fabricação em larga escala", sendo viabilizados a partir das mudanças ocasionadas pela recente industrialização das sociedades, formando "um leitorado ávido em consumir a ficção literária e a não ficção noticiosa produzidas em quantidades industriais pelas inovadoras rotativas movidas a eletricidade" (CORREIA, 2015, p. 150).

É nesse contexto que o jornalismo forma seu primeiro *modus operandi*, ancorando-se em narrativas literárias que manipulam sensações em prol da atenção do leitor, o que está ligado diretamente aos índices de audiência e ao lucro – a cultura de massa encomendada pelo sistema mercadológico (MORIN, 1997). Sendo assim, o jornalismo também passa a aproveitar-se dos "recursos de sensibilização do leitor num ambiente 'contaminado' pelas estórias dos folhetins, pela atmosfera otimista dos avanços da ciência, pelo progresso dos centros urbanos. E vai fornecendo sua *ração diária* de notícias ao novo cidadão urbano da cidade grande" (CORREIA, 2015, p. 154).

Por outro lado, a objetividade jornalística, por exemplo, tende a estancar ao máximo essas aberturas, ou seja, busca detalhar e encadear os argumentos em uma sistemática coesa e clara – sem convite, portanto, à criatividade atrelada ao ficcional. E é justamente nessas confluências, sendo o jornalismo originário desses contextos históricos, que se clarificam as intersecções (e as fronteiras) entre história e literatura.

1.2 As fronteiras que permeiam a história e a literatura

A história e a literatura, arrisca-se, podem ser vistas como dois lados de uma mesma moeda. Ao menos será sob este viés que estas linhas serão traçadas. Essa moldura interpretativa ancora-se na noção de que embora esses sejam campos distintos, há inúmeras fronteiras que permitem dizer o quanto são relacionados e "caminham" juntos. Ora, se não existe literatura sem história, por que existe história sem literatura? Aí está uma pergunta que enceja inúmeros diálogos e divergências entre os variados teóricos das áreas. A resposta não é direta e nem tão simples.

Em uma primeira visão, pode-se aferir que o historiador vê a literatura como história social. Ou seja, a literatura surge na sociedade a qual ela pertence, sendo inescapável o processo de enraizamento nesse determinado espaço-tempo. Por exemplo, era ordinário o aparecimento da literatura na imprensa. O escritor Machado de Assis pode ser um dos retratos desse tempo, pois publicava parte de seus romances em folhetins ou jornais diários, semanais etc. Tanto a obra *Helena* quanto *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, produções desse autor, foram publicadas em periódicos literários.

Portanto, do ponto de vista histórico, a literatura publicada no seu veículo original é percebida para gerar identificação com o público e seu entorno, ao passo que essas obras publicadas em livros carecem de um outro tipo de interpretação. A perspectiva da "morte" da narrativa apontada por Benjamin (2019, p. 201), inclusive, associa "a difusão do romance" à "invenção da imprensa", o que em uma visão mais radical, a despeito do processo de transformação das formas épicas, distinguiria o romance "especialmente" da narrativa. Na visão defendida pelo autor, isso ocorreria porque a narrativa está atrelada às experiências vividas e compartilhadas, o que seria impossível em romances – que se originam de preocupações individualistas.

Esse fator marca a diferença entre as funções de historiador e literato – demarca, pois, os dois lados da moeda. O texto literário é um texto narrativo não-referencial, pois narra fatos sem precisar citar objetivamente fato nenhum; mesmo que a literatura precise ser estruturante, ela é referenciada nela mesma. Por outro lado, o discurso do historiador precisa ser referenciado e geralmente não autoriza narradores ficcionais ou instabilidades narrativas.

Todavia, quando se pensa na escrita de uma história, qualquer que seja o fundamento, entende-se o motivo de história e literatura serem interligadas ou,

metaforicamente, pertencerem à mesma moeda (objeto, campo, espaço...). Nesse processo dialógico entre os campos do conhecimento, percebe-se que não há como produzir uma história sem imaginação, pois é preciso articular sobre um passado radicado em uma perspectiva presente, ou seja, é necessário produzir um viés que será comentado e interpretado no momento vivido. Um historiador, por exemplo, pode escrever sobre determinado momento histórico colocando seu "sentimento" na narração, pois é impossível descolar-se de sua subjetividade enquanto indivíduo. Suas experiências de mundo extrapolam seu pensar-sentir e são carimbadas de forma definitiva em sua narração.

Nesse ínterim, cabe ressaltar que as teorias e técnicas metodológicas não eliminam a presença do subjetivo em um texto, "e nem poderiam fazê-lo – basta lembrar que 'aquele que escreve' e 'o mundo sobre o qual escreve' são entidades indissociáveis, uma vez que participam de um mesmo todo de significação, a linguagem" (NASCIMENTO, 2009, p. 103). Sendo assim, é na característica da subjetividade que o profissional (historiador ou literato) manifesta sua individualidade num compromisso com as restrições próprias ao universo a que pertence, ou seja, trata-se de um estado particular do sujeito enquanto manifestante de sua própria especificidade por meio da comunicação. Nesse raciocínio, afirma Pedrebon (2010, p. 13), "a espécie humana tem capacidade inata e exclusiva de raciocinar construtivamente", produzindo "o que tranquilamente pode ser chamado de criatividade".

Essa perspectiva de entrecruzamento da narrativa histórica e da narrativa de ficção (literária), discutida por Reis (2010), causa descontentamento aos teóricos defensores da premissa de que o historiador ancora sua interpretação em um discurso de demonstração e prova. E obviamente o fazem, mas é na subjetividade do próprio historiador, nas suas escolhas e intuições, que se desenvolve o processo criativo do agir profissional, vez que "os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição" e, embora integrem "toda experiência possível ao indivíduo, também racional, trata-se de processos essencialmente intuitivos" (OSTROWER, 2007, p. 10). Nesta perspectiva da autora, a intuição decorre do capital intelectual do sujeito, que, invariavelmente, reverbera em suas proposições.

A subjetividade, portanto, integra a história e a literatura, permeando-se os fatos com produtos da criatividade. No século XIX, por exemplo, era inconcebível a ideia de dissociar jornal e literatura. Os periódicos eram espaços para publicações literárias ao mesmo tempo que havia um procedimento de ficcionalização das narrativas: riqueza de

detalhes, opinião evidente e proposições de moralidade. Na própria maneira de redigir as notícias cotidianas, frequentemente, havia associação às narrativas ficcionais.

O autor Lima Barreto, por exemplo, brinca com essa realidade em sua primeira obra, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Na narrativa, é descrita a chegada do repórter de polícia, Lemos, anunciando "um grande crime"; no caso, foram encontrados um homem e uma mulher mortos a facadas e decapitados. O autor, nessa cena, mostra que antes dos fatos serem apurados e verificados pelo jornalista com as fontes, os dados sem checagem (boatos ou fofocas) já serviram para adiantar longos parágrafos e produzir a "cabeça" da notícia de forma impactante. O título "O eterno ciúme" abre espaço para o seguinte texto: "[...] O ciúme, esse sentimento daninho que embrutece a imaginação humana e a arrasta à concepção de crimes, cada qual mais trágico e horripilante, não cessa de produzir seus efeitos maléficos [...]" (BARRETO, 1994, p. 80).

No exemplo supracitado, história e literatura conversam harmonicamente e se entrecruzam. Diante do viés de relação entre os campos, é cabível questionarmos o motivo de uma perspectiva separatista. Conforme afirma Reis (2010, p. 64), há uma relutância dos historiadores "[...] em reconhecer que o que fazem são "textos" e que as suas narrativas são o que são: ficções verbais cujos conteúdos são inventados e descobertos, cujas formas têm mais em comum com a literatura do que com a ciência".

Na mesma toada, Torres (2017, p. 104) elucida que "a Literatura e a História são formas de representação do real e as duas são maneiras distintas de invenção de histórias, pois tanto o discurso histórico como o literário são polissêmicos e complexos". Diante desta unidade, depreende-se que não existe literatura fora da história; mas também não existe história fora da literatura, se entendermos essa última como detentora das narrativas ficcionais inerentes a todo e qualquer "texto" produzido.

Do mesmo modo, essa relação narrativa entre os campos introduz uma discussão sobre a potencial hibridização da literatura com o jornalismo, sendo este "protagonista" da história da imprensa e "personagem, participe e narrador" de tantas outras.

1.3 Jornalismo cá e literatura acolá. Será?

Tratando-se das acepções da língua à narrativa, pode-se compreender que as mais primitivas expressões comunicativas perpassam por este processo. Se na perspectiva de Bakhtin (1981) gênero é uma forma relativamente estável de enunciado que organiza a comunicação, os gêneros literários e jornalísticos, mesmo considerando suas

peculiaridades, usam da linguagem no aspecto de expressão, instrumento e meio (GERALDI, 1997, p. 68). Porém, dentro da multiplicidade que envolve o ato de narrar, tanto o jornalismo quanto a literatura se enquadram como potenciais produtores de narrativas, individualmente ou em conjunto.

Assim, a abordagem da aproximação entre jornalismo e literatura, tratada até este capítulo como convergente sob a perspectiva da estrutura da narrativa, culmina em uma discussão mais ampla e de ordem enunciativo-discursiva. Essa dimensão constitutiva da língua, na perspectiva de Bakhtin (1981), refere-se ao processo em que o sujeito ingressa em determinado circuito comunicativo, relacionando-se de múltiplas formas: pergunta, responde, escuta, explica, replica, argumenta, concorda, discorda etc. Esses processos inserem o indivíduo em diferentes esferas discursivas e, neste circuito social do interagir, o ser humano participa ativamente da corrente comunicativa e gera, paulatinamente, seu processo de consciência, constituindo-se como um ser social.

Essa perspectiva interativa é fundamental para entender o desenvolvimento da tese de hibridização das esferas discursivas jornalística e literária. Até porque, como bem indica Volochínov (2019) no artigo que intitula a obra *A palavra na vida e a palavra na poesia*, é necessário olhar para linguagem em funcionamento para que, assim, seja possível compreendê-la artisticamente. O autor, igualmente, critica a visão de perceber a comunicação artística isoladamente, desconsiderando assim seu viés imanentemente social, pois esta comunicação "se torna artística apenas graças à interação entre o criador e o contemplador" (VOLOCHÍNOV, 2019, p. 116). Deste modo, é possível considerar que a linguagem se constitui nesta situação muito específica. Ou seja, a não compreensão de um texto dá-se pela impossibilidade de projetá-lo em um meio, constituído por valores e propósitos específicos. Aproximando-se deste contexto, situação e propósito de produção é que se institui o sentido.

E essa concepção desenvolvida no texto de Volochínov (2019) pertence à mesma vertente teórica da perspectiva dialógica trazida pelo filósofo da linguagem Bakhtin (1981), o que se apresenta especialmente através da importância conferida à entonação. Para ambos, é a situação social mais imediata que determina o aspecto da expressão da enunciação, pois, como conduz Volochínov (2019, p. 122), "a entonação estabelece uma relação estreita da palavra com o contexto extraverbal". Tal definição é análoga ao dito por Bakhtin (1981, p. 290) de que a entonação "é um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala". Ou seja, o sentido é uma questão que associa a variabilidade do espaço ou tempo transcorrido à perspectiva do

presente imediato e da relação entre "o eu e o tu", sendo a escolha do falante manifestada pela opção do gênero e do tom expressivo – o que formula novos significados e "recria" a língua.

De certa forma, é a partir desses anseios discursivos imanentes ao ser humano que surgem tanto a literatura quanto o jornalismo. Inclusive, Endres (2001) estabelece como elementos essenciais ao início do jornalismo a linguagem escrita; os níveis mínimos de letramento; a disponibilidade de conhecimento e tempo para a absorção das informações compartilhadas; e, o interesse nos eventos atuais comunicados. A autora destaca tais características nas sociedades romana e chinesa, estimando que, mesmo em 59 a.C., Júlio Cesar já tinha promovido o que se chamava de *Acta Diurna Populi Romani* (atos diários do povo romano, em tradução livre), especialmente voltado aos próceres da sociedade. Tal forma de expressão perseverou e as comunicações se tornaram cada vez mais acessíveis às camadas populares da sociedade romana.

Ao resgatar a história do jornalismo, é possível perceber, na abordagem de Endres (2001), a revelação de notórios *faits divers*, que a seu turno demonstram um longevo padrão de interesses populares sobre as temáticas retratadas à época. Ou seja, havia um interesse latente das classes populares por narrativas detalhadas de catástrofes, eventos da natureza e execuções, ao passo que as camadas mais aristocráticas da sociedade se atentavam às comunicações diárias inerentes aos atos governamentais, regulamentares e judiciais.

A título de breve contextualização, nota-se que mesmo na antiga civilização Suméria a proeza e a capacidade física dos guerreiros seriam exacerbadas pela forma de sua representação, "talvez um dos primeiros exemplos de sensacionalismo (apesar de certamente não se tratar do último)" (ENDRES, 2001, p. 35)[3]. No mesmo sentido, ao tratar da evolução do *Acta Diurna* da Roma Antiga, a autora destaca que a popularização das informações ocorreu pela valoração de narrativas sobre elementos cotidianos – é um processo que se assemelha ao que hoje se conhece como comunicação de "massa", elaborada para o interesse da camada mais expressiva da população. Assim como em Roma, o "governo chinês da Dinastia Tang" divulgava atos oficiais e de interesse aos governos locais através do "Tipao" – nomenclatura atribuída aos informes, boletins ou jornais imperiais.

[3] In perhaps the first example of sensationalism (although certainly not the least) (ENDRES, 2001, p. 35, tradução nossa).

Conforme propõe a reflexão de Silva (2015, p. 41), o jornalismo por si só já é produtor de uma narrativa adequada "como um dos elementos estéticos expressivos mais consistentes na sustentação da experiência cotidiana moderna", sendo que a experiência estética "do modo noticioso de narrar a realidade, neste caso, condiz com a dinâmica dupla de transcodificação e de disseminação de um sentido social de regularidade decalcado na cultura" (SILVA, 2015, p. 44). O que o autor denomina de experiência estética de narrar a realidade como valor da produção noticiosa jornalística não está dissociada do que se entende pela narrativa com foco literário.

Na percepção de Huston (2010, p. 133), a literatura "[...] dá de presente uma realidade que, embora seja reconhecível, é diferente: mais precisa, mais profunda, mais intensa, mais plena, mais durável do que a realidade do lado de fora" e, ao também mergulhar na sua maneira estética de narrar, na melhor das hipóteses, "ela nos dá forças para retornar a esta realidade aqui e lê-la, também, com mais perspicácia...". Dito de outro modo, a literatura não só gera e propaga sentidos a partir do vivido, mas também proporciona ao indivíduo resignificá-lo.

Retorna-se às palavras de Silva (2015, p. 44) quando o autor reconhece, na narrativa jornalística, "a existência de um processo de hibridização entre 'ritmos preexistentes', oriundos da vida cotidiana, e a disseminação social de padrões estético-expressivos". Os processos de escolha das "histórias" e da consequente produção destas faz a narrativa jornalística ser caracterizada como narrativa híbrida, pois articula a informação objetiva com a vida cotidiana, ligada ao campo do simbólico. E isso não é avesso aos processos de produção da literatura, que, como diz Huston (2010), é uma arte que explora a exterioridade do Outro[4], a experimentação na e pela relação com o Outro.

A hibridização da narrativa, portanto, não é algo verificado no contemporâneo ou elemento dotado de novidade. Os dois campos, jornalístico e literário, imbricam suas narrativas em prol de um texto múltiplo e dialógico. Na obra *Os Sertões*, por exemplo, Euclides da Cunha (2010 [1902]) constrói passagens dominadas por temas técnico-científicos, por acúmulo de vocábulos do português erudito e por passagens jornalísticas. Uma produção que agrega, portanto, a narrativa científica (em forma de relato), a narrativa literária (presente no romance) e a narrativa jornalística (identificada na reportagem). O hibridismo presente no livro permite o emprego da língua bastante direta

[4] "A filosofia ocidental da consciência, e da posse colonial, [...] concebe a exterioridade como um conhecimento antecedente em nós, como uma soberana vontade racional de pensar o outro infinito como uma parcela da Totalidade do Mesmo globalizado" (SANTOS, 2014, p. 1460).

e não muito difícil para os padrões da época. A narrativa híbrida, portanto, mesmo não sendo possibilidade própria desta relação jornalístico-literária, pode ser nela identificada.

Assim, antes mesmo de se adentrar no entendimento da imbricação que envolve as áreas jornalística e literária, percebe-se, metaforicamente, que a narrativa pode ser o primeiro ponto de intersecção dessas duas "retas", aqui representadas por essas áreas do conhecimento. Salienta-se que este "poder" não é um "dever", pois nem todos os gêneros que compõem o jornalismo e a literatura necessariamente precisam ser narrativos. Uma notícia, por exemplo, pode ser narrativa caso apresente uma sequência e desdobramentos de um fato, mas não será caso o foco seja predominantemente informativo, como na divulgação de uma campanha de vacinação. O mesmo ocorre com relatos orais. A infinidade de gêneros apresenta um cenário tênue entre o que é narrativo, descritivo, expositivo etc. Mas de pronto já é possível dizer que a narrativa não é exclusividade da literatura, assim como a informação não é propósito único do jornalismo.

A questão que permeia a distinção entre os gêneros do jornalismo e da literatura leva à reflexão sobre os limites existentes entre esses campos teóricos. Utilizando o exemplo dos gêneros romance (próprio da literatura) e reportagem (oriundo do jornalismo), Cosson (2007) elenca os padrões quase excludentes desses gêneros. Em suma, o romance, enquanto produção textual ficcional, é visto como obra artística. A reportagem, por sua vez, é um texto factual com foco na informação. Mas o debate não é tão simples quanto aparenta, como aponta o autor: "a própria distinção entre os dois tipos de narrativa [a literária e a factual] não é segura e divide estudiosos" (COSSON, 2007, p. 12). Isso porque distinguir fato e ficção não é uma tarefa simples.

Na seara desta discussão, Huston (2010, p. 53) é taxativa ao afirmar que "o registro da realidade não precede a sua interpretação; ambos são simultâneos. Somos incapazes, nós humanos, de não buscar Sentido. É mais forte do que nós". Isso significaria dizer a ficção é inerente a qualquer produção elaborada por seres humanos. Inclusive, para autora, a narrativa histórica, por contar apenas uma visão ou parte da história, também é "manipulada" e, portanto, fictícia. Para defender sua tese, a autora argumenta que, em um estudo de como a história da América era relatada nos livros didáticos em setenta países do mundo, os pesquisadores não identificaram duas versões semelhantes.

Partindo desta premissa, verifica-se uma aproximação entre os campos, fato ressalvado por Castro e Galeno (2002, p. 9) ao pontuarem que "a fronteira entre o jornalismo e a literatura está cada vez mais difusa, cada uma recorrendo aos recursos e cosmovisões da outra, como forma de desvendar o mundo e propô-lo com um sentido e

uma tarefa ao leitor". Nessa linha, os autores apresentam as instituições educacionais da área de comunicação como espécie de desenvolvedoras desta rejeição da literatura no âmbito jornalístico, que se ancora na pretensa veracidade imposta nas teorias acadêmicas. Vê-se, nessa visão, a ampliação das fronteiras entre as áreas, fato verificado pela multiplicação das "[...] especialidades, separando-se conteúdos, currículos e pesquisas, relegando a planos secundários e própria dinâmica da religação, que é o pensamento comunicacional" (CASTRO; GALENO, 2002, p. 10).

Intercambiar conhecimentos de duas áreas próximas, como o caso do jornalismo e da literatura, é somar duplamente. O escritor Scliar (2002, p. 13-14) relata seu percurso de aprendizado enquanto detentor de uma coluna de crônicas em um jornal e defende a existência de dois campos separados, porém permeáveis entre si. Do lado de "lá", veio a escrita sistemática, objetiva, sintética (no jornal impresso, é preciso respeitar o espaço fornecido pelo editor): "Agora: acho, sim, que a literatura pode ensinar algo ao jornalismo. [...] a cuidar da forma, a escrever e a reescrever. Também ensina a privilegiar a imaginação – mas não demais: realidade é realidade, ficção é ficção" (SCLIAR, 2002, p. 14). Credita-se a tal afirmação possivelmente a visão romântica – talvez utópica – do jornalismo isento, objetivo e apolítico, pois, como relata Huston (2010, p. 68), a narração está ligada umbilicalmente à interpretação individual dos fatos e "isso não quer dizer que não haja fatos; quer dizer que é impossível para nós apreender e relatar esses fatos sem interpretá-los".

Tal noção vai ao encontro do que Alsina (2009) afirma sobre o ato de produção noticiosa, vez que jornalistas o fazem a partir de uma visão de mundo decorrente dos conceitos construídos na sociedade e nas instituições sociais com as quais interagem. Essas concepções ajudam a construir o imaginário individual e coletivo. Assim, jornalistas trazem o seu imaginário para os temas que tomam forma de texto, em um processo que independe da consciência direta do profissional.

Ideia essa também defendida por Chaparro (2007), que não acredita na objetividade jornalística, visto que o relato (a notícia) está atrelado à observação individual e à perspectiva escolhida pelo narrador no que diz respeito a enfoques e relevâncias. Na visão do autor, o jornalista narra e argumenta quando produz um texto, e isso é feito de forma associativa, ou seja, liga os fatos às ideias, os dados às emoções, os acontecimentos à reflexão, a observação à explicação e assim por diante. Nesse sentido, nessa perspectiva teórica, existiria uma relação interativa e constante entre a informação e a opinião.

E é exatamente nesse ponto que se inicia a relação entre o jornalismo e a literatura: nas narrativas subjetivas que buscam, em seu âmago, o efeito estético de uma boa comunicação. Segundo Silva (2002, p. 50), "a literatura é uma forma de dizer o mesmo com outras palavras. O jornalismo é um conteúdo dito de forma que se perca o mínimo. Chega-se melhor ao conteúdo por meio de deformações eficazes". Ou seja, a medida da deformação necessária para dar forma expressiva a um conteúdo bruto é trazida da literatura e compete ao jornalista fazê-lo.

Em advertência, Lajolo (1995) pontua que a literatura não é apenas transmissora de informações, pois cria em cada ser aquilo que os sentidos o levam a interpretar. Já o jornalismo envolve uma série de atividades que visam levar a informação ao público, adotando a função de contador de histórias que "a seu modo – com o rigor da técnica e o vigor da ética e da estética, de preferência – não faz outra coisa senão reconstruir continuamente o mapa do presente imediato" (NASCIMENTO, 2009, p. 16). Portanto, a função primeira do jornalismo está exatamente em possibilitar a orientação e a indicação de caminhos textuais, que, segundo a analogia da autora, seria a construção de um bom mapa capaz de orientar os viajantes de maneira eficaz – o que não deixa de ser o propósito da narrativa literária.

Portanto, tem-se que a produção jornalística é orientada pela máxima da objetividade e marcada pela subjetividade intrínseca ao jornalista. A objetividade jornalística dialoga com o Positivismo de Augusto Comte, promovendo a distinção entre o fato e o juízo de valor, ou seja, entre o acontecimento e a opinião. Essa distinção foi um marco que culminou na diferenciação entre jornalismo opinativo e informativo. A objetividade aparece como uma luta simbólica pela imposição de um produto midiático mais legítimo, seguindo procedimentos de produção de notícia que envolvem planejamento, pesquisa, consulta a diversas fontes, bem como texto claro e simples.

Essencialmente, considerando os sujeitos envolvidos nos processos produtivos jornalísticos, a noção da objetividade não passaria de um ideal, sendo, no sentido fático, uma objetividade aparente. Esse viés, problematizado por Charaudeau (2019), permite refletir sobre a legitimidade social que trouxe à objetividade jornalística contornos de verdade inquestionável. Para o autor, o "objetivismo" deu lugar à "sondagem", movimento de aferição para buscar sempre ser um espelho da realidade, recebendo o mérito por espelhá-la e reproduzi-la sem interferências, idealmente.

Assim, as técnicas da objetividade não eliminam a presença do subjetivo em um texto, "e nem poderiam fazê-lo – basta lembrar que 'aquele que escreve' e 'o mundo sobre

o qual escreve' são entidades indissociáveis, uma vez que participam de um mesmo todo de significação, a linguagem" (NASCIMENTO, 2009, p. 103). Sendo assim, é na característica da subjetividade que o jornalista manifesta sua individualidade num compromisso com as restrições próprias ao universo a que pertence, ou seja, trata-se de um estado particular do sujeito enquanto manifestante de sua própria especificidade por meio da comunicação.

Nesse raciocínio, afirma Pedrebon (2010, p. 13), "a espécie humana tem capacidade inata e exclusiva de raciocinar construtivamente", produzindo "o que tranquilamente pode ser chamado de criatividade". De qualquer modo, considerando-se que a linguagem não é impessoal e a produção do jornalismo é condicionada a filtros subjetivos, os textos jornalísticos ancoram-se em uma objetividade creditada socialmente. Até porque, na máquina midiática, "os jogos de aparências se apresentam como informação objetiva, democracia, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade" (CHARAUDEAU, 2019, p. 29). Logo, a questão da verdade absoluta possui contornos mais profundos do que a mera negação desta objetividade aparente no discurso: aceitar a subjetividade no jornalismo não é só para aproximá-lo do viés literário, mas sim uma via importante para formar uma esfera pública crítica quanto aos discursos midiáticos.

Percebe-se, neste interim, a diversidade de aproximações que permeiam a relação entre o jornalismo e a literatura, para além das estratégias que envolvem o emprego da língua ou dos contornos da objetividade aparente:

> No processo de desenvolvimento histórico e de institucionalização de ambas séries discursivas encontram-se coincidências muito interessantes e interações mútuas. Resulta inegável a influência de pautas de escritura e modelos literários para a construção de determinados discursos jornalísticos, não é de menor importância a presença do jornalismo (com seus temas, recursos, procedimentos e técnicas) na criação literária (especialmente no século XX), sem esquecer o fato de que as figuras do escritor e do jornalista (sobretudo de opinião) às vezes coincidem com a mesma pessoa (MEDEL, 2022, P. 15).

Há, entretanto, diferenças na base conceitual entre os campos da literatura e do jornalismo. De acordo com Bulhões (2007, p. 18), a obra de arte literária recria a realidade, permite a reconfiguração, promove a criação livre de fatos ao passo que não se compromete com o real. Mesmo podendo representar a realidade, a ficção é intrínseca à literatura, sendo que um de seus propósitos também é chegar na dimensão imaginativa.

Já o jornalismo, convencionado pelas redações de jornais impressos, tem como matéria a realidade fundada no discurso de verdade e transparência. Entretanto, não se pode negar que, por outro lado, o jornalismo também é tido como uma atividade informativa de produção simbólica e periódica de informações atuais e de preferências desconhecidas. Dessa forma, possui a tarefa de coletar informações reais e, então, precisa selecioná-las, hierarquizá-las, torná-las acessíveis, coerentes, sedutoras e divulgá-las publicamente para que a sociedade "conheça essas informações e possa se posicionar ou se beneficiar delas" (TEMER, 2015, p. 22).

Não há, portanto, como negar essa imbricação, ao passo que não se pode relegar a certa resistência de ambas as áreas em admitir esta aproximação. Os poetas, escritores, romancistas, com suas aguçadas percepções do mundo, não evitam o uso dos elementos que permeiam o campo jornalístico. Por outro lado, ainda relutam em considerar grandes reportagens, por exemplo, narrativas jornalísticas e literárias. Como pontuam Castro e Galeno (2002, p. 10): "Enquanto isso, o jornalismo segue sendo acusado de vulgarizar e baratear o mundo das ideias e dos acontecimentos" e "[...] o romance segue fazendo da informação objetiva um de seus principais dispositivos, mostrando que certos acontecimentos históricos e sociais refletidos nos enredos [...]" com "uma realidade e uma autenticidade tão profunda quanto à transmitida pelo jornalista". Ou seja, o jornalismo pode estar desdenhando por puro orgulho (da busca pela área exclusiva, talvez, ou pelo ressentimento do campo literário ainda relutar na aceitação do caráter estético de algumas produções do jornalismo) as atratividades literárias aplicadas ao fazer jornalístico. O que resta, são boas literaturas recheadas de técnicas jornalísticas. Não há nenhum erro ou dilema ético nisso. Como afirma Huston (2010, p. 67), "o difícil, no que diz respeito ao orgulho, é encontrar a dose certa".

Mas essa relação conflituosa advém das relações históricas estabelecidas, conforme sustenta Cosson (2007) ao pontuar que o surgimento do "romance-reportagem" no Brasil da década 70, facilitou, por diversos fatores, a ligação entre jornalismo e literatura, dentre eles a função de informar que a literatura incorporou no período e pelo elevado número de escritores-jornalistas. Esse romance-reportagem abarcaria as obras baseadas em fatos, mas com uma narrativa com contornos ficcionais. Todavia, aprimora o autor, no caso do romance-reportagem, a literatura seria um recurso do jornalismo para um momento específico e com uma estratégia de burlar temas censurados.

Mas essa relação não se restringiria a tal fato. Em sua reflexão, Cosson (2007, p. 95) revela que alguns pesquisadores apontam que uma possível solução para essa

hibridização entre o jornalismo e a literatura "pode passar pelo enobrecimento do jornalismo como um gênero literário especial, pelo jornalismo como uma prática que feita com arte pode ser elevada à condição de literária [...]". Mas um consenso está longe de ser atingido.

Há também a possibilidade de tentar trazer suposições deste dilema através de elementos ainda mais longevos. Em sua obra, Huston (2010, p. 86) aborda as encenações que envolvem o cenário da guerra como promotoras de "Sentido" para a existência humana, o que remete a prática do *Panem et circenses* (ou Pão e Circo), política desenvolvida durante a República Romana e o Império Romano, especialmente ligada a questões de divertimento da massa a partir de interesses escusos: "Sem as guerras, faltaria à história da espécie humana relevo, tempero, suspense e acontecimentos… Em suma, tudo aquilo que contribui para se construir uma boa história". Dessas narrativas (fruto de interesses políticos), ricas em Sentido, surge o jornalismo. Já afirma Cosson (2007) que o jornalismo nasce, tanto no Brasil quando em outros países, ligado à política e à literatura.

Nesse sentido, têm-se o primeiro jornal brasileiro, "não sem razão intitulado *Correio Brasiliense ou Armazém Literário*", de Hipólito da Costa, que deflagrou o formato de escrita jornalística como "doutrinária em bom estilo" (Cosson, 2007, p. 98). A literatura, na época, não entrava como preocupação dos jornalistas, mas sim "como estilo auxiliar ou fundamento necessário para a retórica política quanto como uma atração para os leitores, por meio de matérias propriamente ficcionais ou quase-ficcionais [...]" (ibidem).

Essas reflexões apontam para a necessidade de ampliar as reflexões sobre o gênero notícia. Isso porque a fronteira entre o jornalismo e a literatura está cada vez mais difusa, "cada uma recorrendo aos recursos e cosmovisões da outra, como forma de desvendar o mundo e propô-lo com um sentido e uma tarefa ao leitor" (CASTRO; GALENO, 2002, p. 9). Mas essa intersecção dos campos não é discussão recente. Na década de 60, Lima (1969, p. 27) já chamava o jornalismo de "literatura em prosa de apreciação de acontecimentos" cujo objeto seria a informação imediata desses fatos. Seguindo na mesma reflexão, Pereira Lima (1995, p. 138) explica que inicialmente o jornalismo usou os recursos estilísticos da literatura para comunicar e, com o tempo, é esta que recorre ao jornalismo.

A partir desse encadeamento, o jornalismo e a literatura também passam a convergir enquanto reprodutores de narrativas. Ambas as áreas utilizam da narração como

recurso para apresentar fatos e acontecimentos de forma sucessiva. A diferença está em como a realidade vai se revelar ao leitor, se é por meio da ficção ou através "objetividade" jornalística, que, como bem pontua Cosson (2007, p. 109), pode estar representada em inúmeras facetas, seja "mito, ideal, dogma, estratégia profissional, princípio regulativo, preconceito, convenção, meio de controle, meta a ser atingida", faz parte do princípio profissional do jornalismo.

Na perspectiva enunciativo-discursiva, é possível observar que a entonação (BAKHTIN, 1981; VOLOCHÍNOV, 2019) posta nos *faits divers* que compõem o *corpus* desta pesquisa contribui para perceber os valores que estão em jogo tanto na esfera jornalística, quanto na literária, bem como em suas intersecções. O modo que o jornalista expõe a realidade ao leitor, mesmo que se aproxime do tom ficcional visto nos gêneros literários, possui contornos muito específicos. Isso porque o gênero *fait divers* configura-se como um texto que manipula os enunciados e os interlocutores dos discursos sem isolar as duas esferas discursivas das quais se origina.

2 JORNALISMO VISCERAL: O GÊNERO FAIT DIVERS

Este capítulo apresenta a perspectiva teórica dos *faits divers* sob a óptica do jornalismo e da literatura. Para tanto, dois eixos serão articulados: um item apresentando o gênero narrativo e traçando uma linha temporal sobre o jornalismo impresso à época do surgimento das seções de fatos diversos na imprensa brasileira, bem como a representação social destes textos; o segundo, sobre o tipo noticioso que configura o *fait divers,* aqui posto pela designação de jornalismo visceral.

2.1 Fait divers: o que é, características e relevância social

Dentre os preceitos instruídos pelo jornalismo positivista está a defesa da objetividade na produção textual. Este recurso é pautado na proposição de facilitar a apresentação de fatos, conceitos e situações, vez que tem um efeito resumitivo: a lógica publicitária do "menos é mais". Ou seja, contemplar a totalidade de informação com menor número de palavras possíveis. Porém, na pesquisa acadêmica, esse é um caminho que pode incorrer no prenuncio do generalismo. De qualquer modo, bebendo-se na fonte da objetividade e sem esquecer do detalhamento contextual necessário, inicia-se a apresentação de um formato de texto tão caro para este estudo: o *fait divers.* Descrito pelo viés literário:

> Um fait divers parece um naufrágio. No momento, há o drama, o barco que quebra, que afunda, há os gritos, os socorros e os mortos. E então um grande silêncio. O navio está no fundo da água. Mas, dia após dia, detritos, corpos, objetos sobem à superfície, flutuam, às vezes encalham em uma costa. O que o mar rejeita é chamado de "coisas das ondas" (GOYET, 2016, p. 21, tradução nossa)[5].

Em suma, a expressão francesa *fait divers* (em português, "notícias diversas") é um tipo de gênero narrativo que se baseia em temáticas naturalmente surpreendentes e, para tornar o texto ainda mais interessante, emprega e manipula a linguagem para transmitir uma mensagem atraente. Ao sair do lugar comum, seu trunfo reside no fato de que o público possui um interesse perene e latente por esse tipo de narrativa. Esse gênero,

[5] Un fait divers ressemble à un naufrage. Sur le moment, il y a le drame, le bateau qui se brise, qui coule, il y a les cris, les secours et les morts. Et puis un grand silence. Le navire est au fond de l'eau. Mais, jour après jour, des débris, des corps, des objets remontent à la surface, flottent, parfois s'échouent sur une côte. Ce que la mer rejette, on appelle ça des "choses de flots" (GOYET, 2016, p. 21).

divulgado em periódicos, sejam jornais ou revistas, normalmente em formato de notícia[6], é efetivo porque "vende" ou, em outras palavras, porque possui um número representativo de leitores.

De forma ampla, com essas informações é possível se reconhecer um *fait divers*. Porém, como pontuado, os generalismos – inclusive nas conceituações – tendem a recair na superficialidade das temáticas. Nesta seara, Barthes (1964), ao entender os *fait divers* dentro do que nomeia de "notícia geral", já adverte o desafio de classificar esse formato de texto que, por essência, aborda temáticas que fogem à influência positivista da categorização. Portanto, a definição do gênero *fait divers* não se esgota na percepção até aqui resumida. Pelo contrário, a partir de uma visão ampla que é possível recuperar pesquisas e pressupostos teóricos para entender a profundidade por trás deste emblemático "tipo" de notícia que circula até hoje na imprensa mundial.

Primeiramente, tem-se o anseio de dissecar o termo em português: notícias diversas. O termo notícia, no sentido dicionarizado, é descrito como "relato de fato atual", "pessoa ou coisa que desperta interesse público", "informação recente, novidade", "conhecimento, informação" (BECHARA, 2012, p. 908). No mesmo sentido, "diverso" está acoplado ao que é "diferente, distinto" ou "variado" (idem, p. 452). O "*divers"* seria, concordando-se com Morin (1997) em sua reflexão sobre os processos de consumo na indústria cultural, exatamente a busca da variedade capaz de atingir todos os interesses do "grande público", sempre guiando-se pelo nexo do "máximo de consumo".

A lógica da diversificação, nessa perspectiva, estaria atrelada à homogeneização, uma variedade velada, pois acopla-se a um consumidor mapeado em suas mais profundas práticas de consumo. Essa noção, acrescida ao sentido literal dos vocábulos que compõe o conceito, permite considerar o *fait divers* como um relato de fatos díspares, alheios ao ordinário, que são de certa forma conflitantes com o senso comum ao mesmo tempo em que atraem sempre, em alguma medida, o "grande público".

Com o viés de partir do sentido literal ao ponto de vista teórico, recorre-se ao esclarecimento de Nascimento (2009, p. 84) ao afirmar que a notícia apresenta não só o núcleo da informação, mas também elementos adicionais, sendo considerada essencialmente a "matéria-prima do jornalismo", vez que é a partir dela que o leitor conhece o fato, o que permite construir a primeira linha-narrativa para divulgação de

[6] Conforme Noblat (2008, p. 26), "[...] notícia é todo fato relevante que desperte interesse público, ensinam os manuais de jornalismo. Fora dos manuais, notícia na verdade é tudo o que os jornalistas escolhem para oferecer ao público".

outros formatos (reportagem, artigos de opinião etc.). Aliado a tal referência, dentre os manuais que são referências na área, o Manual de Redação do Estadão (MARTINS, 1997, p. 254) apresenta notícia como texto que "[...] descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências" e, por outro lado, "[...] reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo".

Portanto, na prática, a notícia é o resultado da seleção e apuração de acontecimentos que são considerados relevantes a ponto de merecerem espaço nas páginas – impressas ou digitais – de um veículo de comunicação. Em outras palavras, são eventos potencialmente atraentes ao leitor, sendo o fator da atratividade sempre atrelado ao contexto. As seguintes perguntas, por exemplo, poderiam ser incitadas ao imaginar-se um assassinato: Esse homicídio é notícia? Qual a proporção do crime para estar na capa do jornal? E se o resultado morte acontecer em outro país? E se ocorrer na cidade de veiculação do periódico?

Esses questionamentos, como citado, dependem de fatores externos e variáveis, mas, como aponta Marcondes Filho (2014), há um consenso na área, embora não esclarecedor, de que para um acontecimento virar notícia "tem de ter algo de espetacular ou sensacional, tem de trazer emoção e testemunho". Todavia, tem-se a contradição de que o espetacular, no jornalismo, deve ser tautológico. Acrescido a isso, há a diferenciação de mercado da empresa jornalística, como formula o *Manual da Redação da Folha de São Paulo* (2018, p. 19) ao afirmar que "a prioridade máxima do trabalho jornalístico continua sendo divulgar a informação exclusiva: o fato relevante, inédito e bem apurado que um veículo revela".

Além dessas perspectivas, também é possível pensar notícia como ação de transformar um acontecimento genérico em produto. Esse viés econômico da notícia, conforme exposição de Marcondes Filho (2014, p. 465), transforma o texto jornalístico em mercadoria, "[...] uma mercadoria rapidamente perecível, decaindo seu valor aceleradamente e em pouco tempo, sendo submetida às normas de generalização, padronização, simplificação e negação de subjetivismo comum às demais mercadorias". Logo, eminentemente, a notícia é rapidamente substituída por outra e assim sucessivamente, em uma lógica produtiva de obsolescência programada. Em contraste, os *faits divers*, enquanto formato noticioso imanente, diferenciam-se dessas "outras informações jornalísticas que só são inteligíveis dentro do seu contexto" (DION, 2007, p. 125).

A notícia, portanto, será sempre direcionada pelo e para o público. E, como esse público é atraído principalmente por acontecimentos surpreendentes, catastróficos e que fogem ao retratado comumente nos contos de fadas, conforme exalta Noblat (2008, p. 26), "[...] o mundo que os meios de comunicação retratam parece muitas vezes pior do que verdadeiramente é". Portanto, justamente nesse intermeio entre realidade e teoria que se corporificam os *faits divers*.

Como nascemos? Como morremos? Tais são inquietações únicas ao ser humano e deles inafastáveis. Huston (2010, p. 85) explica o interesse dos indivíduos com fenômenos correlatos ao nascimento e à morte: "Daí a inesgotável obsessão humana com a sexualidade (que pode conduzir ao nascimento), a violência (que pode conduzir à morte), e todas as interações possíveis e imagináveis entre ambos". Assim, convergem os anseios humanos com as temáticas versadas pelos *faits divers*.

As características dos *faits divers*, apontadas por Barthes (1964) e sintetizadas por Dion (2007), auxiliam também nessa clarificação conceitual, a saber: imanente, seletivo, repetitivo (Tabela 1).

Tabela 1 - Características dos *faits divers*

Características dos *faits divers*	**Descrição**
IMANENTE	Compreensão que não exige contextualização, basta-se em si mesmo, pois parte do cotidiano e da banalidade.
SELETIVO	A ilusão de proximidade é uma sensação que a narrativa promove no leitor. Isso ocorre por uma série de fatores, dentre eles as imagens, as entrevistas, os detalhes, as opiniões embasadas em situações locais, entre outros.
REPETITIVO	Repetição dos mesmos temas em contextos diferentes, o que permite manter o caráter factual.

Fonte: elaborado pela autora conforme apontado por Barthes (1964) e sintetizado por Dion (2007).

Assim sendo, os *faits divers* possuem como primeira característica o aspecto imanente, ou seja, toda informação necessária a compreensão está inseparavelmente contida na notícia, pois "[...] não é preciso conhecer nada do mundo para consumir um *fait divers*; ele não remete a nada além dele próprio" (BARTHES, 1964, p. 1). Essa situação não é verificável em uma notícia sobre as eleições em que propostas dos candidatos são expostas conforme as necessidades prementes em determinado espaço-tempo. Por isso, como afirma Dion (2007, p. 125), "a imanência diferencia o *fait divers* das outras informações jornalísticas que só são inteligíveis dentro do seu contexto".

A segunda característica aqui considerada é o aspecto de seletividade, vez que o "*fait divers* fascina pela ilusão da sua proximidade" (idem, p. 126). Os critérios de seletividade dos impressos são orientados, portanto, pelos interesses do público. Assim, as notícias seguem as lógicas dos conglomerados de comunicação, verificando-se ocorrências de restrição de assuntos, bem como de orientada seleção dos elementos que possam potencializar a atratividade da narrativa, a exemplo do detalhamento dos fatos, que funciona como uma confirmação de que o jornalista é uma testemunha e "viu com os próprios olhos" o que descreveu.

Outra característica é a repetição. Embora as temáticas sejam insistentemente repetidas, linguagem seja clichê e, conforme Dion (2007, p. 126), a abrangência de temas permaneça "constante de uma época a outra", os *faits divers* possuem um interesse perene entretempos. É preciso observar, como reflete a autora, que essa repetição temática não reflete em um texto entediante ou cansativo – pelo contrário, "repetir é significar" e essa noção está no âmago de toda curiosidade que gera questionamentos; o ato de repetir já significa algo em si mesmo (BARTHES, 1964).

A partir da leitura do autor, Dion (2007) afirma que, além dessas três características, une-se a noção de *fait divers* como uma estrutura fechada, sendo esses elementos que deflagram nos dois eixos que resumem as relações de sentido desse tipo de texto narrativo, antes mesmo de avaliar-se sua forma e conteúdo: a relação de causalidade e a relação de coincidência.

Para descrever a relação de causalidade, Barthes (1964, p. 2) utiliza a designação "causalidade aberrante", afirmando que, embora questione-se uma causa para o fato, a resposta apresenta um efeito de perturbação ocasionada pelo elemento inexplicável. Neste ato, o mítico ou o insólito surgem como acontecimento imotivado e, portanto, desprovidos desse entendimento complexo. Já a relação de coincidência, conforme a acepção do autor, refere-se à repetição de um fato em um mesmo cenário ou contexto, bem como à aproximação de dois termos qualitativamente distantes e que se esbarram para conflagração do fato.

Embora tais características sejam empiricamente perceptíveis na prática jornalística nacional, não é rotineiro encontrar definições terminológicas nesse âmbito. O *Manual de Redação e Estilo* do jornal Estadão, por exemplo, apenas faz menção ao termo *fait divers* no capítulo intitulado "Escreva certo". Em contraste, a edição de 1992 do manual do jornal Folha de São Paulo apresentava a definição do *fait divers* como "expressão usada para designar notas e notícias com alto potencial de atração para o leitor.

Exemplos: crime envolvendo família de classe média ou alta; casamento de personalidade; morte de pessoa famosa". O periódico fazia menção à leitura do verbete "empatia", relacionando o gênero com a intenção do jornalista de fazer com que o leitor se colocasse no lugar do personagem da notícia, elemento angariado a partir da descrição detalhada do fato. Entretanto, a referência ao termo foi retirada da edição atualizada (MANUAL DA REDAÇÃO..., 2018). A associação com humanização do relato para gerar empatia imediata com o leitor é citada por Angrimani (1995, p. 17) como recurso de destaque do sensacionalismo, pois "é na exploração das perversões, fantasias, na descarga de recalques e instintos sádicos que o sensacionalismo se instala e mexe com as pessoas".

A mencionada ausência pode ter sido ocasionada por algumas razões, aqui enumeradas como meras suposições para fins de progressão do estudo teórico. Logo, são hipóteses da supressão do termo: o desuso da expressão na área; ser politicamente incorreto induzir o jornalista a produzir deliberadamente notícias empáticas, podendo conduzir ao sensacionalismo; o rótulo crítico ao próprio gênero narrativo *fait divers*, vez que seu conceito está atrelado ao que se busca, na teoria, superar no campo jornalístico, a exemplo do próprio texto sensacionalista; ou, ainda, o jornal desejar não se posicionar como produtor de *fait divers*, mesmo sendo praticamente impossível, em tempos de acirrada disputa de leitores e competitividade entre as empresas de comunicação, distanciar-se de um gênero classificado como vendável e atrativo.

Em uma perspectiva discursiva, o elemento valorativo da subjetividade do jornalista no *fait divers* torna-se fundamental para compreensão dos sentidos produzidos pelos textos desse gênero. Conforme Charaudeau (2019, p. 63), "a verdade não está no discurso, mas somente no efeito que produz", sendo o jogo midiático responsável por manipular a influência sobre seu público, "pondo em cena, de maneira variável e com consequências diversas, efeitos de autenticidade, de verossimilhança e de dramatização". Os elementos que aproximariam o discurso da informação neutra são substituídos por marcas discursivas valorativas do jornalista que, inclusive, tencionam com a própria informação.

Para além de uma atitude profissional pessimista, o jornalista, portanto, aposta na curiosidade de seus leitores para produzir notícias que "vendam". Tudo que ultrapassa a faixa do comum ou da normalidade cotidiana surpreende, sendo que a notícia deve ser alheia ao ordinário, estando "[...] no que estimula conflitos, não no que inspira normalidade; no que é capaz de abalar pessoas, estruturas, situações, não no que apascenta

ou conforma; no drama e na tragédia e não na comédia ou no divertimento" (NOBLAT, 2008, p. 26).

Similar reflexão é cunhada por Morin (1997) na obra *Cultura de massa no século XX: neurose*, que endereça o impacto da indústria cultural sobre a sociedade e sua inevitabilidade ao homem médio, trabalhando o funcionamento da psicologia humana e seus efeitos diante do objeto ora em estudo. Na linha de raciocínio sustentada pelo autor, percebe-se que o desenvolvimento da sociedade de massas e suas principais características fomentam o consumo de *fait divers*, traços que tendem a aliciar a atração de grande número de pessoas, seja pela temática ou pela estrutura narrativa. A massificação, por sua vez, elaborou detalhadamente o homem mediano, cujos interesses orientam a produção das notícias na indústria cultural.

Não obstante, tal homem mediano, apesar de não ser identificado ou tão precisamente conhecido quando do surgimento dos *faits divers*, já era por eles abarcado, uma vez que atingiam o público em geral. Esse raciocínio dialoga com o conceito de sincretismo apresentado por Morin (1997, p. 36), que é "palavra mais apta para traduzir a tendência a homogeneizar sob um denominador comum a diversidade dos conteúdos". Nesse sentido, retoma-se a referência de que os *faits divers* não se limitam a uma ou outra categoria de informações, mas podem transitar entre diferentes segmentos.

Ocorre, nesta seara, uma antagonização do papel social com o interesse comercial das empresas jornalísticas, bem como do papel do jornalista em articular o interesse público com o interesse do público. Manifesta-se, assim, uma observância dos órgãos de comunicação social "de referência" em não ultrapassar, ao menos de forma evidente, a linha da imprensa abertamente sensacionalista – que possui um público expressivo e que, portanto, colabora economicamente com o jornal. Todavia, como pondera Noblat (2008, p. 20), "[...] proceder assim é condenável porque em vez de contribuir para a elevação dos padrões morais da sociedade, o jornalismo os rebaixa". E é justamente essa a preocupação das empresas e profissionais ao adotarem abertamente os *faits divers.* Isso porque, desde o "[...] início do século XX, já se sabia que quem ousasse seguir a vida sensacionalista entraria em rota de colisão com a credibilidade" (ANGRIMANI, 1995, p. 23).

Tal dicotomia é evidenciada igualmente sob a perspectiva de Amaral (2006) que, embora reconheça a existência de categorizações de informações veiculadas nos jornais, sustenta que ambas têm pertinência e fundamentos para serem noticiados. Percebe-se, portanto, que a utilização de temáticas e técnicas de redação do jornalismo popular

configura vetor de sobrevivência e viabilidade econômica dos meios de comunicação. Desse modo, "*o que é de interesse público* e *o que não é* flutua de acordo com o mercado no qual determinados jornais se inserem", ocorrendo igualmente uma adequação das temáticas ao "mundo do leitor" (AMARAL, 2006, p. 57).

Com isso dialoga Morin (1997), ao rememorar que, no estopim do século XX, inicia-se a diferenciação entre a tendência burguesa de consumo e a corrente popular. Através de uma simbiose temática, ocorre a adaptação das matérias até então consumidas, como traições, perseguições e mistérios. Há, portanto, uma multiplicação de produtos para esse público, principalmente em decorrência das inovações técnicas que marcaram o período e pelo registro do "lazer moderno", não se referindo apenas ao tempo de descanso, mas a uma conquista dos sindicalistas para o "tempo de consumo". Essa perspectiva, complementa o autor, permite compreender que, em respeito à "ética do lazer", a cultura de massa é orientada para interesses alheios a questões políticas, econômicas ou religiosas, inevitavelmente associadas ao mundo do trabalho e das agruras da realidade.

A associação de temas ditos banais ou "leves" com o lazer orienta o que Debord (2005 [1967], p. 15) nomeia de sociedade do espetáculo, sendo o "espetáculo" visto como "o discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si própria, o seu monólogo elogioso. É o autorretrato do poder na época da sua gestão totalitária das condições de existência". Nas palavras de Morin (1997, p. 77), seria a partir dos espetáculos que os conteúdos imaginários da cultura de massa tomam evidência, ou seja, "é por meio do estético[7] que se estabelece a relação de consumo com o imaginário", com a finalidade de direcionar as percepções e as ações daqueles que compõem a plateia.

O advento da comunicação voltada ao popular, inclusive, contribuiu para o surgimento do termo americano "jornalismo amarelo", atinente às situações nas quais os jornais apresentam pouca ou nenhuma legítima notícia bem pesquisada, optando por usar manchetes atraentes para o aumento das vendas, podendo incluir técnicas de exageros de eventos ou escândalos que chocam a sociedade, normalmente com algum elemento inverídico (GUIMARÃES, 2014). O interesse público, portanto, passa a compartilhar seus espaços com uma espécie de ópio do povo, consistente em informações voluptuárias.

Desse contexto, por extensão, o sensacionalismo advém e passa a ser habitualmente empregado de forma pejorativa para condenar qualquer tipo de jornalismo

[7] Morin (1997, p. 78) não cunha a definição de estética como elemento próprio das obras de arte, mas sim "como um tipo de relação humana muito mais ampla e fundamental".

que produza notícias com ausência de profissionalismo ou ética. Na mesma linha, Angrimani (1995, p. 17) pontua a ambiguidade esquizofrênica da mensagem sensacionalista, que é, "[...] ao mesmo tempo, imoral-moralista e não limita com rigor o domínio da realidade e da representação", quiçá traduzindo modos de vida do público-consumidor, razão pela qual conta com seu massivo interesse. Ademais, como adverte Charaudeau (2019, p. 62) sobre a "vulgarização" nas mídias, a maquiagem da dramatização reside no discurso defensivo de didatização da informação, ou seja, da missão de "explicar com simplicidade" – para o autor, essas noções são diametralmente opostas.

No Brasil, o período conhecido pelo estopim deste formato de publicação sensacionalista ficou conhecido como imprensa marrom. Segundo Guimarães (2007), um trecho do Relatório de Justiça de 1894 condena esse formato de narrativa, especialmente o viés de abordagem do suicídio. A designação "marrom", provavelmente associada à expressão francesa "*au noir*" (preto, em tradução livre) para práticas ilegais ou irregulares, ainda é utilizada no Brasil "[...] quando se deseja lançar suspeita sobre a credibilidade de uma publicação" (ANGRIMANI, 1995, p. 22).

É necessário pontuar, contudo, que os *fait divers* não são essencialmente amorais, tampouco se limitam à estrita categorização. A crítica à sua estrutura, supõe-se, pode estar associada ao ato de, por vezes, perverter valores institucionalizados como incorruptíveis no jornalismo. Ocorre que tais valores não ficam clarificados. Seria proibido ao jornalista "participar" do texto? Ou o equívoco estaria na opinião pessoal marcada pelos adjetivos e figuras de linguagem? Descrever detalhes de um crime é fornecer subsídios para o leitor tirar suas conclusões ou apenas é sensacionalismo? Tais provocações remetem ao liame tênue no qual se encontram os *faits divers*.

As reflexões de Noblat (2008) contribuem para o esclarecimento da questão. O autor sustenta que o jornal diário deveria ter o compromisso de trazer à tona a consciência crítica e mesmo ampliá-la. Entende-se, em vista disso, que a função precípua do jornalismo está em contribuir, através da informação, com a formação para a cidadania. De tal modo, preocupantes não seriam somente os *faits divers*, mas sim todas as publicações condicionadas ao volume de leitura e visualizações que servem para comprovar a vantagem do anunciante (público ou privado) em investir no veículo de comunicação. Soma-se a isso os diferentes graus pelos quais é possível perceber predileções pessoais do jornalista ou da própria instituição.

Mesmo com as arraigadas críticas ao formato detalhado e por vezes lírico de sua estrutura, como prenunciado por Talese (2004) sobre gêneros associados ao "novo jornalismo", o *fait divers* é nada mais que um acontecimento da vida transcrito na imprensa. De fato, em regra ele não se assemelha ao jornalismo ordinário, pois mesmo quando divulgado em curtas linhas, narra situações reveladoras acompanhadas de minúcias desprezadas em temáticas generalistas, como economia e política. Com essa construção, esse gênero revela fatos verídicos e surpreendentes através da narração de eventos considerados "sem relevância". Mede-se a ausência de importância pelos personagens serem pessoas comuns e sem notoriedade pública. Na maioria das vezes, esses fatos são lamentáveis ou assustadores: assassinatos, assaltos, acidentes, atentados, desastres, suicídios, ocorrências sobrenaturais, entre outras situações na ceifa do inclassificável (BARTHES, 1964).

Isso significaria dizer que não há como inserir os *faits divers* em nenhuma editoria pré-fixada de um jornal, tal como cultura ou política, embora eles possam transitar em múltiplas seções ou editorias do periódico. Daí que surgiram as colunas "Factos Diversos" que permearam muitos jornais brasileiros, inclusive o jornal Correio do Sul, objeto deste estudo, que fixou a coluna desde sua primeira edição, em 20 de setembro de 1914. A partir dessa consideração, é possível afirmar que a nomenclatura *fait divers* indicava não só um formato de notícia, mas também a seção do jornal que compilava esses fatos.

Nesse sentido, mesmo que os *faits divers* informem sobre a realidade de uma sociedade em um determinado feixe contextual, relatam eventos de menor importância quando comparados ao noticiário nacional ou mundial. Acrescido a isso, os assuntos, em geral, são fatos que perturbam as normas da ordem social. Por esse fator, abrem espaço para hipérboles, quase um convite às adjetivações e aos excessos, o que faz o gênero, algumas vezes, pender para o texto sensacionalista. Nas palavras de Angrimani (1995, p. 14), "quando se enclausura um veículo nessa denominação, se faz também uma tentativa de colocá-lo à margem, de afastá-lo dos mídias 'sérios'".

Há, portanto, uma estreita relação entre a imprensa sensacionalista e os *faits divers*, vez que desde os primórdios da história da imprensa há a percepção de que o sensacionalismo atrai o público (GUIMARÃES, 2014). Assim, caracterizado pelas temáticas múltiplas que participam do cotidiano das pessoas, causando identificação direta com o público, o *fait divers* "é componente indissociável da imprensa

sensacionalista, segundo o Grande Dicionário Universal do Século XIX de Pierre Larousse" (ANGRIMANI, 1995, p. 25).

O sensacionalismo, aliás, acompanha a primeira menção do Brasil em um documento impresso antecedente aos jornais, data de 1514 e é uma carta em que um comerciante da ilha da Madeira, de Portugal, narra uma viagem pelas costas locais. Os recursos estilísticos dessas obras impressas eram "[...] artifícios para excitar a imaginação popular. Os impressores, para aumentar as vendas, se encarregavam de apimentar as histórias se achavam o texto demasiado sóbrio — como fazem hoje alguns jornais sensacionalistas" (MOLINA, 2015, p. 22). Como não haviam vivenciado a situação para escrever, traziam inserções ficcionais que ampliavam a atratividade do assunto narrado. Esses procedimentos acompanham o surgimento dos jornais brasileiros e revelam sua importância para o contexto da emergência dos *faits divers* no país.

O *fait divers*, destarte, enquanto tipo de narrativa jornalística, "[...] apareceu na imprensa brasileira já em meados do século XIX e no início do século passado [XX] era presença obrigatória na maioria dos jornais nacionais, os quais reservavam seções especiais para faits divers de todo tipo" (GUIMARÃES, 2014, p. 104). Isso ocorre principalmente porque foi em junho de 1808 o marco da veiculação do primeiro jornal brasileiro: o Correio Braziliense, publicado por Hipólito da Costa[8]. Conforme aponta Molina (2015), Hipólito era acusado de sensacionalismo para promover a venda de exemplares e de ser "sensível aos ventos que corriam na Corte", referindo-se à "vista grossa" em notícias sobre os monarcas. Ao princípio dos jornais, nesse sentido, a questão econômica e política sempre impactou de forma significativa a elaboração das notícias.

Por volta de 1880 é que os *faits divers* começam a aparecer de forma mais corporificada no cenário nacional: "[…] uma primeira experiência totalmente sensacionalista, o jornal O Repórter foi anunciado na Gazeta de Notícias no Natal, em 25 de dezembro de 1878. A chamada era sobre 'um novo noticioso' [...] que arrancava "notícia dos fatos". (GUIMARÃES, 2014, p. 107). Isso porque, como salientam Martins e Luca (2012, p. 66), "nem só da retórica bacharelesca viveu a imprensa condoreira do Segundo Reinado", fazendo referência à tradição brasileira de um jornalismo afinado com os valores urbanos europeus que se manifestam em uma linguagem feita pela e para elite. À época, crônicas sobre a Corte surtiam efeito positivo e agradavam ao público, o que

[8] Há controvérsias desta afirmação, pois os pesquisadores portugueses considerem que o jornal Correio Braziliense é um jornal português (MOLINA, 2015).

marca “o prenúncio do sensacionalismo, que atraía leitores e vendia jornal, conforme se daria já nos primeiros anos da República” (ibidem, p. 67).

Daí o *fait divers* ganha espaço no século seguinte, vez que “seu emprego sistemático na imprensa do século XIX transforma-o em gênero jornalístico em que o sensacionalismo se expressa [...]” (GUIMARÃES, 2014, p. 104). Especialmente sobre o que seria essa adjetivação de notícia sensacionalista, Pena (2012, p. 109) pontua que há controvérsias no entendimento do termo que pode ser visto por alguns como “fazer uma notícia que não existe”, ao passo que outros creem que “há sensacionalismo na medida em que os veículos usam artifícios constrangedores para chocar o público”. Aqui, volta-se mais para a segunda noção, pois vê-se que não há como fazer jornalismo sem partir de elementos fáticos e verossímeis, mesmo quando a linguagem é maquiada pelo viés sensacionalista. Dito de outro modo, parte da notícia existe (o fato gerador e alguns elementos do texto), mesmo que não em sua integralidade.

A autora Amaral (2006, p. 20) é uma das que traz questionamentos sobre o arcadismo do termo “sensacionalismo”, vez que “[...] todo o jornal é sensacionalista, pois busca prender o leitor para ser lido e, consequentemente, alcançar uma boa tiragem”. Dito isso, a autora explica o sensacionalismo como termo associado à forma de caracterização de uma imprensa que retratava quase que exclusivamente a violência. Assim, o uso reiterado desse conceito exalta algumas associações consensuais construídas na mídia, “[...] como a de que responde à função catártica (efeito salutar provocado pela conscientização de uma lembrança fortemente emocional e/ou traumatizante, até então reprimida)” (idem, p. 21-22).

Como até este ponto fica perceptível, o termo “sensacionalista” possui um tom historicamente pejorativo da história da imprensa. Atribui-se como fato gerador deste senso comum o surgimento da objetividade jornalística no final do século XIX, guiada pelo Positivismo de Augusto Comte e divisor de águas na distinção entre acontecimento e opinião – aliada, é claro, aos interesses econômicos de construir uma imagem séria para a imprensa em oposição clara ao sensacionalismo (BARROS FILHO; BARTOLOZZI, 1995). Como aponta Barthes (1964), a visão pejorativa causada pela definição superficial dos *faits divers* não explica seu real impacto e sobrevida. O autor, portanto, sugere olhar-se para a diferença de estrutura quando o objetivo é comparar informações veiculadas pela mídia. E essa perspectiva alinha-se à forma horizontalizada, sem sobrepor ou reduzir, o que a lógica classificatória inviabiliza.

Tanto que, mesmo com a "onda" da objetividade jornalística, os *faits divers* começam no Brasil justamente no final do século XIX, enquanto iniciam as percepções positivistas nos Estados Unidos (BARROS FILHO; BARTOLOZZI, 1995). Segundo Guimarães (2014), isso ocorreu em virtude da dinamização mundial dos meios de comunicação. Assim, adveio a necessidade de produção de notícias populares com o objetivo de atingir um maior número de pessoas. A ampliação do público ancorava-se no crescimento da espetacularização, descrevendo-se cenas detalhadamente, evidenciando os escândalos e apostando na linguagem sensacionalista. A proposta agrada e conquista leitores, nascendo os jornais populares, principal suporte dos *faits divers*: "[…] um crescente "bombardeio de estímulos" que o realismo do fait divers traduz como nenhum outro gênero" (GUIMARÃES, 2014, p. 106). Assim, conforme a autora, o estilo de representar os crimes nos *faits divers* dos jornais da Belle Époque brasileira apostam na aproximação com os leitores para espetacularizar o cotidiano.

Tal contextualização é retificada por Morin (1997) ao rememorar a inserção do romance-folhetim e dos contos no jornal desde o século XIX, elementos indispensáveis para a disseminação do imaginário dos meios de comunicação na virada do século XX. Assim, a hegemonia da informação abre espaço, segundo o autor, para uma imprensa elementarmente romanesca, em um movimento de hibridização entre real e imaginário. Para tanto, em uma crescente exponencial, a partir de 1930, "a dramatização tende a preponderar sobre a informação propriamente dita" (idem, p. 98).

Isso porque o *fait divers* não é tido como uma simples narração neutra e objetiva de uma situação, mas sim configura-se como uma história real articulada com os elementos da narrativa literária, a exemplo dos conhecidos contos, lendas e mitos. Ou seja, em alguma medida o jornalista – e, em segundo plano, o seu público – precisa deformar o fato a partir de uma decomposição estruturada dos acontecimentos, ressaltando analiticamente os elementos prioritários, para reconstituir um objeto novo que é a narrativa. O sobrenatural, a tragédia, o crime praticado, a anomalia identificada ou qualquer outra situação só viram *faits divers* a partir de um tratamento consciente do jornalista. E este "tratar" significa literalmente uma ação direta de intervir na realidade, de inserir sua percepção sobre o caso. Porém, observa-se, tal intervenção seria mais associada à convecção do narrar jornalístico do que propriamente ao agir deliberado para alienar ou "desinformar" o público.

Essa compreensão alinha-se à máxima defendida por Albuquerque (2000) de que a narrativa, com toda sua carga de produção interpretativa e criativa, é elemento relevante

tanto para compreensão dos *faits divers* quanto para os demais gêneros noticiosos. Isso significaria dizer que o *fait divers* não é uma categoria hermeticamente criada, como se fosse alheio ao fazer jornalístico. Ele, ao contrário, em um pacto de boa vizinhança, dialoga com todos outros noticiários, compartilha o autor, as páginas e o leitor. As práticas narrativas encontradas nesse gênero são, na verdade, uma confluência de práticas de consumo de uma indústria cultural estruturada na convenção que dita o jornalista como "contador de histórias".

Obviamente, o parâmetro dessas histórias é volátil, assim como a estrutura. A narrativa literária, com seus enredos, personagens e clímax bem definidos, é reconfigurada nas páginas do jornal como narrativa jornalística. De qualquer forma, o núcleo segue o mesmo, a prática leva outro nome, mas perpetua em práticas de produção (jornalista) e consumo (leitor). Como um contrato fictício, um acordo sem registro formal entre os atores desse processo comunicativo.

Uma visão mais ampla é a relatada por Goyet (2016), jornalista francesa que defende a onipresença dos *faits divers* na vida e no interesse humano, uma presença persistente e de uma hierarquia perturbadora, ressaltando que, embora haja um longo trabalho de diversas áreas sobre o gênero, falta ainda uma definição apropriada e que contemple a dimensão heterogênea, surpreendente e ao mesmo tempo sufocante dos *faits divers*. Essas representações seriam um espelho tão fiel dos pensamentos, angústias e anseios humanos que seria perturbador pensar racionalmente sobre esse fenômeno – sobretudo pelos acontecimentos que costumeiramente narra.

De um lado, o sofrimento da tragédia. De outro, a maestria de tornar o evento atraente e consumível. Utilizando a própria colocação da autora, "a maneira como o insólito, o indizível ou a catástrofe se metamorfoseiam num inesgotável sujeito de fascínio é embaraçosa" (GOYET, 2016, p. 3, tradução nossa)[9]. É um acanhamento assumir atração por esse tipo de narrativa, um autojulgamento moral pelas acusações de "voyeurismo, falta de empatia, má alegria, espírito necrófago, estupidez" (ibidem, tradução nossa)[10]. Nessa visão da autora, a natural pertinência dos *faits divers* para a tradução dos interesses e anseios humanos tem efeitos tão extremados ao ponto de torná-los onipresentes.

[9] "La manière dont l'insolite, l'indicible ou la catastrophe se métamorphosent en inépuisable sujet de fascination est embarrassante" (GOYET, 2016, p. 3)
[10] "[...] voyeurisme, de manque d'empathie, de joie mauvaise, d'esprit charognard, d'abrutissement [...]" (GOYET, 2016, p. 3).

Pela perspectiva jornalística, tal argumentação recai na generalização, porque reduz indevidamente todos os tipos de narrativas em *faits divers*, inclusive movimentos involuntários da existência, como o pensar e o sentir. A tragédia pode existir e ser transformada em boato ou morrer em um diário à sete chaves. Por sua vez, viraria um *fait divers* somente se passasse pelo tratamento jornalístico, caso fosse narrada pelos veículos de comunicação, satisfazendo suas características elementares.

Nesse sentido, é justamente a cautela da generalização percebida na tese de Albuquerque (2000). Em outras palavras, a narrativa jornalística não é exclusividade dos *faits divers*, ela pode permear outras notícias, reportagens, crônicas, entre outros gêneros. O que ocorre, e daí a ressalva necessária, é que nem todo texto jornalístico é narrativo – da mesma forma, nem todos os fatos da vida são narrativas prontas. Esse fator depende da particularidade e das escolhas do jornalista responsável pela apuração e redação da notícia. É justamente a ideia de Correia (2015, p. 154) ao afirmar que as notícias subsistem em uma linguagem jornalística convencionada, a qual não aparece "[...] espontaneamente como a irromper do nada no novo cenário moderno. A narrativa jornalística, assim como qualquer outro processo de formação textual, se ampara em outros relatos mais antigos [...]". Ou seja, o meio molda a prática e, esta, sofre um esquema de reprodutibilidade. E se, como bem pontua Morin (1997, p. 81), "o imaginário é um sistema projetivo que se constituiu em universo espectral e que permite a projeção e a identificação mágica, religiosa ou estética", arrisca-se afirmar que esta projeção é tanto do jornalista, com as práticas de escritas do meio, quanto do leitor, com seu esquema de identificação e consumo dessas práticas.

Essa complexidade aparentemente indecifrável dos *faits divers* é análoga à dificuldade de se explicar os seres humanos. Isso pode ser verificado basicamente nas categorias temáticas atribuídas ao gênero: os prodígios e os crimes (BARTHES, 1964). Sendo ao prodígio atribuídas questões relacionadas aos milagres, coisas extraordinárias, acidentes, desastres ou mesmo travessuras, que são as "brincadeiras" maliciosas ou mesmo "pegadinhas" de mal gosto que resultam em situações incomuns, cômicas ou trágicas. Os crimes estão associados aos tantos mistérios que envolvem extorsões, estelionatos, torturas, traições, raptos, sequestros, furtos, roubos, execuções, sacrifícios, assassinatos, extermínios, genocídios, perseguições, escravidão, exploração sexual de mulheres e crianças, entre muitos outros.

Nessa linha de intelecção, pode-se avocar a noção de Morin (1997, p. 81) de que "há sempre uma certa libertação psíquica em tudo o que é projeção, ou seja, expulsão

para fora de si daquilo que fermenta no interior obscuro de si". Tal concepção pode auxiliar o desafio de decifrar o funcionamento e a propagação dos *faits divers*. Isso porque o autor destaca que são especialmente contundentes as projeções atinentes às temáticas como as citadas acima, conferindo-lhes uma natureza ritualística.

Por outro lado, segundo Morin (1997), tal fenômeno não se restringe às temáticas horripilantes e cruentas, na medida em que outras temáticas instigam igualmente as sensações e as projeções daqueles que mantêm contatos ansiosos com as narrativas dos *faits divers*. Destaca-se que, talvez pelo seu contraste com uma realidade gris e sufocante, as pessoas busquem – mesmo que inconscientemente – algum alívio na realidade viabilizada pelo imaginário: "[…] Divertem-se nos universos idealizados onde tudo é mais intenso, mais forte, melhor. [...] o leitor ou o espectador […] identifica-se com personagens que, no entanto, lhe são estranhas, e se sente vivendo experiências que contudo não pratica" (MORIN, 1997, p. 82).

A partir dessas ocorrências, o jornalista empreende a técnica da narração cronológica para formular a divulgação do fato. Para tanto, parte de algumas premissas constituidoras não só da narrativa, mas também da escrita jornalística. Por narrativa, Motta (2004) entende a expressão literária escrita em prosa que relata uma história, sendo sua característica principal a presença de um narrador que cria personagens para guiarem sequencialmente elementos da realidade ou da ficção em um espaço-tempo determinado. Nesse ínterim, Noblat (2008, p. 69) enumera elementos indispensáveis para o texto jornalístico, tal qual frases curtas, diretas e simples para garantir um conteúdo com clareza e, portanto, democrático; bem como, a escrita "com início, meio e fim, como toda boa história deve ser contada". Ambas as afirmações são verificáveis na prática, porém, no caso dos *faits divers*, é necessário mesclá-las.

Dito de outro modo, há uma estrutura diversa em questão que passa por algumas etapas. Há, claro, a presença das práticas próprias da produção noticiosa enumeradas pelos teóricos jornalísticas, a exemplo de Chaparro (2007), Nascimento (2009), Noblat (2008), Pena (2012) e Traquina (2005). Essas práticas envolvem, em suma, descrição do evento (personagens, fatos, ações); localização no espaço-tempo; destaque de um dado importante na primeira frase do parágrafo; abordagem de ponto de vista externo, sendo o narrador uma espécie de retransmissor; e, o emprego da pirâmide invertida, técnica da área que consiste em reunir as principais informações no início do texto, sendo os parágrafos subsequentes mais descritivos e expostos em ordem decrescente de importância. Segundo Pena (2012, p. 14), "a pirâmide é 'invertida' porque no jornalismo

a base não fica no sopé, mas no topo; e o que seria só um arremate nas pirâmides originais, no relato jornalístico são os dados complementares dos essenciais, os clássicos 'detalhes' que compõem o todo da matéria".

Essa configuração de estrutura e função da notícia contém em si todas as informações necessárias para a compreensão efetiva, como se tudo o que é essencial e acessório para o envolvimento com o fato estivesse disposto no texto, bastando-se em si mesmo. Esse texto de imprensa segue, portanto, a regra das seis perguntas definidoras do fato: O quê? Quem? Como? Quando? Onde? Por quê? As notícias que acompanham essa "fórmula", na visão de Albuquerque (2000, p. 7), apesar deste ser um recurso ensinado na academia e observado na prática jornalística, "[…] apresentam grandes dificuldades de compreensão para os leitores", pois "[…] dispensa o suspense como elemento de explicação". O mesmo não aconteceria com as notícias entendidas como histórias, embora, segundo o autor, haja certa resistência dos jornalistas com essa noção.

Nas palavras de Daeninckx (2008), a despeito de uma espécie de resistência também por parte dos romancistas em aceitar a fusão com os elementos jornalísticos, seria inegável dizer que a notícia também é fonte para diversas produções literárias. Um saudável empréstimo entre as áreas. Na mesma linha, Motta (2004, p. 23-24) entende que o jornalista narra a história dos acontecimentos do presente vivido, sendo esta "uma história fugida, inacabada, aberta, mas, uma história" e, portanto, "negar às narrativas jornalísticas o caráter de história é fazer coro com a atitude positivista que negou à atualidade a dignidade de história [...]".

Essas noções ancoram os *faits divers*, os quais: abusam de um estilo indireto; seguem uma ordem cronológica; usam flashback; ampliam a importância do fato a partir da adjetivação e outros recursos linguísticos; empregam frases passivas para enfatizar o objeto da ação; alocam comentários, expressando emoções e impressões do narrador; uso do campo lexical vinculado às especificidades da notícia. Seria análogo ao que Angrimani (1995, p. 40) nomeia de "linguagem-clichê", associando-a ao sensacionalismo, vez que este "[…] não admite distanciamento, neutralidade, mas busca o envolvimento" em um movimento para chocar e "[…] fazer com que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens". A objetividade da narrativa da pirâmide invertida não propicia esse impacto.

Esses personagens, por sua vez, sempre possuem características chocantes no intuito de provocarem a emoção buscada. São criminosos; malfeitores; incendiários; bombeiros; pessoas afogadas ou mortas; assassinos ou *serial killers*; sequestradores;

ladrões; vítimas; indivíduos feridos; maníacos; policiais, entre muitos outros que figuram no imaginário popular. O envolvimento da linguagem é expresso pelos complementos circunstanciais; pelas preposições; pela exaltação das relações de causa e efeito; pelos conectores lógicos e cronológicos; bem como, pelos determinantes definidos ou indefinidos.

Tal perspectiva é postulada também por Charaudeau (2019, p. 137) ao tratar da hierarquização da informação, especialmente sobre suas estratégias de encenação a partir de dois imaginários que modelariam a identidade do sujeito que se interessa pelo "imaginário da aldeia" ou pelo "imaginário do planeta". O primeiro, da "aldeia", remete à tribo, raízes e às referências locais; enquanto o do "planeta" refere-se à perspectiva ampla, desprendida e ilimitada de perceber seu entorno. Para o autor, os *faits divers* seriam um exemplo desse imaginário da aldeia, pois trata-se das narrativas em que o indivíduo se reconhece no comum, no semelhante que está próximo e é identificado como "igual".

Há, portanto, algo que marca a distinção da narrativa literária convencionada que ultrapassa a obviedade do jornal, pois a estrutura e a função da notícia possuem elementos também percetíveis nas narrativas dos *faits divers.* O tema criminal nesse gênero, por exemplo, dispõe de potencial para narrativas dramáticas, sendo "aproveitado pelo jornalista sem qualquer cerimônia, que infla o texto e deixa as fronteiras entre real e ficção ainda mais fluidas [...]", o que gerou "[…] uma verdadeira obsessão pelo sangue no papel" (GUIMARÃES, 2014, p. 109). Segundo esse viés, guiados pela receptividade do público, os *faits divers* ganham espaços nobres nos jornais, marcados por segmentos exclusivos e de destaque nos periódicos.

Esse formato de jornalismo trouxe discussões profundas na área sobre ficção e não-ficção. O jornalista Gay Talese, ao escrever o prefácio de sua obra que reúne textos publicados em periódicos americanos no início da segunda metade do século XX, aponta que esses textos estão na classificação de "novo jornalismo" (mais conhecido como jornalismo literário, no Brasil), "nova não-ficção" ou "parajornalismo", uma clara postura pejorativa para enquadrar textos com "maior efeito dramático". Em discordância à postura dos críticos, Talese explica que o "novo jornalismo" não é ficção, apenas busca "uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos possíveis de verificação [...]" e isso é conquistado a partir da inserção do autor do texto e do exercício de imaginação (TALESE, 2004, p. 9). A tal definição associa-se o entendimento estrutural dos *fait divers*, vez que "sua fórmula reúne fato e invenção ao mesmo tempo, a ponto de

estas se confundirem, tênue linha separando real e imaginação" (GUIMARÃES, 2007, p. 327).

Conforme Noblat (2008, p. 67), mesmo para o jornalista, a "imaginação é a palavra-chave. Sem ela, o jornalista não enxerga além do fato. Por vezes, não enxerga o próprio fato. Não percebe o que ele esconde ou o que se esconde por trás dele". É nessa seara que brota a estrutura narrativa dos *faits divers*, uma vez que a subjetividade do jornalista que define o quão fecundo o texto será.

O jornalista brasileiro Humberto Werneck, no posfácio da referida obra, pontua que os textos de Gay Talese, embora ricos em histórias e personagens, não são literatura. Haveria, na opinião do autor, uma clara confusão entre a manipulação livre da linguagem para expor a realidade e a ficção. A informação, checada e verídica, não precisaria "[...] ser, goela abaixo do leitor, uma espécie de pílula para astronauta, que nutre sem a obrigação de ser palatável" (WERNECK, 2004, p. 524). Seria, portanto, um equívoco confundir a essência do texto jornalístico com simplicidade severa no emprego da língua. De fato, o jornalismo agrupa uma miríade gêneros e, obviamente, a nota de três linhas não terá a mesma profundidade de uma reportagem de três páginas – nem a mesma linguagem.

Em decorrência disso, é oportuno reforçar que "ficção não é um gênero do discurso, é uma forma de expressão humana. É uma relação intersubjetiva que os indivíduos estabelecem com a realidade" (MOTTA, 2004, p. 25). Com isso em mente, o autor destaca funcionalidades da ficção, que viabiliza a projeção de hipóteses nos diversos enunciados construídos ou analisados pelo jornalista.

No mesmo sentido, é possível conceber que "os faits divers fornecem um observatório apaixonante das sensibilidades e cultura [...] porque constituem um cimento de sociabilidade compartilhada, lançada e relançada, dia após dia" (GUIMARÃES, 2014, p. 123). São uma prática cultural institucionalizada, responsável pela manutenção de um ciclo informativo.

Dentro de temáticas surpreendentes, como o caso de um assassino de mulheres em série, a leitura racional acende um alerta comparativo e crítico com possibilidades do fato ser mesmo verídico. Ao ler um *fait divers* é difícil afirmar categoricamente que todos os elementos que integram a narrativa sejam verídicos.

Todavia, o envolvimento da mídia e do público antecedem esse período. O caso relatado por Foucault, por exemplo, na obra intitulada *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...*, narra um crime hediondo perpetrado por um

jovem de 20 anos em 1835, na França, que foi condenado e, a partir do parecer médico, conseguiu comutação da pena. A perspectiva dada pelo autor na obra destrincha diferentes vieses que codificam a opinião pública: jurídica, médica, policial e jornalística. Porém, o dossiê ficou marcado por mapear a gênese da psiquiatria forense no que tange a consideração da hipótese da inimputabilidade no caso de loucura comprovada. Todavia, o interesse neste exemplo volta-se ao papel do jornalismo durante o processo judicial.

No memorial sobre o crime de Pierre Rivière, há a transcrição de algumas notícias de jornal que caracterizam a narrativa criminal dos panfletos da França do século XIX. Similarmente, essa estrutura linguístico-discursiva também é percebida nos *faits divers* ora trabalhados. Destaca-se que tanto em um tempo como em outro, apresentam-se a valorização do exagero no discurso e nas formas, a predileção pela narração dos detalhes sórdidos e o emprego de elementos literários – com finalidades distintas ou não.

Remonta-se, nitidamente, à provocação de Foucault (1982) acerca da teleologia da narrativa detalhada. Para o autor, tais características têm o condão de controlar as proporções dos fatos e facilitar a descrição do cotidiano, inundada por peculiaridades acerca dos fatos e dos personagens. O autor destaca, ademais, o caráter ímpar conferido pela apresentação de informações e minúcias que usualmente não se julgavam dignas de representação, de modo que se viabilize algo próximo aos registros da própria memória dos homens. Significa dizer que eram fornecidos detalhes de tal modo que o imaginário do leitor projetaria um cenário concreto, tal como se estivesse recordando-se de uma experiência pretérita.

Tal fenômeno, a seu turno, é identificado por Goyet (2016) como responsável por conferir aos *faits divers* a capacidade de traduzir, pelos objetos descritos, o cenário retratado: "O objeto contém em si todo o fait divers. Ele o cristaliza, resume-o e, por que não, dá a ele um significado"[11] (GOYET, 2016, p. 9, tradução nossa). Tal imersão, conforme a autora, viabiliza que as narrativas ecoem e remontem situações familiares, porém estranhas. Aponta-se, assim, à retratação de situações simultaneamente estranhas e familiares, que alçam o sujeito à condição de potencial protagonismo, uma vez que ele consegue se projetar naquele cenário, a despeito de saber que não o fez.

Dialogando francamente com tais características, Foucault (1982) assinala que essas narrativas conferem ao público em geral a possibilidade de criar, imediata e autenticamente, a história de acordo com suas particularidades – sem ruídos ou

[11] L'objet contient en lui-même tout le fait divers. Il le cristallise, le résume et, pourquoi pas, lui donne un sens (GOYET, 2016, p. 9)

interferências a ele impostas pela hegemonia social ou outro condicionamento estruturante. Desse modo, o autor aponta que tal liberdade viabilizou a confecção de "Uma história abaixo do poder e que vem chocar-se com a lei" (FOUCAULT, 1982, p. 216). Ou seja, emana uma nova via de não estar apenas sujeito ao poder, mas também de contrapor narrativas oficiais que, seguramente, possuíam efeito mais contundente do que suas equivalências hodiernas, em decorrência da limitação dos meios sob um viés comparativo com os tempos atuais.

Na mesma toada, a veiculação dos depoimentos, alegações, assunções de culpa pelos criminosos, são apontadas por Foucault (1982) como outro elemento que conferia legitimidade às narrativas dos detentores do poder hegemônico na sociedade. Tais narrativas não eram veiculadas por clemência, mas para validar os atos violentos eventualmente perpetrados pelo Estado na promoção dos seus anseios.

Transladando-se a discussão até Bagé do início do século XX, são perceptíveis na narrativa do jornal Correio do Sul, por exemplo, pequenas menções às falas do acusado, o que direcionava a notícia mais para um movimento de indignação. Tal indignação poderia ser atribuída tanto por pena da vítima quanto por projeção de responsabilidade do acusado e da inadmissibilidade de impunidade no âmbito do sistema de justiça.

De todo modo, corroborando com o descrito por Foucault (1982), há nos *faits divers* do jornal Correio do Sul uma promoção da subordinação à lei, como se o veículo comunicacional fosse a voz ampliada da sociedade pedindo nada mais que a justiça, conforme a letra da lei. Tal desiderato revela um uso institucional do meio de comunicação e evidencia o seu impacto. Ocorre que sempre a narração vem acompanhada de um não acatamento da legalidade por parte do sistema. O jornalismo, nesse sentido, utiliza os elementos literários como ferramenta moralizante, mune-se de um lirismo envolvente para transformar seu leitor em reprodutor de uma visão particular do fato.

Como dito, a partir do final do século XIX as publicações especializadas experimentaram um crescimento considerável. Com isso, constatou-se que os *faits divers* eram um ótimo material para os jornalistas. Em seu âmago, na verdade, estão assuntos extremamente nobres, pois referem-se a fatos do terreno humano. A dificuldade no processo de produção dos *faits divers* reside justamente na prolixidade em possuir como fonte de informação vários tipos de pessoas, como as que: vivenciaram uma situação sobrenatural; perderam um ente querido, são investigadas por cometerem crimes; dizem-se inocentes; sofreram um golpe; são assumidamente criminosas. E, como notícia precisa

de fonte, de testemunhas, o desafio do jornalista reside na necessidade de se aproximar dessas pessoas para entendê-las e para contar uma boa e atrativa história.

Primordialmente, os *faits divers*, assim como a notícia, são capazes de espelhar a sociedade através da arte de contar histórias, sejam positivas ou negativas. A cada fato inesperado, o jornalista imerge em um novo ambiente social, com personagens diferentes, outros cenários e detalhamentos. Ocorre, assim, a apuração de uma notícia essencialmente democrática, porque retrata a sociedade obscura, os fatos que ninguém vê, nivela aristocracia e proletariado, situa o indivíduo no seu *habitat*, antes desconhecido. Ocorre o que Santos (2015, p. 139) define por transformação do fato em acontecimento através da mediação corporificada na narrativa jornalística, ou seja, "a notícia está ligada à realidade e ao relato da realidade. A realidade, portanto, só pode ser apreendida por meio da linguagem".

Dito de outro modo, sem as informações dos acidentes fatais reiterados em uma determinada rodovia, como que o indivíduo localizaria o perigo para se proteger? Por que escolheria outro caminho ou reduziria a velocidade no trecho indicado? O *fait divers* ensina pelo "contrário exemplo". Em vez de relatar um modelo a ser imitado (um herói, um salva-vidas), ele relata um arquétipo a não imitar (um transgressor, um criminoso). É a informação que, mesmo que pela via do espetáculo, tem o condão de libertar. Sob perspectiva diversa, Debord (2005) não reconhece o espetáculo pelo caráter informativo. Isso porque o autor reduz a comunicação a um instrumento de dominação e de cunho unilateral, responsável por promover uma segmentação da sociedade.

Apesar do enfoque distinto, é possível traçar, teoricamente, um paralelo entre a descrição de Morin (1997) sobre a cultura de massa e os elementos essenciais aos *faits divers*, inclusive quanto à temática, finalidade e estrutura. O sincretismo é colocado pelo autor na mesma intersecção entre informação e literatura na qual se situam os *faits divers*: "A cultura de massa é animada por esse duplo movimento do imaginário arremedando o real e do real pegando as cores do imaginário" (MORIN, 1997, p. 37).

A pertinência dessa acepção teórica é evidenciada também pelo recorte do objeto de análise do autor, que se centra na realidade sociopolítica do início do século XX, caracterizada por barreiras de classes sociais e níveis de educação e seu impacto na cultura. Tais constatações são validadas pela realidade apresentada nos textos do Jornal Correio do Sul veiculados em Bagé no início do século XX. Tal cultura emergente "se inscreve no complexo sociológico constituído pela economia capitalista, a

democratização do consumo, a formação e o desenvolvimento do novo assalariado, a progressão de determinados valores" (idem, p. 42-43).

Há uma espécie de fenômeno de identificação entre as pessoas, que se constitui em uma lógica de proteção capaz de alcançar seu ápice na certeza de que todo grande público é eivado de fantasias. A execução com frieza de pessoa inocente é uma informação contundente para o leitor. E é, ao mesmo tempo, uma faceta negativa dos *faits divers*. Eles têm o condão de, por vezes, desvelar o lado obscuro da sociedade e, também, as profundezas da alma humana. Esse ciclo fechado opera de maneira incisiva no leitor pois as narrativas mais fascinantes são aquelas que permanecem sem resposta.

Conforme pontua Morin (1997), as estruturas dos *faits divers* são as mesmas do imaginário. Sob o viés trágico, esse gênero narrativo resgata elementos do imaginário popular e os clarifica, evidenciando, com a muleta do sensacionalismo, fatalidades surpreendentes. Por outro lado, também pontua o autor, o modo de consumo jornalístico também atenua a presença do sensacionalismo, pois este "[...] é consumado, não segundo o rito cerimonial da tragédia, mas à mesa, no metrô, com café com leite" (MORIN, 1997, p. 115). Assemelhando-se ao processo de purificação, conforme conclusão do autor, a noção corruptiva de que o outro, ao morrer, oferece sua vida em sacrifício, dá lugar à purgação do livramento da morte em uma assertiva de: foi ele que morreu, não eu.

Tal provocação é capaz de fascinar, pois trabalha concomitantemente com o antagonismo que temos entre um fato, homens aparentemente comuns, e um gesto que é ético-moralmente insustentável, chegando-se a narrativas extraordinárias. A partir disso, os jornalistas apuram as informações para construções dos *faits* divers, pois, além das temáticas vendáveis e assustadoras, buscam satisfazer os anseios por histórias que há muito acompanham e moldam os seres humanos.

2.2 A notícia com sangue e vísceras

O jornalismo visceral é o resultado, é a prática noticiosa que se ancora no sensacionalismo. E, os *faits divers*, são a implicação desse *modus operandi* dos *media*. Contudo, a referência terminológica também promove outras significações. Recorrendo-se ao Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, percebe-se que o vocábulo "visceral" é derivado de "víscera", do francês "viscère" e de origem latina, referindo-se literalmente ao "órgão alojado na cavidade craniana, na torácica ou abdominal" (CUNHA, 2012, p. 679). No sentido figurado, o jornalismo visceral, representado pelos *faits divers*, são

expressões narrativas que escavam as entranhas sangrentas dos acontecimentos de forma a promover uma sensação visceral tanto no ato da escrita (pelo jornalista) quanto na ação da leitura (pelo consumidor do *fait divers*), remetendo também ao que está nas entranhas da própria sociedade.

O visceral é, pois, tudo que está dentro e não seria necessário nem aconselhado expor. Obviamente, como que por teimosia, retratar as vísceras promove sentimentos psíquicos diversos no público-leitor. Reação forte, porém, objetivada. Haja vista, o jornalismo visceral é assim intitulado porque se atrela tal denominação à estrutura linguístico-discursiva de veiculação das notícias. Seria possível reagir a esses textos, por exemplo, com os ditos populares "respondeu com as vísceras" ou "respondeu com o fígado", em referência aos órgãos responsáveis pelo processamento das impurezas que correm no corpo. Ademais, as vísceras, corriqueiro objeto dos *faits divers*, acenam às temáticas conexas com cenas de sangue. Logo, o consumidor desses textos seria um leitor ávido de sangue e vísceras.

O *fait divers*, enquanto jornalismo visceral, pode tanto remeter à uma seção de jornal que aborda uma diversidade de fatos aleatórios quanto fazer referência à essência de uma estrutura textual; ou, ainda, ser uma forma pejorativa de categorizar uma notícia (DION, 2007, p. 124-125). Do ponto de vista jornalístico, é análogo ao que se conhece por texto noticioso, como o próprio termo prenuncia. E, aos olhos do público leigo, tudo que a mídia divulga está na esteira "notícia", independente do assunto, forma ou estrutura. Por esse ângulo, elucidar tecnicamente o gênero notícia significa traçar as etapas de produção da maior voz de repercussão jornalística, ou seja, a "matéria-prima do jornalismo [...], pois é o texto que carrega a identidade da narrativa jornalística e, muitas vezes, é a partir dela que outras modalidades textuais em jornalismo se constroem" (NASCIMENTO, 2009, p. 84).

Essa profusão da notícia para outros gêneros pode originar, por exemplo, a reportagem, a partir do aprofundamento do fato; a entrevista, a partir da especificação ou especialização do fato; o artigo, a partir de uma avaliação sobre o fato; ou, como é aqui de interesse, um *fait divers*, a partir da inversão da ordem da narrativa jornalística e da hibridização com a literatura. Esses dois últimos elementos ocasionam, como até aqui defendido, uma linguagem-clichê, que, entretanto, não se resume a um texto "sensacionalista".

É necessária a ressalva de que não se entendem essas características como pejorativas, jornalismo "sem qualidade" ou mesmo literatura "precária". Pelo contrário,

o sensacionalismo “é basicamente uma forma diferente de passar uma informação; uma opção; uma estratégia dos meios de comunicação” marcada pela espetacularização e pela projeção (ANGRIMANI, 1995, p. 41). Trata-se, portanto, das manifestações mais profundas do ser humano, capazes de serem projetadas a partir da leitura dos casos detalhados pelos *faits divers*. Precisamente por tais capacidades que Morin (1997, p. 100) afirma que essas narrativas transcendem a normalidade ordinária, em trajetória alçada pelas temáticas exacerbadas dos atos passionais, delitos, sentimentos e fatos extremados, sendo “esse universo de sonho vivido, de tragédia vivida e de fatalidade que valorizam os jornais modernos do mundo ocidental”.

Os *faits divers* recebem tamanha evidência que o autor os caracteriza como uma “informação olimpiana, o personagem vedete é privilegiado e privilegia as situações que, para o comum dos mortais, estariam mergulhadas no anonimato [...]” (MORIN, 1997, p. 100). Elucida-se que tanto Morin (1997) como Debord (2005) utilizam “vedetização” para designar narrativas espetaculares de fatos, de modo que as “vedetas” seriam a representação dos indivíduos e uma “especialização do vivido aparente, o objeto da identificação à vida aparente sem profundidade, que deve compensar a redução a migalhas das especializações produtivas efetivamente vividas” (DEBORD, 2005 [1967], p. 37).

Porém, seja qual for a nomenclatura, esse viés espetacular permeia a sociedade. Sob o rótulo “anais da banalidade”, a jornalista Elisangela Roxo publica uma espécie de carta aberta na revista Piauí, com o título “Eu existo!”. O texto faz referência à nota “Caetano Veloso Passeia pelo Leblon e Estaciona o Carro”, acompanhada de fotografia, publicada pela profissional no portal Terra em 2011 e que é lembrada até hoje por memes e pela acusação de “assassinato do jornalismo”. Nas palavras da autora, “virou não só uma efeméride como um ímã de cliques, piadas, deboches e textões críticos sobre os descaminhos da imprensa” (ROXO, 2021, s.p.). Como não havia menção de autoria, a jornalista assume a responsabilidade pela escrita, discorrendo sobre como o “medo do cancelamento” e das críticas dos colegas a fizeram deixar o fato em segredo, principalmente porque “cobrir temas socialmente identificados como femininos e de ‘baixa cultura’ (tipo celebridades e televisão) significa arder na fogueira do desprezo acesa por colegas que se consideram mais sérios e preparados” (ibidem).

A menção ao fato também foi publicada pelo jornal Folha de São Paulo[12] para comentar o caso "inesquecível", relatando que o "retrato escancarou as vísceras de um jornalismo de celebridades disposto a caçar cliques com o mais banal dos atos, e por isso entrou na história da internet brasileira" (BALLOUSSIER, 2021, s.p.). Como bem pontua o referido texto, embora tenham mudado as relações de consumo nos bastidores das notícias, a "fome da audiência" pelo conteúdo inominável segue vívido e ainda corresponde à lógica de reprodução "mais do mesmo".

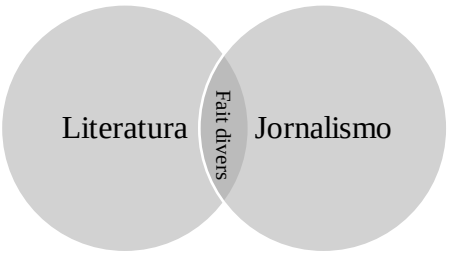
Ressalva-se que, embora a temática esteja alinhada com a banalização, o personagem Caetano – ou qualquer outra celebridade – retiram a notícia da linha característica dos *faits divers*, pois não causa espanto que, em busca da rentabilidade, um veículo de comunicação tenha de apelar a retratação de agenda de atores socialmente conhecidos. Tal fato indica que, por vezes, ocorre uma implosão do critério do interesse público em prol das necessidades mercadológicas dos *media*.

Mantendo-se a reflexão sobre a banalidade e suas múltiplas facetas, é válido ressaltar a noção de Barthes (1964) sobre a originalidade estar associada à linguagem literária, portanto indireta e elaborada, em contraste com a pura banalidade, usualmente direta, objetiva e, arrisca-se, um preceito técnico do jornalismo. Assim, volta-se com brevidade ao movimento de banalização referido por Debord (2005), retroalimentado pela sociedade do espetáculo.

Trabalha-se, portanto, diante de uma confluência envolvendo banalidades. Na literatura, resumem-se às escritas desprovidas de tratamento estético da linguagem (BARTHES, 1964); no jornalismo, a banalização foi evidenciada em relação ao funcionamento da produção e consumo de notícias na sociedade do espetáculo, bem como crítica que o distancia do interesse público (AMARAL, 2006; DEBORD, 2005; ROXO, 2021). E, na sua intersecção, as banalidades têm lugar nos *faits divers*, pois são encontradas em seu substrato fático, mesmo que a linguagem desse gênero não seja exclusivamente banal (Figura 1).

[12] BALLOUSSIER, Ana Virginia. Faz dez anos que Caetano estacionou no Leblon, e com ele a carreia dos paparazzi. Folha de São Paulo, São Paulo, 9 mar. 2021. Disponível em: encurtador.com.br/noBKZ. Acesso em: 09 jun. 2022.

Figura 1 - Representação *faits divers*



Fonte: elaborado pela autora.

Tem-se que os *faits divers* representam um misto entre jornalismo e literatura, ao contrário da pura e simples banalização exemplificada na notícia sobre o estacionamento de Caetano Veloso. Assim, Barthes (1964) enaltece os *faits divers*, diferenciando-os de uma linguagem exclusivamente referencial. Como já sustentado nesta tese, em concordância com o autor, o referido gênero narrativo é considerado literário, mesmo que se trate, para os críticos, de uma "má literatura". Tal característica, por si só, reconhece um dos seus fatores distintivos em relação aos demais gêneros jornalísticos.

Tal caráter literário é apontado como promoção por Barthes (1964, p. 15), uma vez que o autor, ao descrever a originalidade imanente ao texto literário, estabelece que "esta é uma comunicação de luxo, sendo muitos detalhes necessários para dizer pouco com precisão, mas esse luxo é vital, porque assim que a comunicação é afetiva (é o profundo arranjo da literatura), a banalidade se torna a mais pesada das ameaças". Com isso, é inevitável a identificação de tais características ao se analisarem os *faits divers*, cuja distinção se dá pelo tratamento minucioso de detalhes usualmente ignorados, bem como oferece uma resposta à afetividade responsável pela propagação do gênero narrativo.

Nesse viés, o sensacionalismo revela-se e explica-se no que Angrimani (2000, p. 42) chama de "linguagem-clichê", vista como "manipulação das pulsões do leitor". Isso se dá através das tensões entre o ordinário e o sobrenatural, referindo-se sempre às dicotomias bem definidas da vida humana, como "vida e morte", "normal e anormal", "Deus e o diabo", "medo e esperança", "crime e castigo". O código semiótico dos *faits divers*, a partir da linguagem-clichê, articula real e imaginário em uma conglobação quase provocadora ao imperativo projeto positivista da objetividade inquestionável.

Muitas vezes simplificado ao título de "notícia", defende-se ser o *fait divers* uma estratificação dessa. Estruturalmente, a notícia configura-se como a exposição ou "relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de fato, a partir

do aspecto mais importante ou interessante" (LAGE, 2006, p. 17). Assim, o jornalista resume os fenômenos de pronto, garantindo que todos os tipos de leitores captem a informação. A notícia, portanto, enquanto estrutura que se distancia da convenção literária, não narra os fatos de maneira linear, o que significaria dizer que há uma construção com rupturas no espaço-tempo, baseando-se no interesse e importância dos acontecimentos. Com o exposto, Guimarães (2007) traz essa distinção entre o que seria uma notícia "comprometida" com a informação e os *faits divers:*

> Por notícia 'séria' entendemos aquela que é comprometida com a informação fidedigna, passível de ser checada e que corresponde à ética de um jornalismo a serviço da comunidade. Esse contraponto é importante, pois está entre as características do fait divers o empréstimo de recursos da ficção para tornar a notícia a um só tempo mais interessante ao leitor e menos violenta, amenizando a cena de sangue com recursos narrativos. Isso o aproxima do entretenimento e o distancia da busca da 'verdade' (GUIMARÃES, 2007, p. 324).

Se por um lado tem-se as premissas de que "todo fato pode virar notícia" e "toda notícia é passível de desdobramentos em outros formatos jornalísticos", de outro é preciso esclarecer que "nem tudo que é publicado pelos meios de comunicação é notícia". Isso porque cada tipo de texto jornalístico cumpre uma finalidade e, esta, nem sempre é informar. É natural também presumir que a notícia jornalística deva ser pautada pela técnica e pela ética profissional. Porém, esse enfoque suscita a ideia de que os *faits divers* não seriam uma notícia "séria". Antes de se tomar essa afirmação como verdadeira ou falsa, convém refletir: o que é um texto "sério"? Atrelado ao que não pode promover o riso? Ao formal? Ao real? Ao relevante? Enfim, seria possível dispender-se totalmente da ficção em uma narrativa jornalística? Crê-se que não. Neste ato da discussão, entende-se que ainda é precoce colocar os *faits divers* à margem e, mais que isso, questionar o jornalista e profissional responsável pela produção desse gênero narrativo.

A visão de Albuquerque (2000, p. 6) auxilia na busca dessas respostas no sentido de perceber os recursos narrativos utilizados pelos jornalistas como estratégias de legitimação do discurso de verdade dos *media* e de autoridade retórica, "permitindo que eles se apresentem como intérpretes legítimos dos acontecimentos". Como relata o autor, há uma parcela dos profissionais que questionam o rótulo de notícia "séria" no jornalismo – lê-se idealmente objetiva, pois associam à "ingenuidade" ou "má-fé" a postura de negar que os processos narrativos sejam sempre ideologicamente situados.

Da mesma forma, Amaral (2006, p. 56) discorre sobre o fato dos próprios profissionais da área, que integram as instituições de poder, promoverem o rótulo que

exalta e distingue um "jornalismo de referência" e, pela mesma razão, as pessoas sem relevância econômico-social não participam das notícias, "a menos que suas ações produzam efeitos negativos". Raciocínio validado pela utilização de "famílias de classe média ou alta" como referências atreladas aos *faits divers* para gerarem empatia, conforme instruções do manual da redação do jornal Folha de São Paulo (1992).

Essa noção auxilia na contextualização dos *faits divers* no âmago jornalístico, pois associa sua existência com anseios e predisposições sociais e, portanto, inerente a jornalistas e leitor-consumidor. A produção cultural não só cria o público como identifica padronizações de interesses e isso acentua a "vedetização" dos *faits divers*, ou seja, eles "não são acontecimentos que informam o andamento do mundo; são, em comparação com a História, atos gratuitos. Mas esses atos afirmam a presença da paixão, da morte e do destino" (MORIN, 1997, p. 100).

Quanto ao ideal da objetividade jornalística, é possível traçar um paralelo com a crítica de Debord (2005) acerca das forças invasivas das relações de consumo na sociedade moderna. Para tanto, o autor denuncia que "a aparência fetichista de pura objetividade nas relações espetaculares esconde o seu carácter de relação entre homens e entre classes: uma segunda natureza parece dominar o nosso meio ambiente com as suas leis fatais" (DEBORD, 2005, p. 15-16). Nessa acepção, o autor critica a imposição das orientações de interesse do mercado e da homogeneização dos variados sujeitos.

Diferentemente da ruptura das notícias de temas ditos tradicionais, o *fait divers* pressupõem-se uma sequência temporal. Embora alguns elementos possam ser antecipados no título ou subtítulo do texto, como temática ou personagens envolvidos, há uma descrição e a presença de uma riqueza de detalhes dispensáveis do ponto de vista de "relevância" jornalística. Dizer que uma menor de oito anos de idade foi assassinada, portanto, não se basta – vai-se além: "apareceu assassinada com o ventre rasgado de cima para baixo, o corpo coberto de facadas e os cabelos cortados". Aquilo que é sórdido, portanto, interessa ao *fait divers*; é nesta seara que se faz sua estrutura narrativa.

Conforme aponta Dion (2007) e de acordo com Barthes (1964), os periódicos que adotam essas estruturas podem ser conhecidos como "inclassificáveis da informação", geralmente associados ao jornalismo popular. Já é existente este pré-conceito, no sentido literal do termo, com essa vertente da imprensa. Nesse sentido, autoras como Seligman (2009) e Amaral (2006) defendem que o jornalismo popular brasileiro contemporâneo apresenta elementos discursivos para propor um conteúdo atrativo e democrático, atingindo as camadas populares, cenário inclusive reconhecido pela Associação Nacional

de Jornais – ANJ (2006), talvez de forma exacerbada, como "Jornalismo Popular de Qualidade".

E é justamente sob o ponto de vista de crítica à adjetivação positiva de produções jornalísticas atreladas ao "popular" que Noblat (2008, p. 104) é enfático em dizer que "os jornais têm medo de apresentar os fatos como eles são. Assim procedem por incompetência, conservadorismo ou ideologia". O autor segue explicando seu ponto de vista ao traçar uma analogia entre os títulos das notícias e o Art. nº 171 do Código Penal Brasileiro. É uma clara referência aos enunciados "chamariscos" que atraem a "venda" através da falsidade e, no texto, ocorre uma profunda decepção do leitor, uma quebra contratual. Para o jornalista, a fraude desacredita o jornal. A isso acrescenta-se a descredibilização da própria profissão e dos profissionais atuantes.

É valido ressaltar que a comunicação popular se origina junto à "uma nova cultura de massa, no século XIX, e à posterior emergência dos folhetins", que, inclusive, antes de serem "publicações inteiras", faziam referência ao "rodapé das capas de jornais", contendo conteúdos diversos que não estavam na parte em destaque no periódico (NUNES, 2011, p. 491). Nesse sentido, tem-se que a história da imprensa[13] é indissociável das práticas culturais de cada época, pois não existe imprensa sem público. O leitor, no caso dos jornais, é o termômetro avaliativo das publicações. Só é produzido, publicado, porque agrada à "massa", com todas as restrições que o termo impõe. Fato retificado na era de ouro da imprensa com aumento significativo na tiragem dos jornais entre os séculos XIX e XX (GUIMARÃES, 2014, p. 106).

Disseminados nesse período, os folhetins, enquanto produtos de comunicação, podem ser admitidos como responsáveis pela mudança comunicacional advinda com a expansão dessa cultura de massa – alteração que atinge tanto a literatura quanto o jornalismo. Nos dizeres de Morin (1997, p. 90), "a cultura de massa se torna o grande fornecedor dos mitos condutores do lazer, da felicidade, do amor" e, por isso, orientam a integração entre o real e o imaginário em um movimento que promove retratação fictícia dos fatos nas notícias para influenciar que o público reproduza o imaginário na prática cotidiana.

[13] O mesmo ocorre com a história da imprensa gaúcha. Os autores Neves (2009) e Strelow (2011) trazem aspectos relevantes desta retomada do processo de formação da imprensa no Rio Grande do Sul no século XIX. Tal resgate possui alinhamento com os pressupostos teóricos aqui postos e com o próprio objeto de pesquisa, vez que o jornal Correio do Sul de Bagé fazia menções a outros periódicos gaúchos com frequência e delineava a situação da imprensa da província no contexto de referência. Não obstante, em homenagem à delimitação temática e aos procedimentos metodológicos empregados, absteve-se de exaurir esta via histórica. Porém, sua menção é indispensável para este trabalho.

É justamente sobre essa seara a crítica de Noblat (2008) ao jornalismo, que sorve o imaginário e orienta-se pelo uso de adjetivos, implicando na atribuição de juízo de valor ao fato narrado. O emprego de adjetivações como homicídio "sangrento" ou "monstruoso" emitiriam juízo de valor sobre o acontecimento, qualificando a situação e promovendo um viés específico de leitura. Nesse caso, seria esperado que o leitor tipificasse o crime apenas com a leitura do título.

Se por um lado há críticas ao jornalismo com traços de linguagem poética, do outro há críticas à marginalização da literatura que se curva ao jornal por questões econômicas. Como pontua Sodré (1999, p. 288), "a linguagem de baixa literatice dos jornais, que surpreende os que hoje percorrem as folhas do tempo" possui remota origem na República brasileira. Não obstante, tanto então como nos tempos atuais, o empobrecimento das letras é associável às imposições das elites econômicas e seus preponderantes interesses mercadológicos.

Conforme explica Nunes (2011), a comunicação "para as massas" ergueu-se em meio a críticas que questionam, até o tempo hodierno, sua função e legitimidade. Conforme a autora, o preconceito arraigado com o termo "jornalismo popular" indica a necessidade de uma nova nomenclatura, de modo a direcionar o entendimento do papel social dessa linha comunicativa. Da mesma forma, Seligman (2009) reflete sobre a definição arraigada no pensamento da maioria das pessoas: o jornalismo popular trabalhado antigamente. A imagem vista por essa gama expressiva da população brasileira se assemelha com a realidade exposta:

> Em décadas passadas, o jornalismo para as camadas populares era veiculado sobre o tripé Crime-Sexo-Escândalos, valendo-se de estratégias sensacionalistas, mensagens de duplo sentido que incitavam a curiosidade mórbida, fotos apelativas e exploração da tragédia alheia – declaradas afrontas à ética jornalística (SELIGMAN, 2009, p. 2).

Atualmente, o jornalismo popular não teria por prática rotineira, por exemplo, a execução de uma larga cobertura política (AMARAL, 2006). Esse jornalismo popular referido seria o mais atual e não o que se chamava de popular no início das produções impressas. De acordo com Seligman (2009, p. 2-3), "no lugar da linguagem chula, da escatologia e das matérias inventadas, os jornais buscam a linguagem simples, o didatismo, a prestação de serviços e a credibilidade".

A mesma resistência representada pelo surgimento do jornalismo popular é verificada com o *fait divers*. Embora se possa alocá-lo no rol de narrativas do jornalismo

popular, não é possível restringi-lo. Sua heterogeneidade o torna inclassificável (BARTHES, 1964) e, portanto, alheio ao que é findo. A essência, todavia, é verificável. Como descreve Amaral (2006, p. 57), "os jornais autointitulados populares baseiam-se na valorização do cotidiano, da fruição individual, do sentimento e da subjetividade. Os assuntos públicos são muitas vezes ignorados". Tal fenômeno é explicado pela autora precisamente porque "o público leitor, distante das esferas de poder, prefere ver sua cotidianidade impressa no jornal, e a informação é sinônimo de sensação e da versão de diferentes realidades individuais em forma de espetáculo" (ibidem). Esse direcionamento é percebido nos *faits divers*, com a proposição de tratar de temas sangrentos, fatores extraordinários ou ocultos, "[...] a imprensa, que se torna um empreendimento empresarial à época, tenta atrair leitores" (GUIMARÃES, 2007, p. 394).

Com o intuito de aprofundar esta discussão a partir da perspectiva prática, retoma-se aqui duas visões de jornalistas e escritores franceses sobre os *faits divers*. A literatura acadêmica sobre o gênero cresce exponencialmente no Brasil, mas a referência e profusão de publicações francesas contribuem para a explicação do *fait divers* ser aqui classificado como "jornalismo visceral". No prefácio de sua obra sobre os *faits divers* amorosos, o jornalista e romancista francês Decoin[14] (2014) divaga ao retomar memórias de sua infância e relatar que desde sempre o que o atraiu nesse gênero eram as "pequenas pessoas", em referência aos personagens comuns e sem grande importância histórico-social que integram essas narrativas e marcam por assombrarem, vitimizarem e delatarem. Seria, *in verbis*, os "prazeres gourmet" da vida, uma combinação perfeita de sabores materializados através da linguagem.

Há diversas perspectivas para esse fenômeno de intenso interesse. A também jornalista francesa Daeninckx[15] (2008), exemplifica que uma condenação de pena de morte, por exemplo, ao ser justificada pela "defesa do povo francês", estimula o desenvolvimento da narrativa. Textualmente, seria um "incentivo" à leitura, algo análogo ao pensamento "preciso saber o que fizeram em meu nome". É como se o rótulo de moralmente errado dos *faits divers* levassem seu consumidor a encontrar auto explicações para a leitura. É exatamente o que Motta (2004, p. 24) explana ao considerar que o leitor sequencializa as notícias em "histórias unitárias potenciais", o que oportunizaria

[14] Didier Decoin é um roteirista e escritor francês premiado que começou sua carreira como jornalista nos periódicos impressos *France Soir* e *Le Figaro*, bem como na rádio *Europe 1*.
[15] Didier Daeninckx é um autor francês conhecido por seus *romans noirs*, tendo publicado mais de quarenta romances e coleções de notícias. Antes da publicação de sua primeira obra, em 1983, atuou como jornalista em várias publicações municipais e departamentais.

“recuperar sua configuração temporal com um mínimo de consistência e a partir daí, observar o fundo moral que projetou as notícias diárias”.

Alinha-se às noções dos jornalistas franceses a singularidade da jornalista e literata Clarice Lispector ao mesclar essas duas profissões. Em 1940, estreou como entrevistadora, expondo nos jornais regados pelas premissas da objetividade um texto dialógico em que trata de temáticas de interesse próprio (LISPECTOR, 2012). Na contramão, a escritora não se atém à linha editorial do periódico, esquivando-se da neutralização e trazendo uma carga de subjetividade nas informações que apresentam tanto ela (jornalista) quanto o entrevistado.

Esse ato de escrever com cargas de subjetividade também é encontrado nos *faits divers*, assim como as temáticas paradoxalmente coibidas e consumidas pelo senso comum. Tanto é que são identificados por Guimarães (2007, p. 326) como elemento já apontado como “destoante ao processo de modernização encampado pelas elites de então por revelarem, entre outros motivos, o lado sombrio da cidade, alvo das políticas higienizadoras” (GUIMARÃES, 2007, p. 326).

Essa referência dialoga com o paralelo entre jornalismo e literatura. Sem romancear essa relação, Ajzenberg (2002) expõe que o indivíduo cria estereótipos e referências, sejam elas reais ou não, as quais rotulam tudo o quanto se tem contato durante a vida. Desde quando se visualiza a primeira notícia, em qualquer veículo de comunicação, cria-se uma noção de que tudo que vem do jornalismo está relacionado ao factual, chega a parecer palpável, verídico, uma referência e até mesmo uma fonte de argumentação.

Nesta mesma trajetória, o indivíduo pequeno também se depara com a literatura, mágica, subjetiva, tão doce quanto um casal apaixonado ou tão efêmera quanto uma paixão arrebatadora. A literatura trata, pois, de sentimentos, não de fatos. Entretanto, “os manuais e as escolas [do jornalismo] falam em objetividade, em isenção, frieza. Existem? Temo que, isoladamente, por definição, não. Mas sobrevivem como metas referenciais” (AJZENBERG, 2002, p. 53). E o que significa isso? Ora, o jornalismo estrutura-se em realidades sólidas e isso é reafirmado de forma positivista através das fontes de informação confiáveis, dos dados expostos sem arredondamento, dos valores fidedignos, da narração e descrição exata. Isso é o que o indivíduo vê. Na coxia, com a cortina fechada, dotado de subjetividade na seleção dos assuntos e construções frasais cheias de significado, que o jornalismo se aproxima da literatura. De fronte ao público, repelem-se, mantendo assim a autenticidade das áreas, a sobrevivência de ambas na esfera pública.

Analisar este embate parece uma constante indução ao erro. Trata-se de duas esferas que integram a sociedade. Traçar provocações aos atores que transitam, com exclusividade, em uma ou em outra parece impensado. Cabe transcrever a afirmação de Ajzenberg (2002, p. 55) de que "o jornalista fere no peito o escritor. O escritor repele o jornalista, por esmagá-lo, por obrigá-lo a renascer quase sempre de um mesmo patamar. Feliz daquele que, nesse embate, consegue servir, e bem, aos dois senhores". Aparentemente, os *faits divers* cumprem tal papel desafiador, conforme se pretende demonstrar com a descrição do jornalismo visceral.

3 AS ETAPAS DA PESQUISA

Este capítulo pretende elucidar a base metodológica para prosseguir com a fase analítica da investigação. Assim, descreve-se os procedimentos metodológicos utilizados neste estudo, classificado como pesquisa exploratória qualitativa. Portanto, a investigação foi dividida em três etapas que constituem as técnicas da investigação, a saber: levantamento de referencial bibliográfico e de documentos/dados, análise do objeto de estudo e análise de conteúdo. Sendo assim, todos os procedimentos metodológicos enumerados serão apresentados de forma detalhada, bem como as fases que compõem a presente pesquisa.

O vocábulo "metodologia" advém de "método" (do latim, "*methodus*"), significando "direcionamento para a realização de algo". Não por acaso que se recorre à referida palavra para explicar a dimensão estrutural dos procedimentos metodológicos nesta pesquisa. O trabalho com fontes documentais impressas, principalmente quando resultam em uma soma quantitativa elevada, como é o caso deste, podem facilmente incorrer em um desvio do objetivo previamente traçado, ou mesmo dificultar o andamento da investigação. Se a pesquisa, enquanto procedimento racional e sistemático, necessita conglobar as informações captadas com a utilização de métodos, técnicas e seleção dos demais procedimentos científicos cabíveis, as fases metodológicas aqui traçadas reforçam-se como fundamentais para formulação do problema e posterior apresentação dos resultados e reflexões finais (LAKATOS & MARCONI, 2020).

A pesquisa em foco, como um destino guiado por um mapa cartográfico, foi planejada e estruturada em fases prévias, prevendo o ponto de partida e de chegada, bem como um caminho a seguir. De posse dos documentos analisados, aqui corporificados em jornais impressos coletados no Arquivo Público Municipal Tarcísio Taborda, em Bagé, Rio Grande do Sul (RS), a pesquisa possui métodos e técnicas que permitiram lidar com as novidades encontradas neste caminho e com a identificação de cada elemento. Esse plano lógico, de sair de um ponto para chegar a outro, também possui subjetividades, próprias da abordagem qualitativa aqui adotada, pois esta não se propõe a uma estrutura rígida, permitindo que outros elementos adentrem e a pesquisa explore outros enfoques. O referido aspecto interliga metodologias, sendo o qualitativo ligado "mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas" (SEVERINO, 2007, p. 124).

Quanto ao fim, este estudo integra o grupo de pesquisa exploratória, pois está organizado em fases para propiciar uma proximidade com o problema e, assim, permitir clarificá-lo, traçando hipóteses estruturadas a partir do primeiro contato com o objeto de estudo (GIL, 2009, p. 41). Pauta-se, portanto, a partir do objetivo geral de refletir sobre as construções narrativas do jornalismo e da literatura, bem como sobre a histórica intersecção entre as áreas. A classificação da pesquisa no grupo de exploratórias permite estabelecer o referencial teórico a ser estudado, a fim de que a exploração dos conceitos seja proposta a partir de um eixo horizontal, em uma confluência de conceitos e definições para delimitar as perspectivas do jornalismo e da literatura, bem como as possíveis hibridizações nas visões teórico-práticas.

Tabela 2 - Pesquisa exploratória: fases, procedimentos e técnicas

<table>
<tr><th colspan="7">PESQUISA EXPLORATÓRIA</th></tr>
<tr><td>Fases</td><td>1</td><td>Levantamento bibliográfico</td><td>2</td><td>Análise do objeto</td><td>3</td><td>Análise de temas e significações</td></tr>
<tr><td>Material</td><td colspan="6">▪ Bibliografia relacionada à temática;
▪ Jornal impresso Correio do Sul, quase centenário, consultado no Arquivo Público Municipal Tarcísio Taborda, em Bagé, Rio Grande do Sul (RS).</td></tr>
<tr><td>Técnicas de pesquisa</td><td colspan="6">▪ Pesquisa bibliográfica: leitura, fichamento e sistematização conceitual;
▪ Análise do objeto
▪ Análise de conteúdo</td></tr>
</table>

Fonte: elaborado pela autora

O objeto da presente pesquisa, o jornal Correio do Sul, de Bagé, RS, foi selecionado a partir da primeira formação e atuação profissional da pesquisadora como jornalista, assim como de sua própria trajetória de formação acadêmica, elencando como gênero os *faits divers*, alinhando a visão jornalística com a proposta do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), área de concentração "História da Literatura" e linha de pesquisa "Literatura, História e Memória Literária". Percebia-se, empiricamente, como pesquisadora dos campos do jornalismo e da literatura, uma espécie de "dualidade" entre as áreas ou, em outras palavras, uma busca por independência teórico-científica. Desse modo, resgatar o âmago da questão em periódico do início do século XX sustenta não só uma reflexão entre as áreas, mas também

a relevância sócio-histórica de ambas na representação de uma sociedade. O gênero *fait divers*, que por essência apresenta esta confluência, foi o aliado nesta proposição.

Esse direcionamento traçado corrobora com a afirmação de Lakatos & Marconi (2003, p. 45) de que a seleção do tema da pesquisa, bem como as fontes que direcionam essa temática, "[...] podem originar-se da experiência pessoal ou profissional, de estudos e leituras, da observação, da descoberta e de discrepâncias entre trabalhos ou da analogia com temas de estudo de outras disciplinas ou áreas científicas". Nesse sentido, o caráter pessoal de pesquisas científicas está alinhado ao fato de o pesquisador precisar vivenciar o processo de investigação, pois a problemática surge a partir desse capital intelectual próprio (SEVERINO, 2007). Além disso, a individualidade nas múltiplas percepções e relações suscitadas pela pesquisa também propiciam fonte para o surgimento de hipóteses (LAKATOS & MARCONI, 2003). Todavia, é válido frisar a relevância de não confundir as percepções pessoais com a necessidade científica da impessoalidade. Para isso, o amadurecimento das questões iniciais guia-se a partir das fases metodológicas propostas (Tabela 2).

Como elemento inicial e basilar, a pesquisa bibliográfica, leituras orientadoras, foi o primeiro movimento no desenvolvimento deste estudo. Embora possa parecer autoexplicativa, esta fase constitui-se no desenvolvimento de "um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema" (LAKATOS & MARCONI, 2003, p. 158). Não é à toa que Cervo (2007, p. 79) consagra essa fase como sendo "a pesquisa por excelência", pois é na miríade de livros, periódicos, e diversos materiais acadêmicos que os caminhos vão se clarificando, surgindo hipóteses e respostas. Se a bibliografia é o retrato desta fase, imaginar um amalgamado de livros e documentos físicos e digitais para ir se delimitando as ideias iniciais o emoldura.

Neste movimento, o levantamento bibliográfico, a partir das consultas, leituras e fichamentos, propiciou encontrar divergências e aproximações nos conceitos de literatura e jornalismo, trazendo a estrutura da narrativa como base existente nessas duas áreas e consolidando o *fait divers* como um indiscutível gênero-exemplo para adentrar neste debate teórico-conceitual.

A partir da investigação preliminar relatada, deu-se a fase analítica. Em um primeiro momento, empreendeu-se a análise do objeto, baseando-se na visão de Mathieu (2011, p. 145) que elucida a relevância social do objeto de pesquisa, sendo que "[...] em toda e qualquer operação de análise, o objeto deve ser considerado tanto nos planos

material e formal quanto no plano simbólico, levando-se em conta as relações dinâmicas entre esses elementos" (MATHIEU, 2011, p. 145). Para Lakatos & Markoni (2003), o objeto da pesquisa engloba a problemática e o rol de hipóteses. Subentende-se, assim, a relevância de reservar um espaço para análise do objeto, principalmente quando se trata de objeto histórico, como o caso do jornal quase centenário Correio do Sul, criado em setembro de 1914 e que teve sua última veiculação em 2012.

O método que guia a análise do referido objeto, considera as dimensões materiais e antropossociológica. Ou seja, traz indagações sobre elementos técnicos e ideológicos, articulando-os a partir do método científico e propiciando que a realidade social seja construída a partir da articulação teórico-empírica. Assim, guia-se pela proposta de Mathieu (2011), realizando a análise do objeto em três níveis, a saber: o do próprio objeto; o dos produtores e proprietários do objeto; e, o dos contextos de significação do objeto, considerando espaço, tempo e temporalidades, meios sociais e valores culturais.

Essa proposta de iniciar a fase analítica com a análise do objeto de estudo, permitiu traçar uma visão técnica e ampla do *corpus*, considerando elementos contextuais, sociais, históricos, econômicos e culturais da sociedade gaúcha do início do século XX. Essa perspectiva subsidia a subsequente fase, intitulada análise de conteúdo (BARDIN, 2006). A escolha desta técnica está associada às suas características, que suprem a necessidade de interpretar uma diversidade de narrativas para, então, associá-las ao gênero *fait divers.* Essa análise, portanto, recorre à profundidade na verificação das notícias, ao passo que também dá ênfase na obtenção de dados qualitativos. Complementar à fase documental, essa técnica permite manipular mensagens para extrair interpretações que extrapolam seu conteúdo fático (BARDIN, 2006).

Apoiada nos levantamentos bibliográfico, documental e nos resultados obtidos por ambas as técnicas de coleta, a análise de conteúdo categoriza, descreve e interpreta os dados captados em fase inicial, possibilitando um processamento dos fatos para compreender os processos a serem investigados, que, neste caso, é refletir sobre as construções narrativas do jornalismo e da literatura, bem como sobre a histórica intersecção entre as áreas.

A seleção da referida técnica de análise dá-se em resposta à necessidade de encontrar resultados lógicos e coerentes com o conteúdo avaliado, prevendo a revelação tanto dos elementos implícitos e explícitos, tendo em vista que a análise de conteúdo trabalha com unidades linguísticas que ultrapassam os enunciados (BARDIN, 2006). Nesse limiar, ela "permite a descrição sistemática, objetiva e quantitativa do conteúdo da

comunicação" (LAKATOS & MARCONI, 2003, p. 223). Em outras palavras, os discursos e as características narrativas podem tomar forma nos textos do gênero *fait divers* publicadas nas páginas do jornal Correio do Sul.

A pré-análise compreendeu a organização do material a ser investigado. Segundo os preceitos instituídos pela técnica análise de conteúdo e descritos por Bardin (2006), a pré-análise é o momento de aproximação com o objeto de estudos e exige algumas fases subsequentes fundamentais para o andamento fluído da pesquisa. Aqui, foram empregadas as seguintes: 1) leitura flutuante; 2) escolha dos documentos; 3) constituição do corpus; 4) formulação de hipóteses e objetivos; 5) preparação do material.

A primeira etapa, da leitura flutuante, consistiu na aproximação direta com o objeto de pesquisa, no caso o jornal Correio do Sul de Bagé, a qual foi realizada presencialmente no Arquivo Público Municipal Tarcísio Taborda, na mesma cidade. O contato consiste no reconhecimento do objeto, forma de leitura e de registro, cuidados necessários com o manuseio do objeto histórico, estrutura do periódico e entendimento geral do potencial *corpus*. Esse momento precedeu a fase da escolha dos documentos, que *a priori* compreendeu a catalogação de todas as notícias que potencialmente poderiam desencadear um *fait divers. A posteriori*, já considerando os princípios após a experiência vivida na leitura flutuante e a identificação de uma quantidade expressiva e crescente destes textos, focou-se na seleção das notícias de destaque que foram potencialmente submetidas à análise nas próximas etapas.

Neste momento, o critério utilizado foi o de relevância na página do jornal (quantidade de linhas e editoria de publicação) e algum fator surpreendente ou que pudesse revelar elemento inovador. Frisa-se que, neste ato, ainda havia um processo de amadurecimento da pesquisa e o primeiro filtro estava mais alinhado com a amostragem dos temas tratados pelos textos – também se instituiu um período de coleta, referente aos primeiros anos do periódico desde a primeira edição, em 20 de setembro de 1914, justamente para viabilizar a definição do *corpus* de pesquisa.

Cabe citar, para fins de elucidação, que ao longo da coleta, dada a reiterada e extensa incidência de potenciais *faits divers* nas páginas do Correio do Sul, fixou-se o período dos dez primeiros anos de circulação do periódico. Por amostragem, verificou-se que este lapso resultaria em um *corpus* representativo e, ao mesmo tempo, viável para o período de aproximados quatro anos de pesquisa de doutoramento. Porém, como a pesquisa científica não é estanque, identificou-se que as notícias sobre caso do professor Mozart, que iria ser pormenorizado na fase analítica, estavam em ascendente publicação

no período que fecharia exatos dez anos de edições coletadas. Por isso, com o objetivo de não interromper uma sequência temática, fixou-se como *deadline* o mês de dezembro de 1924, extrapolando em alguns meses o período determinado inicialmente.

Sendo assim, a constituição do *corpus* fixou-se seguindo as regras definidas por Bardin (2006): exaustividade; representatividade; homogeneidade; e, pertinência. Neste momento, seguindo a ideia de captar notícias que fossem potenciais *faits divers* baseadas na temática, a regra exaustividade é justamente não deixar de fora nenhuma notícia alinhada a tal critério, sendo todas mapeadas e registradas – tanto em imagem quanto em tabela. Esta definição também exige que a amostragem coletada fosse representativa o suficiente para levar às reflexões desejadas na pesquisa, sendo que sua homogeneidade diz respeito ao alinhamento da coleta aos critérios rígidos de seleção. Ou seja, se o foco eram as notícias com temáticas que gerassem potenciais *faits divers*, por exemplo, não foram coletadas propagandas e/ou publicidades da época. Por fim, a pertinência foi considerada, levando em conta a necessidade de as notícias serem fontes de informações suficientes e alinhadas com a problemática da pesquisa.

Adota-se a concepção de que documentos são indiscutíveis e relevantes fontes de dados para os estudos qualitativos, entendendo o vocábulo "documento" de forma ampla, associado a todo tipo de material escrito, incluindo os jornais impressos. Para Lakatos & Markoni (2003, p. 159), existem dois tipos de documentos, aqueles coletados em fontes primárias, como dados históricos, arquivos oficiais, registros em geral etc.; e, aqueles retirados das fontes secundárias, que seria a imprensa e as obras literárias. Adicionalmente, cabe referir que embora esta pesquisa utilize jornais impressos, produzidos pela imprensa à época, estes materiais foram coletados em arquivo público e são catalogados também como dados históricos tanto do ponto de vista local, quanto regional e nacional. Reflete-se, portanto, que pode ocorrer sobreposição entre as fontes, podendo haver a transição dos documentos entre ambas as classificações propostas pelas autoras.

A codificação integra a segunda etapa, referente à exploração do material da análise de conteúdo. O termo pode traçar analogia com as Ciências Exatas, vez que objetiva reduzir em códigos (frases, palavras, símbolos etc.) a totalidade do *corpus.* Na visão de Bardin (2006, p. 103), este momento da pesquisa "corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma

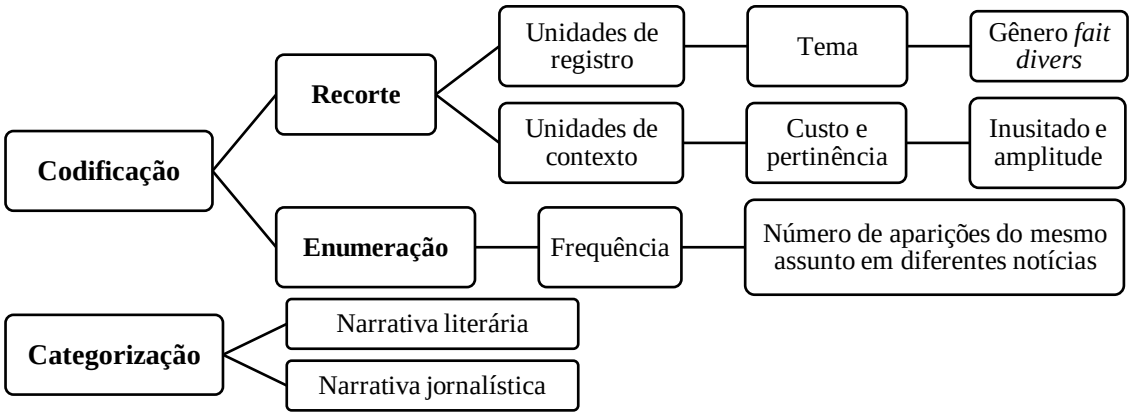
representação do conteúdo, ou da sua expressão". O referido processo, envolve, portanto, algumas ações sucessivas: recortar, enumerar e classificar.

O recorte, ainda nessa linha teórica, divide-se em unidades de registro e unidades de contexto. A primeira, de registro, é comumente associada ao recorte semântico, sendo aqui atribuída sua existência ao "[...] ponto de intersecção de unidades perceptíveis (palavra, frase, documento material, personagem físico) e de unidades semânticas (temas, acontecimentos, indivíduos) [...]" (BARDIN, 2006, p. 107). Ou seja, os enredos (temáticas) que envolvem a elaboração de um *fait divers* utilizam o gênero textual como unidade de registro, assim como o jornal impresso pode ser a unidade de registro para o *fait divers*.

Nesse sentido, a unidade de contexto traz a compreensão global (externa) à unidade de registro definida. A definição desta unidade apresenta a reflexão a partir dos critérios de "custo" e "pertinência", a fim de limitar as amostras do *corpus* sem comprometer o objetivo da investigação ao passo que também garante sua aplicabilidade. No caso, os potenciais registros do gênero *fait divers* foram filtrados a partir de dois elementos: nível de inusitado do assunto e amplitude da narrativa (número de linhas e continuidade em outras edições do jornal).

A partir deste recorte, parte-se para enumeração. Neste ponto, avaliou-se o modo que seria feita a contagem do *corpus*. Pela amplitude numérica das notícias pré-selecionadas, optou-se pela "medida frequencial", a qual orienta a maior importância de uma unidade de registro conforme "a frequência de aparição" (BARDIN, 2006, p. 109).

Gráfico 1 - Resumo da aplicação da técnica da análise de conteúdo



Fonte: elaborado pela autora conforme Bardin (2006).

A partir da codificação, iniciou-se a configuração do sistema de categorias. Conforme aponta Markoni e Lakatos (2018, p. 133), "o estabelecimento de categorias é também de grande valor [...]. Todavia, o que é importante não são as categorias propriamente, mas as subcategorias, pois nelas é que estão inseridas as unidades de análise".

A lógica de encadeamento aqui adotada partiu da problemática instaurada para pesquisa: como são representadas as estruturas narrativas do gênero *fait divers* a partir da imbricação jornalismo-literatura no jornal Correio do Sul de Bagé, RS, especificamente no segundo decênio do século XX? Para responder tal indagação, empenhou-se no estabelecimento de categorias amplas que permitissem apurar o olhar para a presença dos elementos literários e jornalísticos na constituição do gênero *fait divers*. Como as categorias não se bastam, pois a generalidade dos termos impossibilita o levantamento das inferências, cada categoria contou com subcategorias excludentes entre si.

Expõe-se, portanto, duas categorias: narrativa literária e narrativa jornalística. Destas, destacam-se características e elementos constitutivos que geram as subcategorias conforme alguns pressupostos, baseados em Bardin (2006). O primeiro, "exclusão mútua", volta-se ao fato de facilitar o enquadramento dos itens em apenas uma categoria/subcategoria. O segundo, "homogeneidade", prevê que a categorização apresente uma mesma lógica divisiva e, assim, possa gerar comparações entre si. O terceiro pressuposto é a "pertinência", ou seja, a necessidade de alinhamento com os preceitos teóricos da pesquisa. O quarto, "objetividade e fidelidade", diz respeito à necessidade de que todos os materiais possam ser avaliados da mesma maneira. Por último, o quinto pressuposto é sobre "produtividade" que, em outras palavras, refere-se ao fato de propor categorias que possam gerar os resultados esperados pela investigação em curso. Com essas considerações em mente, determinou-se o seguinte quadro:

Tabela 3 - Categorização

Categorias	**Narrativa jornalística**	**Narrativa literária**
Subcategorias	Realidade	Representação de mundo
	Ineditismo	Universalidade
	Atualidade	Atemporalidade
	Linguagem referencial	Linguagem poética
	Interesse público	Propósito social

Fonte: adaptado pela autora de Erbolato (1978) e Flach (2018).

É válido ressaltar que a narrativa jornalística de notícias possui características que, mesmo não sendo limitadoras para sua descrição, parecem um caminho viável para compreender a matéria-prima do jornalismo. As subcategorias aqui estruturadas são baseadas nos cinco elementos previstos por Erbolato (1978) para composição de uma notícia: recente, inédita, verdadeira, objetiva e de interesse público. Aqui, instituiu-se realidade, ineditismo, atualidade, linguagem referencial e interesse público. Entende-se, portanto, "realidade" como um compromisso com a veracidade dos fatos; "ineditismo" como aquilo que é novidade, nunca visto; "atualidade" como o ato de divulgar fatos cotidianos, recentes; "linguagem referencial" como propósito dos jornalistas de redigirem um texto informativo, isento, objetivo, claro e imparcial; e, "interesse público", pois as notícias são baseadas no interesse do leitor, vez que isso determina a potencial repercussão do acontecimento noticiado.

A narrativa literária, por sua vez, possui caráter ficcional e expõe uma representação da realidade apoiada em uma preocupação estética. Adaptando-se as noções defendidas por Flach (2018), pode-se propor as seguintes subcategorias para sintetizar as narrativas literárias: representação de mundo; universalidade; atemporalidade; linguagem poética; e, propósito social. O ato de representar o mundo está intimamente relacionado com a narrativa ficcional remeter à realidade, pois é verossímil para fazer sentido ao leitor, mas não possui o compromisso de refletir a realidade justamente por representar, "imitar", "imaginar". A arte estética que enreda a literatura não transforma tais verbos de ação em pejorativos, pois seu limite semântico está em trazer a literatura como uma "representação (metafórica, multissignificativa, subjetiva)" da realidade, "que se vale das potencialidades da linguagem para produzir novos sentidos" (FLACH, 2018, p. 30-31).

Tal potencialidade da narrativa literária lhe confere acentuada verossimilhança, conforme remotamente apontava Aristóteles (1991). Segundo o filósofo grego, a narrativa literária transcendia os limites fáticos e particulares que caracterizam as narrativas históricas, pois pode versar sobre tudo aquilo que poderia ter acontecido, algo que "parece" verdadeiro, que decorreria de desdobramentos lógicos ou projetáveis pelos indivíduos. Essa noção confronta a ideia de que o próprio jornalismo retrata, pura e simplesmente, uma realidade, pois nessa perspectiva adotada não existiria "realidade", mas sim "realidades". Dessa forma, operam-se os vastos limites da narrativa ou do drama que defluem das diversas projeções que podem ser feitas sobre os acontecimentos retratados.

Tal ação, para Aristóteles, caracteriza o agir do poeta, em contraste com aquelas funções que, atualmente, são atribuídas de forma exclusiva a diferentes profissionais (jornalistas, historiadores, escritores filósofos etc.). Nas palavras do autor, "[...] não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade" (ARISTÓTELES, 1991, p. 256). Para o filósofo, o poeta deveria falar o menos possível por conta própria, evitando-se a imitação tão natural ao ser humano de forma a viabilizar a exploração dos limites daquilo que pode ser categorizado como falso, maravilhoso ou irracional – eixos que podem ser razoavelmente explorados pelo poeta em sua atividade precípua.

Conforme análise de Eudoro de Souza sobre as obras de Aristóteles, isso significa dizer que "[...] pelo lado da verossimilhança, haveria um ponto de contato entre história e poesia; contudo, a poesia ultrapassa a história, na medida em que o âmbito do acontecível excede o do acontecido" (SOUZA, 2019, p. 312). Tal análise, conforme concebida por Aristóteles (2019, p. 283), preceitua que "na poesia é de preferir o impossível que persuade ao possível que não persuade". Esta crença, inclusive, é possível de ser atrelada à estruturação dos *faits divers*, pois este narra "realidades" possíveis e verossímeis.

Seguindo esta linha, a narrativa literária, bem como o *fait divers*, é universal porque as temáticas estão ligadas ao vivido, ao comum, e não necessariamente a assuntos originais. Porém, isso não significa que a narrativa literária não seja criativa. Muito pelo contrário, pois permeia diferentes tempos, culturas e contextos, empenhando a função poética da linguagem, dotada de liberdade artística e criatividade. Esse tipo de linguagem permite uma transposição do espaço-tempo com fluidez suficiente para uma obra ser escrita há um século ainda ser consumida hodiernamente.

Especificamente sobre as duas funções da linguagem aqui elencadas, convém dissertar sobre um adendo. Partindo do clássico esquema da comunicação "referente, emissor, receptor, canal, mensagem, código", Roman Jakobson propôs um modelo acerca das funções da linguagem, que também são seis: referencial, emotiva, conativa, fática, poética, metalinguística (MARTINO, 2009). Ao rememorar a noção de que a linguagem possui uma variedade de funções, as quais se definem de acordo com a ênfase posta em fatores constitutivos de qualquer ato de comunicação verbal, neste momento cabe atentar-se à função referencial e à função poética – não de forma estanque, mas se utilizando da classificação como ponto de partida para a perspectiva histórico-social aqui defendida.

Obviamente, como tratado até aqui, a perspectiva comunicacional adotada opõe-se a superficialidade prevista pela proposição de Jakobson, pois esta ignora elementos caros a esta pesquisa, como aspectos ideológicos, sociais e culturais do discurso. Porém, sendo noções defendidas nos Estudos da Comunicação, são consideradas válidas para guiar um processo analítico complexo e vasto.

Feito este adendo, considera-se relevante rememorar alguns aspectos das funções referencial e poética da linguagem. A primeira função, referencial, está centrada ao tema e ao que está no plano histórico ou biossocial, extrapolando a situação de comunicação, a exemplo da notícia. A segunda função, intitulada como poética, possui o foco na "mensagem", sendo esta última a expressão linguística do conteúdo, o texto propriamente dito. Todavia, entende-se que o texto significa, mesmo quando centrado no que é escrito, como é o caso do *corpus* desta análise. Por isso, exacerba-se esta noção para uma perspectiva dialógica e ampla no processo analítico aqui adotado.

Assim, nem só as funções predominantes da linguagem diferenciam a narrativa literária. A última subcategoria elencada, propósito social, está associada às finalidades de cunho didático, social e moral intencionalmente levantadas pelo texto ficcional. A ficção, portanto, não estanca ou limita pensamentos: "o texto literário assume uma função essencial, de redimensionamento da realidade, de valores, de organizações sociais, levando o leitor, inclusive, a posicionar-se criticamente" (FLACH, 2018, p. 31).

A referida noção sobre a multiplicidade de sentidos estimulada pela literatura é proposta pelo teórico Todorov (2009 [1939]), que traz uma visão bastante assertiva sobre o perigo de reduzir a literatura ao segundo plano, estudando-a apenas e somente como textos sob o ponto de vista da análise estrutural e relegando sua força essencial que é gerar novas perspectivas sobre o mundo a partir de um discurso interpretativo repleto de sentidos.

Afastando-se da visão instrumentalista e utilizando-se do lirismo literário para sua conceituação, o autor defende que a literatura teria valor em si própria porque o permite "viver". Essa síntese, embora objetiva, define precisamente a literatura: é viver porque coloca os indivíduos defronte a novas experiências, como se o relógio nunca parasse; é viver porque a cada volta completa do ponteiro, novos sentidos são postos e outros tantos ampliados; é viver porque quanto mais tempo passamos com a literatura, mais o mundo se amplia. Em termos literais, a literatura origina e viabiliza: "[...] sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela

permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano" (TODOROV, 2009 [1939], p. 24). Logo, os procedimentos analíticos que permitem compreender esses múltiplos sentidos postos pela literatura.

Os resultados advindos da etapa de codificação e da categorização constituem os dados brutos da pesquisa. Nas palavras de Bardin (2006, p. 88), "a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)". Isso significa dizer que, embora se descreva o conteúdo do *corpus*, o foco dá-se nos efeitos e conclusões que esse conteúdo proporciona após ser tratado. As etapas anteriores a este momento da pesquisa, guiadas pela categorização estipulada (Tabela 3), permitem revelar de maneira objetiva e sistemática "o que se diz" nas mensagens.

Metaforicamente, seria como as pistas do detetive em ação, representadas pela descrição crua do texto. Sequencialmente, cada vestígio é organizado e associado a um determinado suspeito ou caso. Logo, a manipulação que o profissional faz do material coletado que, de fato, pode levar à resolução do mistério. Sem essa interpretação, as pistas são um fim em si mesmas. Assim, nesta pesquisa, as notícias só podem proliferar sentidos a partir desta etapa instituída na técnica da análise de conteúdo aqui aplicada.

Porquanto, a totalidade de notícias foram codificadas e categorizadas, considerando, à primeira vista, maior alinhamento com as características dos *faits divers* (BARTHES, 1964; DION, 2007) e o critério de duas ou mais notícias sobre o mesmo tema em edições do jornal Correio do Sul. Diz-se que essa aproximação com o gênero foi analisada de forma preliminar porque, de fato, foi nesta etapa o tratamento do conteúdo, sendo promovida a análise prevista. Já o critério de seleção baseado na ocorrência de uma notícia deu-se com o objetivo tanto de facilitar a filtragem, considerando-se a amplitude do *corpus*, quanto pela premissa de que um caso que mereça mais de uma inserção no jornal possui potencialmente maior impacto na sociedade local – isso presumindo que o conteúdo veiculado nos jornais sejam pautados pelo "interesse público" e pelo "interesse do público".

Considerando os pontos até aqui levantados, as publicações foram divididas seguindo os grupos temáticos pré-definidos na pré-análise desta pesquisa: homicídio, suicídio e ocultismo. Essas subdivisões serão detalhadas no capítulo sequencial. Como dito, todos os casos analisados em detalhamento possuem duas ou mais notícias publicadas nas páginas do jornal Correio do Sul.

4 A ÚLTIMA NOTÍCIA: RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

O referido capítulo tem como objetivo apresentar a pesquisa, bem como explicitar a base de compreensão contextual e analítica da pesquisa empreendida. Para tanto, parte-se da caracterização do objeto de estudo para, a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2006), articular os pressupostos teóricos com os resultados obtidos na análise.

É de suma relevância apontar que a leitura da parte analítica respeitou o emprego da Língua Portuguesa vigente à época. Na descrição das notícias, os trechos sinalizados com aspas são transcrições literais do jornal. Optou-se por essa prática, pois entende-se que a linguagem é um recurso da história humana, sendo possível verificar a potencialidade e historicidade discursiva do idioma nos textos analisados. Algumas palavras são escritas cada vez de uma forma, por exemplo, o que remete à história da imprensa e à dificuldade da correção do "erro" na prática da datilografia. Outros termos aparecem com similaridade aos vocábulos do espanhol, marcas visíveis principalmente por Bagé ser uma região fronteiriça do país.

4.1 Várias edições, um só produto: o jornal Correio do Sul

Este item possui o objetivo de discorrer sobre o objeto de pesquisa desta tese: o jornal Correio do Sul, publicado em Bagé, Rio Grande do Sul, de 1914 a 2012. Quase um século de história. Ou, dito de outra forma, quase um século retratando histórias. Empiricamente, não é possível negar a relevância social deste periódico para resgatar a história de Bagé. Concorda-se, neste sentido, com a acepção de Mathieu (2001, p. 144-145) sobre o objeto de pesquisa ser "um fenômeno social total", ou seja, "um testemunho excepcional da sociedade de cuja historicidade constitui um aspecto".

Em alinhamento com o autor, os estudos desenvolvidos a partir do referido periódico apresentam múltiplas "representações, alusões e simbólicas várias e compósitas que dizem muito sobre a cultura material e espiritual das comunidades humanas. [...] Ele é, continuamente, um objeto memória. Possui papeis e poderes" (MATHIEU, 2011, p. 145). Com efeito, tamanha a profundidade e a complexidade das informações retratadas no *corpus*, a pré-análise constitui suficiente material para ancorar esta e outras pesquisas, porém é focalizada de acordo com a satisfação dos objetivos da pesquisa.

O poder do objeto deste trabalho é refletido por suas potencialidades quase irrestritas de pesquisa. Em outros termos, não há como abarcar todas as significações

prospectadas da análise, pois os textos que integram o jornal tratam de uma sociedade integral e dinâmica, com suas potencialidades e suas mazelas, expressadas principalmente através do gênero narrativo *fait divers*, enfoque direcional desta avaliação.

Também compete destacar o impacto das contribuições inerentes à estrutura narrativa dos *faits divers*. Isso porque, usualmente, retratam ínfimos e sórdidos detalhes dos fatos que envolvem as relações da vida em sociedade. O detalhamento viabiliza a superação das barreiras temporais e dos registros tecnológicos, a exemplo da imagem ou do vídeo, promovendo uma imersão na realidade tratada.

Portanto, conforme Mathieu (2011), os três níveis aqui empreendidos para caracterizar o jornal Correio do Sul, são: objeto; produtores e proprietários do objeto; contextos de significação do objeto (espaço, tempo e temporalidades, meios sociais, valores culturais).

4.1.1 Descrever para conhecer

Os tópicos de questionamentos propostos por Mathieu (2011), foram adaptados ao objeto em questão em categorias para guiarem as reflexões. São estes: cenário; cor; data de fabricação; modo de aquisição; custo ou valor; utilizações: lugares, tempos, circunstâncias; usos e funções primárias e secundárias; proveniência; categoria; modelo; tipo; relação com outros objetos; material(is); técnica(s) de fabricação; características morfológicas; estilo/hibridação; periodicidade; e, atualidade.

Nesse sentido, sabe-se que a análise científica é orientada às pretensões do pesquisador. Assim, apesar da amplitude do objeto, "é nas preocupações intelectuais do pesquisador que a operação global de análise (e de contextualização) encontra unidade, coerência, justificação e pertinência" (MATHIEU, 2011, p. 149).

Embora a descrição não se esgote nas categorias supracitadas, que representam visões acerca do objeto em questão, juntas conseguem delinear um panorama do jornal impresso aqui posto. O cenário, especialmente, é um item indispensável para o processo analítico, por se tratar de um produto sócio-histórico. De antemão, portanto, reproduz-se uma tabulação com um resumo da fase analítica, para, na sequência, serem traçados comentários mais detalhados (Tabela 4).

Tabela 4 - Panorama geral do objeto

Questão	Análise
Cenário	Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil, início da 1ª Guerra Mundial. Era de Ouro dos jornais, conhecida por Sodré (1999) como a fase da "Grande Imprensa", momento em que os anúncios dominavam as grandes páginas dos jornais e o espaço para informação era reduzido. Desde a primeira edição, o Jornal Correio do Sul possui cerca de 60% do jornal dedicado aos anúncios. O referido jornal surge junto com um cenário de mercantilização da notícia. É possível aferir, por exemplo, inclusive anúncios imitando notícias ou notas misturadas livremente e sem qualquer distinção da informação ali posta. O jornal impresso, até então, era o único meio de comunicação – após, abre a competição com o rádio a partir da década de 20. A primeira transmissão de rádio, no Brasil, foi em 7 de setembro de 1922 durante a exposição comemorativa do centenário da independência. A aprovação da televisão doméstica surgiria em 1941 com o início da 2ª Guerra Mundial.
Cor (cores)	À época, impresso em preto e branco.
Data de fabricação	A partir de 20 de setembro de 1914 – data emblemática, pois comemora-se, no Rio Grande do Sul, o início da Revolução Farroupilha, iniciada em 20 de setembro de 1835.
Modo de aquisição	Arquivo Público Municipal Tarcísio Taborda, em Bagé, Rio Grande do Sul.
Custo ou valor	Havia um valor para as assinaturas e para o avulso. Comprado no dia, em dados de 1914, a primeira edição custaria 100 Rs (valor monetário equivalente a mil-réis, moeda da época).
Utilizações: lugares, tempos, circunstâncias	Utilizado como canal de informação, publicidade e entretenimento. Apresentava-se, principalmente, como veículo de publicização política, com vertente ideológica clara e anunciadamente um jornal de oposição e resistência ao borgismo e a ao castilhismo.
Usos e funções primárias e secundárias	Prioritariamente, o jornal servia para o jornalismo político e informação para as elites, dado o alto nível de analfabetismo em Bagé, à época. Paralelamente, possuía de uma a três páginas completas com anúncios, desde produtos até classificados em geral. Também trazia poesias, poemas e textos literários, embora em menor quantia.
Proveniência	As notícias advinham de fontes locais ou regionais – em sua maioria, com enfoque político preponderante. As principais narrativas e *fait divers* da época não são locais. Há uma clara associação com reproduções europeias, marca do estilo europeu da década de 1910 no país. Nesse aspecto, percebe-se ampla reprodução de fatos primeiramente publicados em jornais internacionais, principalmente da Europa, e de jornais de referência no país. Há algumas hipóteses para tal ocorrência: acredita-se que a localização de Bagé, região fronteiriça do Rio Grande do Sul com o Uruguai, restringia o acesso aos fatos pela população dispersa em grande amplitude territorial, situação agravada pela parca profissionalização na área – o que tornaria difícil a coleta e produção de pautas mais complexas e com o fator "surpreendente" que se espera em um *fait divers*. Não bastasse isso, havia um alto analfabetismo local, inclusive com dados presentes nas notícias, bem como dificuldades técnicas com a impressão do periódico.
Categoria	Jornal.
Modelo	54cm de altura x 42cm de largura – fora dos padrões conhecidos no jornalismo Tabloide e *Standard*.
Tipo	Impresso.
Relação com outros objetos	Fazia menção a outros jornais gaúchos, tanto com comentários elogiosos ou críticos. Havia muita reprodução de notícias, colocadas inclusive em citação direta, de outros jornais estaduais, nacionais e internacionais.
Material(is)	Papel e tinta.
Técnica(s) de fabricação	Máquinas de impressão.
Características morfológicas	As edições possuíam seis páginas, impressas frente e verso, sendo cada página dividida em seis colunas. No cabeçalho da página de abertura (capa), abaixo do nome "Correio do Sul" sem logo, a escrita "publicação matutina em edições diárias de 4, 6 e 8 páginas" caracterizava os jornais.
Estilo/hibridação	Literário, prolixo e ideológico.

Periodicidade	Diz-se diária, mas há espaçamento em alguns fins de semana ou mesmo durante a semana.
Atualidade	Notícias locais aparecem na edição seguinte, mas normalmente como "nota" mais enxuta e, na próxima publicação, é apurada e detalhada. Notícias nacionais e internacionais possuem uma atualidade prejudicada, com interregnos semanais e mensais, pois informações dependem do envio de telegramas.

Fonte: elaborado pela autora.

É válido ressaltar, para fins de detalhamento do quadro de panorama geral do objeto, que em 17 de julho de 1920 o jornal publicou uma nota na editoria "Factos Diversos" com o título "O reaparecimento do 'Correio do Sul'". Ocorreu que o periódico ficou 25 dias sem realizar suas impressões. A nota explica que, em uma mudança para novo prédio, houve uma "lamentável" imperícia do mecânico responsável por montar a máquina de impressão. Não há descrição da máquina utilizada, porém, segundo Molina (2015, p. 219), no começo do século XX os jornais brasileiros iniciaram a substituição das chamadas "máquinas de impressão plana" para as "rotativas", sendo que, no interior, um equipamento intermediário muito utilizado foi a "máquina rotoplana". Isso porque, à época, as rotativas possuíam alto custo. Além do equipamento, o papel também era escasso e caro, sendo que, "até 1913, o Brasil só tinha duas empresas de papel de dimensão razoável" e nenhuma realizava produção de papel destinada aos jornais. Inclusive, por muito tempo, esse produto produzido no país era mais caro do que o papel importado – situação só alterada com as políticas de incentivo do governo Getúlio Vargas (MOLINA, 2015, p. 220).

Nesse cenário, era um alto investimento manter um jornal com mais espessura, considerando um aumento no número de páginas. Sugere-se que, por essa razão, sempre quando o jornal apareceu com mais de seis páginas, as demais eram preenchidas integralmente por anúncios. Ainda quanto às características morfológicas do produto, é válido considerar a estrutura interna do jornal, que, em sua primeira edição, possuía as seguintes "secções": coluna intitulada "Trireme - secção de chronicas quotidianas"; "Alpha", composta por "pequenos annuncios"; "dados interessantes"; "lição dolorosa"; "vida religiosa"; "theatros e artistas"; "diversões e reuniões"; "vida esportiva"; "hospedes e viajantes"; "jubilos sociaes"; "factos diversos". Percebe-se que as seções são levemente variáveis nas edições seguintes, a exemplo da "secção telegrammas" que já iniciou fixa a partir da segunda edição. A seção "factos diversos", que especialmente interessa a esta pesquisa, aparece fixa desde a primeira edição e, normalmente, é dividida em três colunas. A quarta edição também apresentou uma seção nomeada "Diversos", além da já instituída "Factos Diversos". Na sexta edição, surge a "secção assumptos vários – gentilezas de

colleguismo", um espaço para trocas de gentilezas entre o periódico e outros veículos da imprensa.

Retornando à questão da seção "Factos Diversos", pontua-se ser a tradução literal do gênero "*Fait Divers".* Porém, mesmo possuindo idêntica nomenclatura, o espaço era utilizado para noticiar assuntos aleatórios que normalmente não cabiam nas demais divisões do periódico. Por "diverso", portanto, entendia-se literalmente todo amalgamado de fatos, inclusive o fato de a redação do jornal receber uma couve-flor gigante de 8 quilos[16].

Conforme Pimentel (1940, p. 32), na obra *Aspectos gerais de Bagé,* a imprensa da cidade, à época, era evidenciada "pelo patriotismo com o qual sempre defendeu as idéias e os grandes interesses do nosso Estado". O autor também registra a data de publicação do primeiro exemplar do jornal Correio do Sul, coadunando com o identificado nesta pesquisa: 20 de setembro de 1914.

Voltando-se à realidade de Bagé no século XX, destacam-se as palavras de Hipólito (1963, p. 133) na obra *Anais de Bajé,* na qual o autor elucida que "A imprensa, com o magistério da palavra escrita, sempre oferece aos leitores uma nova e brilhante cátedra, numa evangelização, das mais fecundas verdades econômicas, sociais e políticas". Nesta fala, percebe-se a noção da população local sobre o jornalismo e sua aliança supostamente inarredável com a veracidade dos fatos – afirmação preocupante em um cenário democrático.

Em que pese a crítica acerca das "certezas" do público em relação às intenções dos jornalistas e das posições vertidas pela mídia escrita, é incontornável o espelhamento da sociedade efetuado pelas exposições do jornal. Conforme aponta Guimarães (2014, p. 106), "A história da imprensa é indissociável das práticas culturais de cada época, pois não existe imprensa sem público. O leitor, no caso dos jornais, é o termômetro avaliativo das publicações. Só é produzido, publicado, porque agrada à 'massa'". Com isso em mente, o jornal é responsivo à realidade social da época de referência.

Nesta toada, Fanfa Ribas, editor do Correio do Sul, é citado por Hipólito (1963, p. 134) como "inolvidável" com sua atuação "na febricitante década das revoluções de 22, 23 e 30, à verdadeira consagração na opinião pública!". Isso atesta a relevância do veículo comunicacional no seio da sociedade bageense – e mesmo nacional – no período de coleta. O autor computa que Bagé possuiu, até 1963, a monta de 254 jornais, tendo

[16] Correio do Sul, 20 jul. 1917, p. 4.

inclusive um jornal publicado em seis idiomas, bem como outro com um endereço credenciado em Paris, na França.

A mesma obra possui um apanhado dando conta de que, poeticamente, o primeiro jornal da cidade de Bagé era nominado "Aurora de Bagé", conforme registro datado de 10 de setembro de 1861. O periódico pertencia a Izidoro Paulo de Oliveira, sendo uma "fôlha de pequeno formato" com publicação às terças e quintas-feiras, bem como domingos. O mesmo personagem lançou, dois anos depois, em 1863, outro jornal, "O Bageense", publicação de cunho político, comercial, literário e noticioso. Anos mais tarde, em 1868, é lançado o periódico "O Arauto", que possuía Carlos José Teixeira como redator.

Prosseguindo-se com a breve linha do tempo, o autor pormenorizou que: em 1873, lançou-se o "Cruzeiro do Sul", dirigido pelo jornalista A. Ibipuitan de Freitas; em 1886, inaugura-se o jornal "União Liberal" com periodicidade diária e que possuía "um agente na França, precisamente em Paris"; na sequência, é lançado o "Folha do Sul", um jornal "do Partido Republicado, movendo sempre tenaz campanha contra os federalistas e seu chefe Gaspar Silveira Mastins, publicando editoriais violentos de ataques ao tribuno exilado na Argentina"; em 1898, "surge ESCRINIO, cuja proprietária e redatora era Andradina de Oliveira", que trouxe em sua primeira edição um editorial sobre as mulheres (HIPÓLITO, 1963, p. 144-151).

Pontua-se que o Correio do Sul é lançado junto a diversos periódicos nas duas primeiras décadas do século XX, considerando-se tão somente o cenário bageense: O Comercial; O Farol; A Semana; O Plenilunio; O Dever; O Secreto; A Notícia; O Cruzeiro; O Pensamento; Guaraní; Éco da Verdade; Constelação; O Alfinete; A Cavação; A Tarde; O Pergaminho; Correio do Sul; O Imparcial – sucessivamente (idem).

Prosseguindo-se com a análise da ontogênese do jornalismo de Bagé, tem-se a concepção de Seabra (2003, p. 111) no sentido de que "a partir do século XIX, com o surgimento do jornalismo industrial, os fatos ganham importância em detrimento das opiniões e os diários passam a competir entre si na busca de mais e melhores informações", conglobando opiniões, notícias e ampla comercialização de anúncios e campanhas publicitárias. Destaca-se a ênfase conferida ao Jornal Correio do Sul:

> [...] O DEVER, que chegou a disputar – sem consegui-lo – a liderança jornalistica ao CORREIO DO SUL, teve sua fáse aurea com Adolfo Luiz Dupont, Alexandre da Costa e Galba de Paiva e sua atuação ainda está na lembrança da grande maioria dos bageenses. O CORREIO DO SUL, ainda aí está resistindo a tudo: nascido na oposição, ainda não foi governo. Durante

> decênios, alí pontificou Fanfa Ribas, polemista e panfletario apaixonante e apaixonado. Evangelista das idéias liberais arrazou, na fronteira riograndense, a velha escola política e seu fanatismo, criando um espírito novo – e de rebelião – ao dogma borgista. Fanfa Ribas, doutrinador, foi um facho de luz iluminando a consciencia cívica das gentes do interior e, nesse afán, chegou a ombrear com o insigne Assis Brasil na campanha proselitista que culminou na Revolução de 23. Ainda aí está o CORREIO DO SUL, no esforço renovado diariamente em pról do engrandecimento e do progresso de Bajé sesquicentenária. Embora se lhes divirja da opinião, não se lhe regateia o apoio e o aplauso pelo que representa – e bem – de cultura, de esforço e de luta a consagrar o engrandecimento de Bajé (HIPÓLITO, 1963, p. 181-182).

Depreende-se assim o caráter ímpar do jornal Correio do Sul, caracterizado pela postura intrépida de seu editor. Tem-se a noção de que, em que pese o viés político apaixonado do jornal, o periódico promovia efetivamente um espaço democrático de divulgação e embate de informações. A estima pelo embate de ideias e posicionamentos nos jornais é percebida também por Sodré (1999, p. 294), que identifica que "esta imprensa que vive tanto da literatura, como esta vive da imprensa, estimula a polêmica".

Importante rememorar o padrão identificado pelo autor no sentido de que "os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível" (idem, p. 292). O autor narra a dificuldade em existirem livros com sucesso capaz de render o sustento dos literatos a partir da intelectualidade. Esse fato volta os olhares desses profissionais aos jornais impressos. O Jornal do Comércio, por exemplo, no início do século XX, pagava pelas colaborações. Outros casos, como o Correio da Manhã, pagavam inclusive ordenados mensais. Essa aproximação rendeu algumas discussões, que se arrisca perdurarem – em maior ou menor grau – até os dias atuais, sobre o quanto é benéfico a literatura estar no jornalismo – e vice-versa. À época, porém, é válido se resgatar uma pronunciação de Félix Pacheco, de que toda a literatura de meados de 1870 até início do século XX "fez escala pela imprensa".

Sobre a estrutura estética do Correio do Sul, nesta esteira, pontua-se que a primeira fotografia em preto e branco aparece ilustrando um anúncio e é do Palacio da Previdência "Caixa Paulista de Pensões e Peculios" – "um dos mais grandiosos edifícios de São Paulo"[17]. A fotografia, até então, era posta como uma reprodução. Segundo Guimarães (2014, p. 118), a evolução da narrativa, dando mais veracidade, chega com a fotografia, sendo que o primeiro tipo de ilustração desse gênero nos jornais brasileiros chega nas primeiras décadas do século XX principalmente para registrar cenas dos crimes: "[...]

[17] Correio do Sul, 20 set. 1920, p. 3.

nada aplacava a sede de realismo, e a fotografia imperou vitoriosa, expondo ainda vítimas e suspeitos em sua condição de imolados e monstros". Porém, possivelmente pelo fato de o Correio do Sul ser um jornal do interior do Rio Grande do Sul, em 1914 ainda não se observava esse recurso imagético para ilustrar as notícias.

Nesta primeira edição, já aparece o primeiro anúncio ilustrado, sendo este a figura de um anjo. Na segunda edição, aparece outro anúncio da empresa Discos Odeon com a representação de um gaiteiro como ilustração. Esses são os únicos anúncios ilustrados por uma sequência de edições. Sempre em preto e branco, as ilustrações eram simples. A primeira fotografia com viés de informar é um registro do "Professor Dr. Conde de Assakoff – examinando e curando um caso de crise cataléptica em Paris"[18].

Quanto aos recursos de linguagem empregados pelo jornal, é possível classificar seu estilo como literário, prolixo e ideológico. Conforme aponta Nascimento (2009), "o estilo" de um texto faz referência à subjetividade de seu autor e, por isso, é pautada pela livre escolha de recursos estilísticos. Não raro, são verificáveis as ocorrências de ironias, metáforas, metonímias, antíteses, hipérbole, rima, personificação, onomatopeia, estrangeirismos, erudição, inversão da ordem direta da frase, adjetivação etc. Aliado a esses elementos, propriamente literários, há também a construção de narrativas detalhadas a partir de um vocabulário erudito, dificilmente com palavras repetidas e variadas referências históricas que carecem de um conhecimento amplo histórico-cultural para compreensão da totalidade textual. Não obstante, toda produção possui uma evidente carga ideológica, pautada por posicionamento político, defesa de candidatos, campanhas e editorias dedicadas aos temas em voga.

É possível aplicar a reflexão de Naomi Sato (2002, p. 30) acerca da relação entre o real e a linguagem, o que deflagra na ideia de representação: "a realidade, mutável e em mutação constante, carrega o princípio de sua própria contradição, desencadeando a transformação constante da história", de modo que "a linguagem, ao tentar representar o real funciona como mediadora entre a relação dialética entre sujeito e mundo real em contínua mudança". Assim, desta relação entre os atores participantes do processo comunicativo originam-se novos discursos, que ficam abertos a novas interpretações, e assim sucessivamente. Isso significa dizer que se estabelece um ciclo de relações dialógicas entre os atores das múltiplas esferas discursivas.

[18] Correio do Sul, 24 set. 1914.

Com especialização na editoria e questões políticas locais, estaduais, nacionais e globais, o jornal ganha importância nesta seara, mas também sob o aspecto econômico. Isso porque traz informações e mantém uma imagem da sociedade necessárias à manutenção do sistema social. Por exemplo, ao afirmar que a Ford alcançou determinado número de vendas e informar o nome das pessoas que adquiriram os veículos, cria relações comerciais, sociais e políticas.

Aos poucos, vê-se um aperfeiçoamento gráfico. A cada ano, uma pequena evolução ocorre, mas a impressão na década de 20 seguia precária e, por vezes, com pouca legibilidade. Com o avançar do século XX, conforme afirma Sodré (1999), houve uma redução significativa na quantidade de grandes jornais impressos – parte-se para um sistema econômico de oligopolização. Isso ocorre por diversos fatores, contudo o mais evidente dos fatores é o de que o referido meio de comunicação precisaria passar a dividir seu espaço até então "supremo". Ao passo que a televisão e o rádio atingiram alcance nacional, nenhum jornal ostentou o título de nacional, à época, quanto ao alcance territorial e nas proporções amplamente atingidas por aqueles meios de comunicação.

Quanto à organização interna, um jornal organizava-se em direção, redação e oficinas. Enquanto a direção estava ligada à propriedade e ao poder decisório, "[...] a redação estava já emancipada da linguagem literária da fase artesanal, já se firmara a diferença entre literatura e jornalismo, particularmente na linguagem, e os jornalistas já apresentavam fisionomia profissional" (SODRÉ, 1999, p. XV). Seria o mesmo que afirmar que o jornalista seria o produtor do jornal e o literato produtor de livros? Essa distinção narrada pelo autor, empiricamente verificada no século XXI entre as áreas, aparenta não se sustentar nas páginas do Correio do Sul entre 1914 e 1924 – período de análise do *corpus* desta pesquisa.

Ainda com elementos marcantes das fases anteriores do jornalismo, como a pedagogização e elementos literários, o jornalismo empregado pelo Correio do Sul nas épocas supracitadas traz marcas da industrialização do capital ao mesmo tempo em que não abandona opiniões, escolhas de vocábulos líricos ou construções narrativas complexas. Mesmo em matérias políticas, há o emprego de figuras de linguagem, lirismo, perífrases, prolixidade e outros elementos próprios de narrativas longas e que empregam períodos complexos em abundância.

Aqui, cabe fazer um parêntese próprio da área jornalística. Os elementos supracitados, podem ser considerados "vícios de linguagem" para o fazer profissional do

jornalista. Isso porque os manuais de redação[19] e livros que orientam a técnica jornalística rejeitam o uso de vocábulos em excesso; de artigos em títulos; de palavras prolixas ou que exijam um saber técnico do leitor; preferência por períodos simples, resultando em menor incidência de vírgulas e abuso dos sinônimos. Por esses motivos, sabe-se que, em Bagé, especificamente no jornal Correio do Sul, ainda existia um jornalista-literato – assim, híbrido e atuante com elementos de ambas as áreas paralelamente.

A partir de uma clareza expositiva, Pena (2012) discorre sobre o âmago da função jornalística. Em prol do compromisso público de comunicar a todos, o jornalismo emprega a redundância, ou seja, utiliza desse recurso para reforçar as informações, traduzindo os fatos de diferentes maneiras e facilitando a acepção da mensagem. Diferentemente, a literatura é entrópica, ou seja, utiliza de metáforas e manipula a linguagem, proporcionando um texto sem previsibilidade, por vezes desordenado e mais complexo. À época do Correio do Sul, início do século XX, essa distinção não estava marcada e havia uma clara interrelação entre as áreas.

Nesse sentido, Pena (2012, p. 5) também explica a periodicidade jornalística, como sendo o "espaço de tempo fixo e determinado entre uma edição e outra". Isso significa dizer que o leitor consegue prever quando o jornal será impresso, pois há uma regularidade clara. No caso do jornal Correio do Sul, mesmo dizendo-se com periodicidade diária, ainda não havia este compromisso fixo. Seja por impressão, custo, dificuldade técnica ou demanda de leitura, o primeiro jornal brasileiro impresso, a saber Gazeta do Rio de Janeiro publicado em 1808, começou semanal, logo virando bissemanal, inferindo-se ocorrer em decorrência da demanda de informações (MOLINA, 2015).

Por fim, a atualidade nesta descrição do objeto refere-se aos acontecimentos que ocorrem entre as edições do veículo, ou seja, a apuração é feita simultaneamente ao fato. Acredita-se que a dificuldade em manter a atualidade, principalmente das notícias estaduais, nacionais e internacionais, deve-se ao fato de Bagé ser uma cidade ao extremo sul do país, mesmo com seus notáveis avanços à época (LEMIESZEK, 1997). No período, mesmo com os telegramas, era preciso ter acesso aos jornais ou informantes e o processo de disseminação desses fatos comprometia a divulgação de notícias atuais.

[19] A saber: Manual de redação e estilo do jornal o Estado de S. Paulo (1997) e Manual da Redação: Folha de S. Paulo (2018).

4.1.2 Os produtores e proprietários

De uma forma ampla, a ideia aqui é determinar as causas de existência do objeto, traçando um perfil de quem o elaborou e de quem o adquire. Ou seja, "as informações recolhidas neste plano são fundamentais: contam a vida do objeto; documentam a história de sua criação, de seu uso e de suas reutilizações" (MATHIEU, 2011, p. 149). Neste ponto, acredita-se ser prescindível uma descrição detalhada, tendo em vista que o objetivo se restringe à assimilação de elementos que contribuam para o entendimento geral do objeto dentro do contexto supracitado.

Na primeira edição do jornal Correio do Sul, em 20 de setembro de 1914, a editoria, descrita na coluna da esquerda da primeira página, anunciava: "Redactores: Fanfa Ribas, Dr. Contreira Rodrigues, Dr. Heitor Mercio, Thomaz Cirne Collares". Na sequência dessas informações, aparecem: horário dos trens; diligências; "medicos"; advogados; dentistas; "pharmacias". Interessante notar, sobre esse cartaz de informações sempre localizado na primeira coluna do jornal durante boa parte do primeiro ano do periódico, que o intuito aparentava ser o fornecimento prático desses dados aos leitores, independente destes profissionais realizarem anúncios pagos nas páginas subsequentes do jornal. Trata-se de informações de interesse público.

Nesta edição, na primeira página, ainda havia uma matéria editorial abrindo o jornal nomeada "Compromissos espontâneos – o que somos o que queremos". O texto de apresentação segue na íntegra:

> Bagé, a culta cidade dos livres pampas do Sul, covadonga[20] do federalismo gaucho, vem de longa data resentindo-se da falta de um orgão de publicidade que reflicta o pensamento do grande partido opposicionista, no seio da communhão brasileira. E é por isso que, amparando no apoio generoso dos nossos amigos, e no assentimento confortador dos proceres politicos, o *Correio do Sul* apparece na arena do jornalismo, respeitoso e calmo, conscio de que saberá cumprir o seu dever de combatente, correspondendo à confiança que lhe dispensam eminentes chefes, e satisfazendo, na altura das suas forças, a aspiração dos filhos desta terra (CORREIO DO SUL, 20/09/1914).

Observam-se, na primeira linha da "carta" de apresentação do jornal, o emprego de uma narrativa literária e o uso de figuras de linguagem para caracterizarem o município de Bagé. De posse da língua culta, o jornal apresenta-se com vertente política federalista

[20] Referência à Batalha de Covadonga, a marcante vitória militar na Espanha em 722. A vila de Covadonga ficou marcada como o local em que a Espanha teve seu início enquanto nação. Na referência, Bagé seria o local em que se sedimentou análoga vitória para o federalismo gaúcho. Esse fator já apresenta a vertente política federalista do periódico.

– inclusive, mantido financeiramente pelo partido e por indivíduos influentes da sociedade local. Dito isso, percebe-se a vertente ideológica do jornal, que não hesita ao expor sua postura de "combatente" em uma sociedade retratada em processo de polarização política severa[21]. O trecho exordial do periódico prossegue, situando-o preponderantemente no campo político e enaltecendo sua conduta ufanista e pureza ideológica:

> [...] É necessário dizer que a nossa folha não surge de uma combinação bastarda, com fins preconcebidos de competição e desrespeito à ordem estabelecida: soldados de um partido que se bate por idéas, com programma definido e enraizado no coração da patria, a nossa missão politica se circunscreve ao terreno meramente doutrinario, onde nos colocamos com desvanecimento e onde havemos de permanecer com honra. Nem outra podia ser nossa norma de conducta, numa terra soberanamente altiva e nobre, como esta, "onde" palpita em cada peito o orgulho de um povo forte, onde vive, na lembranca de cada habitante, a grandeza estoica do Gaspar Martins, o sentimento generoso e puro do Dr. Azevedo Penna [...] (CORREIO DO SUL, 20/09/1914).

Ao afirmarem "combinação bastarda", evidenciam aberta oposição ao Partido Republicano Riograndense (PRR), que em 1914 governava o estado do Rio Grande do Sul, sendo representado por Borges de Medeiros (ABREU, 2018). Reputa-se o insulto à composição do referido partido, conglobada por diferentes vertentes políticas: republicanos, positivistas e dissidentes liberais (idem). Na sequência, há uma evidente valoração local – referências a Bagé como "povo [...] rico de tradições e glórias" e "metrópole" – e ufanismo regionalista e resgate de figuras e fenômenos determinantes para a história regional e até mesmo nacional:

> Não poderiamos nós cravar no coração de um povo assim tão rico de tradições e glorias, o estylete da intriga e da tirania, o bisturi da critica envenenada ou perniciosa, quando a dois passos de nós, do fundo da metropole bagéense, nos inspira a memoria de um pugilo de bravos que se não deshonraram nunca, a recordação de Joca Tavares, do Barão de Serro Alegre e de Antonio Netto, o mais sincero dos republicanos farroupilhas, o cavalleiro intrepido das montanhas de Piratiny, o guerreiro forte, de temperamento indomito, cujo coração, mais puro e mais branco que a propria cal do tumulo em que repoisa, esteve sempre aberto aos sentimentos de confraternisação e de amor, nunca aos da discordia e do ódio. Estamos certos de que a nossa atitude de prudente observação e critica moderada, não só está de accordo com o sentir geral dos elementos conservadores do partido federalista e da sociedade bagéense, como tambem com as conveniencias do momento, não só em relação ao bem estar do povo, mas, ainda, em relação ao elucidamento dos factos, à resolução de problemas transcendentes, à marcha dos acontecimentos e à victoria da nossa causa (CORREIO DO SUL, 20/09/1914).

[21] Estima-se que a Revolução Federalista de 1923, decorrentes dos conflitos narrados, acarretou mais de 10 mil mortes de civis e combatentes.

Neste trecho, do ponto de vista jornalístico, o *Correio do Sul* apresenta-se como veículo transparente em respeito à memória local, demonstrando ciência da importância de um posicionamento crítico, sério, profissional e preocupado com o povo. Todavia, sem deixar de lado o apoio à causa política, aparentemente suprema na ideologia que versa às páginas do *Correio do Sul.* Percebe-se que o próprio jornal busca se posicionar a favor do cultivo e preservação dos valores que propala, conforme se constata do prosseguimento do seu manifesto:

> Póde haver alguem que nos acoime de pusilanimidade ou desidia, especialmente entre os que não compreendem a resistencia fora da demagogia e do exaggero. Outros hão de apparecer a nos cobrir de apodos e vituperios, porque não commungamos com as suas idéas e porque lhes criticamos os actos máus, ingenuos que desconhecem a missão sublime da imprensa e o dever que assiste o homem, de ser sincero e ser franco. Pouco importa, porem, para nós, a opinião dos que nos julgarem com rigor: jornalistas de responsabilidade, porque a nossa palavra leva no echo, de quebrada em quebrada, a evangelização da idéa que o genio extraordinario de Silveira Martins acariciou, nós temos a consciencia daquillo que escrevemos, e de alma aberta nos entregamos à critica, como de alma aberta a exercemos (CORREIO DO SUL, 20/09/1914).

Com a defesa da missão de lisura que cerca a imprensa, possuem a ideia do jornalismo associado à pedagogização, deixando claro que o alcance das notícias e as críticas carregam a forte ideologia do periódico. Há, também, uma exaltação da liberdade de imprensa, reforçando-se a ideia de que o periódico funciona como uma trincheira que visa a ocupar espaços disputados e a impedir o avanço de seus opositores. A guerra de palavras traz um excesso de vocábulos prolixos, a exemplo de "desídia", "vitupérios", "pusilanimidade", entre tantos outros, que traduzem o caráter seleto dos cidadãos que participam da vida e dos conflitos políticos da sociedade local, regional e nacional do período – considerando-se que Bagé é importante marco para expoentes das correntes políticas que se digladiavam, uma vez que o próprio Partido Federalista foi fundado neste município em 1892 sob a liderança de Gaspar Silveira Martins (LEMIESZEK, 1997; ABREU, 2018, p. 176).

É válido observar o uso das palavras e períodos complexos sob à ótica jornalística, pois, "o jornalismo busca uma expressão consensual, comum, e ao mesmo tempo personalizada" (BAHIA, 1972, p. 44). Em relação à técnica jornalística, há algumas orientações advindas com a profissionalização da área, por exemplo: emprego de período simples e linguagem objetiva, bem como evitar perífrases, metáforas e estrangeirismo, ou seja, "[...] A moderação no uso de palavras, a eliminação de termos abstratos ou

complicados – capazes de obrigar à consulta de dicionário – e de vocábulos obscuros fortalecem a notícia" (BAHIA, 1972, p. 45). Tais preceitos técnicos, evidentemente, não são observados nas construções textuais do periódico, conforme evidenciado desde seu texto inaugural:

> Na constituição federal de 24 de Fevereiro tem o Correio do Sul o seu principal objectivo de lucta: planta, exotica, para aqui transplantada pelo espirito revolucionário dos organisadores da Republica, combatemol-a porque o seu polen fecunda a arvore da anarchia, à cuja sombra mediram usurpadores, proliferam as mediocridades, nascem como cogumelos as rebelliões e vive o parasitismo mais pernicioso que existe, aquelle que estende os seus mil tentaculos sobre as arcas do depauperado tesouro (CORREIO DO SUL, 20/09/1914).

Percebe-se que a linguagem erudita era empregada e valorada como distinção. As sucessivas metáforas, imbricadas em um longo período, contribuem conjuntamente para estabelecer a crítica à recém-criada República e enaltecer o posicionamento federalista promovido pelo periódico. Erbolato (2003, p. 90), ao tratar sobre as técnicas jornalísticas contemporâneas, ressalta que "os jornais se destinam à massa" e, portanto, devem ser produzidos para compreensão por qualquer indivíduo, independentemente de seu grau de instrução. Assim, apesar de ostentar clara finalidade política, o rebuscamento da linguagem limita a democratização da informação.

Não se ignora, porém, o alto índice de analfabetismo da sociedade na época e a excludente participação política. Segundo o Censo de 1920, havia 28.172 pessoas que não sabiam ler nem escrever no município de Bagé – considerando-se uma população total de 46.298 habitantes. Ou seja, 60,84% da população era analfabeta. Sobre a questão educacional, dados de 1937 da obra de Pimentel (1940) indicam 6 mil alunos matriculados em instituições públicas e privadas. Ressalta-se a população de 1.292 alunos na categoria "ensino particular autônomo", correspondendo ao *homeschooling*, modalidade de ensino domiciliar hoje proibida no país. O maior número de matrículas concentrava-se no ensino municipal: 2.303 estudantes.

Outro ponto a ser evidenciado, que orienta a contextualização da educação no município de Bagé, é a referência ao financiamento privado da educação pública: "O Sr. Rodolfo Moglia, grande industrial e criador bagéense, ofereceu dois prédios a instrução pública do município, sendo um gesto altamente louvável e digno de imitação" (PIMENTEL, 1940, p. 29). As marcas discursivas de valoração deste personagem demonstram o sistema de concentração de renda desigual, bem como a influência dessas famílias na esfera pública.

Não obstante, assim prosseguia o periódico:

> Na politica do Estado a nossa attitude e tambem de franca e leal opposição, não só à carta de 14 de Julho, como às praxes estabelecidas no departamento administrativo por S. Exc. o Sr. Dr. Borges de Medeiros, em quem reconhecemos excelsas virtudes de cidadão, a par de qualidades menos excelsas na sua organisação de politico. No tocante à vida do municipio, pedimos venia ao digno patricio que desempenha actualmente as funcções de chefe do poder executivo, e àquelles que o succederem, para exercer a nobre missão de fiscalisar os actos do governo municipal, o que faremos sem prevenções nem má fé, inspirados apenas no bem publico, como defensores dos direitos do povo e representantes de uma opposição que, si não desce ao terreno das insolencias condemnaveis, nem por isso deixa de cumprir o seu dever com desassombro. E, não só com respeito ao municipio, como tambem com respeito ao Estado e à União, não nos sentimos impedidos de levar nossos applausos aos respectivos administradores, quando por actos dignos e meritorios se tornarem elles credores da nossa justiça. Tal será a nossa conducta, encarada sob o ponto de vista politico-partidario (CORREIO DO SUL, 20/09/1914).

No trecho, adota-se novamente posicionamento político-partidário explícito para exarar opiniões sob temas do cotidiano. Ao se tratar de jornalismo político, importa destacar a observação de que "[...] É difícil escrever com imparcialidade, porque o jornalista, ao narrar um acontecimento, pode encará-lo do ponto de vista favorável aos seus interesses e sujeito às suas emoções momentâneas" (ERBOLATO, 2003, p. 91). Quando se trata de jornalismo político, há uma linha tênue entre notícia e panfletagem. Isso porque a parcialidade é ínsita ao cenário de disputa eleitoral.

Todavia, Martins (2008) diferencia a realidade de uma imprensa com caráter partidário e sem a preocupação nítida de separar informação de opinião. Nesses termos, o autor destaca que os jornais menores, como é o caso do Correio do Sul, "[...] o comportamento apaixonado e o clima de campanha não arrefeciam em instante algum", pois "[...] naquela época, os grandes e pequenos jornais da imprensa brasileira pulavam a cerca entre a informação e a opinião com a maior sem-cerimônia".

O viés político percebido na carta de apresentação, portanto, não reflete somente um interesse do jornalista ou do periódico, mas também uma requisição do leitor, que buscava uma opinião afinada com suas convicções políticas. A despeito da centralidade da política, o periódico apresentava a ressalva de que:

> Outros aspectos, porem, da vida social, occuparão tambem a nossa attenção, merecendo o nosso cuidadoso exame e nossa dedicação quotidiana. As industrias, o commercio e a lavoura entrarão nesta folha o apoio incondicional para a defeza dos seus interesses, na propugnação dos seus elementos de vida, porque dessas tres fontes de riqueza que representam o trabalho alliado ao capital e à intelligencia, depende a felicidade da patria, o conforto da familia e a consagração dos nossos votos de povo hordeiro, operoso e honesto. As

> classes pobres, e muito principalmente a classe operaria, terão em nossas columnas o mais carinhoso affecto, porque daquelles que moirejam dia e noite, sem outra preocupação que não seja a da lucta pela vida, deve ser amiga toda imprensa digna, num generoso imúlso de justiça, de amor e de equidade. Aos partidos da opposição, embora não parlamentaristas, o *Correio do Sul* hypotheca os seus serviços, o seu afago, a sua sincera amizade, certo de que o faz com honra, dados os vinculos de civismo que à mesma cadeira nos unem. A todas as causas justas offerece amparo este jornal, dentro da sua propria orientação, fraqueando as suas paginas à inserção de artigos criteriosos, bem inspirados e polidos, de toda e qualquer procedencia honesta, mesmo que o seja dos arraiaes contrarios (CORREIO DO SUL, 20/09/1914).

Ao finalmente deixar a seara político-partidária, o periódico se insere na realidade social local, alardeando que promoverá o progresso das principais atividades econômicas – sem se olvidar das pessoas em situação de necessidade, que igualmente encontrarão guarida no trabalho dos editores. Em uma sociedade majoritariamente composta por pessoas analfabetas, em que a ausência do domínio da leitura e da escrita assolavam as "classes pobres e operária", o jornal se posiciona de maneira altruísta, porém, emite sua mensagem de solidariedade em meio inalcançável a boa parte dos seus destinatários. Além disso, as técnicas jornalísticas empregadas são frontalmente opostas à noção de Erbolato (2003, p. 92) de que "[...] O melhor conhecedor do vernáculo, mas que tenha um estilo difícil e se utilize de palavras pouco conhecidas, não será, em tempo algum, bom jornalista" (ERBOLATO, 2003, p. 91).

Ademais, prossegue o texto com sua promessa de promover a ampla participação social em suas páginas:

> De resto, não ha mister que communguem comnosco na mesma causa partidaria, para que encontrem guarida nestas columnas aquelles que, visando um objectivo nobre, desejarem exercitar os seus talentos nas justas do publicismo: esta folha é, como o Partido que a ampara, accessivel a todos os sentimentos bons, a todas as almas puras, a todos os corações sinceros. Aqui, como no seio da nossa collectividade politica, há logar para todos: a nossa casa é hospitaleira como uma tenda arabe, onde se não pergunta de onde o viajor procede, mas, simplesmente, si elle deseja agasalho. Em materia religiosa somos como as esphinges egypcias: encaramos todos os cultos com respeito e guardamos a mais discreta imparcialidade. Esse é nosso programma: com elle nos atiramos aos braços do povo. O povo que nos ampare (CORREIO DO SUL, 20/09/1914).

Com a conclusão, o discurso passional da política partidária é substituído pelo clamor à união social daquela "coletividade política", com tom moderado, equidistante e acolhedor. Por mais de uma vez, há referências histórico-culturais no texto, a exemplo das "justas" do publicismo, que equipara as discordâncias expressas pelo jornal à competição de honra dos cavaleiros medievais.

Se “o jornalismo moderno evita o excesso de adjetivação, a fim de que a narrativa seja singela e condensada” (ERBOLATO, 2003, p. 94), a redação do texto de 1920 faz uso indiscriminado de adjetivos e de outros recursos que imprimem a opinião do jornalista no texto. Essa característica afasta igualmente a noção de que “[...] o jornal é o livro do povo e, por isso, recomenda-se *clareza* e *simplicidade* na escrita [...]” (idem, p. 92). Conforme assevera Bahia (1972, p. 45), no jornalismo, “[...] Quanto mais usar palavras no seu significado exato, melhor”.

Ainda na primeira página da edição de 20 de setembro de 1914, há um poema intitulado “O gaúcho” e assinado por Contreira Rodrigues. Abaixo, a data da produção é referida: 09 de setembro de 1914. Salienta-se a evidência do dia que efetivamente o texto foi escrito para se refletir sobre o hiato de onze dias entre a aparente encomenda do poema e sua veiculação na primeira edição do Jornal Correio do Sul.

4.1.3 Contextos de significação

Há quatro contextos de significação: espaço, tempo, meio e valores. Estes, por sua vez, devem relacionar-se entre si, pois “no estabelecimento de relações dinâmicas entre os elementos desses contextos sociais reside a riqueza de uma análise do objeto” (MATHIEU, 2011, p. 152).

Tabela 5 - Contextos de significação do objeto de estudo

Espaços	Qual a evolução espacial do objeto. Localização imediata e ampla. Relação com o meio ambiente selvagem e organizado; físico e simbólico, doméstico e profissional, cultural e geográfico, social e intelectual etc.
Tempos e temporalidades	Cotidiano, ciclo sazonal, ciclo de vida, tempo de fabricação, usos, funções utilitárias e simbólicas, tempo de valores agregados.
Meios sociais	Local onde circula ou é adquirido. Família, parentes, vizinhos, grupo a que pertence (étnico, religioso, associativo, profissional etc.).
Valores culturais	O imaginário no qual está envolvido. Sistema social, ideologia, normas, códigos, crenças, festas, ritos, costumes etc.

Fonte: sintetizado pela autora a partir de Mathieu (2011)

A gênese de Bagé é atribuída por Salis (1959), na obra *História de Bagé*, a Dom Diogo de Souza que, na função de comandante militar, elencou a localidade como importante ponto estratégico para assentamento. O autor registrou que o inverno de 1811 foi muito rigoroso e que a incursão militar ao Uruguai teve que aguardar até a reunião das condições mínimas, de modo que o tempo da preparação motivou que um grande contingente de pessoas se fixasse na localidade, que assim constituiu um novo povoado.

É tema recorrente nas obras que narram a história de Bagé a origem do nome do município. Constatou-se que uma das fontes de maior estima dos pesquisadores e autores consultados é a obra de Salis (1959). O autor traça um panorama, pontuando que o termo deriva etimologicamente do nome de um líder indígena, um pagé, que vivia à margem do arroio que recebeu a sua designação. A visão do autor evidencia a vivacidade da língua, uma vez que, dentro de um contexto, a palavra "pagé" designava um líder espiritual e ponto de referência importante para a comunidade indígena e a transformação linguística, voltada ao contexto social, é corporificada na formação da palavra Bagé que, há mais de dois séculos, nomeia uma representativa cidade gaúcha e brasileira.

Ainda acerca da origem do nome de Bagé – e do próprio município – Fagundes (2012), através da obra *Inventário Cultural de Bagé*, narra que a primeira referência encontrada acerca da região de Bagé descreve os cerros existentes no local. Trata-se de um registro de 1750, efetuado pelos exércitos demarcadores de Portugal e da Espanha que tracejavam os limites do Tratado de Madrid. Já Teixeira e Pinheiro (1984) referendam a concepção apresentada por Tarcísio Taborda, historiador representativo para a pesquisa da história do município, que atribui a origem do nome à palavra indígena "bag", que designa cerro isolado e baixo. Dessa forma, ao mencionarem diversos cerros, pronunciava-se Bagé.

A obra de Salis (1959) descreve os anos iniciais do assentamento originário de Bagé, sendo que, ainda em 1812, a comunidade se mobilizava em torno de valores comuns e, em um louvável espírito comunitário, edificaram a primeira capela de grandes dimensões:

> Para aí levaram a sagrada imagem que através do tempo é conservada como adorável troféu dos filhos de Bagé, que se curvam ante a figura de seu padroeiro, que assistindo a todo o evoluir de nossa comuna representa além da Divindade, uma síntese histórica e religiosa de um povo trabalhador, altivo e nobre (SALIS, 1959, p. 35).

Observa-se que, em que pese a carga religiosa de diversos comentários e acepções apresentadas nos textos do Correio do Sul, predomina uma linguagem cética e de glorificação da ciência – em detrimento da religião –, bem como não se constata um fervor religioso daquela comunidade após pouco mais de um século de sua fundação como povoado não originário. Tal contexto identificado no *corpus* desta pesquisa é refutado pelas evidências históricas consultadas, que exaltavam como figuras centrais símbolos da fé católica. A religião é pontuada por Priori (2014, loc. 8), que sustenta que "A necessidade de religião – capaz de, na medida do possível, harmonizar o racional e o

irracional – continua, de forma consciente ou subliminar, essencial ao equilíbrio humano".

Com efeito, mesmo Teixeira e Pinheiro (1984) referiram que, após a demarcação das fronteiras, os espanhóis fundaram na localidade o Forte de Santa Tecla, em 1773. Da mesma forma, posteriormente, até mesmo a denominação das divisões militares portuguesas e as localidades que constituíram a região traziam a centralidade da fé então dominante, descritas por Salis (1959) como "esquadrões da legião de S. Paulo" e "moradores da Coxilha de São Sebastião".

Além da centralidade dos valores conservadores e religiosos alardeados, merece destaque a concepção de que "em tôdas as grandes arrancadas cívicas, nas mais belas da vida republicana, Bagé foi teatro de impressionantes cenas de civisimo, de altruismo e de dedicação à Pátria, à Família e à Sociedade" (PIMENTEL, 1940, p. 11). Com efeito, como visto, Bagé foi ponto sensível para a delimitação e manutenção da integralidade do território nacional, desde sua instituição com o período imperial até a sua manutenção no período republicano. Essas marcas discursivas conservadoras são percebidas na construção textual do Correio do Sul durante as décadas de 1910-1920, perfazendo mais de um século de duração.

Acrescenta-se que a análise elaborada por Pimentel (1940) é tão minuciosa que engloba e apresenta um panorama geral de Bagé, sob perspectiva histórica e geográfica, uma vez que descreve e computa: a localização; os limites municipais; a posição geográfica (coordenadas e altitude); as temperaturas mínimas e máximas entre os anos de 1912 e 1925; os ventos predominantes; a topografia, com menção aos rios, serras e matas; a composição do solo, das pastagens e das riquezas minerais; as divisões administrativa e judiciária; a infraestrutura.

Pontua-se que o avanço histórico não arrefeceu o tradicionalismo arraigado de Bagé. Constata-se que Salis (1959, p.326) pontuava, ao exaltar o progresso de Bagé, a manutenção dos valores tradicionais da sociedade: "É o que os nossos avós faziam e o máximo que podemos fazer". Tal fato também é percebido nos *faits divers* coletados nas páginas do Correio do Sul, que reconhecem, de forma romantizada, a modernidade e o pioneirismo de Bagé. Tal percepção se manifesta em forma de uma crença popular, fenômeno descrito por Charaudeau (2019, p. 46), que sustenta que as crenças constituem o mundo, através da criação e avaliação das normas sociais, que são aferidas por comportamentos e discursos de justificativas.

A cidade de Bagé, nesses termos, é descrita por Lemieszek (1997) como palco de acentuado dinamismo social, caracterizado por seu grande potencial para crescimento e solidificação de sua posição dentre as grandes cidades nacionais. O ano de 1884 foi um ano pródigo para a cidade interiorana que, à época, tinha 16 mil habitantes e 120 casamentos anuais. Como marca de progresso e relevância comercial nacional, em 02 de dezembro de 1884, a cidade recebe a viação férrea e, com pouco mais de um mês de funcionamento, "já havia transportado 890 toneladas de carga e vendido 9.598 passagens" (Lemieszek, 1997, p. 24).

São diversos fatores que compõem o desenvolvimento ímpar de Bagé no final do século XIX. Nessa linha, Lemieszek (1997) enaltece que a primeira sessão pública de cinema, ocorrida na França em 28 de dezembro de 1895, encontrou sua equivalência em Bagé já em 19 de dezembro de 1897 – menos de dois anos depois. O autor destaca tal evidência como demonstrativo da proeminência de Bagé no cenário nacional, sensível e rapidamente adaptável às inovações que se apresentavam nas grandes metrópoles e centros conhecidos do país e do mundo.

Nos anos seguintes, a despeito dos relevantes conflitos históricos que reverberavam na cidade, perseverou o crescimento de Bagé. Lemieszek (1997, p. 34) destaca que "Um dos períodos mais pujantes da história de Bagé foi de 1895 até por volta de 1910". Isso porque os conflitos da Revolução de 1893 impuseram a expansão e crescimento da cidade, uma vez que o cenário de conflitos ensejou a reconstrução local e legou a Bagé uma série de Intendentes alinhados aos governos de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. A posição geográfica de Bagé, igualmente, é apontada por Lemieszek como pedra de toque para o desenvolvimento da cidade, considerado o seu acesso ao Porto de Rio Grande e às capitais do Uruguai e da Argentina: Montevidéu e Buenos Aires.

No período delineado pelo autor, demonstrou-se o pioneirismo de Bagé nos cenários regional e nacional. Lemieszek (1997, p. 35) aponta que a cidade foi a primeira a gozar da "geração de energia elétrica [04 de junho de 1899 – 2ª cidade do país], da instalação do telefone [12 de dezembro de 1901], da construção da primeira caldeira à vapor no Estado, nas experiências com Raio-X [...]. Indiscutivelmente, Bagé gozava de uma condição invejável no Estado".

Em 1895, conforme o autor, a cidade tinha cerca de 30 mil habitantes, sediando concomitantemente dois bancos locais com filiais na Europa, sete lojas de fazenda, quatro ferragens, um bazar de louça, seis joalherias, 59 armazéns de secos e molhados, nove

hotéis, seis farmácias, 103 oficinas de pequenas indústrias, oito escolas públicas e quatro particulares, duas charqueadas, três curtumes, uma fábrica de sabão, duas fábricas de cerveja, dois moinhos e outras fábricas de água mineral, velas, massas e outros.

Segundo Lemieszek (1997, p. 36), o jornalista italiano Adelchi Calnghi teria descrito Bagé nos seguintes termos: “Bagé sem temer desmentido é a mais elegante das cidades da campanha do estado, a vida e os costumes são quase europeus”. Conforme o autor, a percepção do viajante se fundamentava especialmente no excelente desenvolvimento da infraestrutura municipal, bem gerida conforme inovador código de condutas, que premiava a promoção da saúde pública, saneamento básico e modernidade das construções públicas e privadas – ambas em franca expansão.

Além disso, havia um ritmo inédito de construções, sendo que nos primeiros meses de 1899 foram registrados 84 pedidos de construções: “Imagine-se que em 1908 já se estudava a implantação de linhas regulares de bonde, sem falar em outros aspectos menores, mas inéditos no Estado, como por exemplo, o fato de ter sido o hotel do comércio em Bagé, o primeiro do Estado a ter lavatório em seus quartos” (LEMIESZEK, 1997, p. 36). Porém, como salienta o autor, as inúmeras obras públicas simultâneas do período que demonstram “capacidade do Tesouro Municipal” da cidade à época – obras que até hoje fulguram na cidade, a exemplo das inúmeras praças públicas. Soma-se a isso o cenário promissor que atraía renomados arquitetos e construtores que contribuíam para a expansão relatada.

O crescimento aparentemente irrefreado de Bagé, contudo, encontrou uma barreira intransponível para todo o globo no ano de 1914: o início da 1ª Guerra Mundial. A escala do conflito surtiu efeitos na sociedade de Bagé, com a carestia e escassez de determinados produtos, inclusive gêneros alimentícios. O conflito foi cuidadosamente acompanhado pela chegada de telegramas que descreviam os conflitos e seus efeitos, dentre os quais se destacam "a ruína das indústrias, a miséria que tomava conta da maioria dos países envolvidos no conflito, já com trágicas previsões para a fome que se avizinhava, bem como a forte desvalorização das moedas” (LEMIESZEK, 2000, p. 36).

A já registrada conexão entre Bagé e a sociedade da Europa do século XX viabilizava a chegada de relatos de bageenses que se encontravam no teatro de operações, projetando interesse local. A apreensividade causada pelos eventos ocasionava o esgotamento das edições do Correio do Sul quando da publicação da entrevista do “jovem Carlos Netto Gonçalves, [...] que foi testemunha ocular do bombardeio e tomada da cidade Belga de Liège, onde se encontrava estudando eletrotécnica. Em função da

invasão, juntamente com outros brasileiros, fugiu a pé da cidade, quatro dias após a ocupação" (LEMIESZEK, 2000, p. 36).

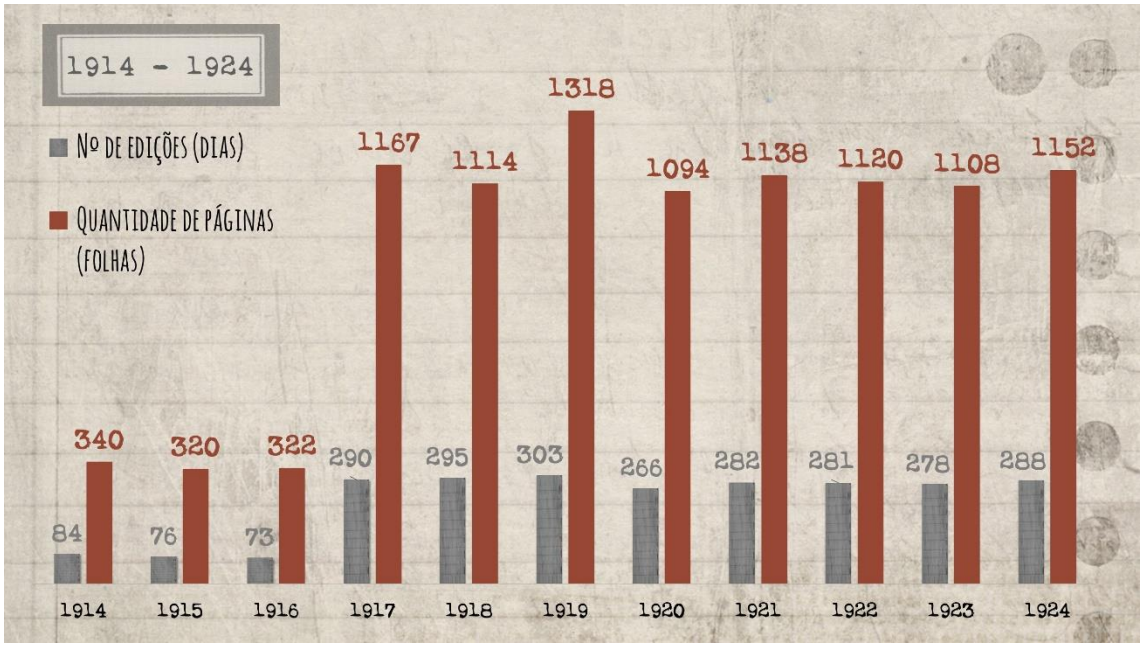
Tal contextualização demarca uma Bagé politizada – fato que reflete nos periódicos da época. No caso do Correio do Sul, havia um claro posicionamento político. Tanto que, a partir de 1920, surgiu a editoria "Notas políticas", ganhando ainda mais espaço essa temática no periódico. Os "factos diversos" passaram a ter uma ou duas colunas, antes contempladas com um espaço de quatro colunas.

No dia 11 de fevereiro de 1921, com a manchete "A salvação do Brasil pelo parlamentarismo" o discurso de Pinto da Rocha, um magistrado, político, historiador, jornalista, poeta, dramaturgo e escritor brasileiro, ocupou quatro páginas e duas colunas da quinta página do jornal. Foi a primeira vez que um espaço tão extenso foi cedido para um discurso político e, também, a primeira vez que o jornal registrou uma edição de oito páginas. O marco desta data parece modificar as edições subsequentes, com poucos fatos cotidianos e ordinários da sociedade, ficando o jornal essencialmente um panfleto político da época, cobrindo eleições locais, estaduais e nacionais. Em fim de abril de 1921, as notícias voltaram a normalizar.

4.2 A epígrafe do jornalismo visceral

A partir do dimensionamento da amplitude do objeto de estudo, foi possível traçar um período temporal factível e que proporcionasse uma posterior análise. Para isso, determinou-se o período de setembro de 1914 (desde a primeira edição do jornal) até dezembro de 1924. Um período compreendido em 11 anos, ressalvadas algumas brechas de jornais cuja pesquisa é impossibilitada pela deterioração pelo tempo ou que estavam ausentes no acervo do Arquivo Público Municipal Tarcísio Taborda, motivo pelo qual totalizaram-se 106 meses (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Panorama da pesquisa documental



Fonte: elaborado pela autora

Quantitativamente, foram 2.516 edições do jornal Correio do Sul coletadas, totalizando 10.197 páginas avaliadas referentes ao período de setembro de 1914 a dezembro de 1924. A vastidão do acervo captado demandou o desenvolvimento de estratégias de categorização e tabulação para uma investigação preliminar fatídica, bem como abertura para viabilizar a posterior análise dos dados.

Preliminarmente, as leituras das edições foram orientadas para captar narrativas com temáticas surpreendentes que pudessem potencialmente ser classificadas dentro do gênero *fait divers*. Conforme foram se avolumando as edições lidas, abriu-se a possibilidade de criação de categorias, a partir de temas e subtemas. Ainda sem tratamento analítico, portanto, essas narrativas foram tabeladas (Tabela 6) a partir dos assuntos que eram apresentados nas notas, notícias e/ou reportagens veiculadas nas páginas do jornal Correio do Sul no período de coleta.

A nível explicativo, ressalta-se que os temas foram formados a partir dos subtemas, que são basicamente as especificidades das notícias. Por exemplo, uma pessoa tirou a vida através da ingestão de veneno. Essa notícia foi tabulada como “suicídio” por “veneno”, juntamente com outras análogas e, após o término da coleta, percebeu-se essa aproximação de pormenores. Assim, utilizando-se da estratégia de justaposição por semelhança de conteúdos, foram-se mapeando convergências e divergências, sendo a

frequente ocorrência o que determinou a formação de uma categoria. A exceção está no tema "ocultismo". O termo foi utilizado pelo próprio jornal para designar tudo que está ligado a fenômenos sem explicação e, por isso, foi escolhido para intitular o tema de um subgrupo de notícias desse teor.

Tabela 6 - Levantamento documental

PERÍODO	TEMA	SUBTEMA	QUANTIDADE (notas, notícias, reportagens)
1914 até 1924	Suicídio	Veneno[22]	**58**
		Arma de fogo	**82**
		Arma branca	**11**
		Enforcamento	**27**
		Afogamento	**19**
		Queda/trem	**8**
		Fogo às vestes	**10**
		Tentativa de suicídio	**67**
		Não identificado	**147**
	Homicídio	Geral[23]	**431**
		Fratricídio (irmão)	**8**
		Parricídio (pai)	**3**
		Matricídio (mãe)	**8**
		Filicídio (filho)	**17**
		Uxoricídio	**74**
		Infanticídio	**26**
		Feminicídio	**59**
		Antropofagia	**1**
		Linchamento	**4**
	Ocultismo[24]		**73**
	"Humor" satírico		**22**
	Clima		**1**
	Animais		**9**
	Tentativa de assassinato		**27**
	Incesto / estupro		**7**

[22] Arsênico, formicida, potássio com água, creolina, ácido fênico, cianureto de potássio, nitroglicerina, éter, sublimado corrosivo, inseticida verde-paris, carrapaticida dissolvida em água.
[23] Briga de bar, baile, entre "praças" da brigada e do exército...
[24] Premonição, profecias, superstição, milagres, espiritismo, assombração, feitiçaria, bruxaria.

	Anomalias / Surpreendente	**10**

Fonte: elaborado pela autora

Dessa tabulação, é válido ressaltar algumas conclusões prévias. Não se verificou, por exemplo, uma periodicidade fixa no jornal. Por vezes, é possível vislumbrar publicações diárias, inclusive aos fins de semanas. Outras, há um hiato entre as edições. Mesmo considerando as prováveis ausências de edições no Arquivo Público Municipal Tarcísio Taborda, é possível observar quando realmente não ocorrem as publicações, pois o jornal retoma elementos, a exemplo da expressão "na última edição tratamos".

Nesta linha analítica, reflete-se que a maior incidência é de publicações de homicídio generalistas, com motivações frívolas e ocorridos em bares, bordeis, casas de lazer, ambiente de apostas e jogos etc. Porém, também são verificadas muitas notícias narrando a morte da esposa como forma de "resolução" dos problemas matrimoniais (uxoricídio). Na mesma linha, o assassinato de mulheres é expressivo (feminicídio), normalmente por motivos fúteis, a exemplo do ciúme.

Outra evidência é a presença do alto índice de divulgação do suicídio em uma realidade de preponderância do catolicismo (início do século XX), religião que denuncia o ato como pecado. Nesse sentido, os suicídios eram normalmente perpetrados com arma de fogo por homens e, por mulheres, com o veneno. Esta "arma" feminina, inclusive, aparece de forma constante na história e na literatura, recurso utilizado por personagens de William Shakespeare.

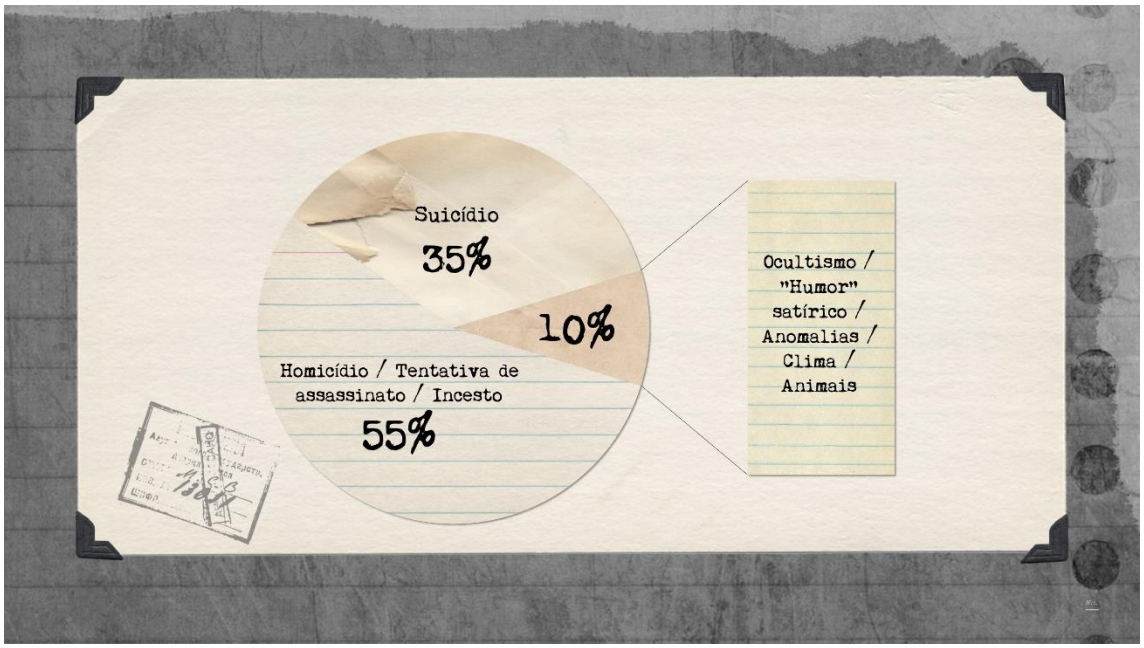
Em outra linhagem temática, tem-se o ocultismo, forma como o próprio jornal nomeia suas publicações associadas a premonição, profecias, superstição, milagres, espiritismo, assombração, feitiçaria, bruxaria. Todos esses elementos, envoltos em mistério, normalmente são resgatados de fatos ou acontecimentos internacionais ou nacionais – uma minoria inexpressiva decorre de apuração própria do jornal Correio do Sul. Sendo assim, a menor incidência de situações cotidianas, como ocultismo, "humor" satírico, anomalias, fatos surpreendentes, clima ou animais, contrapõe com a exacerbada presença de notícias políticas, elemento decorrente do claro posicionamento alardeado pelo jornal.

Neste ínterim, considerada a amplitude dos assuntos abordados no jornal e com vias de orientar a fase analítica, os temas e subtemas foram acoplados em três grandes grupos, a saber: 1) Homicídio, tentativa de assassinato e incesto; 2) Suicídio; 3) Ocultismo, "humor" satírico, anomalias, clima e animais. Esta síntese propiciou a

verificação do quantitativo de potenciais *faits divers* coletados para análise e posterior delimitação. Ressalta-se o vocábulo "potenciais" porque esta fase preliminar ainda carecia de leitura atenta precedida de verificação dos elementos que constituem o referido gênero.

O primeiro grupo resultou em 665 narrativas associadas; o segundo, em 429 narrativas; e, o terceiro, em 115 narrativas (Gráfico 3). Preliminarmente, observa-se uma alta veiculação de publicações retratando homicídios e suicídios, sendo ambas temáticas sumariamente narradas com detalhes sórdidos, a exemplo da forma como ocorreu o suicídio, o motivo do ato praticado, o modo como foi conduzido pela própria vítima, ou mesmo o estado do cadáver. Essas retratações, por vezes, parecem a transcrição de um laudo pericial médico, dada a linguagem técnica e a profusão de parágrafos existentes, fato destoante da prática jornalística, que visa simplicidade e objetividade.

Gráfico 3 - Síntese da pré-análise



Fonte: produzido pela autora.

Em um quadro geral, empreende-se brevemente no delineamento de um resumo dos casos coletados em cada grupo temático. Considera-se que o olhar geral para essas situações particulares auxilie na compreensão do perfil dos *faits divers* coletados no periódico.

4.2.1 Os contornos do crime

Em relação ao primeiro grupo temático, que aliou "homicídio, tentativa de assassinato e incesto", como dito, foram associadas 665 narrativas. Logo, frisa-se de antemão que será realizado um panorama deveras superficial. Essas notícias envolvem crimes hediondos, a exemplo da denúncia, por parte de Pedro Souza, da invasão de uma fazenda no estado de Minas Gerais[25]. Conta o texto que Gustavo Souza, "opulento fazendeiro" que "residia a meio kilometro da cidade, em uma chacara de sua propriedade", foi encontrado pelo subdelegado local, na sala de visitas de sua residência, "tendo a cabeça espatifada por um tiro de chumbo grosso" e, ainda, a vítima "apresentava trez ferimentos produzidos por instrumento cortante, assim descriptos: um no rosto, abaixo do olho esquerdo; outro abaixo do mamelão esquerdo; outro na coxa do mesmo lado, seccionando a arteria".

Entretanto, progressão de fatos não se esgota nesse ponto. Mal o leitor recupera-se, advém o parágrafo que informa que o corpo da mulher de Gustavo estava na sala de jantar e, "além de ter sido estrangulada a infeliz apresentava seis ferimentos, assim classificados: uma faca nas costas, atravessando o seio esquerdo; trez ferimentos no rosto; um ferimento no ventre e outro na coxa direita". Por fim, informa-se que "o corpo apresentava ainda o nariz decepado. O plano de cena, como em uma progressão fílmica, avança para outro aposento da residência em que as crianças de 6 e 8 anos, enquanto dormiam, foram assassinadas com facadas no coração. Diz-se que a criada escapou.

Como é típico dos *fait divers*, em contraponto com a leitura contígua de um romance literário, não há o fechamento desta notícia. Ao final, o leitor só tem a informação de que a criada escapou, que a polícia está investigando, que o crime é um mistério, que os bandidos roubaram tudo que encontraram. Ainda há outros dados para auxiliar no imaginário do crime, como a informação de que o fazendeiro estava com alta quantia de valores em casa em virtude da venda de café e que havia procurado o subdelegado apresentando uma carta que continha uma ameaça de morte. O enigma da narrativa, portanto, é posto e sua resolução lançada à fértil imaginação do leitor.

Os mistérios sempre envolvem os crimes, seja incitando a dúvida da responsabilidade ou da motivação. É o caso de "Arminda, a filha da desgraça"[26], narrativa em referência a caso ocorrido no Rio de Janeiro. Nas primeiras linhas, o leitor conhece

[25] Correio do Sul, 30 dez. 1916, p. 4.
[26] Correio do Sul, 14 jul. 1917, p. 2.

Arminda, uma "mártir" transformada em criminosa e que, por isso, "mereceu a compaixão de todos os corações bem conformados". Há, de pronto, uma preparação para leitura da sequência textual, como se as palavras ali postas pudessem acalmar o leitor sedento por pré-julgamentos: "O rosario de lagrimas, amontoadas, uma a uma, havia rebentado e as perolas do soffrimento se transformaram em rubras gottas de sangue!". A sequência inicial, dada sua primorosa descrição, convém transcrever na íntegra:

> Era a apotheose satanica da tragedia! Era o desmoronar de um lar, a desgraça de sete infelizes creanças, victimas imbeles da adversidade, que, testemunhas inconscientes daquella terrivel scena eram tambem as unicas creaturas sacrificadas e que tinham de sofrer as amarguras, as miserias, as saudades e as dôres de uma orphandade, duas vezes dolorosa! (CORREIO DO SUL, 14/07/1917, p. 2).

A carga emotiva envolve o leitor e visa promover empatia a partir de estratégias linguístico-discursivas que apresentam a opinião anterior aos fatos. O leitor, portanto, percorre quatro parágrafos sem entender o que ocorreu, perguntando-se o motivo dos filhos de Arminda sofrerem e, em um primeiro momento, exaltam um clamor por justiça. A mensagem transmitida é análoga à afirmativa de que "a personagem não pode ser punida, pois ela é mãe, foi torturada, sofreu, sacrificou-se". É como se os motivos não importassem, a bandeira popular estava posta.

A seguir, entende-se que Arminda é a mulher que assassinou o marido, Marcelino Marques da Costa, "a pauladas, depois de um supplicio que, resignada, soffreu, durante um longo periodo de vinte annos, tantos quantos tinha de casada!". Retirada dos filhos, que foram para o abrigo, ela foi recolhida à Casa de Detenção. O jornal conta que, com aparência de loucura, ela vaga chamando pelo esposo morto e, "de repente, estaciona, vago o olhar espantado pela cellula, rasga as vestes e chora, para, logo após, soltar gargalhadas estridentes, denunciadoras do seu estado mental. É digna de compaixão a desgraçada". O *fait divers* encerra dizendo que assim que "a scena de sangue teve seu epílogo doloroso", opinando claramente sobre a injustiça do fim de Arminda.

Há uma dúvida também posta na narrativa do "A infancia criminosa"[27]. O caso relata a situação ocorrida no município de Caçapava do Sul de uma família em perigo pelo denominado "menor perverso". Na cidade, residia a família de Marciano Leandro Ferreira, criador de gado, que criou, desde um ano e meio, o menor João Baptista, "mixto e de 14 anos de idade, mais ou menos". A notícia ressalva que "apezar de bem tratado

[27] Correio do Sul, 23 ago. 1917, p. 2.

pela familia em cujo poder se achava, o menor João Baptista tinha o mau habito de, a miudo, se ausentar da casa de seus paes de criação, chegando a passar semanas em logar ignorado". Reiteradamente, a criança prometia não repetir tal atitude, mas as promessas eram vãs.

É interessante observar que, embora os *faits divers* tratem comumente de personagens comuns, o jornal Correio do Sul sempre os designa com nome e sobrenome, além de trazer informações pessoais, como endereço, idade, personalidade. A descrição minuciosa, inclusive, acrescidas as estratégias linguístico-discursivas, contribuem, na situação narrada, para se projetar Marciano como uma pessoa "de bom coração" e o menino como "mal-agradecido".

Assim como nos casos anteriores, há uma longa contextualização que antecede a elucidação dos fatos. Menciona-se a constatação de cianureto de potássio na água, bem como que a família e os serventes tomaram chimarrão com tal água. Porém, os fatos também são apresentados com uma carga opinativa evidente, como estampa a literalidade do texto:

> Numa dessas visitas nocturnas à residencia de seus paes de criação, o menor João Baptista, que, além de tudo, é um perverso, teve a desastrosa idéa de deitar num deposito de agua de beber, regular dóse de cyanureto de potassio, veneno, como se sabe, mui violento, e que só providencialmente deixou de produzir, nas pessôas da familia, as mais tristes consequencias.
>
> O sr. Marciano Leandro e peões, por serem os que mais cêdo se levantavam na fazenda, chegaram a tomar matte chimarrão preparado com a agua do referido deposito! (CORREIO DO SUL, 23/08/1917, p. 2)

Adjetivado como "peçonha", o envenenamento da água provocado por João causou mal-estar e as devidas providências foram tomadas com os cavalheiros afetados. Todavia, não há maiores detalhes, pois o foco da notícia está no menor, que "encontrado e interrogado, confessou a má acção que praticára" e, portanto, foi preso. O referido acusou também outras pessoas de serem coniventes com o envenenamento, mas sobre o dito o jornal é categórico ao afirmar que "parece não restar duvida, porém, de que tal acusão é infundada, só tendo o mérito de pôr a nú uma nova e não menos triste qualidade do menor João Baptista: a qualidade de columniador".

Ao contrário da referência bíblica do nome do menino ao profeta seguidor de Jesus, o messias seria Marciano, que sofreu a perversidade do filho adotivo. Agora, direciona o texto narrativo, não cabe mais ao pai, mas sim ao sistema regenerar o jovem, pois "é a missão do poder publico, sob o ponto de vista criminal". Logo, a mensagem

final está atrelada ao ato de tranquilizar a população de que o jovem só volta à sociedade quando for um "homem digno dela".

Outro exemplo de mistério envolvendo mortes são as situações de infanticídio. Na hipótese de ser magia negra, divulgou-se a curta notícia ocorrida no Rio de Janeiro sobre o aparecimento, no subúrbio de Nossa Senhora da Penha, de uma criança de oito anos morta e "com o ventre rasgado de cima para baixo, o corpo coberto de facadas e os cabellos cortados" [28].

A "infeliz" era filha do "súbdito" turco Antonio Said, sendo as causas e motivações do crime ignoradas, bem como o nome do autor. Denuncia-se a característica de ausência de resolução do crime, como se aguçasse a curiosidade do leitor. O pai da vítima também incita questionamentos, pois é apresentado como "súbdito", sujeito subordinado a outrem. Assim, as curtas linhas contrastam com as imensas notícias envolvendo famílias abastadas, em contraponto a um homem que, por sua posição social, não terá a morte da filha investigada ou mesmo esclarecida.

Nesse mesmo sentido, existem as mortes com agulhas introduzidas no coração, rituais que serão retomados no terceiro grupo, de ocultismo. Um deles é o caso elucidado pelo dr. Biffi[29], em Bagé, que apresentou o coração de um jovem, pertencente a uma distinta família local, "no qual havia encontrado, ao fazer a autopsia, uma agulha introduzida na parte esquerda do mesmo". Conforme consta, o homem matou a própria mãe e tentou suicidar-se diversas vezes. Entretanto, dois anos anteriores ao seu falecimento, o "infeliz" dizia que tinha uma agulha no coração. A agulha encontrada estava enferrujada, "coberta de materias orgânicas, com a ponta sobressaindo da cavidade do coração". Adicionalmente, informa-se que o paciente nunca disse sentir dores.

Os referidos *faits divers* e os que seguem possuem uma característica similar, remetendo à lógica das narrativas policiais: primeiro a contextualização, seguida pelo detalhamento do crime e, por último, o inquérito. O crime encontra sentido nessas dimensões monstruosas – ou míticas – da violência, relacionando-o com uma justiça que, no Correio do Sul, é orientada para ser perpetrada pelos homens. E, mesmo nas narrativas mais curtas, é possível perceber que se bastam, ou seja, os dados ali postos são necessários para a interpretação – e encantamento – do leitor.

[28] Correio do Sul, 23 nov. 1915, p. 2.
[29] Correio do Sul, 12 nov. 1916, p. 2.

Outro crime da mesma monta, relacionando à prática de esfaquear o coração, é o "crime monstruoso"[30], ocorrido em Porto Alegre. No lugar "Bella Vista" os moradores descobriram, enterrada, uma criança recém-nascida. O cadáver foi achado com duas facadas no coração e a cabeça quebrada. A nota informa que o delegado de polícia instaurou inquérito. Conforme pontua Ginzburg (1991), o ritual de conservar os ossos intactos está historicamente ligado com a ideia de ressureição, sendo que o ato de quebrar ou "montar" os ossos de forma equivocada resultaria um retorno com imperfeições, notadamente assimetrias corporais. Na situação exemplificativa, a criança estaria sendo punida nesta e para as vidas futuras.

Há, também, homicídios envoltos na dualidade integrada por amor e ódio, com marcas de possessão e ciúmes. É o caso de Martinha Maria da Conceição, que matou o marido em Pesqueira, Estado de Pernambuco[31]. A mulher, motivada pelos ciúmes, "propinou ao seu marido vidro ralado com água ardente para que elle deixasse o vicio da embriaguez", matando-o, cinco minutos depois, com "cruciantes dores". O referido *fait divers* ocupa 12 linhas em uma das sete colunas que dividem a seção "Factos diversos" do jornal. Embora breve, oferece ao leitor o "prato feito": personagem, vítima, motivação, instrumento, resultado. Ao leitor, o que acontecerá com Marinha de fato não importa, pois seu marido morreu brutalmente e esta morte absurda já satisfaz o apetite do leitor.

Do mesmo modo, também existe uxoricídio por motivos frívolos, como o caso da "Tragedia conjugal" [32] ocorrida em Bagé e que, pelo evidenciado interesse público, possui publicações em três edições sequenciais. A primeira notícia anuncia "uma commovedora scena de sangue desenrolou-se hontem, às 8 horas da noite, mais ou menos, à rua Marcilio Dias num. 174". São perceptíveis um detalhamento e um cuidado em afirmar elementos do fato, muitas vezes associado aos dados do inquérito policial, sem precisão, a exemplo do emprego da expressão "mais ou menos" para dar um ar de suposição do horário do crime. A narrativa segue:

> [...] No predio contiguo, num. 176, residia com sua esposa, d. Manoela Pereira Fernandes, de 28 annos, e um filho de nome Adão, o sr. Godofredo Elpídio Fernandes, de 35 annos, presumiveis, estabelecido à rua Felix da Cunha, esquina da Marcilio Dias, com a fabrica de café denominada "Santos Dumont".
>
> Àquella hora, os esposos, que haviam andado na rua, chegaram no local [do crime], introduzindo-se d. Manoela no predio 174, onde reside a exma. sra. D. Afra Ribeiro.

[30] Correio do Sul, 21 ago. 1924, p. 3.
[31] Correio do Sul, 02 abr. 1918, p. 3.
[32] Correio do Sul, 17 jul. 1918, p. 3; 18 jul. 1918, p. 2; 19 jul. 1918, p. 3.

> Por motivo que ignoramos, Godofredo, não se conformando com o facto de sua esposa negar-se de acompanhal-o até a residencia de ambos, junta, exasperado trouxe-a à força para a rua.
>
> D. Manoela, conseguindo libertar-se, correu novamente em direção à porta da residência de sua vizinha.
>
> Ao pôr as mãos nesta, para abril-a, Godofredo, empunhando um revólver calibre 38, desfechou varios tiros sobre sua esposa, que, gravemente ferida, caiu ali mesmo.
>
> Consummado aquelle acto de exasperação, o seu auctor demorou-se ainda um pouco por ali, dirigindo-se em seguida para o 1º posto, onde apresentou-se à policia, relatando o seu crime. [...] (CORREIO DO SUL, 17/07/1918, p. 3).

A riqueza de detalhes eleva o texto à narração visual e, através da imaginação, o leitor torna-se um observador neutro da ação, a qual é amarrada em sequências descritivas. O narrador, o próprio jornalista, é o elemento estruturante da narrativa, e é ele que interage com o espectador, colocando suas marcas opinativas através da linguagem. Não por acaso, mesmo antes do fechamento, tem-se a sensação de que Manoela estava morta em decorrência da ação do marido. Porém, cronologicamente, a história não havia encerrado, o narrador ainda estava na cena do crime:

> [...] D. Manoela, banhada em sangue, quasi moribunda, foi socorrida por varias pessôas da visinhança, que logo accorreram ao local com os estampidos e gritos da victima.
>
> Levada para a sua residencia, ali compareceu mais tarde, com a auctoridade, o sr. dr. San Martin, que lhe ministrou os primeiros socorros medicos.
>
> Innumeras pessôas, após à divulgação da contristadora occurrencia, compareceram no local lamentando devéras aquella tragedia, cujas causas, que a possam ter motivado, ignoramos.
>
> Até à hora em que esta escrevemos era gravissimo o estado da victima. (CORREIO DO SUL, 17/07/1918, p. 3)

O fechamento da notícia deixa aberta uma possível nota posterior. E foi o que ocorreu na edição seguinte do jornal. Com o título "Echos de uma tragedia" o periódico retoma brevemente os fatos e informa que "O estado desta [d. Manoela] continúa sendo grave, havendo, no entanto, esperança de salva-la". A terceira e última notícia sequencial sobre o fato possui o mesmo referido título, supostamente como uma marcação ao leitor. O texto informa que d. Manoela, "a infeliz senhora impiedosamente sacrificada à bala por seu esposo Godofredo Elpídio Fernandes", foi operada para retirada dos projéteis e que seu estado "inspira maiores cuidados". O autor dos disparos foi preso preventivamente.

Convém salientar que poucos *faits divers* do jornal Correio do Sul possuem sequencialidade, ou seja, fatos que se desdobram em diversas notícias. No caso referido, havia a possibilidade de a tragédia ter um resultado irreversível: a morte. Conforme

(MORIN, 1997, p. 100), "O grande fascínio da morte emerge obscuramente, sob o jorro da violência", aqui representado pelo ato de um homem atirar em sua esposa publicamente, isso porque "[...] a imprensa da cultura de massa abre suas colunas para os fatos variados, isto é, para os acontecimentos contingentes que só se justificam por seu valor emocional". Logo, talvez o desejo obscuro de ver a tragédia fatal motivasse os leitores do Correio do Sul, bem como o próprio veículo de comunicação que acompanhou o caso, somente até a constatação da ausência do desfecho da morte.

Como trata-se de um *fait divers* ocorrido na cidade de Bagé, direciona-se a percepção para questões que transcendem o dito no texto. Há menção, por exemplo, de pessoas importantes e distintas para a sociedade da época, vez que as menções ao "proletariado" eram bem adjetivadas e normalmente não designavam o sobrenome do envolvido – "fulano de tal". Além disso, confirma a incidência massiva do emprego da arma de fogo não só para questões de segurança pública, mas para perpetração de crimes domésticos. Nesse sentido, pelas informações da notícia, um fato insignificante foi capaz de gerar uma ação desmedida, o que estampa os costumes desta sociedade, principalmente em relação à subjugação feminina.

Um acontecimento semelhante ocorreu em São Paulo, sob o título "Uma tragedia conjugal em São Paulo"[33], a abertura do texto segue a lógica contextualizadora: "A capital de São Paulo foi, há dias, theatro de mais uma tragedia de familia, verificada à rua da Aurora, em frente ao prédio n. 70". O segundo parágrafo resume brevemente o fato:

> Por motivos sem importancia, simples má vontade, segundo se affirma, de uma sogra renitente e de um sogro cujos sentimentos se puzeram à mostra, deram causa a uma scena de sangue em uma das ruas mais centraes daquella cidade, facto verificado às 9 horas da manhã. Quando mais extraordinario era o movimento, foi despertada a attenção dos transeuntes, que viram horrorizados uma jovem vestida modestamente mas de belleza pouco comum, cahir ferida por cinco tiros de revólver desfechados a queima roupa pelo seu proprio marido. Este atacado de uma fortissima crise nervosa, chorava desesperadamente olhando como que arrependido para a formosa moça que agonizava (CORREIO DO SUL, 28/11/1919, p. 1).

O trecho direciona o olhar do leitor, como verificado nos demais *faits divers*. O pensamento popular de que "sogras sempre incomodam" é endossado pela descrição de que os pais da vítima agiram quase como cúmplices, havendo um culpado por trás do próprio homem que desfechou os tiros. O clima de suspense acaba sendo tanto um estilo do gênero como um estilo do autor do texto. Sua intensidade é medida pela balança social

[33] Correio do Sul, 28 nov. 1919, p. 1.

que coloca os fatos em uma espécie de termômetro de tragédia. Quanto mais espetacular, mais o leitor espera dessa configuração discursiva.

Com a quebra da sequencialidade através do *flashback*, o jornalista retoma, nos cinco parágrafos que seguem, longos e descritivos, o caso desde o início: "Há mais ou menos dois annos, o empregado no Serviço Sanitario, Luiz Ferreira dos Santos, de 20 annos de idade, indo passear em Guarulhos conheceu em Villa Augusta a hespanhola Eliza Rubio, 19 annos de idade, cigarreira e uma das moças mais bonitas do bairro". O crime passional rapidamente ganha personagens e o leitor tem acesso às suas interioridades.

A variação dessa espécie de nível onírico, um estado de inconsciência do leitor, é motivada pela ampliação do tempo, associado ao efeito do que Barthes (1964) intitula de "frase hermenêutica", ou seja, a inserção de novos fatos à narrativa, com o intuito de promoverem um hiato temporal, auxilia a interpretação, sendo que a conclusão será exposta sequencialmente.

As informações adicionais são postas logo após a narração da paixão sorrateira, sucedida por oito meses de noivado e, enfim, pelo casamento. No início, não havia desentendimentos e o moço vivia feliz. Porém, "um mez e meio após seu casamento, Luiz voltando da cidade teve a primeira rusga com a sua sogra. Deu causa a essa rusga uma palavra mais alta que Luiz, naturalmente nervoso, lhe dirigira". O sogro, ao ver o fato, tomou as dores da mulher, ampliando a discussão e mandando Luiz embora, ao passo que "não consentiu que a filha saísse e, discutindo com o genro, disse-lhe, dando largas aos sentimentos: 'Vai-te vadio, minha filha, moça bonita terá, quando quizer, mil pretendentes'".

O apaixonado marido fez propostas para a esposa o acompanhar. Todavia, Eliza, "influenciada por sua mãi e por seu pai, nunca quiz attendel-o. O pai de Eliza, afim de afastar de vez o genro, deu queixa mesmo ao delegado de Guarulhos, mas saiu-lhe o trunfo as avessas, pois a auctoridade não quis se envolver em negocios de familia". Irresignado, o senhor foi dar queixa no posto de São Caetano, sendo Luiz chamado pelo delegado e, quando chegou, encontrou seu sogro e sua mulher: "o perverso individuo, juntamente com a sua filha, a quem tinha influenciado, procurou convencer a auctoridade que seu genro era um vadio terrivel". A tentativa do delegado em fazer as pazes entre o casal foi inócua, pois o sogro não permitiu. Assinala-se que o código penal então vigente (elaborado em 1890) previa um capítulo para tratar do crime configurado ao se viver como vadio: "Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a

vida, não possuindo meios de subsistencia [...] meio de occupação prohibida por lei, ou manifestamente offensiva da moral e dos bons costumes" (BRASIL, 1890, art. 399).

Dessa atitude, segundo a narrativa, decorreu o crime. Ainda conta que "uma senhora, residente nas proximidades, correndo para a victima, chamou um padre que passava" e, este, "deu-lhe os ultimos consolos da religião" – evidenciando a relevância emergencial do sacramento da extrema-unção na sociedade católica. Interessante notar a descrição quase pericial de que "Eliza foi attingida por quatro projectis: um na região temporal esquerda, penetrante; outro na região carotinana direita, sahindo pela nuca; u m terceiro na face palmar esquerda e um ultimo que produziu escoriações da espadua". Destaca-se que o jornal não apenas descreveu os ferimentos, mas indicou a trajetória dos projéteis e a ordem na qual vitimaram a mulher. Mesmo após a descrição de um desfecho terminal, a vítima ficou em coma – mas não morreu, como afirma o próprio periódico nas linhas finais. O marido foi preso em flagrante.

Ainda nessa motivação, uma linguagem frígida, técnica e forense dá lugar à narrativa lírica atribuída ao caso nomeado de "folhetim sombrio". A descrição, por seu detalhamento, convém reproduzir:

> [...] Paulo, de borco sobre o tapete, jazia com a cabeça varada por bala de revólver. Ao seu lado, pesadamente atirada de costas no assoalho espadanado de sangue, estava a mulher com uma grande mancha de sangue sobre o peito como se lhe houvessem machucado uma papoula na blusa gris. Tinha os olhos abertos, profundamente "azues", rebrilhando ao sol que "innundava" a sala (CORREIO DO SUL, 07/08/1918, p. 1).

Como a configuração esperada, após este parágrafo "introdutório", a narrativa aponta que "precisamos voltar à vespera". Há uma detalhada e lírica descrição dos momentos que antecederam o crime: "A sala começava de mergulhar na sombra suave da noite que se approximava. Os combustores da rua atiravam até ali uma pallida claridade que, escoando pela vidraça, chegava à parede em bizarros quadriláteros". Há, a partir desse ponto, um percurso gerativo de sentido, o discurso é colocado em partes através dos parágrafos e frases, bem como encadeado através de unidades textuais anafóricas. Laura chega na casa escura e com aparência de abandono e solicita uma caricia a Paulo: "– Então, Paulo, que tens?". O conflito interno prossegue:

> Elle repeliu-a. Laura insistiu. Não havia remedio para aquella molestia? Hia, sim: a morte.
>
> Elle, que estava morto moralmente, deseja morrer a morte physica, e fitou a mulher com uma fixidez perturbadora. Ia fazer uma experiencia

> suprema. Convidal-a-ia para a morte e se ella recusasse é que tinha mais alguma coisa que a prendesse à vida além do seu amor, e se aceitasse iriam então ambos entrelaçados em sangue para o eterno bem.
>
> E ella hesitou. Paulo empunhava já uma arma. Laura viu tudo naquelle gesto e tudo comprehendeu. Mas o estuprido de um tiro veiu cortar aquella situação de pavôr e a pobre moça tombou sem um ai, sem um queixume.
>
> Aquella frieza dele, agora, era apavorante e tragica. Foi aos vasos de Sêvres, apanhou as flores que se lhes debruçavam entristecidas e as espargiu no corpo quente da mulher amada. Procurou-lhe os labios e despediu-se della com um beijo demorado, quemte – tão demorado, nesse pacto de desunião, como aquelle que chancellára o seu amor na triumphante noite nupcial. E um novo tiro, e uma outra queda, e de novo o silencio [...] (CORREIO DO SUL, 07/08/1918, p. 1).

Os fatos são que Paulo, consternado, matou sua esposa, Laura, por julgar que ela não o amava. Sequencialmente, suicida-se. Os fatos são narrados como em um romance. Por vezes, questiona-se a presença de uma terceira pessoa, como se o jornalista-narrador fosse testemunhar os fatos. Os primeiros a chegar são as autoridades, os homens dos jornais, seguido dos parentes e dos curiosos. O espetáculo encerra-se junto com os "cadaveres ao tumulo...". Pontua-se que, apesar das críticas eventualmente apontadas às narrativas dos *faits divers*, tais características traduzem padrões ainda atuais do jornalismo e da própria sociedade.

Outros casos de feminicídios bárbaros também são recorrentes, refletindo em situações de intensa ira. Um dos crimes ocorreu na fazenda Itaquerê, propriedade de Carlos Magalhães, em São Paulo[34]. O italiano Antonio Fraiote, sua esposa, Antonia Fraiote, e o amigo Roque Fontaneti voltavam para fazenda quando ocorreu a discussão entre eles. No calor no debate, "Antonio, exasperado, detonou a garrucha contra sua mulher, depois de ter apontado a arma para Fontaneti, que fugiu, espavorido". Mesmo após ter acertado a esposa, o italiano ainda "vibrou sessenta e sete [67] facadas" no corpo de Antonia, que "completamente deformado, ficou em baixo de um pé de café, onde foi encontral-o a policia, que, depois de varias diligencias, conseguiu prender o criminoso". A plantação de café remete à cafeicultura, atividade agrícola importante para o estado de São Paulo à época[35], culminando em um efeito de sentido que expõe a dualidade entre a planta viva e sinônimo de poder econômico e a morte.

Exemplo semelhante é de uma atriz e corista[36], no Rio de Janeiro. O ex-sargento da polícia local, descrito como indivíduo de maus instintos, "vivia em constantes rusgar

[34] Correio do Sul, 13 fev. 1919, p. 4.
[35] Conforme Marcondes (2011, p. 405), o Estado de São Paulo foi o maior produtor de café do país desde o final do século XIX até o término da primeira metade do XX.
[36] Correio do Sul, 01 abr. 1919, p. 2; 02 abr. 1919, p. 2.

com a amante, Emilia da Silva, corista do Theatro São Pedro". As discussões habituais do casal levaram Ventura, no fim da tarde do dia 31 de março, a assassinar "barbaramente a facadas a amante, sahindo calmamente com a faca em punho e indo se entregar a policia". A tragédia foi pormenorizada em nota da edição do dia posterior: "Na necropcia a que foi submettida a actriz Emilia Silva, assassinada por seu amante Boaventura Bezerra da Silva, os medicos da policia constataram 44 ferimentos produzidos por faca". Há também a informação dos "péssimos" antecedentes criminais do assassino e do envio de coroas de flores no velório, sendo um com a frase "Perdôa o teu marido".

Os fatos que não são apurados antes do fechamento da edição, comumente são inscritos na edição seguinte dos jornais impressos. Todavia, no caso dos *faits divers*, essa inserção é feita somente quando há algum elemento ainda mais surpreendente. No caso, as 44 facadas e a frase de efeito da coroa de flores. A designação de "amante" expõe a realidade de uma sociedade de objetificação da mulher e, conforme o Código Penal de 1890[37], era crime o adultério ou a infidelidade conjugal. Soma-se a isso a noção de que o agente, mesmo após cometer o homicídio, estima a vítima como sua esposa e roga o seu perdão, demonstrando vinculação à concepção de perenidade do matrimônio sob a perspectiva católica.

Quanto aos feminicídios, esclarece-se que a terminologia foi introduzida apenas por alteração legislativa no ano de 2015 – portanto mais de um século após os fatos aqui analisados. Tais alterações foram introduzidas ao Código Penal atual[38], que estabeleceu o crime de feminicídio quando praticado "contra a mulher por razões da condição do sexo feminino". A lei estabelece que a motivação se configura quando o crime envolva violência doméstica contra a mulher, menosprezo ou discriminação à condição feminina.

Convém, igualmente, destacar a exposição de motivos do Projeto de Lei nº 292/2013, que originou a modificação legal acima. A discussão que motivou a alteração da lei penal foi fundamentada inclusive na noção de que o assassinato de mulheres configura um "crime de ódio contra as mulheres, justificada socioculturalmente por uma história de dominação da mulher pelo homem e estimulada pela impunidade e indiferença da sociedade e do Estado" (SENADO FEDERAL, 2013, p. 2). Tais perspectivas indicam que o assassinato de mulheres não se resume a fatos isolados, mas é o resultado de uma

[37] O Código Penal de 1890, artigo 279, determina que: "A mulher casada que commetter adulterio será punida com a pena de prisão cellular por um a tres annos. § 1º Em igual pena incorrerá: 1º O marido que tiver concubina teuda e manteuda; 2º A concubina; 3º O co-réo adultero". Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 02 jul. 2022.

[38] Decreto-Lei 2.848/1940, por força da lei nº 13.104/2015.

cadeia contínua de violências e representa a "instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto" (ibidem).

Foram detectados também *faits divers* que narram homicídios por emboscada, como é o caso de uma vingança premeditada ocorrida na cidade de Montenegro e relatada de forma minuciosa pelo jornal:

> Sr. Brand, fabricante de sabão ali, sabedor que sua esposa fora desrespeitada pelo sr. Carlos Wolf, premeditou e levou a cabo a hedionda vingança que abaixo se vê.
>
> Friamente, como se nada do que se passara tivesse sciencia, após o dia em que se dera o desrespeito, Brand vai à residencia de Wolf e convida-o a ir em visita à sua fabrica. Pretextando afazeres no momento, Wolf nega-se a aceitar o convite. Brand retira-se amistosamente e, poucos momentos depois, volta à casa de Wolf e repete-lhe o convite insistentemente. Deseja mostrar-lhe uma coisa em sua casa – allegava Brand. Diante dessa insistência Wolf resolve acompanhar Brand.
>
> Em logar previamente combinado a esposa desse esperava Wolf. Quando o infeliz homem, incautamente penetrava em uma das dependências da fabrica, introduzido por Brand, a mulher deste, surgindo inopino, lança-lhe sobre o rosto uma solulçao fortissima de sóda caustica cujo poder corrosivo, em seguida, cegou-o.
>
> No desespero da dôr que sofreu então, Wolf volta-se e consegue segurar Brand com quem trava uma lucta titanica. Cégo, com os tecidos cellulares hypodermicos a cahir, victima de uma dôr indescriptivel, Wolf com ferocidade inaudita tacteia nas sombras do seu desespero procurando matar o seu contendor. Este, assustado, lucta tambem procurando desvencilhar-se. (CORREIO DO SUL, 12 jun. 1919, p. 3).

No ápice da narrativa, breves linhas informam que populares conseguiram separar o embate físico e que a polícia local tomou as providências. A objetividade da resolução do caso confirma que o interesse da narrativa está no sensacional, no jogo de proximidade e distância da luta corporal, na hipótese de resultado morte, talvez na espera de um elemento mais trágico que a própria dor e cegueira de Wolf. Depreende-se da narrativa um enredo digno de uma tragédia previamente desenvolvida, de modo que se apresenta uma projeção animalesca de Wolf, que age com literal esforço pela sobrevivência, tal como um lobo.

Na mesma seara, há também casos de linchamentos públicos que se enquadram neste grupo temático. É caso de um homem, cujo nome não foi dito, que tenta agarrar a loira e linda Sinhá, uma menina de oito anos[39]: "com as mãos postas, com irreprimível gesto d'amiração, recuando té ir de encontro ao muro, o infeliz queimava a criança com a febre impressionante do olhar que faiscava de lá de dentro do bistre dumas olheiras de

[39] Correio do Sul, 15 jun. 1919, p. 1.

doente". O texto inicial, por óbvio, incita o questionamento do estupro, do desejo sexual talvez de um louco contra uma criança.

Ocorre que, certo dia, "elle não poude reprimir o desejo que tinha d'apanhar aquella criança nos braços, chegal-a ao peito e beijal-a, beijal-a muito, encher-se da vida que ella tinha, cobrir os labios naquellas tenras faces rosadas, e fe-lo, expansivamente". Obviamente, a criança gritou apavorada com o ato, exclamando alto: "– O satyro!", em referência ao homem devasso que, na mitologia grega, era um semideus que possuía chifres e pernas de bode. Não demorou para vir um "tropel" sobre o homem que, com a forte pancada, caiu "varado de balas assassinas, mas tendo antes levado a mão ao bolso interior do velho paletot e dahi retirado um cartão que comprimiu no peito com ambas as mãos cheias de calos e d'espurcicia". O cartão era um retrato desbotado que, cheio de sangue, mostrava a filha do homem que morrera e que se parecia com a menina.

Com aparência de lição de moral, algo análogo a não se julgar pelas aparências e sem verificar os fatos, o texto não possui qualquer distinção das demais notícias, caso fosse um conto, por exemplo. Há, primeiramente, um distanciamento inconsciente do personagem foco, pois o leitor é convidado a sentimentos de repulsa. Logo, porém, isso é alterado. O privilégio da empatia que estava com a menina volta-se ao homem que, inocentemente, foi linchado publicamente por saudade de sua filha falecida – ato que contou, naturalmente, com a aprovação dos leitores até o conhecimento do trágico desfecho.

Nesses termos, um exemplo efetivo de estupro de menor ocorreu em Curitiba, no Paraná, envolvendo uma importante família local, "muito conhecida e estimada" [40]. José Conrado de Souza, viúvo, é pai de uma jovem, aluna da Escola Normal[41], que estava "enamorada" com Laertes de Macedo Munhoz, filho de Alcides Munhoz, secretário da Fazenda em Curitiba. O referido pretendente, chamado pelo jornal de "D. Juan", adquiriu no laboratório do senhor João Baptista Milla "certa dose" de clorofórmio, misturando-o em bombons e balas o narcótico. Após, levou a jovem para arrabaldes da cidade e, quando esta restou desacordada, ele consumou o ato sexual, embora isso não seja explícito diretamente: "valendo-se do somno da incauta jovén, Lartes consumou o seu monstruoso delicto tão calma e miseravelmente premeditado".

É possível traçar-se breve paralelo com os crimes de estupro previstos na lei penal brasileira vigente à época. Notadamente, a previsão remota do delito de estupro

[40] Correio do Sul, 20 jul. 1919, p. 3.
[41] Formação educacional para atuar como professores primários.

apresentava-se nas violências física e psíquica que anulavam a possibilidade da mulher "[...] resistir e defender-se, como sejam o hypnotismo, o chloroformio, o ether, e em geral os anesthesicos e narcóticos" (BRASIL, 1890). Frisa-se a previsão do clorofórmio, usado para entorpecer a moça, inclusive no Código Penal da época, dada a suposta recorrência desse tipo de prática. Como a jovem era menor de idade e virgem, informações que constam no *fait divers,* também havia a previsão no Código do crime de defloramento, sendo este último praticado somente no "estupro de mulher honesta".

Eventos de estupro eram relatados com veemente reprovação do jornal. É o caso do intitulado "Monstro humano"[42], de nome Gimigliano Gentil Francisco, italiano, que em Campo Grande, no Mato Grosso, estuprou e matou a menor Carmen, de três anos. Conforme o periódico, "esse facto, como é facil de se prever, revoltou todos os habitantes de Campo Grande e suas cercanias". A população, indignada, sob gritos populares de "– Lyncha! Lyncha!", fez linchamento do homem e "o paciente" foi carregado em procissão pela cidade como "um troféu da Justiça popular" em uma carroça, sob o olhar impotente da polícia local. Para conter a exaltação popular, as autoridades empregaram "numerosa força" e recolheram o indivíduo à cadeia.

Outro caso emblemático é o que o jornal Correio do Sul descreve como "o triste ocorrido tem ligações com a eterna história do amor, pois se deu entre um marido e uma esposa"[43]. O fato aconteceu em Curitiba, dia 6 de agosto de 1919, e envolve Pedro Dornelles, 24 anos, operário e "amortificado pela atroz tuberculose pulmonar". Diz-se que "Angelina Dornelles foi a victima, é casada com Pedro, é ainda moça de vinte e poucos annos de idade, e está gravida, em adeantado estado". No quarto, às 7h30, "Pedro pediu um copo de leite para tomar, pois estava se achando muito fraco". A esposa foi buscar o pedido e, no ínterim, "Pedro abriu a gaveta do bidet, tirou dali uma pistola de dois cannos, curta, marca 'fogo central' e, armado, esperou a sua infeliz companheira".

Quando Angelina voltou com o leite, "Pedro ameaçou-a, exclamando: – Eu vou te matar, ao que a esposa, não acreditando, respondeu sorrindo – atire". Imediatamente, atirou contra a esposa. O projétil entrou pelo principal osso do crâneo, "rompendo as glândulas salivares". Embora tivesse premeditado posterior suicídio, faltaram forças à Pedro, que, arrependido, "lançou-se desvairado sobre o corpo ensanguentado da desgraçada esposa". A ação, como se fosse possível justificar a partir dos elementos da narrativa, ancora-se no egoísmo "por que somente eu estou condenado à morte?" e na

[42] Correio do Sul, 09 jun. 1923, p. 3.
[43] Correio do Sul, 22 ago. 1919, p. 1.

violência injustificada, elementos indispensáveis para o tema virar assunto de discussão nas rodas de conversa da esfera pública.

Na seara do feminicídio, tem-se também o "Papa Mulheres"[44], caso ocorrido em Curitiba e que rendeu textos extensos e minuciosos. O caso foi relatado em uma sequência de duas notícias. A primeira possui o título "O terrível bandido", seguido de dois parágrafos de introdução e divisão do texto em intertítulos: "Como se deu o crime"; As providencias da policia"; "Quem é o criminoso". A redação narra o assalto na residência do casal José e Maria Brunckowski, que moravam em Campina do Siqueira, Curitiba:

> Sabbado, como de costume o casal deitára-se à hora normal, sem nenhuma preocupação. Às 3 horas mais ou menos José Brunckowski ouviu um ruido na porta e então acordou sua mulher dizendo que com certeza algum ladrão estava forçando a entrada de casa.
>
> Ambos se levantaram e José, tomando a frente, abriu uma janella, proximo à porta e quando pendeu o corpo para fóra para observar o que havia recebeu uma bala em pleno peito, que o fez rolar por terra.
>
> O bandido penetrou então na casa, onde a mulher do Brunckowski vendo seu marido cahido no chão bradava desesperadamente por soccorro. [...] (CORREIO DO SUL, 17/07/1923, p. 3).

O bandido José Raymundo Nascimento, "infame assassino", comparado pelo periódico à uma fera indomável, "segurou fortemente os pulsos da infeliz mulher indefesa, arrastando-a para a cama e ali, ameaçando-a de morte, forçou-a a satisfazer-lhe seus instintos libidinosos, depois de a maltratar bastante". A mulher reconheceu o criminoso, que foi preso.

A segunda publicação sobre José Raymundo aparece na capa do Correio do Sul, ocupando praticamente meia página. É, na verdade, a reprodução do relatório de polícia comentado, que informa a prisão e que se descobriu ser o criminoso responsável também por estuprar sucessivamente mais três senhoras, uma das quais tentou matar. Novamente, os intertítulos auxiliam na organização do longo trecho, sendo: Relatório; 1ª) Os crimes da "Campina do Siqueira"; 2ª) O crime do "Alto do Bigorrilho"; 3ª) O crime do "Alto da Caixa D'água"; 4ª) A agressão a Carmen Miguel; 5ª) Outro crime de estupro. É possível afirmar, pelo expressivo espaço concedido pelo jornal ao evento, que crimes contra a honra feminina "chocavam" o seio social bageense.

Da mesma forma, os casos de infanticídio também tinham espaço no jornal. É o exemplo do título quase em formato de anúncio, escrito em letra maiúscula: "BARBARO INFANTICIDIO. Duas crianças assassinadas. NO QUEBRACHO". O local referia-se ao

[44] Correio do Sul, 17 jul. 1923, p. 3; 21 jul. 1923, p. 1.

5º distrito de Bagé. Ali, residia o casal Lissardo Balladar e Fabricia Torres, bem como a filha desta, Barbara, de 22 anos. O homem, de "temperamento libidinoso", "apaixonou-se pela belleza impressionante da enteada, e dahi a seduzil-a foi obra de pouco tempo".

A jovem, por sua vez, "concebeu", dando à luz a duas meninas "dessa ligação criminosa". Três dias após o parto, Barbara degolou as duas filhas com uma faca de lâmina dentada, "cega de gume, como se diz na gíria doméstica". Condenando a atitude da jovem, o texto narra que, após ter "praticado esse acto de requintada malvadez", ela tentou suicidar-se por degolamento, mas foi impedida por sua mãe. Na luta do anteparo, a jovem deu-se uma punhalada no mamilo esquerdo.

O jornal, entretanto, traz uma observação sobre a polícia não ter como deixar de apurar o fato, dado o "crime horroroso". Todavia, "Barbara praticou o delicto em momento de desverio, tanto que attentou em seguida contra a propria existência". É lançada, retoricamente, uma questão ao leitor: "Teria a criminosa agido por inspiração propria, ou sob pressão de insinuações de Fabricia, sua mãe e sua rival?". Acrescentou-se, ainda, que "os investigadores têm o dever de se não deixarem iludir por apparencias".

O fato ocorrido em Bagé traz algumas reflexões sobre a sociedade da época. Há uma provocação ambígua, pois é lançada a hipótese de que a mãe pode ter degolado as crianças, direta ou indiretamente, por não suportar conviver com os frutos de uma traição. Nem mesmo uma tragédia que se sobrepõe a outra evitou as ilações e a espetacularização da narrativa que, por sua vez, foi seduzida pelos apelos da repercussão dos *faits divers*. Com isso, deixa-se o sumário julgamento a cargo do juízo composto pela opinião popular, alçada a *vox dei*.

E, na categoria de "filicídios"[45], tem-se um crime cometido na Espanha, no lugarejo Altos de Mendes. Conta-se que um pai matou o filho de 12 anos porque sua noiva, no papel de futura madrasta, de nome Encarnacion Dias, disse que "– Emquanto tiver esse menino não casarei contigo...". A ameaça foi acatada pela "fêra Pablo Arco": "O feroz individuo não hesitou. Armado de um machado, separa a cabeça do tronco do innocente, que vinha no espirito de uma mulher estupida, impedindo um matrimonio".

Também há *faits divers* de esquartejamento, igualmente situados no seio de conflitos familiares. É o caso do "crime monstruoso" noticiado em Juiz de Fora, Minas Gerais. O ato foi praticado pelo japonês Daniel Elias, de 25 anos, que foi para Argentina e mandou dizer na sua cidade que havia morrido em consequência de uma operação

[45] Correio do Sul, 23 dez. 1920, p. 2.

médica. Ao mesmo tempo, na Argentina, Daniel dizia que sua esposa tinha morrido na cidade mineira[46]. O crime foi descoberto, sendo que, na verdade, Daniel havia matado a esposa esquartejando-a e queimando-a no forno da própria casa. O crime foi desvendado por uma filha do casal. As informações encerram e a nota deixa a cargo do leitor os demais comentários.

Os atos executados por João Gomes[47] em Lima Duarte, Minas Gerais, na localidade "Pau de Água", chamam a atenção por apresentarem traços de canibalismo. A narrativa relata que João retalhou a facadas o corpo de sua mulher. O homem, "não satisfeito com esse acto de selvajeria", bebeu o sangue "de sua desgraçada victima", cortou um pedaço da carne do braço e fugiu levando esse "troféu" de "barbara proesa" consigo. Nota-se que, apesar da hediondez dos atos, não se estipula qualquer motivação para a mutilação da vítima e para o consumo do seu sangue.

Ainda nesse exemplo de antropofagia, tem-se o relato da "monstruosidade"[48] ocorrida em Carupurã, no Maranhão. A ação foi feita de uma mulher paranaense, chamada Archangela, que confessou "no meio de muito cinismo" ter comido quatro crianças, uma delas quase viva. A referida descreveu minuciosamente como praticou esses crimes, acrescentando que cozinhava apenas as extremidades dos braços e das pernas das crianças, comendo-as depois com farinha e água, dizendo que os pedaços tinham sabor de carne de porco.

A criminosa, que tem 79 anos, "é preta, exercia a profissão de parteira", tendo "a intelligencia e a memoria lucidas, revelando apenas antecedentes de perversidade, de modo que o dr. Lisbôa attribue seus delictos a impulsos atavicos, dependentes da origem africana ou de influencia outra". Deste modo, o diagnóstico é de "uma loucura moral, motivada por um desenvolvimento unilateral das faculdades intellctuaes e por ausencia do desenvolvimento, optando por enviar-se a deliquente ao Hospicio Nacional de Alienados". No interrogatório local, o médico perguntou a Archangela se ela sentia repugnância pela barbaridade cometida, tendo como resposta que "era um vicio irresistivel que não permitte pavor nem arrependimento". O dr. Lisbôa, então, apresentou-a uma criança de seis anos e "a preta velha, ansiada, disse que não a comeria, pois que a carne já era um pouco dura e lhe faltavam os dentes".

[46] Correio do Sul, 08 jul. 1919, p. 2.
[47] Correio do Sul, 29 jul. 1921, p. 3
[48] Correio do Sul, 16 out. 1923, p. 3.

Embora não referido no texto do jornal essa prática possui uma raiz histórica. Conforme aponta Kappler (1994, p. 231), a construção do "estranho" como criatura monstruosa, envolta em misticismo, remonta a experiência da Antiguidade grega, representada por Homero ao referir ciclopes antropófagos que enfrentou em uma ilha. Desde então, diversos povos em distintos momentos históricos atribuem o canibalismo ao controle de condutas ou manutenção de questões culturais ou econômicas – tais como evitar novos exploradores ou navegadores. A antropofagia, portanto, é estigmatizada pela perspectiva eurocentrista, tida como elemento indicador de monstruosidade, fato comprovado pela forma com que a mulher Archangela foi descrita pelo periódico. O mesmo ocorre com João Gomes, que bebeu o sangue da esposa após esquartejá-la, crime descrito pelo jornal como "monstruoso" e, ainda, "ato de selvageria".

De certo modo, essa forma do jornal expor os casos enaltece os elementos permanentes, destacados por Ginzburg (1991), das crenças relacionadas aos planos da vida e da morte, das jornadas entre tais dimensões e da representatividade dos animais e da morte. O autor pontua que, durante muitos séculos, práticas sobre essas circunstâncias foram sedimentadas por diversos povos, sendo esses ritos definidores do que o imaginário popular atual conceberia como bruxaria ou feitiçaria. A aparência, o emprego ou a imitação de animais e suas características, práticas sexuais e alimentares – notadamente envolvendo sangue e órgãos das vítimas ou sacrifícios – são elementos recorrentemente regatados. Embora cada cultura atribua alguns significados idiossincráticos, o manejo de ossadas e o consumo da carne recorrentemente envolvem semânticas substanciais e poderosas.

Seja na narrativa de Archangela, que "devorou" crianças, ou de outras análogas, como o caso ocorrido em São Paulo de Maria da Conceição[49], descrita como concubina de Benedicto Moraes, mãe que estrangulou cinco filhos recém-nascidos e enterrou no quintal de casa, é possível retornar à descrição de Ginzburg (1991) sobre o infanticídio e antropofagia, associando-a a rituais de bruxaria ou feitiçaria. Inclusive, a partir da recapitulação histórica do referido pesquisador, essas noções do imaginário sobre as bruxas são perceptíveis do século XV ao século XVII por toda a Europa. A crescente névoa sobre essa caricatura formula uma repulsa social, resultando no acúmulo de conotações negativas, seja pela prática de rituais que resultavam na morte das crianças

[49] Correio do Sul, 10 jan. 1924, p 3.

seguido por canibalismo, pelo misticismo de sua figura, ou por serem seguidoras do demônio, em oposição à fé católica.

Nesta linha de incógnitas relacionadas a infanticídio, antropofagia e ocultismo, tem-se a notícia intitulada "O mistério do casal gelou"[50]. A narrativa conta a história de um médico francês e a esposa que adotam vinte crianças recém-nascidas, cujo destino não conseguem explicar. A notícia deixa ao leitor o nível de imaginação sobre o destino dos pequenos adotados pelo casal, lançando a pergunta: "que crime horrendo havia por detras desse misterio?".

No âmbito dos enigmas que envolvem o ato de prever o futuro através das cartas, destaca-se a notícia "As vítimas da cartomancia"[51]. O texto apresenta a narrativa ocorrida no Paraná com duas mulheres, Francisca e Anna Kruger, que imaginavam estar enfeitiçadas e, por isso, procuraram os serviços de uma cartomante. Ambas eram irmãs do inspetor do "quarteirão de Cachoeira". A vítima da ação foi Luiza, esposa de José Johansen.

Ocorre que Francisca e Anna foram à residência de uma cartomante para tirarem a sorte. Na ocasião, a cartomante, "após impingir-lhes no espírito tanta coisa, dirigindo-se a Francisca, disse: Você está enfeitiçada; tome cuidado, se não quizer ficar doente para o resto da vida!". A referida senhora, que possui crença cega em cartomantes, ao ouvir isso, "ficou fria e começou a tremer... Por fim insistiu que a cartomante lhe dissesse quem fora o auctor do seu mandraco". Então, foram informadas, pela leitura das cartas, que a autora do feitiço seria uma professora do local, de nome Luiza.

A notícia segue com os pormenores divididos em três subtítulos: Uma agressão; Nova ameaça e vingança; A ação da polícia. A agressão é assim descrita:

> A "enfeitiçada", ao chegar em casa, remecheu em todos os cantos e recantos da casa, afim de encontrar o supposto "feitiço", e, como nada encontrou, resolveu queimar o colchão, os lenções e travesseiros de sua cama, para fazer desaparecer o "mandraco". Depois disso, convidou a sua irmã Anna, parta dar pancadas na professora. Dito e feito: quando a sra. Luiza dirigiu-se à sua residencia, trahiçoeiramente, de surpresa, foi aggredida por Anna e Francisca, inclusive as filhas dessas mulheres, que tambem vibraram pancadas na indefesa professora e numa criança filha da aggredida, que estava no collo de sua mãe.
>
> O resultado do espancamento foi grave, pois a professora se achava em estado de gravidez, vindo a abortar, em consequencia do espancamento, 5 dias após a brutal aggressão.

[50] Correio do Sul, 15 out. 1924, p. 2.
[51] Correio do Sul, 03 abr. 1924, p. 2.

> O seu estado de saúde continua inspirando cuidados; a infeliz senhora sente dores em todas as partes do corpo; tem diversos ferimentos; acha-se atada de muita fraqueza (CORREIO DO SUL, 03/04/1924, p. 2).

Dias depois da agressão, Luiza quis voltar ao local de residência. Ocorre que Francisca e Anna, ao saberem do retorno, armaram-se com cacetetes e foram esperá-la na estação para novo espancamento. Com a ciência da projeção de uma nova agressão, o marido resolveu fazer sua esposa não embarcar, ludibriando, assim, as agressoras. Entretanto, "a casa onde residia a senhora Luiza estava então fechada, e, como o quintal da mesma se achava plantado de milho, etc., Francisca e Anna resolveram tirar o portão da cerca, tocando para o quintal varias veces, para estragar a plantação".

O marido da professora fez a denúncia do espancamento e do plano, mas quando o casal voltou a Curitiba o inquérito foi encerrado com a justificativa que o fato já havia sido averiguado e nada foi encontrado. O jornal, por sua vez, não fala sobre a ausência de punição e sim sobre o perigo da cartomancia que ludibria mulheres ignorantes. Neste ato, o periódico atesta seu posicionamento de crítica social e mantenedor do que chama de moral e bons costumes.

4.2.2 Os ataques à própria vida postos em evidência

Os suicídios são o segundo grupo aqui categorizado com maior expressividade nos *faits divers* do jornal Correio do Sul, sendo identificados 429 narrativas no período estipulado. Tem-se que a característica desse tipo de temática é ser mais curta, com fatos objetivos e que se restringiam a informar alguns elementos de forma padrão: nome do suicida – e/ou nome do pai, em alguns casos; data da morte; instrumento utilizado (arma de fogo, lâminas, corda, veneno...), se for o caso; forma da morte (número de tiros, afogamento, degolamento...); motivação para o ato (amor não correspondido; amor impossível ou impedido; ciúmes, doença incurável; dívidas; tristeza profunda...).

A partir desses dados, é possível afirmar-se que os suicídios, condenados pelo catolicismo, eram amplamente divulgados pelo jornal[52]. Inclusive o periódico compartilhava dados e número de suicidas no país, como o estado do Rio de Janeiro que registrou 182 suicídios somente em 1916 por lysol, uma marca americana de desinfetantes existente desde 1889. Empiricamente, à época, notou-se que o lysol era comumente

[52] Correio do Sul, 24 fev. 1917, p. 3; 25 jul. 1917, p. 3.

utilizado para esse fim. O Rio Grande do Sul, no referido ano, computou 44 suicídios, sem especificação de meios mais frequentes.

As referidas notícias, que continham índices de suicídios no país divididos por regiões de estados brasileiros, tiveram impactos nas edições seguintes. Em outras palavras, percebeu-se uma profusão de notícias sequenciais de suicídio. As publicações foram veiculadas em 24 e 25 de fevereiro de 1917 e, dois dias após exporem dados sobre a maior incidência de suicídios com ingestão de veneno pelas mulheres, ocorreu a notícia de um suicídio intitulado "Reparando uma falta"[53]:

> Ignacia Silva Dias, casada com Francisco Silveira Dias, sendo surprehendida, na sua residencia, pelo marido, em flagrante colloquio amoroso com o seu amante, desesperada, suicidou-se, ingerindo forte dose de cyanureto de potassio, que lhe deu morte instantanea (CORREIO DO SUL, 27/02/1917, p. 3).

Como em 1917 o mês de fevereiro teve 28 dias, diz-se logo no primeiro dia de março a edição teve três[54] notas envolvendo suicídios. O primeiro, conta que "poz termo á existencia, Gasparina Moraes, muito conhecida naquella cidade", sendo que "a tresloucada rapariga consumou o acto de desespero com uma dóse de cyanureto de potássio" – mesmo tipo de veneno utilizado dias antes por Ignacia Silva Dias. O outro suicídio da edição foi de Maria do Carmo, mulher solteira de 27 anos, que "suicidou-se com um tiro de revolver no peito esquerdo". Por fim, noticia-se que a "parda Mercedes da Conceição, de 20 annos de idade, solteira, residente á rua 24 de fevereiro" tentou suicidar-se com a ingestão de "regular quantidade de iodo", sendo a causa da "loucura" os "amores mal correspondidos".

Ainda nesta sequência de dias, tem-se a nota do suicídio do jovem Carry Chiappeta, "filho do fazendeiro Carlos Chiappeta"[55]. Porém, neste caso, não se enumeram pormenores – hipoteticamente pelo indivíduo ser integrante da alta sociedade. Prosseguindo, aparece um suicídio que a causa é a morte de um marido[56], vez que a esposa "ficou em estado de grande desespero e mandou entregar ao seu pae 8 a 10 filhos do casal" e, assim que chegaram, o "sr. Luiz Manoel Coelho imediatamente se transportou para a casa de sua filha, onde deparou com um quadro horrível" – ocorre que "a infeliz estava morta, dependurada numa das traves do galpão da casa".

[53] Correio do Sul, 27 fev. 1917, p. 3.
[54] Correio do Sul, 01 mar. 1917, p. 4.
[55] Correio do Sul, 03 mar. 1917, p. 3.
[56] Correio do Sul, 06 mar. 1917, p. 2.

No dia seguinte, a edição traz a notícia de um também suicídio por enforcamento. O caso envolvia o agricultor José Alves Gabriel[57]. Prosseguindo, aparece a nota da edição subsequente informando a tentativa de suicídio do também agricultor José Rodrigues[58], 26 anos, que "desfechou trez tiros de revolver na caixa toráxica". Informa o periódico que o estado de José é considerado grave.

Não se pode deixar de pontuar que a profusão de suicídios noticiados no periódico, especialmente essas "coincidências', homenageia a tese de Durkheim quanto a "transmissibilidade" do ato. Isso ocorre porque é notório o padrão quase sequencial da divulgação dos suicídios. São jovens que, em dias subsequentes, suicidam-se com o cianureto de potássio ou mesmo a própria recorrência do suicídio de uma classe trabalhadora específica, como os agricultores. Também é o caso do jovem Pedro Gonçalves que, por estar acometido de moléstia incurável, suicidou-se enforcado em uma árvore. No dia seguinte, foi divulgada a notícia do enforcamento de Vasco Antonio Martins em árvore perto do cemitério. Nas palavras do sociólogo, esse contexto envolto em coincidências na verdade é explicado pelo fato do suicídio ser "eminentemente contagioso", sendo que tal efeito seria amplificado em indivíduos propensos ao suicídio.

Na mesma razão, a retratação do suicídio com repercussões impressionantes, conforme o autor, exacerba o desejo daqueles que facilmente concebem a ideia de terminarem com a própria vida. Durkheim pondera, inclusive, a hereditariedade do suicídio: "Não é de surpreender, portanto, que a lembrança ou o espetáculo do fim trágico dos que lhes são próximos (pais) torne-se para eles a fonte de uma obsessão ou de um impulso irresistível" (DURKHEIM, 2000, p. 90).

Necessário destacar que não havia dúvida para o sociólogo que o suicídio se ocasionava por contágio (idem, p. 140), uma relação tóxica entre imprensa promovendo o discurso da informação e a suba das estatísticas de suicídio estrelando sequencialmente as páginas das edições. Quanto maior o número de notícias, maior são os suicidas, que se transformam em números nos gráficos públicos. Do mesmo modo, quanto mais variados os suicídios, mais há o que se divulgar e mais atrativas são as leituras.

A notícia transforma-se em produto e seria fácil designar a imprensa como vilã caso se ignorasse a fala da jornalista Goyet (2006), ao discorrer sobre a atração inata para a leitura desse tipo de notícia, ou melhor, para a complexa e profunda atração pelos *faits divers*. Explicação análoga pode ser retirada da proposição de Medina (1996, p. 215)

[57] Correio do Sul, 07 mar. 1917, p. 1.
[58] Correio do Sul, 08 mar. 1917, p. 2.

sobre uma das possíveis abordagens que relacionam jornalismo e literatura, combinação que origina os *faits divers*, que se dá com a transformação da literatura em informação: "a arte é, sim, matéria-prima da informação socialmente significativa". Os discursos sobre suicídio, portanto, não se relacionam com a vilania, mas consideram a participação dialógica de todos os atores que integram as esferas discursivas do jornalismo e da literatura.

No mesmo sentido, em 1921, foi divulgada uma nota informando que a polícia de Montevidéu "comunicou à imprensa haver resolvido não mais prestar informações sobre os suicídios ou tentativa dos mesmos"[59], já em uma discussão sobre a validade dessa temática nas pautas dos jornais diários. Todavia, na referida edição e nas demais, o jornal Correio do Sul não trouxe reflexões sobre a prática, mantendo o ritmo de divulgação dos acontecimentos envolvendo o ato de tirar a própria vida.

É o caso da notícia de capa intitulada "Estatistica macabra"[60]. No início, já há a advertência: "O numero de desesperados que são levados ao suicídio aumenta dia a dia". Para justificar os dados, o jornal expõe alguns argumentos:

> Concorrem bastante para isso as difficuldades, cada vez mais pronunciadas e mais prementes da vida. A carestia dos generos alimentícios, do vestuario e demais artigos de grande necessidade põe às portas da indigencia innumeros individuos, actuando no espírito destes para a loucura que os conduz ao suicidio, como unica taboa de salvação.
>
> Concorre tambem para que augmente de dia a dia o numero de suicídios, a frouxidão das autoridades que não tomam medidas de repressão ao alcool, ao jogo e outros vícios terriveis que operam innestamente para a degeneração do caracter do individuo.
>
> Concorre ainda para o augmento do numero de suicidios o estado sanitario do paiz, cada vez mais precario e mais triste, imperando nas zonas ruraes toda sorte de enfermidades, algumas das quaes horriveis e incuráveis.
>
> Outras coisas ainda concorrem para o suicídio ir cada vez mais tornando-se como que uma moda no Brasil (CORREIO DO SUL, 26/04/1921, p. 1).

Na exposição opinativa, o jornal elenca alguns fatores que contribuem para os dados elevados de morte por suicídio no país: dificuldades financeiras em decorrência da pobreza e miséria social, falta de políticas públicas para controle dos vícios (drogas, álcool, jogos), questões de saúde pública para controle das doenças, entre outros. De fato, como será descrito, as motivações envolvem os itens citados pelo periódico, sendo as "moléstias incuráveis" a principal causa dentre as elencadas. Aliado a essas, tem-se

[59] Correio do Sul, 19 abr. 1921, p. 3.
[60] Correio do Sul, 26 abr. 1921, p. 1.

questões amorosas, bem como características conservadoras da sociedade, a exemplo dos casais que cometiam suicídio pelo matrimônio ser proibido ou das esposas que, infelizes, encontravam no ato a única saída para "libertação".

Observa-se também o trecho "virar moda no Brasil", que aparenta reduzir uma problemática de saúde pública a um padrão clichê a ser reproduzido por mais e mais pessoas. O periódico, ao usar a expressão, refere-se aos dados do último quinquênio (1917-1921) nos estados brasileiros, não especificando se os números abrangem somente as capitais ou alguma outra região. O estado de São Paulo apresentava o maior número, 709 suicídios, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 565 e pelo Distrito Federal, com 509; o menor era Acre, com 6, que, portanto, recebe o destaque de que "apezar da miseria, pouca gente se mata". Configura-se, portanto, no mínimo uma simplificação dos cenários que levam expressivo número de indivíduos ao suicídio.

Há também outros dados. Dos 3.004 suicidas, são 2044 homens e 960 mulheres – ou seja, cerca de 70% são homens. Esse fato é justificado no jornal pelo fato dos homens estarem mais envolvidos com jogos, perdas em negócios, questões políticas, vícios, artes e letras, sendo mais vulneráveis, em decorrência desses "agentes depressivos, à alienação mental, geratriz maxima dos suicidios". Adiciona-se que são mais expressivos os suicídios nos meses de verão, "ao contrário do que occorre nos paizes europeus, de inverno rigoroso, que torna maior a miseria dos pobres e os leva ao desespero, no Brasil os mezes calmosos super-excitam os cerebros e determinam desequilibrios da razão".

Pode-se ainda estipular que o maior número de atentados contra a própria vida seja perpetrado por homens pelo ônus social imposto pela sociedade ao pai de família. O homem detinha quase com exclusividade a obrigação de prover o sustento do lar, em alusão ao *pater familias* da remota sociedade da Roma Antiga. Revela-se, assim, outro lado da sociedade conservadora da época que, inflexivelmente, demandava um papel modelar do homem na condição de protagonista econômico e hierárquico dos núcleos familiares – responsabilidade tamanha que a sua frustração conduzia às consequências extremas.

Segundo a mesma publicação, a arma de fogo é o instrumento mais utilizado. Porém, as mulheres preferem venenos, fogo às vestes, afogamento ou se atirarem nas rodas dos automóveis ou dos trens. Tem-se ainda que os que escolhem o enforcamento o fazem nas "bandeiras das portas", com pedaço de corda, cinturão de couro ou lençol. Conforme confirma o Correio do Sul, "o meio ou processo para o suicidio varia e obedece à moda". A menção à moda evidencia o tratamento da questão pela sociedade.

Rememorando que o fenômeno do suicídio instigava especialmente o sociólogo Durkheim (2000), percebe-se que suas pesquisas destacavam outra particularidade evidenciada pelas análises do Correio do Sul. Isso porque o autor aponta uma característica do suicídio como fenômeno demográfico, no sentido de que suas ocorrências se mantinham constantes durante largos períodos. Tal fenômeno é elucidado pelo fato de que o suicídio seria responsivo a um verdadeiro lastro social, uma vez que as taxas variavam significativamente apenas ao alterar a sociedade analisada. Assim, o autor conclui que as taxas de suicídio demonstram características ínsitas das sociedades. Significa dizer que os eixos estabelecidos pela sociedade em questão têm representação nos suicídios que ocorrem em seu meio.

As notas do jornal, embora curtas, funcionam como um informativo da morte, capazes de despertar sentimentos mórbidos no leitor, o que corrobora com a noção de que a narrativa do *fait divers* não está atrelada à extensão de seu texto. O contrário pode ser percebido na sequencialidade de notas:

> Suicidio e tentativa de suicídio – Num dos ultimos dias de fevereiro, no 2º districto de S. Gabriel, suicidou-se ingerindo o veneno formicida, a senhorita Onnocencia Alves de Andrade, com 15 annos de idade, filha do sr. Geraldo Alves de Andrade, ignorando-se o motivo do acto. Também, no mesmo logar, outra senhorita de 16 a 17 annos, ainda com formicida, tentou contra a existencia, ficando em estado gravissimo (CORREIO DO SUL, 04/04/1917, p. 3).
>
> SUICIDIO DE UMA SENHORA. PORTO ALEGRE, 4 – Suicidou-se hoje nesta capital, por sofrer de molestia incuravel, d. Philomena Godinho Porto, esposa do sr. Pedro Ferreira Porto, funcionário do Arsenal de Guerra (CORREIO DO SUL, 05/04/1917, p. 3).
>
> Outro suicídio – Hontem, mais ou menos às 8 ½ horas da manhã, no logar denominado "Banhado dos Carneiros", no 2º districto deste municipio, servindo-se de uma arma de fogo, suicidou-se, desfechando um tiro no ouvido direito, o rapaz de nome Mario Pereira da Silva, pardo, jornaleiro, com 22 annos de idade, ignorando-se a causa que o levou a este acto de desespero. Sciente do facto, compareceu no local do occorrido o sr. delegado de policia, que tomou as providencias exigidas pelo caso.

As três notas supracitadas foram divulgadas em edições sequenciais, sendo que apenas a última ocorreu no município de Bagé. Uma primeira observação a ser feita diz respeito às tentativas de suicídio, divulgadas com a mesma frequência dos atos de êxito. O tom de ambas as situações não possui distinção. As tentativas de suicídio não possuem um viés de auxiliar ou informar meios para evitar esse ato impulsivo, pois investe na tragédia e espetacularização do ato. Se, conforme aponta Cassorla (2017), essas situações "devem ser consideradas um pedido de ajuda", a postura do Correio do Sul estava mais alinhada com "calculou mal a quantidade de veneno" ou um comentário do reflexo da

repetição: “outro querendo se matar”. Evidencia-se assim um determinado desdém do periódico quanto ao suicídio como um problema social.

Nessa acepção, obviamente não há uma aceitação pública para o ato que rompe com a vida. Se o “suicídio é um comportamento anticonvencional, é plausível uma associação negativa entre vínculo social e atitudes” (AQUINO, 2009, p. 203). E essa associação inicia pelos *media*. O Correio do Sul adjetiva negativamente o indivíduo – justamente nessa ideia que Cassorla (2017, p. 33) chama de “autoextermínio” como uma “transgressão”. Toda ciência média investe estudos e esforços em prol da vida e, portanto, há um confronto de objetivos, uma ruptura do direito máximo assegurado ao ser humano, o direito à vida.

Em segunda análise, sobressalta-se o título “Outro suicídio”, da terceira nota, tendo em vista que nesta mesma edição havia outra notícia, com mais detalhes, de uma moça que se suicidou. Um texto de extensão reduzida restou ao “outro” suicida, vez que este era “jornaleiro”, “pardo” e distante da alta sociedade da época. Transcreve-se, portanto, a outra notícia, intitulada “Suicidio de uma joven”:

> Hontem, mais ou menos às 9 horas da manhã, à rua dr. Penna, final, na residencia de seu cunhado sr. Polycarpo Barcellos, commerciante no mesmo local, pôz termo à existencia, desfechando um tiro em pleno peito, a jovem Palmyra Moreira dos Santos, com 19 annos de idade, filha do sr. Carlos Moreira dos Santos, residente, com sua familia, no logar denominado “Minuanos”, 6º districto deste municipio.
>
> A infeliz moça, para levar a termo o seu acto de irreflexão e desespero, serviu-se de um resolver calibre 44, pertencente ao seu cunhado e com essa arma desfechou um tiro que, entrando no peito, sahiu-lhe sobre os rins.
>
> Poz termo à vida sobre uma cama, tendo do lado uma filhinha do sr. Barcellos, que foi ferida pela mesma bala, no lado direito do peito.
>
> Levado o facto ao conhecimento da auctoridade, ali compareceu o delegado, tomando as providencias que o caso exigia, e conseguindo saber que amores mal correspondidos levaram aquella joven ao suicidio.
>
> Após o delegado compareceram os srs. drs. San Martin e Luiz Pereira Mercio, cujos esforços foram baldados para salvar a suicida, que uma hora depois, às 10, expirava.
>
> Seu enterro realizou-se hontem mesmo, às 5 horas da tarde, com crescido acompanhamento.
>
> Lamentando o triste facto, apresentamos pezames aos paes e parentes da infeliz moça (CORREIO DO SUL, 06/04/1917, p. 2).

Sobre a narrativa, é possível observar que esta informa primeiro o nome do comerciante Polycarpo, antes mesmo de citar o nome da jovem ou do pai desta, fixando-se de pronto uma hierarquização social na divulgação de informações. Além disso, em nenhum momento foi questionado se o ato era realmente suicídio ou se haveria investigação sobre, comprovando posturas linguísticos-discursivas até aqui observadas

sobre a palavra masculina encerrando questionamentos da feminina. Além disso, embora não haja qualquer menção religiosa, adjetiva a jovem como "infeliz moça" e "suicida", dotados de conotação pejorativa e condenando socialmente a pratica do ato.

A hipótese de homicídio ou mesmo suicídio por assédio do próprio cunhado não foi aventada em nenhum momento da notícia. Todavia, essa situação inclusive era questão-motivo de alguns *faits divers.* Um exemplo é o suicídio, ocorrido em Porto Alegre[61], que "pôs termo à existencia uma senhorita pertencente a importante familia". O nome da moça é preservado, apenas sabe-se que o motivo foi a sedução insistente do dr. Octavio Giurolo que "sob promessa de casamento, conseguira arrastal-a à deshonra". A autopsia constatou que foi "recente o defloramento".

Caso semelhante é "Uma tragedia passional – Suicidio" que ocupa doze parágrafos das colunas do periódico. O fato ocorreu no Rio de Janeiro e, conforme a descrição dos fatos, a motivação foi insistente importunação masculina. A distinção é que a mulher era casada, conforme segue:

> Petronilha Ferreira, uma mulher de rara formosura, vivia maritalmente com o funcionario do Thesouro Nacional Manoel Rosas.
>
> O dentista Oscar Corrêa da Silva, que tratava dos dentes de Petronilha, apaixonou-se por ella de forma tal que, diariamente, rondava-lhe a porta.
>
> A visinhança principiou a commentar o facto, fazendo allusões pouco recommendaveis do procedimento de Petronilha.
>
> Esses murmurios chegaram até os ouvidos de Manoel Rosas que, enciumado, chamou a sua amasia a ordem.
>
> Petronilha declarou-lhe que não podia aturar o audacioso dentista que, não obstante a sua repulsa e desfeitas que lhe fazia, continuava a perseguil-a.
>
> Hoje, às primeiras horas da manhã, Oscar Corrêa da Silva penetrou no predio onde habitava Petronilha, perseguindo-a e tentando forçal-a a pratica de actos menos dignos.
>
> Em face da audacia do dentista, Petronilha o intimou para se retirar incontinente, não sendo attendida.
>
> Petronilha fugiu então para uma casa visinha, onde esteve cerca de duas horas.
>
> Suppondo que o seu perseguidor já houvesse se retirado do seu lar dirigiu-se para casa, afim de almoçar.
>
> Oscar Corrêa da Silva, porém, ainda se achava em seus aposentos, aguardando-a.
>
> A infeliz mulher, desesperada, lançou mão da pistola Mauser, ponde termo a existencia, desfechando um tiro no ouvido direito. O facto tem sido muito comentado (CORREIO DO SUL, 18/10/16, p. 2).

As suposições de suicídio também são divulgadas. O "subdito" alemão Henrique Meyer[62], desaparecido há 22 dias, residente na vila de São Lourenço e que por muitos

[61] Correio do Sul, 16 fev. 1917, p. 2.
[62] Correio do Sul, 14 abr. 1917, p. 4.

anos foi ali proprietário do Hotel Meyer, foi encontrado por "uns meninos". O corpo estava pendente em uma árvore de um mato, já em estado de putrefação. O alemão era casado e deixou filhos, sendo a suposição de suicídio aventada pelo texto jornalístico.

Outro caso de enforcamento é o de Gencilio Aguirre[63], "maior de 22 annos, pardo, de profissão barbeiro, casado e residente à praça dr. Albano n. 11". A nota informa que o referido já havia tentado se matar outras duas vezes e "levou avante, hontem, o seu acto de desespero, enforcando-se com uma corda que dependurára numa linha do seu quarto de dormir, onde o foram encontrar já sem vida". A descrição da cena é acompanhada da motivação do crime, já que Gencilio sofria de "neurasthenia aguda, andando sempre a queixar-se de uma cousa ou outra". O homem havia se casado há três meses e pouco tempo antes havia perdido o irmão pela mesma razão.

O mesmo instrumento utilizou Esclarinda Fernandes Moreira[64], esposa de Joaquim Dias Moreira e residente no 2º distrito de São Sepé. A senhora enforcou-se "num caibro da casa de sua residencia", pois julgava ter "molestia incuravel", fato agravado pela perda sucessiva de seus dois filhos. A notícia "tragédia emocionante" possui causa semelhante. Um pequeno camponês afim de amedrontar um menino que furtava frutas, fez um disparo que infelizmente atingiu o alvo. Ao aproximar-se, o camponês viu que era seu filho, morto. Desesperados com o fatal acontecimento, os pais da vítima afogaram-se juntos.

Na mesma edição, foi divulgado o suicídio de Julio Jardim[65], pardo, 43 anos, solteiro, gaúcho, com residência na rua Fabricio Pilar, número 5, e "bolieiro de um carro pertencente aos srs. Francisco Lopes Machado & Cia". A causa também foi moléstia incurável, "vivendo por isso profundamente acabrunhado". O homem, "desenganado pela sciencia", domingo de manhã, enquanto pessoas que o cuidavam foram comprar leite, Julio "tomando do seu revolver que trazia guardado debaixo do travesseiro, desfechou um tiro no baixo do vente, lado direito". Com o barulho, "o suicida foi encontrado agoniante, tendo o ferimento, que lhe deu morte quasi extantanea, provocado grande hemorragia da aorta".

Nem sempre essas notícias sobre o tema suicídio vinham isoladas no jornal. Foi verificado, por exemplo, a existência de três notas sequenciais[66] em uma única

[63] Correio do Sul, 20 fev. 1917, p. 2.
[64] Correio do Sul, 05 jun. 1917, p. 2.
[65] Correio do Sul, 05 jun. 1917, p. 2.
[66] Correio do Sul, 01 mar. 1917, p. 4.

publicação, levando em conta que a edição possuía apenas quatro páginas. A primeira nota é uma tentativa de suicídio ocorrida em Pelotas pela "parda Mercedes da Conceição, de 20 annos de idade, solteira, residente à rua 24 de fevereiro". Diz-se que "a tresloucada rapariga tentou ingerir regular quantidade de iodo" e a causa eram "amores mal correspondidos". A segunda foi ato praticado por Gasparina Moraes, muito conhecida na cidade de Cachoeira, sendo que a "tresloucada rapariga consumou o acto de desespero com uma dose de cyanureto de potassio". A terceira ocorreu no mesmo dia e cidade, ato praticado por Maria do Carmo, solteira, com 25 anos. A moça suicidou-se com um tiro de revólver no peito esquerdo. Os motivos dos atos praticados pelas "desventuradas raparigas" de Cachoeira dizem-se ignorados.

Os casos de morte por amor são recorrentemente noticiados. Clotilde Moraes Leite, por exemplo, era uma jovem de 16 anos residente em Lavras[67]. Há dias, o jornal havia publicado a morte prematura de seu noivo, Alvaro Munhóes de Camargo, "presado filho do nosso apreciado amigo sr. Hilario Munhóes de Camargo". Ocorre que Clotilde, "que tinha forte paixão amorosa por aquelle moço, pôz termo à existencia no dia seguinte ao do desenlace fatal do seu desventurado noivo, ingerindo uma dose de estrychinina, que lhe deu morte em cinco minutos". Diz-se que o sepultamento foi "muitíssimo concorrido" e que corpo foi "inhumado no jasigo da familia Munhóes de Camargo, ao lado daquele que em vida soubera incurtir-lhe no coração os mais sinceros affectos".

Outros casos são motivados por amor, seja pela perda, por ciúmes, por não ser correspondido ou por ser "impossível". Em Porto Alegre, a senhorita Raphaela Teixeira[68], filha de Leopoldo Teixeira, abandonada pelo noivo, suicidou-se ingerindo cianureto. Na cidade de Pelotas, os ciúmes teriam motivado o suicídio de David Cicurell, sócio da casa de modas "A la ville de Paris". Para o ato, ingeriu 30 gramas de ácido fênico. E, sendo a causa "amores mal correspondidos", no Rio de Janeiro, Armando Pinto[69], com 20 anos, "varou o coração com uma bala".

Já em Porto Alegre, a gravidez por amores ilícitos motivou o suicídio da jovem Dalila Lorenzo[70], 17 anos. Ou ainda, no caso de não obterem o consentimento dos pais para o matrimônio, dois jovens namorados, com nomes não divulgados, "resolveram pôr termo à vida num cemiterio". Ambos ingeriram "substância tóxica" e, pela demora "o

[67] Correio do Sul, 06 mar. 1918, p. 1.
[68] Correio do Sul, 25 jul. 1917, p. 3.
[69] Correio do Sul, 20 fev. 1923, p. 1.
[70] Correio do Sul, 09 jun. 1917, p. 1.

mancebo saccou do seu revólver e desfechou um tiro na namorada e outro em si próprio". Os corpos foram descobertos, sendo o dela sobre um túmulo e o dele no chão. O casal deixou o seguinte bilhete: "Morremos, e não sentimos. O amor é loucura". O desfecho, portanto, é digno da célebre cena de Shakespeare na qual, confrontados pela impossibilidade de viverem sua relação, os jovens apaixonados põem termo à existência.

As mensagens escritas eram comumente utilizadas não apenas em casos de suicídio por amor. Tal fato é evidenciado pelo caso de Miguel Viegas Barroso[71], empregado da firma inglesa Dyne e Day no Rio de Janeiro, que se suicidou com um tiro no ouvido, deixando um bilhete no escritório: "Não culpem a ninguem, fui eu proprio que me matei". Na vila de São Lourenço, também se suicidou com um tiro de revólver no ouvido direito o jovem Fritz Zibell[72], de 20 anos. O "suicida deixou uma carta" para as mães e irmãos, mas o teor não foi publicado. Notadamente, é válida a provocação acerca da limitação dos meios investigativos da época, de modo que um homicídio poderia ser exitosamente ocultado em um suicídio, utilizando-se a carta deixada pela vítima como prova.

O tiro no ouvido direito, inclusive, era descrito em muitos *faits divers* para consumar o ato do suicídio. Em Bagé, no final da rua Marcílio Dias, na residência de Antonio Candido Martins, "pôz termo à existencia, desfechando um tiro no ouvido direito" o jovem Mario Martins dos Santos[73], 19 anos, filho de Jacintho dos Santos Leite, criador em Dom Pedrito. O jornal descreve que a motivação foi a doença e que "o suicida, para levar avante o seu tragico intento, serviu-se de um revolver Smith Wesson, calibre 38, arma essa que foi apprehendida pelo delegado de policia".

Igualmente com um tiro no ouvido direito, suicidou-se, em Pelotas, o oriental Heitor Alves[74], de 36 anos, que se noticiou ter "assiduidade ao vicio da embriaguez". Da mesma forma, em São Sebastião, com um revólver calibre 44, suicidou-se João Vaghetti[75], 18 anos, por "amores mal correspondidos". Igualmente foi a forma de suicídio da "serviçal de nome" Maurilia dos Santos, 22 anos, branca, casada, natural de Lavras. O ato foi praticado em Bagé, na rua Bento Gonçalves, residência de Avelino Bittencourt, local de trabalho da mulher.

[71] Correio do Sul, 28 jun. 1917, p. 3.
[72] Correio do Sul, 07 nov. 1919, p. 2.
[73] Correio do Sul, 06 set. 1917, p. 4.
[74] Correio do Sul, 13 set. 1917, p. 2.
[75] Correio do Sul, 03 mar. 1918, p. 2.

Os suicídios após a prática de homicídios também são recorrentes. É o caso da família de Maurílio Souza, 27 anos, e da esposa Corina Maciel de Souza, 21 anos, com dois filhos[76]. A notícia de capa traz uma introdução opinativa para o caso:

> Bagé, que já há alguns mezes vivia desfructando de relativa tranquilidade quanto ao desenrolar de factos dolorosos que pudessem arranca-la da sua calma, sacudindo-a de sobressaltos e horror, foi hontem, à hora meridia, arrancada brusca e tristemente dessa bonança, pela noticia compungente de uma tragedia conjugal revestida das feições as mais fundamente impressionantes, arrancando de todos doridas manifestações e justos lamentos (CORREIO DO SUL, 19/06/1919, p. 1).

O homem, "dominado pelos prazeres da vida mundana" e, a mulher, "esquecida das vidas do lar, cultivava ideias sinistras". Sem motivo relatado, Corina matou o marido com um tiro na cabeça com um revólver calibre 44. Em seguida, "d. Corina, volvendo contra si a arma, fez novo disparo, indo a bala empregar-se-lhe na região parietal direita, o que ocasionou-lhe morte quasi instantanea". Por fim, o jornal direciona algumas linhas para conferir opinião sobre o relato:

> "[...] Impossível descrever as scenas lancinantes que se deram no seio da desgraçada familia. [...] A horrível tragedia consternou fundamente esta população, pois os desventurados esposos, que pertenciam a conceituas famílias, eram muito estimados nos circulos de suas relações. [...]
>
> Do casal ficam dois filhinhos, Galvão, com 2 annos, e Léo, com 1 anno e mezes. [...] Às amarguradas famílias de ambos o Correio do Sul apresenta sinceras condolencias (CORREIO DO SUL, 19/06/1919, p. 1).

O suicídio de Emílio Ricardo Bohrer[77], que tomou veneno em ato de desespero, tem motivação similar. O homem era casado com Mercedes, filha de Francisco José de Souza. Como sua esposa estava doente, "Souza começou então a incutir no espirito do genro que Mercedes estava com feitiço". Os dois chamaram "doutores em doenças oriundas de feitiçaria", porém, "apezar da crendice do pae e do esposo", a moça faleceu.

Motivado pelas crenças do sogro, Emílio seguia acreditando que a esposa havia falecido em decorrência da aplicação de feitiço e que "a agente directa desse mal" era sua genitora. Assim, "firme nesse idéa e alucinado pela perda da companheira, Emilio armou-se de um revólver e dirigiu-se à casa de sua mãe". Ao chegar no local, entrou sem dizer nada e "desfechou quatro tiros à queima roupa, sendo que dois não attingiram o alvo".

[76] Correio do Sul, 19 jun. 1919, p. 1.
[77] Correio do Sul, 22 fev. 1923, p. 1.

Após o ato de matar a sua própria mãe, foi até a casa do sogro e, ao lado do esquife da esposa, "ingeriu forte dose de veneno".

Além desses, foram verificados suicídios por afogamento. Uma notícia apresentada como "Fato impressionante"[78] narra a trágica história de Firmina, mulher que, cansada de sofrer, resolveu "por termo à existência", atirando-se em um poço da casa em que morava. Ocorre que Lourença, sua filha, que estava com seu irmão no colo, viu sua mãe praticar o ato e, no mesmo instante, disparou, gritando, abraçada a Ildefonso, seu irmão. Conta-se que "num momento trágico de desespero e dor" a menina também pulou no poço com o irmão no colo. Ocorre que conseguiram tirar Firmina com vida do poço, mas seus dois filhos morreram.

Também com a vítima se atirando no poço foi o caso ocorrido em Pelotas. O senhor Joaquim Ferreira Rez, de 61 anos, precipitou-se em um poço existente nos fundos da casa de seu vizinho, Julio Schuster, localizado na Avenida 20 de Setembro, número 70. O homem era solteiro, português, exercia a profissão de sapateiro e não foi informada a causa do ato.

Sendo assim, percebe-se que as notícias de suicídio normalmente são mais curtas e relatam instrumento, forma da morte e motivação. Esta última, nem sempre ficava clara, limitando-se à explicação "por motivos desconhecidos". Outras possuem mais detalhes, sendo esses motivos os mais diversos e nem sempre associados a questões de desilusão amorosa. É o caso de Alexandre Bleckman[79], que devido ao desfalque feito por empregado de sua confiança, pôs termo à existência com um tiro.

Também se apresentam alguns casos relatando o suicídio por problemas financeiros. Como confirma a acepção de Cassorla (2017, P. 77), "em épocas de depressão econômica, o número de suicídios entre adultos, quer intencionais ou subintencionais, tende a aumentar". Essa noção pode ser reproduzida para crises econômicas familiares, principalmente no início do século XX, que o homem era visto socialmente como arrimo de família e único responsável pela subsistência da esposa e dos filhos.

Os motivos econômicos são apontados como a causa do suicídio do "inditoso cidadão" Bernardino Honorio Lima[80], em Cacimbinhas. Os "maus negócios levaram o sr. Bernardino àquelle acto de desespero, sendo sua morte muito sentida naquela localidade,

[78] Correio do Sul, 16 out. 1920, p. 2.
[79] Correio do Sul, 11 set. 1921, p. 3.
[80] Correio do Sul, 06 jun. 1917, p. 2.

onde era elle geralmente estimado". No Rio de Janeiro, Saturnino Argollo de Castro[81], antigo funcionário do Tesouro, que estava envolvido como pagador no caso das precatórias falsas, ao tomar conhecimento da "falsidade das mesmas, sahiu de sua casa de residencia, em Botafogo, e proximo ao Pavilhão Mourisco desfechou um tiro no peito, cahindo morto".

O mesmo ocorreu com Manoel José Moura[82], 53 anos, que pela "completa falta de recursos" que lutava, suicidou-se em Porto Alegre. Na mesma seara, "accusado como cumplice num desfalque verificado na filial do Banco Nacional do Commercio em Campo Grande, Estado de Matto Grosso", suicidou-se Luiz de Castro[83], que exercia a função de contador do estabelecimento.

Porém, no Correio do Sul, ainda há maior divulgação dos casos passionais – mas isso pode estar tanto relacionado com taxas factuais quanto com o interesse do público do jornal. Intitulada "Uma tragédia amorosa"[84], a notícia questiona "Como se pode amar e odiar ao mesmo tempo?", lançando a seguinte introdução: "Paris foi ultimamente theatro de mais uma sanguinolenta tragedia de amor cujo fim tragico impressionou profundamente o espirito humano". A narrativa é da história de dois jovens que se amaram apaixonadamente e odiaram-se com a mesma força. Juntos, convenceram-se de que o ódio é mais poderoso do que o amor e resolveram disparar juntos o revólver, em um ato de suicídio duplo. Porém, a mulher teve a "sorte de disparar primeiro" e somente o homem morreu.

Um dado a ser observado é que os suicídios no Correio do Sul são comumente praticados por jovens. Conforme assevera Aquino (2009), citando o relatório produzido pelo *Center for Disease Control and Prevencion* de 1994, que traz dados sobre o suicídio por contágio promovido pelas publicações jornalísticas, a taxa de suicídios eleva-se na faixa-etária jovem, especialmente pela forma como o fato é tratado no texto e não pela notícia em si.

Segundo o autor, haveria alguns elementos que promoveriam esse movimento de "contágio" ou reprodução do ato, que envolvem desde explicações simplistas sobre suicídio, até coberturas repetitivas, sensacionalistas, detalhes do meio, informação sobre a razão que resultou na atitude suicida, bem como exaltação do ato ou da pessoa que o

[81] Correio do Sul, 16 jan. 1918, p. 2.
[82] Correio do Sul, 19 abr. 1921, p. 2.
[83] Correio do Sul, 25 set. 1921, p. 2.
[84] Correio do Sul, 08 dez. 1923, p. 3.

cometeu. Nesse sentido, há diversos elementos verificados na cobertura jornalística do Correio do Sul sobre o tema. Além disso, o jornal realiza várias reproduções de suicídios divulgados em outros periódicos nacionais. Esse fato induz a reflexão de que essa poderia ser uma prática dos veículos de comunicação brasileiros, ao menos no período da pesquisa, que compreende o feixe de 1914 a 1924.

Tal noção de que os fatos narrados têm reverberações mútuas com a sociedade remonta aos estudos de Durkheim (2000) acerca do suicídio. Com efeito, o autor apontava o suicídio como um fato social, responsivo à ordem social e sua ação sobre o indivíduo perante a sociedade, afastando-se assim as causas da natureza do objeto de estudo das ciências sociais.

Embora não se confundam com as categorias até então apontadas no presente estudo, destacam-se as categorizações de suicídios elaboradas por Durkheim (2000), notadamente: egoísta, altruísta e anômico. Para o autor, os suicídios eram um fenômeno diretamente suscetível ao grau de integração social do indivíduo com a ordem social na qual se encontrava. Indiscutivelmente, a desconexão aventada entre o suicida e a sociedade é evidenciada pela forma com a qual o jornal Correio do Sul abordava os fatos, corriqueiramente retratando os acontecimentos com eufemismos ou relegando sua ocorrência às perturbações irremediáveis das vítimas.

As conclusões evidenciadas pela reiterada retratação de suicídios no jornal Correio do Sul convergem com as conclusões do autor no sentido de que o suicídio representa um fato social, pois este é visto como morte que "resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que ela produziria esse resultado" (DURKHEIM, 2000, p. 14).

Essa tese de Durkheim pode ser associada à ideia defendida por Foucault, pois ambos se empenharam no estudo da relação estabelecida entre indivíduo e sociedade. O primeiro, conforme explicitado, foca sua análise na sociedade em si, sob a perspectiva da coletividade; o segundo está mais próximo desta relação sujeito-sociedade. Todavia, é possível traçar relações entre as concepções dos autores. A questão do suicídio, em especial, na perspectiva de Durkheim, está diretamente ligada aos fatores sociais externos, o que conduz aos estudos de Foucault sobre poder.

Essa referência torna-se de suma relevância para esta análise que pondera sobre a instituição imprensa e seus processos discursivos. Defende-se, neste ínterim, que não há como desassociar os *faits divers* analisados dos seus contextos sociais, pois essas notícias

evidenciaram um espelho da sociedade bageense do início do século XX – logo, aponta-se para o poder da instituição que veiculou estes textos.

No senso comum, o conceito prático de poder está adjunto a situações cotidianas, como um juiz que sentencia uma prisão de 30 anos ou um comandante das forças armadas de um país que ordena execuções durante a escalada de um conflito. A imagem desse "poder repressivo", no entendimento de Foucault (1982), estaria conexa com a violência física ou mental. O poder como uma repressão, nesses termos, opera-se quando o indivíduo não deseja fazer algo, mas outra pessoa utiliza seu poder para forçá-lo. Essa imposição, todavia, pode ser tanto efetiva quanto fracassada. Em outros termos, o Estado só precisa prender criminosos se as leis forem infringidas; um general só ordena execuções caso as demais formas de dissuasão tenham fracassado.

Na noção foucaultiana, o poder repressivo é a forma mais visível de poder, mas se o indivíduo fosse realmente poderoso, não precisaria aplicá-lo. O poder das leis, por si só, não impede os indivíduos de roubarem – objetivo reforçado pela aplicação de penalidades físicas extremadas que, não obstante, igualmente não garantiriam a submissão. Esse poder obriga a fazer; por outro lado, o poder normativo propulsiona que o sujeito queira fazer e automaticamente as pessoas farão o que a sociedade as condiciona (Foucault, 2001). O poder normativo, assim, é aquele que realmente determina o que vemos como "normal", constrói uma visão de mundo e do ser humano, moldando crenças, desejos e decisões de forma tão profunda que o indivíduo acredita que ele escolheu com plena liberdade.

É interessante pontuar, entretanto, que Foucault (1982; 2001) não defende em nenhum momento que haja uma versão pessoal e real escondida no íntimo, abaixo da imagem que a sociedade moldou. Na verdade, para o autor, o indivíduo se forma na e para esta sociedade, integrando este círculo social. Mesmo sendo afetado pela normatização, todos estão impelidos a ela, sendo impossível corromper radicalmente essas estruturas. Porém, tomando consciência, é possível adquirir mais autonomia e reduzir a ignorância em relação a hipotética liberdade social. É justamente o que o linguista Charaudeau (2019, p. 17) discorre sobre a relevância de estudar o discurso da informação, pois é preciso "não cair na armadilha das falsas aparências" e nisso que a pesquisa das ciências humanas e sociais reserva seu valor.

Nesses termos, caso se considere a noção de Durkheim (2000) sobre o poder do contágio para ampliar as taxas de suicídio, entende-se a mídia como detentora de um "poder normativo" contagioso. Essa percepção de poder, cunhada por Foucault, é

resgatada por Martino (2009, p. 143) ao afirmar que "o exercício do poder [...] é visto como uma atividade sutil, disfarçada nos meandros, dos discursos cotidianos que não são vistos como articulações de poder". Assim, a imprensa exerce essa imposição que será internalizada pelo indivíduo, sendo a produção de discursos o poder para manter "categorias de pensamentos usadas pelas pessoas sem que elas percebam" (ibidem). Os casos descritos de suicídios divulgados em edições sequenciais do jornal Correio do Sul, com particularidades idênticas, evidenciam, a seu modo, as teses dos sociólogos Durkheim (2000) e Foucault (1982; 2001).

Sob essa perspectiva, há uma caracterização da máquina midiática como um poder que transcende as instituições conhecidas do "poder repressivo". No caso brasileiro, especialmente, o poder repressivo seria desenvolvido a partir da estrutura dos três poderes: executivo, legislativo e judiciário. Acrescenta-se a essa reflexão sociológica a visão do linguista Charaudeau ao introduzir sua obra *Discurso das Mídias,* a respeito de seu ceticismo quanto à mídia representar o "quarto poder". A despeito da atividade jornalística ter o objetivo de apresentar a informação em sua essência, livre de manipulações tendenciosas, "[...] o cidadão aparece com frequência como refém" desse aventado "quarto poder" atribuído à mídia, "[...] tanto pela maneira como é representado, quanto pelos efeitos passionais provocados, efeitos que se acham muito distantes de qualquer pretensão à informação" (CHARAUDEAU, 2019, p. 17).

Todavia, na visão supracitada, as mídias não seriam "uma instância de poder", pois o poder deveria ser restritivo, sendo a mídia uma espécie de contrapoder, de denúncia, e afetada pelo poder repressivo. Corrobora-se com Charaudeau (2019) que a esfera pública de fato influencia na construção do discurso jornalístico e de que não há a instância de quarto poder. Porém, não se ignora a visão foucaultiana de que a mídia se aproximaria de um "poder normativo" locado na primeira categoria de eficácia, uma vez que possui alta capacidade "parasita", "nutrindo-se" da ignorância para influenciar e manipular. Os efeitos cascata de algumas notícias, especialmente de suicídio, auxiliam na compreensão desta perspectiva.

Atendo-se à estrutura estatal de poder vigente no Brasil, pode-se destacar que, apesar de reconhecer substancial poder de influência da mídia sobre a sociedade em geral, isso não se configuraria uma instância de poder. Independentemente da natureza de denúncia midiática, o seu livre exercício depende da chancela e do contrabalanceamento dos poderes instituídos. Por exemplo, caso a mídia denunciasse o poder executivo e por ele fosse censurada, dependeria seguramente da intervenção favorável de algum dos

outros poderes no exercício de suas prerrogativas de freios e contrapesos. Ou seja, a mídia não se coloca fixamente na estrutura do poder constituído, dependendo de suas interrelações com ele. Ao contrário, seu poder não é hierárquico, com atuação pontual e amplamente externalizado, mas difuso, perene e subjetivo.

Em algumas searas, como a política, a instituição imprensa pode se "vender" por cunhos partidários, ideológicos ou econômicos. Mesmo que o jornalista seja parte dessa grande máquina de difusão de informação enquanto produtor de discursos, o sistema não aparenta um movimento involuntário ocasional, pois se retroalimenta. Não se acredita, portanto, que o discurso seja "sem querer", isso porque serve a interesses de uma instituição com poder de influência e manipulação. O termo "poder", portanto, não necessariamente precisa estar vinculado a questões escalonadas, mas aqui posto como algo simbólico, reflexo da força moral posta pela sociedade sob a mídia.

4.2.3 Assunto oculto, interesse aparente

Os *faits divers* do grupo que trata de ocultismo agrupou 115 narrativas. São textos que circulam por assuntos surpreendentes, mas também associados a nuances específicas, tais como: premonição, profecia, superstição, milagre, espiritismo, assombração, feitiçaria, bruxaria, humor satírico, anomalias, fenômenos da natureza ou de animais ou, ainda, fatos extraordinários.

Nas marcas de uma espécie de humor satírico, apareceu o caso do "colchão assombrado"[85], que conta a história de um casal de Jahú, São Paulo, que comprou o objeto para a cama dos "pequerruchos" e, à noite, este começou a se movimentar sozinho para cima e para baixo: "emfim, o 'raio' não parava quieto um momento". Assustadas, as crianças chamaram os "progenitores". Ao verificarem que o fato relatado era verdade, "emittindo as mais desencontradas conjecturas, mandaram abrir as costuras do colchão e só então é que viram a causa dos movimentos". Do meio da palha surgiu uma jararacuçu, cobra que pode crescer mais de dois metros. O animal "ali residia desde a fabricação do colchão em São Paulo, tendo entrado envolvido em um molho de palha. Que perigo...". A opinião do jornalista no fechamento da notícia, com o acréscimo das reticências, confere uma nuance de coloquialidade ao texto, aproximando o leitor da narrativa.

[85] Correio do Sul, 23 jan. 1917, p. 3.

Outro humor nesta linha é o caso do dentista que pernoitou na casa da noiva por ter adoecido e, segundo o relato, "gatunos" arrombaram a residência e roubaram suas roupas[86]. São duas notícias sequenciais sobre o fato. Conta-se que o dentista Raul Faisea, residente em Niterói, Rio de Janeiro, foi à capital carioca e pernoitou na casa da família da noiva, por ter adoecido. Ocorre que "alta noite, a casa foi visitada por gatunos que furtaram toda a roupa do noivo. Este, como na referida casa não houvesse homem algum senão elle, foi obrigado a permanecer na cama todo o dia, à espera de que a policia encontrasse a roupa!". A "graça" reside no fato do indivíduo precisar "passar o dia na cama" de ceroulas esperando suas roupas, as quais não foram localizadas nas duas notícias divulgadas.

Nessa mesma origem, noticiou-se que três famílias foram envenenadas com o "pão fatal"[87] em São Lourenço de Missões. Na casa de José Vieira da Silva fizeram o alimento e confundiram a lata do bicarbonato de sódio com a de arsênico, que servia para matar formigas. Ocorre que o vizinho Ignacio levou um pão para casa e deu um pedaço para sua filha de dois anos comer. Em pouco tempo, a pequena estava com dores e vômito, mas ninguém desconfiou do pão. Todavia, trataram-na com chás de ervas. No domingo, a criança melhorou e amanheceu disposta e com apetite.

Daí, "sempre na ignorancia do veneno, deram-lhe mais pão do mesmo da vespera, assim como todos os da casa tambem comeram". Logo, todos sentiram fortes dores e vômitos. Porém, "a infeliz criancinha, já com o organismo envenenado da vespera, faleceu às 11 horas". Também na família de Camillo Serpa, ocorreu o mesmo, assim como na casa do próprio José Vieira, que possui família com seis pessoas. A confusão resultou na morte de uma criança e o dr. Emilio Candia teve que atender os doentes, alguns ficando em estado grave. Algumas pessoas aventaram a possibilidade de ser um crime e não mero descuido.

Ainda nas causas alimentares, noticia-se o "Triste natalício"[88], ocorrido em Curitiba, sendo a tristeza resultante de um bolo que envenenou 22 pessoas. O médico conseguiu controlar os sinais de intoxicação em quase todos indivíduos, menos no jovem Mario de Castro, que faleceu, como descrito na íntegra:

> A morte do joven Mario de Castro [...] repercutiu dolorosamente, diffundindo maior pezar quando se souce que era desenlace de um

[86] Correio do Sul, 10 mar. 1917, p. 2; Correio do Sul, 13 abr. 1917, p. 3.
[87] Correio do Sul, 24 ago. 1917, p. 3.
[88] Correio do Sul, 17 jan. 1922, p. 2.

> acontecimento tristissimo que tivera origem numa festa deliciosa de anniversario.
>
> Em verdade, a familia do sr. Mario de Castro commemorara no dia 3 o anniversario natalicio da senhorita Rachel, reunindo na aprazível casa em que vivem à rua Commendador Araujo n. 103, muitos vizinhos e amigos.
>
> Entre os doces para o festim foi feito um grande bolo, que ocupou o centro da mesa. Era uma bem preparada massa de pão de lot, entre camadas da qual, foram dispostos com arte pecegos em calda, comprados em lata, da Fabrica Leal Santos & Cia, do Rio Grande do Sul.
>
> Sobre o bolo, adorando-o, dispuseram outros tantos pecegos, que davam um aspecto bello e appettitoso. Tão bello estava esse bolo que no dia do festim, nenhum conviva ousou tocal-o, deixando-o intacto.
>
> No dia seguinte, dia 4 do corrente, a exma. Sra. Maria Rosa Alves de Araujo Castro, resolveu partir o bolo do anniversario, e com partes d'elle brinar algumas famílias amigas. E assim fez. Presente a essa operação se achava o joven Mario, seu filho, que apanhou muitos pedaços de pecegos que estavam sobre o bolo, e os comeu. [...] (CORREIO DO SUL, 17/01/1922, p. 2).

À noite, todos que comeram o bolo começaram a ter sintomas de indigestão e, pela quantidade de envolvidos, julgou-se envenenamento. Chamou-se às pressas o médico dr. Alegretti Filho e, por não ser encontrado, o atendimento ficou a cargo do "facultativo" dr. José Loyola. Este conseguiu "dominar a intoxicação em todas as pessoas, menos no joven Mario, que hontem a tarde veio a falecer". O dr. José, com a "máxima reserva", disse que acredita "em uma infecção alimentar microbiana, o que por vezes se dá na confecção dos doces em que entram a albumina do ovo e o leite, facilmente alteráveis na época de calor".

Na esteira do humor satírico aparecem casos de mortos que estavam vivos e que surgem no dia seguinte após todos chorarem no velório; ou mesmo o fato de um casal que teria realizado uma denúncia após verificarem que a terra do quintal havia sido remexida, restando o contorno de uma perfeita cova[89]. Por acharem que era um homem enterrado, o médico municipal foi até o local e descobriu que era, na verdade, um cão fila.

Ainda nessa linhagem, foi narrado o caso intitulado "Amplexo fatal"[90], ocorrido em Portugal. Segundo telegramas, "um pobre homem chamado Luiz Barrosa" foi a vítima da brutal brincadeira de seu amigo, Garcia. O referido, abraçando-o, fez com tal força que partiu algumas costelas, causando lesões internas. O "cavalar amplexo" motivou a morte de Luiz poucas horas depois "no meio de dores horriveis".

Um outro caso ocorreu na cidade de Campos, estado de São Paulo, e faz referência a uma mulher chamada Rose que, tendo outra mulher de nome Nenê por inimiga, resolveu tramar uma vingança[91]. Para isso, foi ao dentista e mandou afiar seus próprios dentes.

[89] Correio do Sul, 28 dez. 1918, p. 2.
[90] Correio do Sul, 21 out. 1919, p. 2.
[91] Correio do Sul, 18 mar. 1920, p. 2.

Após, foi ao encontro da inimiga, provocando-a. Após ambas brigarem em luta corporal, Rose cortou um pedaço da orelha de Nenê com os dentes que havia afiado. A nota relata o caso de maneira objetiva e não especifica punição ou repúdio ao ato, supostamente endossando uma engenharia discursiva que alimenta o imaginário social da rivalidade feminina e da hipotética ausência de limites dessas rixas.

Ainda nesta linha "humorística", são identificados relatos de amor macabro, como o exemplo de um jovem de 16 anos, na Argentina, que foi cavar na quinta-feira santa, à meia-noite, a sepultura de sua amada que havia falecido há um ano[92]. O intuito do rapaz era extrair algum resto, como um osso do corpo, que guardaria como relíquia de amor. Segundo consta, a ação não foi finalizada porque "no momento de arrombar o ataúde, ouviu um barulho, que o fez fugir". Os objetos abandonados no local que possibilitaram a descoberta o plano. Entende-se, assim como no caso da vingança supracitado, que a supressão das "punições" em alguns *faits divers* podem decorrer tanto da falta de informação quanto da retirada motivada desses dados do relato. Esta última hipótese, mais aventada, sustenta-se no "interesse do público" e não no "interesse público", pois o que atrairia a leitura seria o clímax da narrativa, aquilo que liberta os sentimentos mais questionáveis no indivíduo, sendo o fim uma mera consequência que só cabe ser exposta quando é igualmente extraordinária.

Os casos de casas assombradas começam de forma reiterada desde 1917[93]. Essa primeira referência do jornal é sobre um fato ocorrido em uma residência situada perto de Dom Pedrito, município próximo a Bagé, envolvendo o senhor Pedro Guedes, sua esposa e o sobrinho Nicolau Silveira. O nome da esposa não consta na notícia. Narra-se que o sobrinho acreditava na "creação phantastica popular" do lobisomem, sofrendo de "ataques de nervos" toda vez que aparecia "um cachorro ou uma gallinha de propriedade dos visinhos". Conforme Nicolau, esses animais seriam um casal de lobisomem, "não existindo força humana que possa convencel-o do contrario". Em virtude das crises e escândalos, a casa ficou conhecida pelo título de "Assombrada". Conforme o texto, a polícia resolveu terminar com a "diversão" e interveio, prendendo duas mulheres e três homens identificados como autores principais da "comedia". Por fim, o jornal informa que não existe o lobisomem, nem a casa assombrada, mas sim "alguem cujas faculdades mentaes estão alteradas".

[92] Correio do Sul, 01 mai. 1920, p. 3.
[93] Correio do Sul, 07 mar. 1917, p. 2.

Há, portanto, desde casos com explicações plausíveis, como a suposição de lobisomem, até textos em que se deixa uma espécie de "convite" à interpretação do leitor. É o caso das assombrações pirotécnicas[94], representadas por estampidos de tiros seguidos de silêncio, ocorridas em uma casa na cidade "do Livramento", localidade também próxima a Bagé. Anuncia-se que "domingo, de madrugada, os caros transeuntes foram alarmados por um forte estampido, que partiu das immediações da Uzina Electrica".

Após os policiais irem ao local, "o tiro nocturno foi esclarecido ou, melhormente, o mysterio ficou mais preto: no interior da casa n. 33, à rua Tamandaré, soára a detonação de um revólver". A casa, cercada, rapidamente foi tomada por um silêncio "impenetrável", não se ouvindo "nem um grito, nem susto, nem pedido de soccorro. Apenas o tiro phantastico". Conta a nota que no dia seguinte nada de anormal foi verificado no prédio de "assombrações pyrotechnicas", sendo que no local funciona um restaurante. O fechamento do *fait divers* estimula o mistério: "os clientes continuavam a servir-se dos seus menus nacionaes...". Em outra situação, intitulada "Fenômeno espírita", o jornal relata uma casa mal-assombrada em que se escuta baterem na porta[95], mas nunca se verificou a presença humana.

Assuntos relacionados a visões, espiritismo ou fatos ocultos também possuem lugar nas páginas do Correio do Sul. É a situação de Maricota, menina de cinco anos, que viu a imagem de uma santa[96] em Niterói, no Rio de Janeiro. Contam os moradores, impressionados, que a criança "passava pela estada do Viradouro, quando parou subitamente e viu num alto barrando, numa distancia de 12 metros, a imagem de uma santa que resplandecia entre duas velas de cêra". Diz-se que Maricota aproximou-se lentamente da imagem "que, entreabrindo os labios, fez um sorriso de bondade e recuou apressadamente, deixando a creança perplexa, depois de desapparecer entre umas folhagens". O evento gerou uma "verdadeira romaria de religiosos" que acendem velas e enfeitaram com flores o local que apareceu a santa.

Outro caso é do indivíduo dito "santo", pois não comia, não bebia, não falava e vivia às intempéries e superior às contingências da carne[97]. O fato também ocorreu no Rio de Janeiro, situação que fez o jornal realizar a seguinte associação: "Há dias alarmou a alma religiosa de Nictheroy a apparição de Nossa Senhora a uma creança. Agora, está

[94] Correio do Sul, 29 abr. 1922, p. 2.
[95] Correio do Sul, 07 mar. 1914, p. 1.
[96] Correio do Sul, 02 ago. 1917, p. 2.
[97] Correio do Sul, 25 ago. 1917, p. 3.

impressionando às cidades de S. Felix e da Cachoeira, um extranho moço que vive como os antigos nachoretas". Interessante citar que o jornal informa ao leitor o informante da notícia: senhor Manoel Pereira da Cruz, leitor assíduo do jornal, "em carta ditada de 23 do passado":

> Pessôas fidedignas informam que elle viera de Machado Portella, a pé, fazendo um percurso de mais ou menos 44 leguas.
>
> Parece-nos mais um indio, entretanto, a parte inculta da população o tem como um novo Rabi.
>
> De facto há em torno de si um grande mysterio, pois o instituto de conservação que actua no humillimo animal, nelle não parece actuar e vem elle assim dormindo ao relento, resistindo ao sol, à chuva, ao frio cortante do inverno, a fome e à sede! (CORREIO DO SUL, 25/08/1917, p. 3).

Outro ponto observável é a associação das crenças populares com os incautos, vez que se menciona que estes acreditam que esse indivíduo é "rabi", palavra que advém do hebraico, significando "meu mestre" (CUNHA, 2012), em alusão a uma espécie de divindade ou guia espiritual. Assim, o periódico designa aos letrados a capacidade racional de ver o mundo, claramente um posicionamento do próprio Correio do Sul e de seus redatores. Mesmo assim, o jornal confessa que o caso envolve mistério e não traz um esclarecimento racional para a situação narrada.

Para finalizar essa notícia, o texto escrito pelo informante Manoel traz um elogio ao periódico: "são estas as informações que julguei necessarias prestar ao brilhante órgão", sendo que "de facto, elle é o único interprete da opinião publica". Essas referências a telegramas ou cartas são rotineiramente percebidas no Correio do Sul, sendo que o nome completo e outras informações detalhadas da fonte de informação parecem ser utilizadas como endosso da veracidade dos fatos, uma espécie de prova de confiabilidade ao leitor.

Nesta esteira, há o fato ocorrido em Portugal, na vila de Fátima, em que três pastores assistiram à aparição da Virgem[98] e dias depois uma multidão composta por cerca de 40 mil pessoas também teria presenciado "uma dança do sol". A circunstância havia sido avisada previamente pelos pastores "videntes, que indicaram dia, hora e logar do maravilhoso phenomeno!". Diz o jornal que "é difficil duvidar da exactidão do acontecimento presenciado por um tão consideravel numero de testemunhas". Porém, como já é característico do Correio do Sul, há um alerta: "Todavia, o que se póde é procurar-lhe uma explicação acceitavel". Para tanto, narra-se a perspectiva científica do

[98] Correio do Sul, 07 dez. 1917, p. 3.

diretor do observatório, "aventando uma hypothese susceptivel de não desmentir os romeiros de Fatima e, ao mesmo tempo, de não contrariar a sciencia".

Diz-se que, em 1915 (dois anos antes da ocorrência do fato), segundo conta a "excellente revista americana Popular Mechanies Magazine", enquanto russos e austríacos disputavam a posse da "famosa" Praça-Forte em "Przemyl", os soldados e a população viram aparições celestes da Virgem, "tendo nos braços o Menino Deus". Embora a maioria acreditasse que se tratava de algo sobrenatural, a revista esclarece que o mistério "póde ser devido a certas descobertas opticas recentes e aos aeroplanos, combinados intelligentemente pelos officiaes defensores da praça, com o intuito evidente de impressionar" os opositores.

Sendo assim, foram relatadas evidências de que o fenômeno somente ocorria à noite, em um céu com nuvens "a pouca altura da terra", com a explicação de assim formarem uma tela para "os aeroplanos austriacos" projetarem imagens, "à maneira do que se passa nos cinematographos". Tendo em vista os dados de que projeções desse feitio podem ser feitas de 100 a mil pés, constatou-se um "truc", pois os austríacos fotografavam "e projectavam as imagens santas dos templos conhecidíssimos dos russos e as pseudo apparições exerciam uma extraordinária impressão sobre o espirito mystico dos slavos". E, graças ao ato, as tropas inferiores dos austríacos conseguiram resistir semanas na defesa da praça. Assim, resta a dúvida: por que há "uma curiosa analogia entre os factos de Fatima e os de Przemyl, e devem elles ser atribuídos à mesma causa – manobras de guerra ou de espionagem?". A notícia lança o questionamento e deixa o leitor dialogar com os fatos a partir dos argumentos previamente oferecidos.

Porém, não só cidades ou localidades são bentas ou abençoadas, existiria uma pedra "do seio da qual, incessantemente, corre com abundância uma água pura e cristalina com um pronunciado gosto da de Vichy". A crença popular atribui-lhe curas milagrosas, fazendo o "preto José João" voltar a enxergar e outras curas sensacionais[99]. Na esteira dos milagres, tem-se também a divulgação do intitulado "sinal do céu"[100], sendo que "em espesso nimbo, conservou-se perfeita, por espaço de dez minutos de observação, ao norte, enorme e bem contornada mão [...], havendo quem o chamasse de mão da paz". Endossando o caráter de mistério, o jornal não esclarece com um veredito os fatos, embora regularmente, a depender dos interesses, penda para os esclarecimentos científicos e positivistas.

[99] Correio do Sul, 13 dez. 1917, p. 3.
[100] Correio do Sul, 05 set. 1918, p. 1.

Há também situações relatadas de crença na reencarnação e em vidas passadas, como o caso do sr. Ott e sua mulher que acreditam ter se conhecido e amado pela primeira vez há cinco mil anos, à sombra das pirâmides do Egito[101]. Outros mistérios também associados às leis espíritas têm relação com o ato de atravessar objetos materiais, como portas ou paredes. Um caso noticiado como misterioso é de uma "criança sobrenatural"[102] com um ano de idade e que teria o dom de transladar-se entre os ambientes, mesmo que as portas sejam trancadas à chave. Diz-se: "Maria anda, assim de Herodes para Pilatos... sem saber andar por seus pés e sem que a transportem daqui para ali. Eis ahi um caso sensacional, aberto à devassa dos estudiosos de cousas ocultas".

Diversas situações estão relacionadas ao que o jornal chama de "magia negra". Um caso é sobre os crimes do "Vedú"[103], uma "seita de negros bruxos e bruxas em Puerto Limon, Costa Rica". São relatados crimes sensacionais aos impulsos do fanatismo. O nome "Vedú", explica a notícia, refere-se à "uma serpente de grande tamanho, inofensiva, que se conserva encerrada em uma jaula e se apresenta à adoração dos fieis". Outro caso de feitiçaria recorrente era por intermédio de agulhas. Um exemplo é de Maria Umbelina, chamada pelo jornal de "Mãe assassina"[104]. A referida mulher levou seu filho em uma consulta e, na ocasião, o médico teria identificado uma agulha cravada no ventre do menino. Com o acionamento da polícia, descobriu-se por confissão que Maria teve 13 filhos, matando-os "pelo mesmo processo e dizendo que os mesmos morriam de moléstias intestinais". Ainda na temática que o jornal classifica como feitiçaria, tem-se a introdução da seguinte narrativa:

> De quanto em quando a piedade humana é ferida por uma dessas scenas canibalescas, capazes de só por si deixaram ver a fundo toda a miséria da perversidade, à rédia solta, na alma brutalizada do homem. A féra, a própria féra muitas vezes em defesa dos filhos se deixa matar. O homem ignorante e eivado de preconceitos supersticiosos é mais que féra. Esquece tudo, até mesmo os mais puros sentimentos de nobreza e dignidade, para só ver pela frente as garras sinistras dos espíritos errantes, medonhos, phatasmas que, infelizmente, ainda encontram guarida na supersticiosa crendice do nosso povo. É o caso a que nos referimos e que deu causa ao revoltante crime... (CORREIO DO SUL, 22 out. 1919, p. 2).

A partir dessa epígrafe, é narrado o caso de uma mulher que, sofrendo ataques psíquicos, mandou chamar João Signori, conhecido como benzedor e feiticeiro. O

[101] Correio do Sul, 06 nov. 1917, p. 1.
[102] Correio do Sul, 25 out. 1918, p. 1.
[103] Correio do Sul, 09 fev. 1918, p. 1.
[104] Correio do Sul, 25 jan. 1918, p. 1.

referido diagnosticou que a voz que saía do estômago da mulher era o espírito do falecido Adão, marido da viúva Mathilde Iles Gregório, e que só esta última poderia curar a moça enfeitiçada. Logo, conduziram Mathilde para o mato e, depois de ordenarem que a viúva tirasse a roupa, foi açoitada por três homens. O espancamento ocorreu pelas 14h e a "desgraçada mulher" faleceu às 22h. O crime ocorreu em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul.

Ao discorrer sobre feitiçaria, Foucault (2001) diferencia o termo de possessão demoníaca. A referida prática seria um problema externo ao catolicismo, pois refere-se às pessoas resistentes às tecnologias de poder e que buscam esse pacto com o diabo, firmando um acordo em troca da alma humana. Estas, seriam denominadas feiticeiras em estreita relação com a caça às bruxas que teve seu estopim na Idade Média. No Correio do Sul, inclusive, feitiçaria é utilizada como sinônimo de bruxaria, como os casos de homicídio com agulhas cravadas em diferentes partes do corpo (coração, intestino etc.) como suposta magia negra em oferta e sacrifício. Já a possessão demoníaca seria uma problemática interna do catolicismo, pois o católico praticante e fervoroso passa a ser cobiçado pelo diabo, fixando uma relação de invasão.

Nesta seara, o envenenamento coletivo por questões religiosas também esteve presente nas páginas do Correio do Sul. É o caso de um fato perverso em que colocaram ácido sulfúrico na água benta de uma igreja, resultando na queimadura de senhoras e senhoritas. Nesse sentido, também narra outra notícia que a menor de idade de nome Ignacia Maria da Conceição[105] envenenou seus pais e uma irmã casada com o objetivo de fugir com seu cunhado José Pageu. Para o ato, usou o veneno de matar formigas, misturou com farinha de castanhas e distribuiu aos seus pais e irmã. A mãe e a irmã ficaram em situação gravíssima e o pai da menina morreu. Relata o jornal que "a perversa fugiu em companhia do cunhado".

Um caso misterioso também é intitulado "O diabo está na Parahyba"[106]. Refere-se a um "gatuno" que quase todas as noites penetra nas residências completamente nu, sem precisar de chaves. Diz-se que o referido não entra nem pelas portas, nem pelas janelas ou telhados. Relata o jornal que é o caso do homem nu "que ninguém consegue agarrar", pois uma vez contam que ele foi perseguido e teria desaparecido no cemitério. Ocorre que, desde então, o "diabo da Parahyba" tornou-se lendário.

[105] Correio do Sul, 06 jul. 1924, p. 4.
[106] Correio do Sul, 20 jan. 1920, p. 1.

Há casos também da ordem dos mistérios pós-vida. Com o título "Não foi para o céu"[107] a notícia conta a história do menino Senzo de Oliveira, pequenino que estava sendo preparado com carmim e dourado na face, bem como dois ou três cachos de cabeços de louros. A mulher responsável pela preparação detectou, ao pintar o anjinho, que ele estava vivíssimo, para o assombro da família, que iria enterrar o menino vivo. Da mesma monta é o que ocorreu com "Um corpo que não se decompõe"[108], em que Eugênia Adelaide de Moraes Campilho, de 75 anos, iria ser enterrada um dia depois de sua morte, pela hipótese de rápida decomposição. Ocorre que, no outro dia, a "morta" transpirava, suas articulações tinham flexibilidade e os lábios eram rosados, características que não se perceberia em um cadáver. Na descrição do jornal, "os mais ilustrados aventuraram a hipótese de um caso de catalepsia ou sono letárgico" e, os demais, associaram a caso de santidade pelo caráter bondoso da senhora. O corpo, por ordem da família, voltou para o leito e se conservou sem alteração alguma, o que ocasionou uma romaria de pessoas que iam beijar a mão da senhora.

Além desses, também há questionamentos sobre a morte aparente da menina Amélia Philomena Ardissone[109], residente em Pelotas, que ficou em observação no cemitério por não apresentar rigidez cadavérica após 40 horas de sua "morte", mesmo com o atestado de óbito emitido pelo médico. Ou, ainda, o soldado que estava sendo autopsiado vivo[110], pois quando o médico começou a fazer um golpe no tórax para descobrir a *causa mortis*, o homem deu um "formidável grito".

Essa condição corporal, em que a pessoa fica estática, é apresentada pelo jornal sempre com um viés misterioso ou metafísico. Isso porque "fugir" da morte aproximaria o ser humano de uma condição bestial e, como bem aponta Ginzburg (1991), é possível definir animais e mortos como "duas expressões da alteridade", vez que são contraentes com a condição humana. A catalepsia dos casos relatados remonta ao estado em que a alma se descolaria do corpo para se transformar em "algo", a exemplo dos lobisomens que viravam lobos ou das bruxas e feiticeiros que "dirigiram-se ao sabá trepados na garupa de bodes, ou transformados em gatos, lobos, lebres" (GINZBURG, 1991, p. 243).

Outros fatos relacionados a questões religiosas e à morte possuem espaço no jornal. É o caso da notícia "O castigo de Deus – um cachaceiro semienterrado vivo em

[107] Correio do Sul, 19 mai. 1920, p. 4.
[108] Correio do Sul, 25 mai. 1920, p. 2.
[109] Correio do Sul, 04 jun. 1920, p. 3.
[110] Correio do Sul, 23 ago. 1921, p. 1.

São Paulo"[111]. Antes mesmo de iniciar a história, o jornal avisa aos incrédulos: "[...] como não acreditar, se se tem visto tanta coisa neste mundo e para Deus nada é impossível?". É o caso de um lavrador viciado e incréu. Certo dia, zombando da oração da família, deu um tiro para o céu. O tiro "reboou pelas matas da chácara" e o castigo não se fez esperar; a terra abriu-se e o homem foi tragado até a altura do coração, justamente na altura do abrigo dos "tão maus sentimentos". O homem ficou semienterrado no solo, desacordado e não houve força humana que o tirasse do local. Conclui-se, nas palavras no periódico: "É que mais forte que a vontade do homem é a vingança de Deus".

As anomalias, como pontua Foucault (2001), descrevendo uma realidade percebida na França no século XVII e XVIII, eram associadas comumente à figura de um monstro, como se a monstruosidade estivesse relacionada a questões de carma religioso. Esse fato perdura ainda no início do século XX no jornal Correio do Sul, tendo em vista que anomalias físicas ainda eram superficialmente discutidas como questões de alteração biológica e pelo viés científico. A notícia de título "Um monstrengo"[112] descreve, a partir de telegrama do Rio de Janeiro, que a esposa do cidadão Alexandre Carneiro deu à luz a um "monstrengo" que possuía a cabeça semelhante à de um peixe, vivendo apenas duas horas. Em outra publicação, divulga-se o nascimento de uma criança em Santa Maria com quatro pernas, duas cabeças e três braços como "Um fenômeno"[113] – a parturiente novamente não é identificada pelo nome e sim como "mulher do agricultor Silvino Machado Silveira. Ainda com o idêntico título de "Um fenômeno", divulga-se que a esposa de Americo Bessa Ribeiro teve uma criança que, "de gente", tinha apenas a cabeça e uma perna. O resto do corpo seria idêntico ao de um sapo: "mole, escuro, tendo a epiderme áspera e irisada como a dos batráquios"[114]. Outro caso[115], embora tenha rápida descrição da "aglossia", que seria ausência congênita de língua, relata que o fenômeno chama atenção pela raridade, mas segue explicando que o rosto da criança se assemelha aos bicos de pássaros pela ausência do órgão.

Kappler (1994, p. 166-167) adentra nessa discussão ao discorrer sobre a tipologia dos monstros, associando-os com "jogo das formas", uma espécie de agrupamento das categorias daqueles que "faltam algo essencial" e que seriam, dentro do espectro da constituição dessa noção, "[...] seres que não têm o que temos". O autor agrupa diversas

[111] Correio do Sul, 27 jan. 1922, p. 1.
[112] Correio do Sul, 14 out. 1916, p. 2.
[113] Correio do Sul, 29 jun. 1917, p. 3.
[114] Correio do Sul, 21 jul. 1919, p. 3.
[115] Correio do Sul, 09 mai. 1920; 09 jun. 1920.

classificações, dentre elas os "que não têm língua", seja por origem devida ao clima, devida a defeitos de nascimento ou devido aos conhecidos "monstros míticos". Além desses, remonta os casos de duplicidade ou multiplicidade de órgãos.

Nesse sentido, as associações da espécie humana com características animalescas também expressavam sentimentos de medo e horror. A notícia que possui como título "Um monstro"[116] apresenta ao leitor o "monstro da Serra Negra" que apareceu no município Floresta, estado de Pernambuco, e leva esse cognome pelas "gigantescas" árvores presentes no local, que hoje é conhecido como Reserva Biológica de Serra Negra[117]. O monstro apresentaria todos os vestígios da espécie humana, porém com o corpo coberto de duros e compridos pelos. Além disso, o indivíduo é caracterizado com olhos "muito" pequenos e dedos dos pés ligados por membranas como as dos patos. Também não articula a fala, apenas "grunhe", em descrição associada aos animais.

Ainda há outros casos classificados como ocultismo, aparentemente pela ordem inexplicável dos fatos. A notícia "Levado pelo vento"[118] conta o relato de um fato curioso ocorrido com o italiano Pontelli que, voltando para sua fazenda, "caiu uma ventania medonha e viu-se então o homem elevar-se do solo e ser levado pelo redemoinho". Diz-se que o homem gritava por socorro e, após, ninguém encontrou o italiano nos arredores, confirmando que o homem sumiu no espaço. Também foi noticiado o "alvoroço" em São Paulo pelos fenômenos operados pelo sr. Carlos Mirabelli[119], quem faz coisas aparecerem ou opera levitação de objetos, sempre acompanhado de um bode. Ou, ainda, o uso de telepatia para auxiliar a polícia, experiência praticada na cidade de Leipzig, na Alemanha, para descobrir um assassino por meio dessa técnica[120].

Ainda nessa linha, noticia-se um fato "esquisito" que conta a história de Moysés Barbosa[121] que voa sem saber como. Tudo começou quando ele notou uma chama azulada e, aproximando-se cada vez mais do fogo, deixou nele o olhar, deparando no centro com uma forma de figura caricata e de aspecto extravagante. Diz-se que "Nada mais viu Moysés" e de pronto sentiu que estava voando e, quando retomou a consciência, no dia seguinte, estava debaixo de uma árvore em outra cidade.

[116] Correio do Sul, 25 abr. 1924, p. 3.
[117] Disponível em: https://www.gov.br/icmbio. Acesso em: 03 jun. 2022.
[118] Correio do Sul, 21 jul. 1920, p. 1.
[119] Correio do Sul, 10 ago. 1920, p. 1.
[120] Correio do Sul, 18 jan. 1920, p. 2.
[121] Correio do Sul, 07 out. 1921, p. 2.

As publicações coletadas durante esta fase da pesquisa – de 20 de setembro de 1914 a dezembro de 1924 – foram preparadas para definição do *corpus* detalhado de análise.

4.3 O detalhamento em evidência

Em síntese, do grupo temático "Homicídio", são 15 notícias do caso do "Come Gente", três do "Barba Azul Moderno" e duas do "Monstro Humano". Já do grupo "Suicídio" são duas notícias do caso "Suicídio de uma senhorita", duas do caso "Uma carta é capaz de matar" e duas publicações do "Gesto Brutal". Por fim, o grupo temático "Ocultismo" tem duas notícias do caso "Casa assombrada RJ", duas também do "Homem paralítico anda na Basílica de S. Pedro" e sete veiculações do caso intitulado "Professor Mozart". Em totalidade, foram 37 notícias sobre nove casos evoluídas para tratamento dos dados detalhados sob o critério da existência de mais de uma notícia sobre o fato (Tabela 7).

Tabela 7 - Publicações selecionadas para análise detalhada

GRUPOS TEMÁTICOS	CASO 1	CASO 2	CASO 3
1) Homicídio[122]	Come Gente	Herny Desiré Landrú (Barba Azul Moderno)	Monstro Humano
2) Suicídio	Suicídio de uma senhorita	Uma carta é capaz de matar	Gesto brutal
3) Ocultismo[123]	Casa assombrada RJ	Homem paralítico anda na Basílica de S. Pedro	Professor Mozart

Fonte: elaborada pela autora

4.3.1 Cena do crime: ultrapasse para ler

Os três casos selecionados para análise dentro do grupo temático "Homicídio" são, em ordem cronológica de aparecimento nas páginas do jornal Correio do Sul: "Come Gente", "Moderno Barba Azul" e "Monstro Humano". O primeiro reúne 15 publicações sobre o caso, o segundo três e, o terceiro, duas. Observa-se que nem sempre as notícias aparecem em edições sequenciais do jornal.

O caso do "Come Gente" é paradigmático acerca das possibilidades de categorização de fenômenos que se enquadram como *fait divers.* O caso nasce de uma descrição fática de uma agressão "desumana" durante uma prisão realizada pelo inspetor

[122] Engloba tentativa de assassinato, incesto e estupro.
[123] Engloba "humor" satírico, anomalias, fatos surpreendentes, clima e animais.

de polícia do 2º distrito do município de Bagé, Rodrigo de Castro. A primeira notícia, publicada em 03 de outubro de 1917, narra que um homem custodiado por policial, no centro de Bagé, foi avistado com um laço em seu pescoço sendo arrastado à cincha do cavalo da autoridade. Enquanto suplicava, aos gritos, cidadãos que teriam presenciado os atos intervieram a seu favor, conforme aponta o texto da noite: "Inúteis teriam sido as súplicas e os gritos lancinantes do preso, se um grupo de cavalheiros não tomasse defesa do mesmo, protestando contra a infame selvageria da fera fardada".

A partir da segunda nota, o jornal criou o cognome "Come Gente", abusando de adjetivos pejorativos e exigindo a exoneração e punição do acusado. Ademais, desde então, Rodrigo de Castro foi retratado com ampla sorte de denominações assustadoras, promovendo-se inafastáveis associações com as narrativas lendárias ou mesmo mitológicas, a exemplo dos termos: "fera fardada"; "bandido fardado"; "facínora"; "homem, com entranhas de chacal, feroz até onde o pode ser a pior das feras"; "sanguinário inspetor"; "famigerado facínora"; "olhar faiscante de um bandido"; "gesto de fera em mão humana"; "terrível torturador"; "feroz autoridade"; e, "terrível facínora".

As descrições supracitadas, especialmente "entranhas de chacal", associa-se ao pontuado por Foucault (2001, p. 121) sobre Luís XVI e Maria Antonieta, que teriam sido os precursores da formação dessa noção de monstruosidade, ficando conhecidos como "[...] casal monstruoso, ávido de sangue, ao mesmo tempo chacal e hiena". Aponta-se que mesmo em uma perspectiva atual, o processo de tornar o inimigo em um monstro, efetivamente o desumaniza, de modo que se autoriza contra ele um tratamento incompatível com a humanidade.

Nesse sentido, vislumbra-se que convergem precisamente os termos referendados por Foucault (2001) e registrados pelo jornal. Nesses termos, o autor relata o processo de desumanização de Maria Antonieta, que era retratada como um monstro estrangeiro, alheio ao corpo social, sedenta de sangue tal como um predador, cujo "lado canibal, antropofágico do soberano ávido de sangue do seu povo" (FOUCAULT, 2001, p. 122). Portanto, a figura do monstro é atrelada à pretensão e ao poder de punir.

E é exatamente sob a perspectiva de quebra da lógica de organização do sistema é que se volta à interpretação do monstro proposta por Kappler (1994, p. 50), pois o monstro "[...] obscurece do mesmo modo que revela a ordem universal; obscurece para revelar. Lugar onde a natureza brinca, ele é o enigma que dá ao homem a oportunidade de atingir o conhecimento fora das vias pueris [...]".

Outrossim, acompanham as narrativas pormenorizadas dos fatos expressões como "sanha de um inspetor"; "abominável delito"; "versões sinistras"; "plano tenebroso naquela viagem terrível que obrigavam o infeliz nas trevas", todas incitando a criação de uma atmosfera de mistério e medo, alinhada ao sobrenatural. Nesse sentido, o inspetor equipara-se a um verdadeiro predador que "marchava à distância, acompanhando a presa, farejando-a, seguindo-lhe o rastro vitoriosamente, antegozando a volúpia dos cães de matilha, com as narinas dilatadas, à espera que o sangue jorrasse do orifício da faca homicida na carótida seccionada da vítima". Nesse contexto, sequer foi atribuída razão expressa ao cognome de "Come Gente", que decorre naturalmente da narrativa, que se vale de projeções mentais de feras, monstros e perigos que compõem o imaginário comum, em alusão a monstros folclóricos, trazendo a vileza de um "bicho-papão" e a ferocidade de um "lobo mau".

Nas teorizações de Kappler (1994, p. 261), seria o monstro o "[..] produto de uma combinatória das formas" e não "[...] apenas o fruto malsão de um amor pervertido pelo quebra-cabeça". E, nesse sentido, a construção desse personagem no imaginário popular também seria formado a partir da palavra, a resposta mínima para Linguística, mas quando articulada, toma posições argumentativas e persuasivas na frase. Seria o poder da palavra, na concepção do autor, que justificaria a obstinação dos escritores em descreverem monstros por meio da representação gráfica do que se vê – em uma transposição do discurso verbal e não-verbal. Nessa ideia defendida, formular um monstro por meio da palavra configuraria a arte de criar um personagem com prazeres, motivações, características físicas e personalidades múltiplas. Esse "quebra-cabeça" tomaria forma a partir da estreita relação com as referências imagéticas e discursivas para elaboração do monstro e do estranho.

Tal enredo fático inicial se enquadra, a priori, em múltiplos requisitos de *fait divers*, nos termos enumerados por Barthes na década de 60. Ou seja, é uma informação completa (imanente), pois desde a primeira notícia sabe-se que um homem, suposto ladrão, foi arrastado de forma desumana, com o laço atado no pescoço, à cincha de um cavalo. Tem-se o fato também que o homem clamava por ajuda, mas que o executor não estremecia, sendo necessária a intercessão de cidadãos que testemunhavam a cena. Nesse sentido, em concordância com Barthes (1964) na premissa de que primeiro é necessário olhar para as relações imanentes dos *faits divers* para aferir sua estrutura. Neste caso, a relação de causalidade é evidenciada pela causa das recorrentes notícias sobre o mesmo personagem: Rodrigo de Castro é um agente deliberado, perpetrador de ações torpes e

vis, não só quando fora detentor do cargo de inspetor, mas também antes e após sua exoneração. Logo, a reiteração dos atos independe de sua posição social e o elevam a um personagem do crime desta sociedade.

Obviamente, esta conclusão não é tão simples assim. Qual o elemento que perturba esta narrativa? Possivelmente, a ação desumana de arrastar um indivíduo pelo pescoço, independente do crime que tenha cometido. Esse ato praticamente anula o questionamento do leitor sobre o crime do "ladrão" arrastado. Os fatos novos expostos nas notícias subsequentes, são novas perturbações que agravam a primeira: o homem foi tirado da prisão à noite para ninguém ver e o objetivo da ação era levá-lo ao Cerro de Bagé para decapitá-lo.

Não obstante, com o desenvolvimento do caso do "Come Gente", introduziram-se elementos políticos e sociais. Notadamente, o jornal objeto de análise reverberava assumidamente posicionamento político, traduzindo assim suas aspirações nas narrativas dos fatos. Na mesma linha, o caso passou a gerar a problematização da atuação de autoridades e governantes, abrindo novas acepções. Porém, reduzi-lo a um crime político seria negar a problematização de um indivíduo que, embora tenha em algum tempo assumido o cargo público de inspetor do 2º distrito de Bagé, perseverou cometendo reiterados crimes.

Nesses termos, o que está envolto no quadro político não aparenta resumir a estrutura desta narrativa. Questionamentos como "quem indicava, à época, o inspetor, que seria o causador do ato?", "o responsável por não afastar de pronto o inspetor do cargo é o responsável concorrente dos atos criminosos subsequentes do Come Gente?"; "por que ele se manteve no cargo?"; "essas ações (ou mesmo execuções) eram encomendadas por atores políticos?"; "por que precisou de tantos casos até ele ser efetivamente punido?", entre outros, não geram respostas capazes de anular a perturbação gerada pelo ocorrido. Em qualquer tempo, o fato de um homem roubar algo não justifica sua consequência de ser tirado à noite da prisão e, arrastado pelo pescoço à cincha de um cavalo, levado à decapitação. É um ato de selvageria não amparado pela lei e que impressiona os leitores.

Pode-se argumentar, no entanto, que a postura e os comentários do jornal são de busca ativa pela punição do Come Gente. Na notícia publicada em 04 de outubro de 1917, são publicadas as cartas do editor do jornal, Fanfa Ribas, ao chefe de polícia do estado do Rio Grande do Sul e, outra, ao presidente do estado do Rio Grande do Sul. Na notícia de 09 de outubro de 1917, trecho diz que "É ainda em nome da lei que estamos agora

appellando para a auctoridade dos srs. drs. Borges de Medeiros e Paim Filho, no sentido de ser promovida a responsabilidade dos culpados no attentado do dia 2 do corrente [...]".

Sobre essas frases e parágrafos dedicados à denúncia e eloquência política, entende-se que não pertencem ao âmago da temática, pois o enredo maior está nos crimes e atrocidades praticadas e não na ação do jornal sobre o fato. Cabe salientar, como bem pontua Martins (2008, p. 17), que o jornalismo trazia com convicção, principalmente na primeira metade do século XX, uma opinião partidária firme e clara, esperando interferir no cenário social: "O leitor comprava o jornal esperando encontrar uma cobertura afinada com seu viés político [...]. Já o jornal tentava cativar o leitor atendendo a essa expectativa".

Nesse sentido, considerando-se que a definição de *fait divers* não é simplória, pois enquadra-se nos entremeios da narrativa constituída, o *corpus* das 15 notícias sobre o "Come Gente" fornece subsídios para tal definição. Como, à época, os jornais adotavam posições políticas contundentes, algumas afirmativas não poderiam ser tomadas como verídicas de pronto. Por isso, buscou-se duas palavras-chaves no acervo digital[124] de 1918 dos jornais "A Federação" e "O Exemplo", ambos gaúchos. Neste ato, o objetivo não foi ampliar a pesquisa ou adicionar elementos ao *corpus*, mas sim contrapor aquilo que estava sendo lido. Embora tenha-se que a análise de conteúdo observa o texto em si e o contexto restrito de sua publicação, não se viu impedimentos nesta ampliação de perspectiva, tendo em vista que isso soma à análise e não tem a intenção de modificá-la.

Na breve e objetiva pesquisa digital, foi possível filtrar o termo "Rodrigo de Castro", cognominado "Come Gente" pelo jornal Correio do Sul. Na edição de 1º de novembro de 1917 a notícia de título "Denúncia infundada" narra o seguinte: "Um longo e bem fundamentado despacho do juiz da comarca, determinou o arquivamento dos autos da investigação policial, por denuncia de uma folha federalista, o 'Correio do Sul', contra o inspetor da polícia administrativa, Rodrigo Castro". À primeira vista, aparentou o caso estar envolto em questões políticas e ser uma perseguição do Correio do Sul ao referido inspetor local. Todavia, o mesmo jornal que acusou o Correio do Sul noticiou mais um "crime bárbaro" cometido por Rodrigo de Castro na edição de 18 de outubro de 1918. Este último era sobre a morte encomendada de Dolival Porto. O jornal "O Exemplo", na edição de 20 de outubro de 1918, também lamenta e divulga o caso: "Trouxe-nos o

[124] Diferentemente do jornal Correio do Sul, de Bagé, no Rio Grande do Sul, os jornais "A Federação" e "O Exemplo" estão digitalizados na Biblioteca Nacional Digital do Brasil e podem ser buscados por períodos e palavras-chaves. Disponível em: http://memoria.bn.br/.

telegrafo a desoladora notícia de que o nosso amigo capitão Dolival Soares Porto, foi barbara e traiçoeiramente assassinado na cidade de Bagé". Ressalta-se que não seria necessária a realização da referida pesquisa complementar para o entendimento do fato. Todavia, na busca de argumentos contrários e na acessível disponibilização destes dados, viu-se as informações como complementares ao enquadramento do caso como *fait divers*.

A proteção política sobre um criminoso não anula seus crimes e, desde a primeira denúncia contra Rodrigo de Castro, o "Come Gente", em 3 de outubro de 1917, o jornal Correio do Sul proclama que o referido era acobertado em seus feitos. A partir do conteúdo do próprio jornal, é aparente que em algum momento isto não pôde mais ser acobertado e o fato desenredou-se das questões políticas antes visualizadas. O caso do "Come Gente" é uma estrutura fechada em si mesma, mas essa estrutura possui uma narrativa cronológica de 15 notícias. Individualmente, todas significam. Juntas, pintam o retrato do criminoso "Come Gente" em suas múltiplas facetas: inspetor, ex-inspetor, bandido, torturador, criminoso, condenado, fugitivo.

Sobre a classificação de narrativa jornalística e narrativa literária aqui empenhada, discorre-se individualmente sobre cada notícia. A primeira notícia do caso[125], veiculada em 03 de outubro de 1917, traz elementos verídicos, novos e atuais, todos predominantemente encontrados nas narrativas jornalísticas, assim como o interesse público, pois a barbárie de um indivíduo atado e arrastado confere atratividade ao fato. Todavia, há predominância de linguagem poética, marcada pelo uso de expressões qualificadoras como "cena revoltante" e "não podemos deixar de verberar energicamente a brutalidade" ou mesmo imperativas, a exemplo de "que cumpram elas [as autoridades] o dever que lhes compete".

De igual monta, a segunda notícia[126] traz dados reais e atuais, bem como inéditos, pois complementam a primeira publicação: o inspetor Rodrigo de Castro que mandou retirar o preso da cadeia à noite e indicou seu destino; o propósito de matar o indivíduo que estava sendo arrastado; mera citação de que já havia outras "versões sinistras" sobre anteriores ações de Rodrigo de Castro; reprodução das cartas enviadas pelo editor-chefe do jornal às autoridades superiores. Todavia, além da presença de linguagem poética, com abuso de adjetivos, presunções, opiniões e lirismo, também é verificado um propósito quase didático de descrição da "fera", chamada pelo periódico desde este ato de "Come Gente".

[125] Correio do Sul, 03 de out. de 1917, p. 1.
[126] Correio do Sul, 04 de out. de 1917, p. 1.

A terceira notícia[127] foi veiculada em 09 de outubro de 1917 traz fatos cotidianos sobre o caso, informando a decisão recente de inocentar e reintegrar ao cargo o Rodrigo de Castro. Mas a larga e inconformada narrativa segue trazendo argumentos para punir o referido. O uso da linguagem poética, para além do lirismo e da constante referência às histórias popularmente conhecidas na literatura, emprega sem limitação a ironia, a exemplo do trecho que questiona a alegação "a praça" encarregada por amarrar o preso foi obrigada a fazê-lo, pois o mesmo deu indícios de fuga: "Si a praça ia a cavallo, como o inquerito o constata, o preso só poderia acompanhal-a amarrado e arrastado, a não ser que o soldado, num lance cavalheiresco de fidalgo medieval, o conduzisse à garupa, como a uma dama querida, em conquista galante". Ou ainda, há na seguinte inserção o emprego de hipérbole: "Em que terra, em que mundo, em que estrella existe essa lei [...]". Por fim, ainda nesta notícia, é possível dizer que os argumentos "jurídicos", as acusações e a descrição do sistema legal provam que o propósito social supera aqui o interesse público, podendo-se citar o exemplo: "Dentro da lei estamos dentro de uma couraça impenetrável; fora da lei estamos sujeitos à sanção penas, com a nossa fragilidade exposta aos ataques da adversidade".

Na quarta notícia[128] de 17 de outubro de 1917, ainda citando elementos factuais, o elemento inédito foi a reabertura do inquérito. Ainda há outros elementos, como o "envio" obscuro do indivíduo arrastado para Pelotas e da aferição que seu nome havia sido divulgado erroneamente, supostamente para não ser localizado. Da mesma forma, não é possível fugir da predominância da linguagem poética com enunciados que "gritam" aos olhos do jornalismo que prima pela objetividade. O título "O attentado sensacional do 'Come Gente'" traz adjetivação e personificação de um personagem de histórias infantis. No primeiro parágrafo do texto, também é verificável a preponderância do objetivo de contribuir com o reestabelecimento da moral no município: "Como se sabe, atendendo a uma denúncia do director desta folha, sobre o revoltante attentado levado a effeito a 2 do corrente [...]".

A quinta notícia[129], de 18 de outubro de 1917, transcreve os depoimentos de novas testemunhas com base em nova investigação: "Pelo sr. coronel Avelino Borges, que veiu a esta cidade syndicar do facto delictuoso praticado pelo celebre inspector Rodrigo de Castro, foram hontem ouvidas varias pessôas". A descrição dos depoimentos conferidos

[127] Correio do Sul, 09 de out. de 1917, p. 2
[128] Correio do Sul, 17 de out. de 1917, p. 1.
[129] Correio do Sul, 18 de out. de 1917, p. 1.

à autoridade foi possível porque o diretor do jornal Correio do Sul acompanhou as investigações. Algumas situações inéditas são expostas, a exemplo da face escravagista do investigado, conforme o depoente Waldemar Fonseca: "Disse que dahi [do local que seria executado] foi conduzido ao sitio em que reside Rodrigo, o qual o submetteu a trabalhos forçados em terras exploradas pelo inspector, obrigando-o, durante 16 dias, a dormir num instrumento de tortura denominado *barra*, que o malvado possue em sua casa". Segundo a notícia, Waldemar foi solto quando começaram as acusações contra Rodrigo de Castro e as ações reverberaram no espírito público.

Ainda sobre a supracitada notícia, trata Rodrigo de Castro como um "evadido da República do Uruguai em má hora escolhido pelos administradores de Bagé para exercer auctoridade sobre brasileiros e para os executar summariamente no tope das coxilhas e no seio concavo das canhadas". O tom de narrativa lírica e criativa, também prevalece na notícia, bem como o propósito social do texto de contribuir em tons didáticos com a elucidação jurídica do caso e, a partir de interpretações que fogem ao ofício jornalístico, anseiam resgatar a moral das autoridades policiais bageenses. De pronto, percebe-se que o foco aqui descola do enredo espetacular e centra-se na crítica social. Aqui, tem-se a marca da primeira notícia que parece uma irresignação da decisão de manter Rodrigo de Castro no cargo – tanto que há um marco temporal de aproximados seis meses entre esta e a próxima publicação sobre o personagem "Come Gente".

Como dito, em 04 de abril de 1918, já no ano seguinte às outras cinco publicação, que aparece a sexta notícia sobre Rodrigo de Castro. Aos poucos, "esculpe-se" um personagem emblemático para o município de Bagé. O jornal Correio do Sul, como prestes a levantar seu troféu de "nós avisamos", intitula a notícia de "As ferocidades de um fascinora. Mais uma façanha do 'Come Gente'"[130]. Nas palavras do periódico: "Nem mal havia desapparecido do espirito publico a impressão de horror causada pela ultima façanha do celebrisado inspector Rodrigo Alves de Castro, cognominado o "Come Gente", eis que esse homem, com entranhas de chacal, "feroz até onde o póde ser a peior das feras, repete mais um dos seus feitos tigrinos, castigando, com varas de marmello, um cidadão, em suas partes mais delicadas". A descrição minuciosa do jornal caracteriza o emprego de técnicas de tortura em duas vítimas. As informações acrescidas nesta publicação trazem inéditos elementos de surpresa e comoção, ao passo que utiliza da linguagem poética para cumprir seu propósito social, sendo que o recurso de retórica é

[130] Correio do Sul, 04 abr. 1918, p. 2.

empregado no trecho “para vergonha dos nossos fóros de povo civilisado” ou mesmo o exercício metafórico em “trazendo à memória os vermelhos tempos da inquisição”.

A sétima notícia[131] data de 06 de abril de 1918 traz novos dados e informações sobre as torturas descritas anteriormente e praticadas por Rodrigo de Castro. Porém, o título já prenuncia através do texto “A féra do Banhado dos Carneiros. A sua punição” o que o período, em linguagem lírica, descreve: “para escarneo desta sociedade, que aguardava impassivel e serena a certa punição do delinquente, eil-o que sahe do circulo das investigações, batendo azas e arrulando como uma pomba sem fél: – ficára impune!”. A referência do título é explicada em parágrafo sequencial: “o referido inspector, prendendo os cidadãos [...], fei-os conduzir para o seu antro, ao lado do ‘Banhado dos Carneiros’, e ali, para arrancar-lhes uma confissão à viva força, mandou tortural-os, servindo-se, para o fim dos mais infames e horrorosos processos”. A descrição segue detalhada, descrevendo os instrumentos de tortura e, ao fim, o “classico banho de salmora” para reduzir o inchaço.

Há, porém, mais um hiato de seis meses entre a sétima e a oitava notícia[132] sobre o personagem. Desta vez, é inserido um novo delito. A “nota” fala sobre as investigações em andamento do assassinato de Dolival Porto. Esse é o primeiro texto que possui marcas exclusivas da narrativa jornalística: realidade, ineditismo, atualidade (fato novo); linguagem referencial (elementos linguísticos não extrapolam o objetivo de narrar o fato) e interesse público (um assassinato na cidade). Essa publicação não revela o nome do assassinato, o qual ainda está em investigação.

Logo, a nona notícia[133] já apresenta o assassino: “o famigerado Come Gente”. Volta à cena, novamente, o personagem criado pelo Correio do Sul há mais de um ano. No ato, no entanto, em decorrência dos crimes anteriores, não ocupa mais cargo público: “foi preso por uma grande escolta enviada ao seu encalço, nas proximidades do Rio Negro, o terrivel facinora Rodrigo de Castro, vulgarmente conhecido por ‘Come Gente’, ex-inspector de policia administrativa e celebrisado nas chronicas do crime”. As escoltas foram enviadas porque a polícia foi comunicada do seu plano de fuga para República do Uruguai. Quando capturado, foi encontrado com ele o valor de “300$000”, dois facões, um revólver carregado e munições “com grande quantidade de balas”. A notícia ainda

[131] Correio do Sul, 06 abr. 1918, p. 1.
[132] Correio do Sul, 16 out. 1918, p. 2.
[133] Correio do Sul, 17 out. 1918, p. 2.

informa o nome do agente que deu voz de prisão à Rodrigo e que "na tentativa de fuga Come Gente arrombou varios aramados".

Ainda sobre essa publicação, diz-se que a narrativa é permeada de ilações, acrescidas de comentários, a qualquer tempo, do jornalista. Surgem, com a opinião, novas visões dos fatos. Assim, traz a banalidade para um contexto de ineditismo, marcado pela captura do "Come Gente", comunicação de novos investigados a partir das declarações do flagrado, motivação torpe do crime – a saber, ofensa verbal, entre outros elementos. Há, como na ampla maioria das narrativas do caso, a predominância da linguagem poética, com marcas opinativas, líricas e criativas. E, a partir da escolha deste caminho literário, o jornalista ultrapassa os limites impostos pelo mero interesse público e incorpora a função social de questionar os fatos, comentá-los e orientar todas as esferas sobre suas ações, a exemplo do trecho: "O bandido Come Gente, graças ao zelo das referidas auctoridades, será entregue ao julgamento da justiça, de nossa terra, que saberá dar castigo merecido aos seus crimes"[134].

Não obstante, ocorreu uma via de mão dupla que foi construída entre os conceitos de monstruosidade e criminalidade, notadamente no início do século XIX. Nesta linha de raciocínio, a perspectiva punitivista da sociedade passou, paulatinamente, a traduzir a criminalidade pela monstruosidade. Foucault (2001) elucida que a partir da associação de práticas criminosas à ação de monstros, construiu-se a noção de que os crimes em si revelariam natureza monstruosa. Tal característica é estampada na narrativa do "Come Gente", descrito como um personagem fisicamente humano, mas que adquire esse título pelas ações que não condizem com práticas conhecidamente humanas. Falta-lhe não só civilidade, por não seguir às leis dos homens, mas sentimentos nobres.

Ao trabalhar a transição dos sistemas de organização de poder na sociedade na virada do século XVIII ao século XIX, Foucault (2001) enaltece que as teorias então emergentes equiparam o criminoso à doença em um corpo sadio. Além da aplicação paralela de teorias das ciências da natureza em ascensão, Foucault retoma o contratualismo, apontando que o criminoso era identificado como um indivíduo desnaturado, cujo comportamento egoístico o recolocava no estado natural anterior ao contrato social que configurava a sociedade.

Foucault (2001) indica que, por razões opostas, a negação ou estado alheio aos termos do contrato social tornavam o transgressor em um monstro. O autor indica que tal

[134] Correio do Sul, 18 out. 1918, p. 1.

previsão é aplicável tanto ao soberano, analisado após a Revolução Francesa como tirano estranho ao estado social pactuado, como a qualquer criminoso que, antes da revolução, atentava de qualquer forma contra as a autoridade do contrato social, corporificada pelo soberano. Ou seja, mudam-se os referenciais com a virada do século XVIII para o século XIX, porém permanece o direito de retribuição violenta e fulminante contra o monstro alheio às regras vigentes na sociedade – dentro ou fora das regras convencionadas.

A décima primeira notícia[135], intitulada "O homicidio da rua 7" e veiculada em 19 de outubro de 1918, prossegue trazendo fatos novos sobre o assassinato de Dolival Porto. Até o momento, identificou-se que dois companheiros teriam prestado auxílio ao "Come Gente" no crime, que o referido ocupava um cargo municipal no departamento de pesagem de gado e que foi exonerado após o ocorrido. Até então essa função não havia sido citada pelo jornal. Também foi informado que Dolival Porto residiu em Caçapava do Sul e sua morte foi "profundamente sentida" pela população local. Tanto esta, como a décima segunda notícia[136], são notas informativas, curtas, com linguagem referencial e com elementos exclusivamente jornalísticos. Esta segunda, que aparece em 20 de outubro de 1918, inclusive, traz apenas a comunicação de que um famoso advogado de Pelotas, sr. Dr. Gomes da Silva, teria sido convidado para acompanhar as investigações públicas do caso. A presença dos elementos jornalísticos também se verifica na décima terceira nota, de 22 de outubro de 1918, que apenas visa atualizar sobre o fato: entrega das investigações ao promotor, as defesas de cada parte, o fato do "Come Gente" não ter escolhido defensor e o arrolamento das testemunhas.

Já a décima quarta notícia, publicada em 23 de outubro de 1918, traz uma "rima" publicada em outro periódico do estado e replicada com comentários pelo Correio do Sul: "A proposito do bandido 'Come Gente', o auctor da secção 'Diabruras', do 'Correio do Povo', publicou nas columnas do referido jornal estas espirituosas quadrinhas". Essas, convém reproduzir:

> Suspeito de ter sido auctor do assassinato de Dolival Porto, foi preso Rodrigo Alves Castro, vulgo "Come Gente".
>
> "Come Gente"?! O typo é "verme",
> Portanto de estofa má.
> Não é da mesma epiderme
> que à gente – gente se dá.
>
> "Mata Gente" certamente

[135] Correio do Sul, 19 out. 1918, p. 2.
[136] Correio do Sul, 20 out. 1918, p. 2.

> lhe calharia melhor;
> porém sendo "Come Gente"
> podia ser mui peor...
>
> Sim! elle mata primeiro,
> Si é verdade que matou.
> Depois é que engole, inteiro,
> o "prato" que preparou...
>
> Um monstro (ninguem me priva de dizel-o), elle seria, como outro não houve, um dia, si... comesse gente viva... (CORREIO DO SUL, 23/10/1918, p. 2).

Nesta publicação, é inegável a conduta literária. Após todas as notícias sobre o personagem criado, este é descrito como "verme", não na perspectiva biológica e literal do termo, mas fazendo alusão ao comportamento animal do personagem que se alimenta de cadáveres, minando ou corroendo lentamente, de forma torturante, os indivíduos fadados à morte. Conforme a descrição, Rodrigo de Castro não está mais na categoria humana, pois a sua feição externa, sua "epiderme", configura-se diferente. Sua índole de fera, animalesca, embora não coma gente viva, após matar, serve-se com ferocidade dos resultados de seus atos. Não come a carne, mas ceifa a vida, tanto das pessoas que escolhe torturar e matar, quanto de todos que as querem bem. Como quem come, nutre-se e se apetece com suas práticas criminosas.

E o epílogo desta longa narrativa, composta por um acervo de 15 publicações encerra-se com poucas linhas publicadas em 06 de maio de 1920, cerca de 17 meses após a última veiculação sobre a temática. O título que marca o desfecho faz jus à linguagem poética predominantemente empregada pelo periódico: "O Come Gente... comido?". O conteúdo versa sobre um boato do assassinato de Rodrigo de Castro na fronteira entre o Uruguai e Bagé, descrito como "[...] o famigerado Come Gente, célebre malfeitor que durante alguns anos viveu neste município protegido pelas autoridades e ocupando cargos públicos". Imaginando este arremate na extensa rede de informações noticiadas sobre o caso, o jornalista conclui: "Parece que o boato não foi confirmado, o que faz crer que desta vez Come Gente ainda não tenha sido comido...". Assim, com um humor satírico, o jornal põe termo ao caso, sabendo que não se configurou, ao menos nesta última inserção, uma "notícia" inédita e atual. Distingue-se, portanto, pela universalidade e atemporalidade figuradas ao personagem "Come Gente", cujo final ainda permaneceu encoberto por mistério, marca das reticências utilizada pelo jornalista. Logo, para os dotados da elocubração imaginativa que animava os jornalistas do Correio do Sul, "Come Gente" ainda vive na imaginação popular, podendo ser encontrado pelas ruas de Bagé ou espreitando as localidades nas quais atuou.

Na sequência, após o maior caso desta análise, ocorreram as publicações sobre o "Moderno Barba Azul", fato que sai do âmbito local ou estadual e atinge a mídia mundial. O cognome refere-se a Henry Desiré Landrú, indivíduo notoriamente acusado de assassinar 11 mulheres. A menção ao "moderno" possivelmente deriva de um paralelo com o conto de Charles Perrault, intitulado "Barba Azul", em que o personagem principal era um homem vil que matava suas mulheres e mantinha os corpos armazenados em um quarto de sua residência. Todavia, nas notícias coletadas, não há explicação explícita sobre a alcunha. Em alguns momentos, também é chamado de "Barba Azul de Gambais", em alusão à comuna "Gambais", na França, local em que Landrú residia e matou suas esposas.

No período estipulado, foram encontradas três notícias sobre o tema. A primeira data de 14 de abril de 1921 e possui o título "Uxoricida onze vezes", em alusão ao fato de Landrú ter assassinado suas esposas. A segunda notícia aparece somente no ano seguinte, na edição de 18 de fevereiro de 1922, e possui o título "Prefere morrer como assassino, a ser fuzilado como traidor!", referindo-se ao anúncio da pena de morte de Landrú e da tese de defesa sustentada pelo advogado que sugere a inocência baseada em sigilo de guerra. A última notícia possui maior extensão e foi publicada em 15 de março de 1922. O título "OLHAR, ESCUTAR E... RELATAR" aparenta empregar verbos de ação que guiam a prática jornalística, pois a notícia traz uma narrativa detalhada do momento e do cenário que levaram à execução de Landrú.

A primeira notícia[137] possui características meramente informativas. Através de uma linguagem referencial, com uso de citações e dados de comprovação, o jornalista narra que Landrú é acusado da morte das 11 mulheres e está preso aguardando julgamento. Abstendo-se de viés opinativo, a notícia apenas relata o enorme "dossiê" de "7.000 páginas" de Landrú e que, na França, o réu tem direito de lê-lo antes do julgamento. Acusado de utilizar a "tática de cansaço" com os procuradores, também descreve uma certa ironia em um diálogo entre Landrú e um dos auxiliares do judiciário.

Essa primeira e as demais notícias tratam sobre fatos da sociedade da época. É possível comprovar tal afirmação através dos elementos identificados nos textos, tais como: o tamanho do dossiê do caso; a entrevista do advogado de Landrú com apresentação da tese de defesa e prenúncio de inocência do réu; data do fato; divulgação do instrumento da aplicação da pena de morte (guilhotina) e da pessoa designada para

[137] Correio do Sul, 14 abr. 1921, p. 2.

acioná-lo (de nome Deibler); referência a testemunhas; números exatos, a exemplo das 278 noivas do réu; local de residência de Landrú de nome "Vila Gambais"; e, comparação com o caso brasileiro de Motta Coqueiro, dado como inocente após suportar a pena de morte assinada por Dom Pedro II. Todavia, na terceira notícia é possível dizer que há a preponderância da representação de mundo própria da narrativa literária porque há a clara formatação de um viés do acontecimento que ultrapassa a mera narrativa dos fatos. Porém, enquanto narrativa sequencial, olhando as notícias como um uno de informação, prevalece a característica literária.

Da mesma forma, afere-se ineditismo às notícias, pois trazem o desfecho original do caso de Landrú, similarmente a uma atualização processual no âmbito jurídico. Termos próprios da linguagem jurídica, inclusive, aparecem com recorrência em todas as notícias do jornal. Embora possa ser argumentado que a notícia já aventa a classificação de "o célebre criminoso Landrú" em relação a fama do caso e do personagem no âmbito público – o que tende à banalidade da temática, do ponto de vista da notícia, em relação à época, é inegável a noção de novidade de informação transmitida ao leitor, preponderando esta noção da narrativa jornalística.

Também é predominante a ideia de atualidade nas notícias do caso, pois tratam de algo ocorrido no momento da publicação. Mesmo a morte de Landrú ocorrendo em 25 de fevereiro de 1922 e divulgada pelo jornal Correio do Sul somente em 15 de março do mesmo ano, argumenta-se que o referido meio de comunicação era uma das únicas formas de acesso a tais dados na sociedade de Bagé, no Rio Grande do Sul, trazendo assim novidades ao leitor mesmo com as limitações de transmissão de informações do início do século XX.

Por outro lado, a linguagem poética, característica aqui tratada como própria das narrativas literárias, prevalece nas notícias selecionadas dentro da temática homicídio. Percebe-se o abuso de adjetivos, de termos líricos e da subjetividade, como pode-se perceber no parágrafo inicial da terceira notícia do caso:

> O macabro cidadão Deibler que, com tanta elegancia, dizem, faz a apavorante "Veuve" accionar-se correndo, *tout doucement*, pelas sinistras e lubrificadas calhas a navalha fatal; esse homem que, com uma displicencia chocante, manobra a guilhotina, como, talvez, nós plumitivos não manejemos a pena; Deibler, o carrasco official, fez, há poucas horas, rolar a cabeça de Henry Desiré Landru, da plataforma do instrumento em que, na França, se justiçam os grandes criminosos; até à cesta, cheia de serragem, aonde em nome da lei, a parte mais nobre do corpo humano anémisa-se, num instante, privado da seiva que lhe dá vida e que a inspira para o bem e para o mal. Landru foi guilhotinado! (CORREIO DO SUL, 15/03/1922, p. 1).

O trecho acima é o início da notícia que visa informar que Henry Desiré Landrú foi guilhotinado na França. Todavia, por opção do jornalista, o enredo inicial está no homem que o matou, denominado Deibler. Tal recurso quebra a estrutura narrativa do jornalismo, pois envolve o leitor em detalhes "desnecessários" para o entendimento do fato. Em outras palavras, mesmo sendo interessante do ponto de vista de atratividade da leitura, o jornalista apresenta sua opinião ao fazer esta escolha, pois dramatiza e questiona a pena dada ao criminoso, colocando Deibler em um papel de "vilão".

A narrativa ficcional nessa notícia, como já se aponta anteriormente, ganha forma, pois traz questionamentos sobre a possível injustiça da pena e do papel de vilão do algoz que não poderiam ser meramente atribuídos pelo profissional que escreveu o texto. Logo, apostou-se no uso de uma linguagem coerente ao que o escritor julga ser verdadeiro, pontuando sua opinião com argumentos sólidos, a exemplo do trecho: "quando eu vejo um caso como este, não me posso esquecer do pobre e infeliz Motta Coqueiro, contra quem se levantavam multidões de provas indiciarias [...]. E Motta Coqueiro era innocente!".

Ao descrever as punições sob o cânone do direito clássico, Foucault (2001, p. 103) destaca sua natureza violenta e absoluta, evidenciada pelas punições conduzidas nos séculos XVII e XVIII. Tais punições significavam a reintegração da ordem do poder vigente que, com ares de vingança pessoal do soberano, eram reproduzidas "na ostentação ritual da sua força, no cadafalso, era o reverso cerimonioso do crime ocorrido. Na punição do criminoso, assistia-se à reconstituição ritual e regulamentada da integridade do poder". Tais apontamentos são nitidamente percebidos na narrativa acerca da execução cerimoniosa de Henry Landrú.

Na primeira e na segunda notícia, o interesse público percebido nas narrativas jornalísticas ocorre com mais preponderância que elementos definidores de um propósito social das narrativas literárias. Porém, ainda assim é possível percebê-lo nas nuances do texto. Na primeira notícia, por exemplo, os procuradores e auxiliares responsáveis pelo julgamento do caso em dado momento aparecem como vítimas de táticas de cansaço e aborrecimento pela postura vil do acusado. Trazer os juristas como "vítimas" expressa marcas de um conteúdo de viés lírico, pois questiona-se: quem disse que são vítimas? O acusado possui mais artimanhas estratégicas que os responsáveis legais por seu julgamento? Como os procuradores e auxiliares deixaram essa situação ser invertida? Essas perguntas são fruto de um pré-julgamento do jornalista ao redigir o texto e traz,

mesmo implicitamente, uma perspectiva enviesada para leitura. Em outras palavras, há pessoalidade no trecho: "Landrú aborreceu immensamente o juiz Bonin, quando este procedia a investigações sobre o caso impressionante de Gambais, e agora sua victima é o procurador da Republica, contra o qual elle está adoptando a mesma tactica de cansaço"[138]. Seria, por exemplo, dotado de mais imparcialidade dizer: informam as autoridades francesas que Landrú aborreceu o juiz Bonin, quando este procedia a investigações sobre o caso impressionante de Gambais. As mesmas fontes salientam que o acusado age com a tática de cansaço também com o procurador da República.

Explica-se: mesmo nas duas primeiras notícias havendo o objetivo de informar os detalhes da acusação e do julgamento e, sequencialmente, a pena de morte e os argumentos de inocência do réu, é possível perceber uma proposta de contribuir com questionamentos críticos sobre a pena e sobre o perigo de julgar inocentes precocemente, problematizando-se as consequências morais para o nome do acusado. Em alguns trechos, prevalece a informação; em outros, a opinião e o senso crítico – elementos que não são esperados em uma notícia.

Assim, apresentando-se os *faits divers* de forma integrada e analisando-os neste ato como narrativas sequenciais, percebe-se a presença mais expressiva de elementos literários – quando consideradas as três notícias como uma só narrativa. Isso significa dizer que a narrativa total elucida o propósito social em detrimento do interesse público, mesmo com marcas próprias do jornalismo, tal qual o caráter inédito e a configuração de novidade dos fatos.

Essa avaliação de unicidade das narrativas é propiciada tanto por características literárias quanto jornalísticas. As primeiras, trazem universalidade aos casos; as segundas, ineditismo e atualidade para caberem em páginas de um jornal impresso. Essa configuração também se percebe no terceiro e último caso analisado dentro da temática homicídio, intitulado "Monstro Humano", composto por duas publicações. Termo idêntico é encontrado na obra de Foucault (2001) ao citar o entendimento de anomalia que precede o viés patológico, o qual emergiu somente a partir do século XVIII. Nesse viés, o autor enumera três figuras associadas à figura do anormal e que contribuíram para constituir o termo: "o monstro humano", "o indivíduo a ser corrigido"; e, "o masturbador".

[138] Correio do Sul, 14 abr. 1921, p. 2.

Cabe rememorar que o "monstro humano", segundo Foucault (2001), é a primeira figura que articula e configura a noção de anomalia na sociedade. Chama-se atenção para a recorrência do exato termo nas páginas do Correio do Sul para designar criminosos que praticaram atos repulsivos socialmente. Nesse sentido, esse monstro, algo inclassificável, seria uma figura em constante confronto com a lei, negando e colocando à prova a imperatividade do sistema legal vigente. Tal sistema, suficiente para controlar os pequenos desvios, restaria falho quando deflagrado um caso estremado, algo de fato monstruoso. Nessa perspectiva, questão verificada também nas páginas do jornal analisado, o monstro demonstraria as falhas de um sistema, pois a lei não seria capaz de responder aos atos e práticas monstruosas dessa figura. Sequencialmente, o autor cita o "indivíduo a ser corrigido" como aquele que não corresponde aos padrões das instituições, possuindo uma aparição recorrente na sociedade; e, o "masturbador", figura que se deflagra por ter suas atitudes de sexualidade controladas, reprimidas ou proibidas por diferentes instituições, sejam os pais ou mesmo a igreja. Assim, ao fazer essa genealogia do anormal, Foucault (2001) reverbera que a norma, criação cultural, cunha a anormalidade por seu objetivo de estabelecer padrões de comportamento.

De fato, o que se verifica para além do que é proibido aos olhos da lei vigente à época, é que o indivíduo cognominado "Monstro humano" pelo jornal possui tal associação por sua transgressão ao sistema de normas culturalmente instituídas naquela sociedade. Das duas notícias do crime praticado em Bagé encontradas, é evidenciada a narração da figura do "Monstro Humano": o indivíduo de nome Manoel Luiz Lemos, conhecido como magro, que foi responsável pela morte de sua amasia Rosa Oliveira, por alcunha baiana. A primeira notícia[139] narra que a mulher foi encontrada sobre um colchão da residência, deitada de lado, nas seguintes descrições: "Estava horrivelmente mutilada, apresentando signais de bordoada pelo corpo e pela cabeça. Tinha os olhos vasados e varios ferimentos na região frontal, parecendo produzidos por instrumentos contundentes e cortantes". Em adição, a narrativa sugere a frustrada tentativa de resistência da vítima, uma vez que descreve: "Os braços da infeliz, cobertos de ecchimoses e ferimentos cobertos de sangue, denunciavam haver soffrido fortes e numerosas bordoadas". Há, também, a informação de que o cadáver estava deformado e com oito meses de gravidez.

O caso, descrito em detalhes, continua com novas ênfases surpreendentes. A arma utilizada pelo "Monstro Humano" foi uma "foice de matto, com a ponta da qual o bandido

[139] Correio do Sul, 18 mar. 1922, p. 2.

vasou os olhos da victima". Após a perpetração do crime, ele acomodou e cobriu a vítima e foi procurar a filha de Rosa, que com os gritos havia se escondido no quintal da residência de propriedade do acusado. Manoel Luiz Lemos fugiu com a criança. O criminoso é descrito como "individuo de pessimo comportamento, que viveu sempre em constantes desavenças e desordens". Além disso, também é informado relatos de vizinhos que escutaram maltratos e recorrentes gritos advindos da residência do acusado. Tais informações, em alusão ao postulado por Foucault (2001), levam a crer que Manoel possui características biológicas monstruosas por seus comportamentos constantes e atos brutais. Essa imagem é configurada pelo periódico.

Ainda nesta primeira publicação, informa-se que a criança foi encontrada na casa do irmão do acusado e encaminhada ao abrigo. Por fim, como de costume, faz uma crítica à impunidade local, informando que o criminoso "[...] que acaba de arrancar de módo tão barbaro a vida de uma infeliz e fragil mulher, esteve, há cerca de um mez, envolvido num conflicto occorrido no mercado, do qual não sahiu sem ferir o contendor, que, em virtude desse ferimento, perdeu a vista. E que lhe aconteceu? Nada, absolutamente nada [...]". Esse trecho precede a narração de que o município de Bagé teria conquistado "a triste celebridade de *campeão do crime*".

A segunda notícia sobre o caso, intitulada "Seria obra do remorso?"[140], traz uma pergunta que instiga e orienta o leitor a associar o suicídio à autopunição pelos atos praticados em vida – uma visão negativa que busca racionalizar um ato sabidamente condenado no âmbito religioso. A narrativa, portanto, parece achar mais uma razão para condenar Manoel Luiz para além do assassinato de sua "desventurada amante": "[...] foi encontrado pendente de um pé de vime, enforcado e morto, o terrivel facinora que a 16 do corrente assassinou de módo hediondo a sua desventurada amante de alcunha *Bahiana* [...]". A morte, portanto, ao invés de "santificar", "demoniza-o" ainda mais, tanto que a narrativa conclui: "E assim terminou, talvez roida de remorso, aquella existencia fadada à pratica do mal!".

Outros pontos desta publicação merecem elucidação: "Logo que foi descoberto o cadaver, mãos piedosas o desataram da arvore sinistra [...]". O adjetivo "piedosas" caracteriza as "mãos" de alguém dotado de bondade e cumpridor de um dever cristão, mesmo tratando-se de "desatar" um indivíduo pecador. O verbo "desatar", portanto, para além da ideia de desfazer um nó que culminou no enforcamento de Manoel,

[140] Correio do Sul, 23 mar. 1922, p. 2.

figurativamente referencia o movimento de soltar, libertar o que estava condenado. Logo, somente alguém com o coração muito puro faria isso por esse terrível homem. O discurso, por fim, classifica a árvore como sinistra, possuindo e dominando o objeto puro da natureza (árvore) com os espíritos malignos de um duplo pecador.

Todos os elementos narrados, reflete-se, possuem marcas opinativas, com uso de figuras de linguagem e vocábulos líricos. Ao mesmo tempo, também trazem crítica social e o próprio jornal coloca-se como responsável por alertar a sociedade da referida impunidade. Embora haja elementos jornalísticos, que trazem a possibilidade desse fato estar nas páginas de um periódico, tais como a factualidade e o ineditismo, a linguagem que prepondera é a poética, bem como questiona-se o fiel retrato das informações, evidenciando-se o caráter da verossimilhança. Isso ocorre, principalmente, por conta do uso da subjetividade, adjetivação e posições críticas. Mesmo havendo o nome completo de uma testemunha do fato, ou referência ao nome do irmão do acusado, não se verifica citações diretas ou fontes oficiais.

4.3.2 Em defesa da vida ou da notícia?

Os três casos escolhidos para análise dentro do grupo temático "Suicídio" são: "Suicídio de uma senhorita", "Gesto brutal" e "Uma carta é capaz de matar". Todos os eventos selecionados para detalhamento possuem duas publicações sobre o caso.

Em regra, os casos de suicídio não possuem mais de uma publicação no periódico – excetuados os exemplos acima e outros isolados. A notícia desses acontecimentos limita-se em informar os elementos essenciais para construção de um cenário catastrófico, em um misto de acusação e piedade do redator ao "suicida". Como aposta o texto jornalístico, o clímax das narrativas curtas cotidianas está na primeira parte da notícia, o intitulado *lead* (SILVEIRA, 2018) – um resumo que responde às questões fundamentais do jornalismo: o quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? No caso do Correio do Sul, o conjunto de *faits divers* do grupo temático suicídio é um dos únicos que adota com recorrência essa estrutura, pois os demais aproximam-se da narrativa literária, concentrando as revelações do caso do meio para o fim do texto.

O grupo de notícias escolhido para detalhamento possui uma lógica similar e responde às referidas questões logo de início: o acontecimento (suicídio) está informado no título e na primeira linha; o nome do "suicida" e/ou do pai, bem como a ocupação; a data do fato; o local em que foi praticado o suicídio; o instrumento (arma de fogo, corda,

faca, veneno etc.) ou os meios (afogamento, atropelamento etc.); e, a motivação. Em algumas situações, principalmente quando se tratava de relato em mais de uma notícia, há outros pormenores, como antecedentes que levaram ao fato e manifestações de familiares e conhecidos.

Vê-se a referida estrutura logo no primeiro conjunto de notícias sobre "O suicidio de uma senhoria". A primeira notícia, por exemplo, transcreve-se assim:

> **Suicidio de uma senhorita –** Ante-hontem, às 8 horas da noite, em São Gabriel, suicidou-se, ingerindo forte dôse de formicida, a senhorita Honorina de Andrade, que ali se dedicava ao mistér de modista e era estabelecida à rua Forte de Caxias, junto à casa do sr. coronel Albino Borges. A extincta era solteira e completava hontem 25 annos de idade. Conta que a mesma deixou cartas que serão publicadas oportunamente. Ao local da dolorosa occurrencia compareceu a auctoridade competente que tomou conhecimento do facto, lavrando o auto de corpo de delicto. São ignoradas as causas que levaram Honorina a esse acto de desespero.
> - Os genitores de Norica, como ella era apellidada, residem em Porto Alegre. (CORREIO DO SUL, 23/01/1918, p. 3).

Observa-se, na nota jornalística, a seguinte estrutura:

Tabela 8 - Informações que constituem o lead da notícia

O QUÊ?	Suicídio de uma jovem.
QUEM?	Senhorita, de nome Honorina de Andrade, apelido "Norica", ocupação modista, 25 anos, solteira.
QUANDO?	Anteontem, 21 de janeiro de 1918, às 8 horas da noite.
ONDE?	Em sua residência, na rua Forte de Caxias, junto a casa do coronel Albino Borges, na cidade de São Gabriel.
COMO?	Ingerindo forte dose de formicida.
POR QUÊ?	São ignoradas as causas, mas há indícios de cartas deixadas supostamente justificando o ato.

Fonte: elaborada pela autora.

As referidas questões corporificam o *lead*, expressão em inglês que designa um formato preferencial de início para os textos noticiosos. Ao conduzir a informação a partir de respostas objetivas, essa estrutura inicial possui algumas funções precípuas relatadas por Pena (2012) e que são aqui sintetizadas nos seguintes verbos: lumiar, informar, contextualizar, resumir, apresentar, provocar, articular. Destes, há duas ações fundamentais quando se trata de *fait divers*: a proposição de lumiar o inusitado e de provocar no leitor a curiosidade, o anseio por um desfecho ainda mais inexplicável. Assim, arrisca-se dizer que, mesmo no ideal da objetividade, o *lead* traz a subjetividade da narrativa para atrair e envolver seu público. E, isso é verificado no caso de suicídio relatado.

Verifica-se, nesse sentido, uma usual utilização dessa estrutura mais "direta ao ponto" no jornalismo contemporâneo. Porém, à época do Correio do Sul, somente as intituladas "notas jornalísticas" – textos mais enxutos – seguiam a lógica proposta pelo *lead.* Essa espécie de esqueleto noticioso é avessa, por exemplo, ao intitulado no discurso jornalístico como "nariz de cera", expressão identificada "por uma introdução geralmente longa, que apenas 'ronda' o elemento factual, mas não o apresenta diretamente" (NASCIMENTO, 2009, p. 82). Em regra, portanto, é percebido em textos mais elaborados, com detalhamento e profundidade, sendo um tipo de construção textual mais próxima à narrativa literária, a qual prende o leitor até a última linha do texto.

No *corpus* desta pesquisa, no entanto, há uma hibridização desses conceitos, contestação cara de ser lumiada para prosseguimento desta análise. Isto porque o *lead*, nos *faits divers*, nem sempre é percebido linearmente no início dos textos, sendo a informação central, algumas vezes, reservada para as últimas linhas escritas. É o caso do prosseguimento da notícia sobre o suicídio da senhorita em São Gabriel.

Na primeira publicação, através de uma frase descontextualizada no parágrafo, o jornalista informa que alguém contou que Honorina havia deixado cartas e, para envolver o leitor na compra das edições seguintes, adiantou que estas serão "oportunamente" publicadas. De fato, no dia seguinte, uma longa notícia prosseguiu o assunto e reproduziu os textos deixados pela jovem. Após rememorar em breves linhas o fato, o periódico informa que amplia "a notícia de ontem", apresentando "as cartas que a infeliz suicida deixou, tal qual o original, do qual o subdelegado de São Gabriel enviou cópia ao nosso colega 'Diário da Tarde', a fim de serem publicadas, em cumprimento às últimas vontades da suicida"[141]. Conforme o texto, são duas cartas, a primeira para Mario, um homem que diziam ser amante de Honorina:

> Querido Mario – Esta é para te dar o ultimo adeus, sabes que morro, pela vergonha que tenho desde o momento que me contaram as conversas que tambem és sabedor, sim te contei, assim que soube, mas peço-te que proves a minha innocencia, sou tão desgraçada que não tenho animo para resistir as calumnias daquellas sem coração Georgina e Edith e mãe da Edith, estas engratas dizem que sou tua amante nunca foi prova. Mario tem pena de mim que não tenho crime o unico que me valerá tu escreve a meus paes manda dizer que é calumnia meu irmão com certeza já contou a elle. Eu imagino a dor que hão de sentir que infeliz que sou meu Deus que horror te escrevo chorando peço-te botar no Diario minhas ultimas linhas essa boa gente onde estou parando tambem sabe de tudo, morro de vergonha. Reza por mim, vou soffrer muito sou tão religiosa que me obrigam a fazer este horror hoje me dissestes que ainda tinhas esperanças de ser feliz a meu lado e eu te disse que nunca

[141] Correio do Sul, 24 de janeiro de 1918, p. 2.

> mais te veria lembrado, lembra-te – reza por mim Mario, vou para o inferno tenho certeza, tu não tens culpa, não tenho queixas, sempre me respeitas-te e sou tua amante na bocca desses infelizes que me levam à morte.
>
> Adeus Mario, vinga-me a morte, prova ao menos a innocencia da infeliz – Norica (CORREIO DO SUL, 24/01/1918, p. 2).

Inicialmente, pontua-se que liricamente até o nome da "infeliz" senhorita, Honorina, contribui para a trama envolvente tecida pelo *fait divers* em análise, remetendo ao mesmo radical de honra, honrosa, honradez – atributos buscados pela personagem que tentou contra a própria vida em decorrência das máculas atribuídas à própria honra. Com efeito, depreende-se do relato que ela preferiu o sofrimento eterno a suportar a desonra perpetrada pela sociedade que dava vazão a boatos de práticas desonrosas, que sequer foram descritas detalhadamente nas cartas. Um boato, portanto, sequer reproduzido, teve o condão de, somado a outras causas desconhecidas, animar o suicídio de Honorina.

O enredo até aqui transcrito reaviva as discussões já trazidas acerca do suicídio na sociedade gaúcha do início do século XX. Empregou-se, portanto, o suicídio como instrumento de defesa cabal de seu nome, de sua honradez. Depreende-se do contexto que a honra, ao contrário das tendências atuais, era valorada com extrema relevância – apta a traduzir atos extremados, sejam ofensivos ou defensivos. Logo, esta segunda publicação, ao transcrever as cartas, traz especialmente pormenores e o motivo do ato praticado como prova cabal da inocência de Honorina. De toda sorte, ela deixa claro na primeira carta a culpa pelo desejo da morte, um dos indícios clínicos do suicídio citados por Cassorla (2017).

O suicídio, assim como nas obras literárias e de personagens histórico-políticos, sendo praticado em favor da verdade. Prova disto é o pleito contido nas disposições de última vontade que Honorina veicula em sua carta à sua querida amiga e final confidente, Zéquinha:

> Querida Zéquinha – Adeus, me veste, quero ser sepultada com o meu vestido de filó, não deixa judiarem commigo vou com as botinhas que estou tu sabes porque eu morro agradece aos teus bons paes e irmãos o bom trato que me deram recommenda-me ao Eduardo.
>
> Acceite innumeros beijos e reza por mim, sim te peço reza tenho horror de me lembrar que vou soffrer mas acho que lá não soffrerei calumnias, adeus para sempre tua amiga desventurada – Norica (CORREIO DO SUL, 24/01/1918, p. 2).

A súplica, que desperta a piedade do leitor, revela o carinho e a intimidade de Honorina com sua amiga, agradecendo a ela e a sua família pela estima e apoio. Na carta transcrita pelo jornal, Honorina justifica-se, bem como instrui a amiga acerca das suas

preferências quanto aos ritos funerais. Além das questões pessoais, Honorina não se desvia da finalidade da carta-testamento e incumbe Zéquinha de levar a luz dos fatos ao jornal para que a verdade de suas angústias obre em sua defesa.

No ato, a "infeliz" insiste para que aqueles que a sucederem afastem as máculas impressas sobre sua imagem. Mesmo essa sendo questão sensivelmente subjetiva, protegida no Código Penal[142] da época como crime de injúria, comprova que a valoração destes atributos personalíssimos por parte de Honorina demonstra o quanto o boato afetou sua reputação, convívio social e experiência pessoal, a ponto de fazê-la ultrapassar suas crenças religiosas que punem o suicídio como pecado capital. Com consciência religiosa, no entanto, preferiu ir para o inferno a viver e suportar sua imagem ser estigmatizada.

Com os olhos fitando as cartas escritas por Honorina, por outro lado, está um leitor atento e sagaz pelos novos capítulos da narrativa. É o que Morin (1997, p. 116) associa a espécie de regozijo silencioso proporcionado pela morte do outro, postulando-se a atratividade da trama na tragédia de personagens da vida alheia: "O 'ah! Que horror' que provocam os acidentes de automóvel, os crimes passionais, o suicídio com gás é o gemido da tragédia terra a terra, que não só se prende ao acaso e circunstâncias, mas ao destino e à fatalidade". Em outros termos, a sina da vida de Honorina foi tirar sua própria vida após injúrias sobre sua honra – ao ler a notícia, o leitor afasta-se da morte, pois reflete: "– É o destino dela [Honorina] e não o meu!". Ao mesmo tempo, conforta-se ao saber que não poderia evitar a tragédia, aproximando-se ainda mais do sentimento de satisfação instaurado pela leitura. O presente caso consiste em algumas das temáticas elencadas pelo autor que justificam o quase natural engajamento das pessoas ao interagirem com eventos fascinantes.

Relato semelhante foi promovido pela jornalista francesa Goyet (2016), ao confessar um sentimento de constrangimento sobre seu interesse genuíno por essas notícias – na medida em que contrasta os profundos sofrimentos das vítimas e a singularidade que os *faits divers* despertam na mente humana. Com a proposta de atenuar esta espécie de reprovação moral que o interesse nestes textos causa, a jornalista compartilha uma história pessoal:

[142] O Código Penal de 1890, Art. 317, postula que "Julgar-se-há injuria: a) a imputação de vicios ou defeitos, com ou sem factos especificados, que possam expor a pessoa ao odio ou desprezo publico; b) a imputação de factos offensivos da reputação, do decoro e da honra". Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 07 ago. 2022.

> Em outubro de 1964, uma jovem freira se jogou de uma torre de Notre-Dame. Ao cair, ela esmagou um turista americano que estava saindo da catedral. Ambos estão mortos. Esta notícia fez muito sucesso (nem todas ficam para a história). Foi retomado, de forma modificada, no filme Amélie Poulain. Eu não sei onde eu tinha ouvido falar sobre isso, mas esta notícia me intrigou. Pior, ela me divertiu. Isso realmente me fez rir. Achei perfeito. Eu apreciei isso. Nunca perdi uma oportunidade de contar. A cada vez, tive um grande sucesso (estávamos em um momento crucial, era o crepúsculo). Querendo diversificar o meu público, decidi partilhar esta fabulosa história com um dos meus avôs. Sem alcançar o triunfo esperado. Ele fechou-se imediatamente; ele parecia magoado. Esta jovem que se suicidou era sua prima. Minha tia-avó. Não tão longe[143] (GOYET, 2016, p. 4-5).

É justamente esta possibilidade de fascínio por assuntos embaraçosos e inusitados que movem as narrativas dos *faits divers*. Neste caso, uma sucessão de fatos sociais narrados em alusão ao romance epistolar, técnica de estrutura textual através de cartas – no caso, as cartas que são o fio condutor da narrativa. Com efeito, não há lição de moral em transformar histórias de vida em personagens da história, em rir do trágico enquanto familiares e amigos choram a perda de um ente querido. Porém, como afirma a jornalista, é nesta metamorfose que se fundamenta esse gênero; é na licença poética da literatura que a notícia deixa de falar de pessoas e suas biografias para criar figuras, cujas vicissitudes são instrumentalizadas apenas para contribuir com a narrativa, e não para identificá-las como seres humanos. Evidência disso é o choque da expectativa da jornalista em relação ao compartilhamento do *fait divers* da freira que se suicidou e matou um turista, com a reação do seu avô.

Nos *faits divers*, portanto, os personagens não figuram como protagonistas. Em outros termos, às vezes o interesse é maior no instrumento "do que no próprio morto", pois "o fait divers é um universo bastante arcaico, quase animista. Um universo, não sei qualificá-lo, monista, holístico, panteísta, imanente... Muita justificativa anula a justificativa"[144] (GOYET, 2016, p. 6). Com isso, infere-se a impossibilidade de se justificar, de forma moral e racionalmente aceitável, o interesse da autora em relação aos

[143] "En octobre 1964, une jeune femme, une religieuse, s'est jetée d'une tour de Notre-Dame. En tombant, elle a écrasé une touriste américaine qui sortait de la cathédrale. Elles sont mortes toutes les deux. Ce fait divers a eu beaucoup de succès (tous n'accèdent pas à la postérité). Il a été repris, sous une forme modifiée, dans le film Amélie Poulain. Je ne sais pas où j'en avais entendu parler, mais ce fait divers m'intriguait. Pis, il m'amusait. Ça me faisait vraiment rigoler. Je le trouvais parfait. Je le chérissais. Je ne loupais pas une occasion de le raconter. Chaque fois, j'obtenais un franc succès (on était à une époque charnière, c'était le crépuscule). Désireuse de diversifier mon public, je décidai de faire part de cette fabuleuse histoire à l'un de mes grands-parents. Sans remporter le triomphe escompté. Il s'est immédiatement fermé ; il a eu l'air peiné. Cette jeune femme qui s'était suicidée, c'était sa cousine. Ma grand-tante. Pas si éloignée" (GOYET, 2016, p. 4-5).

[144] "[…] Le fait divers, c'est un univers assez archaïque, presque animiste. Un univers, je ne sais comment le qualifier, moniste, holiste, panthéiste, immanentruc… Trop de justification tue la justification" (GOYET, 2016, p. 6).

faits divers. Essa estrutura, por sua vez, é inclassificável (BARTHES, 1964), "é o que é", não comporta justificativas e explicações pormenorizadas, como se sua complexidade estrutural e diversidade temática se ancorassem em uma multiplicidade inexplicável. Em outros termos, é preciso ler para compreendê-lo. O *fait divers* é, por tanto, uma narrativa *sui generis.*

Sendo assim, retornando ao caso do suicídio da senhorita Honorina, confirmam-se as suspeitas da morbidez que anima o interesse público. Relativiza-se o caráter humano dos envolvidos nas tramas – Honorina passa a ser um instrumento, por exemplo, para criticar as senhoras fofoqueiras daquela sociedade. Desse modo, transporta-se para uma dimensão longínqua, para uma espécie de conto de fadas, no qual fatos e pessoas, mesmo que virtualmente próximas do leitor, não sejam assim percebidas.

Caso o leitor identifique ou conheça a vítima da narrativa, sente-se desautorizado a externalizar a genuína reação atrelada a esse gênero. Em outros termos, para que a apreciação deste espetáculo surta seus efeitos, o caráter subjetivo do personagem deve ser dirimido. Por esse motivo, inclusive, tem-se a acepção de que personalidades e políticos não são objetos de *faits divers*, uma vez que suas retratações configuram notícias informativas, biografias, críticas, entre outros.

Nestes termos, o jornal Correio do Sul expõe a situação do suicídio de Honorina, orientando como de praxe seu leitor à interpretação "correta". No relato, o foco está justamente no enredo, nas mulheres invejosas "causadoras" da morte, na sensação provocada pela intriga, e não exatamente na pessoa que se suicidou:

> Com esse facto, que é um facto doloroso e que impressionou grandemente a nossa população, constituindo o "clou" de todas as palestras, não só pela origem hedionda que o motivou, como tambem pela estima em que era tida a suicida – póde ser que as maldizentes que se ralam de inveja, nullas para si como para o resto da humanidade, diante desse exemplo, cessem um pouco de tecer intrigas e infamias; póde ser que ellas deixem para sempre de atassalhar a honra alheia e cuidem mais dos seus affazeres domesticos, sem dar surto a inveja e a malicia que lhes paira no espirito.
>
> Infelizmente o nosso meio conta um grande numero de pessôas que fazem esporte da maledicencia, frequentando as bôas rodas, que muitas vezes às toleram, mais por temor de suas linguas, do que por consideração que possam merecer. À essas, porém, todos conhecem o que já constitue uma vantagem para as victimas e ao mesmo tempo uma vingança. (CORREIO DO SUL, 24/01/1918, p. 2).

Assim, os efeitos do mesmo conservadorismo desmedido que contribuíram, certamente, ao suicídio de Honorina, após a sua morte reprimem enfaticamente aquelas que, mesmo anonimamente – mas presumidamente, conforme o jornal, consistem em

ofensoras mulheres – causaram a desonra e o sofrimento de Honorina. Estava posto o objetivo da jovem ao praticar o ato de suicídio: buscar advogados para provar a sua verdade, retaliando aqueles que contribuíram para as ofensas.

As notas da edição oficial corroboram e traduzem, portanto, esse raciocínio da supremacia da honra na moralidade humana (e feminina), uma vez que acolhem as "teses" de defesa de Honorina e repreendem as causadoras do mal absoluto que acometeu a vítima. Logo, nesta notícia, o *lead* e a narrativa jornalística enredam-se com os preceitos literários, marcados pelo viés opinativo, pela reprodução da integralidade das cartas e pelo aviso ao leitor que o jornal está fazendo a última vontade da falecida.

Isto posto, é perceptível uma dualidade, por exemplo, ao distinguir o jornalismo como linguagem do cotidiano e a literatura como uma linguagem especial, uma espécie de arranjo pomposo que pode estar, inclusive, acima das regras gramaticais. Vê-se que essa distinção estanque é incapaz de explicar tanto a linguagem jornalística quanto a literária. O caso analisado, inclusive, só é um *fait divers* porque o jornalismo apropria-se da literatura ao passo que esta última se apropria dos eventos cotidianos.

Sem o objetivo de adentrar na discussão teórica de textos literários e não-literários, tem-se que possa existir um texto jornalístico-literário justamente pelo fato de que ambos os campos fazem um jogo entre realidade e ficção, servindo ao leitor e guiados pela valoração de fatores externos à obra, um conjunto de circunstâncias que valoram o produto histórico-socialmente. É justamente neste hiato que se encontram os *faits divers*, pois estes utilizam um tipo de linguagem que joga com técnicas de manipulação da palavra, trazem um juízo de valor e consagram-se com uma importância de democratizar o acesso ao texto através do jornal impresso, por exemplo.

O jornalismo, que não deveria abrir espaço para interpretações, busca na literatura essa abertura. Tanto que a primeira notícia, objetiva e seguindo os termos do *lead* jornalístico, deflagra, após as cartas, em uma próxima notícia escrita com a linguagem da literatura, rica em expressão, estranhamento e familiarização do leitor com algo que foge do comum. É através dessa linguagem da segunda notícia que se vê uma desautomatização da linguagem usual do jornalismo, mas nem por isso configura a leitura como dotada de um arranjo especial inacessível. Ao contrário, a literatura aproxima o leitor do texto, engajando-o e provocando-o, estratégias nem sempre alcançadas com os preceitos técnicos do jornalismo.

Essas estratégias também são verificadas no segundo caso, intitulado "uma carta é capaz de matar". A primeira notícia sobre o assunto constitui um exemplo de nariz-de-

cera – enquanto este conceito no jornalismo é tido como "uma introdução vaga e desnecessária que toda notícia dispensa" (MARTINS, 1997, p. 184), a construção textual é cara à estrutura da narrativa literária. Volta-se, portanto, à transcrição do primeiro parágrafo da notícia, que possui como título "Consequencias de uma infamia":

> No Rio de Janeiro acaba de verificar-se um facto profundamente doloroso, provocado por uma miseravel denuncia anonyma.
>
> Uma moça, bella e pertencente à bôa familia, attrahente e educada, pensava agora em ligar o seu futuro a um moço pelo qual se apaixonára e do qual se tornara noiva. Ambos eram muito felizes e mais felizes eram ainda quando pensavam no porvir, que lhes era todo sorridente e cheio de esperanças.
>
> Uma grande fatalidade lhes veio arrebatar, inesperada e infamemente, toda a sua ventura (CORREIO DO SUL,04/05/1919, p. 1).

Embora o texto informe que o fato se deu no Rio de Janeiro, não especifica o local; da mesma maneira, são vagas as informações sobre os noivos. O nariz-de-cera é, por tanto, conhecido como "enrolação" no jornalismo, pois não prioriza a informação em detrimento do enredo. As informações, neste caso, vão sendo liberadas ao leitor em doses homeopáticas. No próprio artigo de opinião sobre o caso, publicado na sequência, o autor diz que, ao duvidar da veracidade da história, "[...] antes de concluir a leitura, corri-lhe logo ao final, na pressuposição de que se tratasse de algum reclamo de casa commercial. Mas não era. Era noticia verdadeira"[145]. Se os fatos tivessem expostos desde o princípio textual, este movimento não seria preciso. O jornalismo, em regra, prezaria por essa transparência com o leitor. Com as informações em mãos, o leitor poderia optar por prosseguir a leitura da notícia. O objetivo percebido no trecho supracitado é inverso, tem-se a carga opinativa e os elementos linguísticos, a exemplo das figuras de linguagem, contribuindo com o envolvimento da história. A riqueza semântica e lírica do trecho coloca o nariz-de-cera como um prenúncio ao *fait divers.*

Assim, aos poucos, os elementos constituem o ocorrido:

> Alguem escreveu uma carta anonyma ao pai da moça, em que se diziam coisas gravissimas a respeito desta e que o noivo era um individuo perigoso e impenitente violador de moças honestas.
>
> A infeliz, sabendo do conteúdo da carta e reprehendida por seu genitor, enlouqueceu, e, ao cabo de poucos dias de atroz soffrimento, succumbiu.
>
> Trata-se da senhorita Elza, moradora à rua Mariz e Barros, e filha do sr. A. S. Braga.
>
> Toda a sua familia gostava do noivo dessa moça. [...]

[145] Correio do Sul, 30 de maio de 1919, p. 1.

> Chefe de família exemplarissimo, o sr. A. S. Braga, sem calcular que pudessem ser tão tragicas as consequencias do seu acto disciplinador, chamou sua filha a explicações, acabando por mostrar-lhe a carta terrivel.
>
> Uma punhalada que attingisse o coração da pobre moça de certo que não a faria soffrer tanto. Por um lado era o conhecimento de que o noivo, aquelle a quem ella dispensava os seus melhores affetos, não se dedicava só a ella, com o mesmo cordial exclusivismo com que ella lhe dedicava os seus affetos. Por outro era o infame ultrage daquele labéu que a carta miseravel levantava sobre a sua honra immaculada.
>
> Uma crise de nervos pavorosa apoderou-se logo da pobre moça, que em gritos e soluços repetiu cem vezes a seu honrado progenitor a improcedencia da pécha, que um coração apodrecido no despeito assacava contra a sua dignidade. Horas a fio levou ella a debater-se na dôr de seu immenso desespero, até que a levaram para o leito, onde a recostaram para que a moça repousasse daquelle choque tremendo (CORREIO DO SUL, 04/05/1919, p. 1).

Nos trechos transcritos, embora sejam lançadas revelações, como o nome dos protagonistas, Elza e seu pai, A. S. Braga, ou a condição da família atingida pela tragédia, não são revelados os nomes do noivo e do malfeitor responsável pela carta "assassina". Também fica envolto em mistério o modo como Elza teria morrido. Sabe-se a causa e a situação emocional que se instaurou na jovem, mas não fica claro seu desfecho – estratégias próprias da estrutura narrativa literária.

Há uma profusão de adjetivos utilizados, através da caracterização dos personagens, suas condições e os atos até então desvelados, para exprimir um patamar de fragilidade. As dúvidas começam a padecer, como a vítima, como "uma punhalada que atingisse o coração da pobre moça". A personagem Elza é descrita como moça, bela, educada e atraente – a caracterização de uma burguesa, com muitos privilégios econômicos e sociais. Do mesmo modo, seu noivo prometido é acusado de perigoso, impenitente e violador de moças honestas, sendo relegado a uma condição vil e obscura. Por fim, há a exaltação do pai, chefe de família "exemplaríssimo" e honrado. A carta, por sua vez, é classificada reiteradas vezes como "terrível" e escrita com desonrosas inverdades.

A sucessão de fatos é permeada pela descrição de sucessivas tragédias: a realidade promissora do casal que se instaura no seio de uma proeminente família é fulminada por uma "fatalidade" torrencial e infame. Instaura-se a notícia de uma súbita e grave traição, de modo que a "princesa" é, concomitantemente: acometida de uma loucura castigante; vitimada pelos fatos, análogos a uma facada no coração; submetida à dor excruciante de uma moléstia que lhe apodrece o coração, de modo que se debate de dor, por horas a fio, até que seu sofrimento atinge seu zênite, levando-a sucumbir em seu leito.

Há, portanto, inegável representação de mundo, pois o real é delineado através da artificiosa promoção imaginária. Com efeito, a despeito dos fatos que aconteceram com a moça, são descritas pormenorizadamente diversas formas distintas de sofrimento projetadas pelo jornalista: a perda da sanidade; uma facada no coração; o apodrecimento de um órgão vital; uma dor tão intensa que a vítima se debate por horas, até por ela sucumbir. Ao usar do subjetivo para traçar essas analogias, o jornalista se refere ao que pertence à natureza do indivíduo, ao que lhe é inerente, seus sentimentos, suas sensações, seus sentidos e suas crenças.

Essa situação clínica está associada à relação entre doença mental e suicídio. Nas palavras de Cassorla (2017), "a maioria dos suicídios em pessoas com transtornos mentais intensos ocorre em depressões graves, ou melancolia, e quando o indivíduo está diante da ameaça de desintegração psicótica". Nesses casos, as pessoas passam a ter crises severas de ansiedade e, para combatê-las, a válvula de escape está na criação de um "mundo irreal", instaurando-se um cenário de "delírios e alucinações" em que o suicídio é visto como fuga do medo e do horror – e não a busca racional pela morte. Esse cenário incontrolável, causado por agentes externos, foi o que levou Elza a definhar.

Em caso clínico relatado pelo referido autor, é possível perceber um quadro melancólico tamanho que imita uma "morte natural". Esta situação é intitulada de "luto patológico", uma espécie de suicídio inconsciente, uma busca irracional pela morte agravada por uma patologia psiquiátrica difícil de ser distinguida pela descrição do narrador.

Tanto no caso de Elza, como de Honorina, o suicídio foi ultimado como uma forma deliberada e final de interação social, pois fizeram do ato uma defesa, fato comprovado pelas cartas escritas que movimentaram os dois casos. Enquanto Elza foi afetada diretamente por um manifesto anônimo, Honorina deixou cartas ansiando que fossem amplamente divulgadas nos jornais.

Esse quadro casuístico encontra explicação nas reflexões feitas por Durkheim (2000) em seu livro *O suicídio*, que neste título autoexplicativo formula uma profunda tese sociológica sobre as causas e tipos do suicídio. O âmago, ou as causas, dessas mortes voluntárias estariam dispostas, segundo o autor, em três categorias: suicídios egoístas, altruístas ou anômicos – sendo estas excludentes e integrantes entre si. Em síntese, assumindo o risco de simplificação teórica, o egoísta é aquele indivíduo que por tratar somente dos seus interesses, integra-se à sociedade de maneira irrisória ou insatisfatória.

O exato oposto é o suicídio altruísta, em que o indivíduo possui alta relação social, vez que o anômico configura um distanciamento total.

A breve retomada da categorização é cara a esta análise, especialmente para classificação da morte voluntária tanto de Honorina quanto de Elza como suicídios altruístas – como alardeia a etimologia do vocábulo, ambas se suicidaram por causa do "outro". Em outros termos, há um julgamento social superestimado, as mortes foram perpetradas porque as moças preocuparam-se mais com as reações e conclusões dos indivíduos externos do que com a própria existência: não suportaram serem acusadas de adúlteras, promiscuas, largadas, traídas.

Esse cenário também expõe um contexto social de Bagé do início do século XX, pois ao divulgar e escrever os casos, o periódico endossa o discurso de que se a sociedade não era solidária às preocupações que assolavam as moças – do contrário, possivelmente elas não teriam cometido suicídio. O ato extremo está estritamente ligado aos fatores externos, especialmente porque Durkheim (2000) destaca que para manutenir sua existência o homem precisa entender que a vida não se resume a si mesmo.

A despeito dos efeitos nocivos já apontados sobre o contexto dos fatos em apreciação, com costumes e práticas extremadas, e de não advogar em prol de religiões, Durkheim (2000) reconhece que o ateu se mata mais, bem como que elementos sadios de uma comunidade religiosa poderiam contribuir para mitigar tendências suicidas. Tal concepção corrobora a relevância do equilíbrio mental e da integração social para o indivíduo. Os suicídios, qualquer que seja sua classificação, estão atrelados ao afastamento da moderação das relações sociais e da autopercepção do indivíduo.

Esse fator é realçado pela fala de Durkheim (2000) ao afirmar que o homem vivia diversos papeis na sociedade, ou seja, sustentado peso de relevância social em todos os âmbitos da vida individual e coletiva. Quiçá por tal razão que o autor traz dados que evidenciam a maior incidência de suicídios de homens. As mulheres, por outro lado, resumiam todas as expectativas lançadas sobre elas em uma função social. Por isso, se a mulher falhasse em seu único papel, ela falharia em tudo: como esposa e como moça digna com reputação ilibada – como evidenciam os casos de Honorina e Elza. Em uma multiplicidade de papeis masculinos naquela sociedade, as mulheres serviam, em regra, para procriação e para serem "boas" mulheres – logo, mesmo que por boatos ou especulações, tiraram-lhes "tudo" que tinham.

Sob uma perspectiva poética, relaciona-se a felicidade com a presença de amor, sentimento positivo que se contrasta com a quebra da expectativa amorosa, relacionada

com uma facada no coração – que abriga tão nobre sentimento. Instaura-se uma moléstia no coração apunhalado, que se propaga como uma corrupção até a mente da vítima, cuja incapacidade de assimilar os fatos se converte em loucura. A perda do amor se assemelha à doença que reduz a capacidade da vítima e a vincula ao seu leito – num revés do famoso conto de Charles Perrault, no qual a bela adormecida, pela falta de amor, é relegada ao leito.

Nestes termos, a linguagem poética adotada é capaz de condensar, na sua estrutura estética, as contradições de seu tempo, que são relacionadas com traços definidores da Bagé do início do século XX e com a radicalização de suas tendências sócio-históricas. Não por outra razão, os fatos ocorridos foram descritos e reinterpretados pelos autores do periódico bageense, conferindo-lhes sua perspectiva, projetada aos seus leitores. Logo, a subjetividade está no amor, no sentimentalismo, na natureza humana, posta através das escolhas de ordens sintáticas e lexicais.

Assim, a narrativa prossegue:

> [...] Só lhe não conseguiram arrancar das mãos a carta terrível. A joven pareceu ter voltado à calma e a familia foi deitar-se. Na manhã seguinte foram vêr a moça em seu quarto, e lá a encontraram recostada, na mesma posição de vespera, a mirar a carta fatidica, com os seus lindos olhos, de onde corriam fios continuos de lagrimas quentes, e que haviam tomado uma estranha expressão de desvairamento.
>
> Uma das pessoas da familia dirigiu-lhe a fala, procurando distrail-a. Não conseguiu com esse gesto piedoso sinão o recrudescimento da crise anterior. A torturada moça prorrompeu novamente em altos prantos, repetindo sempre os protestos de sua innocencia.
>
> O noivo da enferma foi chamado e posto ao corrente do caso. Da mesma fôrma que ella o moço rebateu a infamia, affirmando não ter amante alguma e, ainda menos, que em qualquer época da sua vida houvesse concorrido para a perdição de quem quer que fosse.
>
> Levaram-no à presença da moça. Elle falou-lhe, disse-lhe palavras affectuosas. Ella o desconheceu em absoluto. Estava louca, a coitada! [...] (CORREIO DO SUL, 04/05/1919, p. 1).

Os eixos anteriormente traçados são ratificados pela continuidade da narrativa. A consciência e a lucidez da jovem a deixaram antes que pudesse ser capaz de, fisicamente, desvencilhar-se do teor da "terrível" carta, firmemente segurada por ela após uma noite de intenso sofrimento. O tamanho da descrença instaurada na vítima a privou de seu juízo, de modo que não mais reconheceu o amor, mesmo diante das uníssonas palavras de seu noivo. Ainda com a progressão da descrição dos trágicos acontecimentos, reiteram-se a juventude e a beleza da moça – elementos centrais para a narrativa.

Somente após esses longos parágrafos que é descortinada a final morte da jovem e a sua "causa". O fenômeno, entretanto, não é descrito com clareza:

> [...] Uma febre cerebral, uma comoção violentissima, um abalo de nervos mortal prostrou desde logo a desditosa menina, que, sempre a falar no movel de seu angustioso padecimento, esteve alguns dias a debater-se naquella dolorosa allucinação.
>
> Sobreveiu-lhe a agonia, – uma agonia pungente, povoada de visões afflictivas, – e a linda moça cerrou para sempre os seus olhos, tão bellos, tão expressivos e a que estavam reservadas tantas horas de amargurado pranto.
>
> Hontem levaram-na, pela manhã, a Campo Santo. Não havia na vizinhança da casa onde outróra vicejára a mocidade radiosa dessa infortunada jovem olhos que não chorassem por ella.
>
> E em todos os corações pulsava o mesmo sentimento de maldição contra a alma infame, que num impulso de despeito covarde e insopitavel, traçára aquella carta pérfida, causadora da impressionante tragedia cujo epilogo era o fechamento daquella urna mortuaria sobre aquelle coração em flôr, e cujo unico peccado na vida fôra a pureza e a sinceridade do seu amor.
>
> E, segundo o boato que corre, a carta causadora de todo esse mal era mentirosa de principio a fim. A sua auctora morava a dois passos da casa onde morava a sua victima, e a felicidade desta fazia-lhe mal. A carta anonyma era uma valvula de escapamento à inveja surda da vizinha, que terá dóra em diante a pedir-lhe contas de sua estupida malvadez, a sombra incomoda de um remorso immorredouro. Doloroso epilogo de uma miseria! (CORREIO DO SUL, 04/05/1919, p. 1).

O desfecho da tragédia reitera, pela derradeira vez, a juventude e a beleza da vítima – característica definidora que foi ressecada pela tragédia. Tal descrição do cenário esperançoso, no qual uma jovem, amada por todos, tem as maiores riquezas da vida obliteradas pelas injustiças desarrazoadas perpetradas por um vilão oculto na sociedade, são integrantes das narrativas dos *faits divers*. A beleza radiante e florescente dos olhos da moça cessava tragicamente com o fim de sua existência. Logo após, centra-se a narrativa na descoberta e julgamento da culpada: uma infeliz e ressentida vizinha que não suportava a luz da alegria do jovem casal e, portanto, deu vazão aos seus sórdidos sentimentos – que agora a colocam a mercê do julgamento dos valorosos leitores.

Em retrospecto, a vítima, traída, torna-se capaz de munir-se de outras exclusões, como o suicídio, a desistência da vida pela ignorância. O seu genitor, embora enaltecido diversas vezes, foi negligente com sua atitude – por contribuir com a situação da filha, reprimindo-a severamente –, porém jamais posto sob julgamento na narrativa. Pelo contrário, é elogiado e integrado socialmente como herói.

A traição exige vítima e carrasco. Neste caso, os culpados não são o noivo, nem o pai. E o leitor, chamado a atuar como juiz, buscando a identidade do "mal caráter". Assim, postula a tradição religiosa que a moça "direita" teria que ter sua imagem incólume, além de qualquer dúvida. Elza sacrificou-se por tal crença. Todavia, há uma impessoalidade no texto. Em certo momento, a relação entre carta, traição e carrascos, rouba a cena. A

separação e a morte, criminosamente desejada pela autora da carta, compartilha seu sadismo e crueldade com o leitor.

Tem-se o paradoxo do *fait divers*. A perplexidade do caso está na incoerência de sua composição, nas provocações, nas implicações diretas, no modo de compreender a identidade literária e na oposição de sentimentos que decorre de sua construção e compreensão. Em outras palavras, instaura-se sucessivamente a dualidade entre vítima e bandido, herói e vilão, amor e ódio, esperança e tragédia, bem e mau, fidelidade e traição, felicidade e sofrimento, vida e morte etc.

Traçando-se um paralelo entre os dois casos envolvendo duas jovens e infelizes senhoritas, destaca-se que ao contrário da narrativa apoiando a jovem Honorina, o signatário do segundo grupo de notícias sobre "a carta que é capaz de matar" não confere à protagonista semelhante apoio. Infere-se isso da formulação da segunda notícia sobre o caso de Elza, que, com formato de artigo de opinião, traz uma postura sarcástica acerca da morte da jovem. Com o título "Por causa de uma carta anonyma...", transcreve-se o início do segundo texto sobre o caso:

> Uma carta anonyma póde matar? Eu sempre pensei que não ou, por outra, sempre imaginei que a carta anonyma só matasse personagens de theatro ou de novellas do tempo do romantismo. Nunca suppuz que, por causa de uma carta anonyma, fosse alguma noiva capaz de morrer nestes tempos. Porque são hoje as noivas tão espertas e tão habeis, tão ladinas e maliciosas, tão cheias de amiguinhas e tão frequentadoras de cinemas que eu sempre suppuz que uma carta anonyma, ainda recheiada de infamias e obscenidades, lida por qualquer dellas, não lhe fizesse mossa mais forte do que o nojo que por ventura lhe causasse o apparecimento subito de uma barata ou de um rato à hora do jantar...
>
> Agora, entretanto, já creio que a carta anonyma seja capaz de matar, ao menos em casos excepcionaes. Com effeito, abrindo o "Correio" ante-hontem, li uma noticia tão espantosa, tão fóra das tendencias sociaes e das directrizes moraes de hoje, tão extranha, tão ante-diluviana [...]. Era a divulgação auctorizada do que se poderia chamar, como nos annuncios de cinema, *um drama da vida real*, isto é a historia triste de uma moça que morreu por causa de uma calumnia... (CORREIO DO SUL, 30/05/1919, p. 1).

Logo de início, há uma espécie de ressentimento do autor quanto às mulheres solteiras que já figuram como ativas e propositivas em práticas moralmente condenáveis e de teor sexual (saídas sorrateiras do lar, idas injustificadas ao cinema com parceiros etc.). O ressentimento, neste caso, é apresentado como um certo trunfo, evidenciado por sua resiliência como homem "solteiro" e "adulto", a impropérios como aqueles que levaram a moça à morte. O articulista diz que não apenas repele as injúrias, mas regozija-se, brinca e aprende com elas. Assim, confere à Elza uma fraqueza própria de mulher ingênua que não caberia mais na época da publicação do texto.

Em outros termos, a crítica jocosa do articulista é sobre a mulher ser passivamente responsiva à atividade do homem, deixando-se "padecer" em decorrência de uma suposta traição do prometido noivo. Para expor esta opinião, o autor da segunda notícia sobre o tema utiliza-se de características próprias do lirismo, revelando suas claras impressões ligadas ao mais profundo "eu". Ou seja, o caso era sobre uma notícia de suicídio, mas o que importava era a reflexão crítico-social sobre a postura feminina confrontada com a previsão de sua possível atitude caso o escritor estivesse no lugar de Elza.

É interessante citar, ainda, que o texto, escrito e publicado em Bagé no ano de 1919, reforça o contexto sócio-histórico local. Evidencia-se o papel feminino à época, enfrentando dois polos opostos: a mulher servil e obediente em contraste com a figura feminina que aos poucos vinha ocupando seu papel na sociedade. Todavia, essas "[...] noivas tão espertas e tão hábeis, tão ladinas e maliciosas, tão cheias de amiguinhos e tão frequentadoras de cinemas [...]" são associadas pejorativamente com "mulheres fáceis" ou "que não se dão o respeito".

Nessa sociedade patriarcal, a mulher diversas vezes é retratada como propriedade, em alusão à ideia de que "tirar" a virgindade de uma jovem é a representação de sua posse. Soma-se a isso a noção cristã de que a mulher deve permanecer anexada ao homem e sua imagem "imaculada" só se perpetua caso seja submissa e dedicada ao homem e à família.

Ainda no primeiro parágrafo, esse desprezo é evidenciado pelo suposto "chilique" que as mulheres propagam quando veem baratas ou ratos durante o jantar. Essa referência reforça a intenção de relegar às mulheres o papel de inábil, pois seriam absorvidas pelos seus próprios sentimentos, a exemplo do nojo. Assim, seriam elas voltadas à imanência, ao interior. Logo, se são condenadas tanto pelo viés "romântico" quanto pelo "moderno", como acusa o articulista, a mulher não teria direito a nenhum dos dois.

Interessante frisar, no entanto, que o autor do texto faz uma longa adição de comentário sobre como ele próprio age ou agiria diante do ocorrido ou de situações análogas:

> Para mim, pois ficou provado que uma carta anonyma, ainda hoje é capaz de matar. Nunca o acreditaria eu! Pois então? Si cartas anonymas fosse dotadas de tão violenta lethalidade, há muito que eu não existiria mais; porque não se passa semana em que não me venha mais de uma. Ria-me ao lê-las. Por ellas é que meço a fôrça dos meus artigos. Quando o artigo é forte, quando fére com exactidão o alvo em que o auctor pôz a sua mira, chovem-lhe as cartas anonymas, estas de louvores, aquellas de descomposturas. Não há chefe de Estado, ministro, director de jornal, alto funccionario, jornalista em evidencia, que não receba sempre cartas anonymas de applausos umas, injuriosas outras; e outras – ainda – repletas de denuncias, intrigas e calumnias contra este ou

> aquelle desaffecto. Quanto a jornalistas, o que, dentre elles, não recebe cartas anonymas bem recheiadas de insultos não tem efficiencia. Deus me livre de que, escrevendo há tanto tempo, nunca tivesse levado descomposturas, ou pelos *apedidos* ou em cartas anonymas. Não digo que sejam agradaveis as primeiras que se recebem; mas ao cabo, a gente acostuma-se a recebel-as e até chega a descobrir-lhes a utilidade, porque neste mundo, excepto a virtude, tudo o mais é util. Assim, sempre que recebo uma carta anonyma alegro-me com a minha prosperidade. Fico contente por vêr que causo inveja ao missivista. Tantas já tenho recebido que conheço a carta anonyma só pela physionomia do endereço e pelo aspecto da sobrecarta. Às vezes, na redacção, faço experiencia para divertir os companheiros. O continuo entrega-me a correspondencia. Pego de uma carta e declaro aos amigos:
>
> – Esta tem descompostura.
>
> Abro-a então e mostro-a ao que duvidou da minha sagacidade; e é raro, rarissimo, enganar-me... Alguns anonymos há que, desejando manifestar todo o seu desprezo por mim, nem se dão ao trabalho de escrever-me insultos: limitam-se a enviar-me immundicies embrulhadas em papel hygienico! Acho esses sujeitos admiravelmente praticos e economicos. Aproveitam tudo; e, em vez de escreverem a palavra, preferem mandar-me o que ela significa. Admiro-os, não há duvida; mas, acima de tudo, invejo-lhes o estomago...
>
> A carta anonyma, que é inoffensiva quando endereçada a solteirões como eu, torna-se um pouco perigosa quando dirigida a casados. Não há, com effeito, homem casado, por maior que seja a sua confiança na mulher, que não se aborreça ao ler num trapo de papel: "Caro sr... – Porque será que, quando o sr. sai de casa, sua mulher toma um taxi em direcção à Tijuca e lá se encontra com um rapaz baixote, moreno, etc., etc.? É o que deseja saber – *Um amigo*". Também não há mulher que lhe não sinta bater com mais força o coração, ao ler num papelucho: "Minha senhora – Si quer ter uma surpreza agradavel, vá amanhã às duas horas da tarde ao numero tal da rua do Riachuelo, onde seu marido se encontra com uma senhora loira, alta, etc., etc. A dona da casa chama-se Zulmira. *Um respeitoso admirador"*. Brincadeiras tais costumam determinar o que os noticiaristas chamam *tragedias conjugais*... Mas voltemos à historia da menina que morreu por causa da carta anonyma (CORREIO DO SUL, 30/05/1919, p. 1).

Do trecho transcrito, há algumas observações relevantes. Primeiramente, logo no início, diz-se pasmo com a descoberta que uma carta anônima é capaz de matar. O motivo de sua perplexidade estaria em sua própria superioridade enquanto homem. Há uma ruptura na narrativa para informar ao leitor que cartas anônimas não são fatais para os seres intelectuais e dotados de racionalidade. O articulista, nesse sentido, informa que recebe muitas cartas desse tipo e que isso é sinal de sua prosperidade enquanto escritor. No entanto, confessa, ao final, que brincadeiras assim com pessoas casadas costumam ser nocivas.

Após rememorar o leitor dos fatos, o articulista escreve:

> Si um escriptor publicasse um conto ou um romance baseado neste schema, seria apedrejado pela critica e esta não deixaria de ter para tanto algumas razões; porque, no romance, o que se quer não é o *verdadeiro* mas apenas o *verossimil*. A verdade excede e transborda da vida, segundo a concebe, comprehende e descreve a litteratura. Ora este caso de uma moça, em pleno século XX, no Rio de Janeiro, com o automovel, com o cinema, com o escandaloso noticiario dos jornaes, com a facilidade da leitura de romances

> amoraes, enlouquecer por causa de uma calumnia e morrer romanticamente de uma doença já fóra de moda em taes casos, como a febre cerebral, é verdadeiro, é de ante-hontem, mas não tem verossimilhança. Si ella, ao ler a carta, caisse para trás, como uma syncope cardiaca, instantaneamente morta, ainda se poderia aproveitar o seu caso como assumpto de uma novela rapida, em que o estylo do escriptor e a sua maneira aguda de apresentar as personagens deviam valer muito mais do que o entrecho da novella propriamente dicto. Mas perder a razão e, não contente com isso, ainda morrer de febre cerebral, como nos romances de Camillo e de Escrich, isto é que se me afigura fóra de medida. A febre cerebral, como desfecho de drama sentimental, não se admitte mais em litteratura moderna. Não digo isto para zombar da menina; mas si, depois della morrer de febre cerebral, o pai morresse de apolplexia, o noivo se suicidasse com uma bala no coração e a auctora da carta mortifera apparecesse desgrenhada em scena, gritando: – *Fui eu que escrevi! Matem-me também!* – então, sim, é que o dramalhão ficaria completo e a preceito para a companha da senhora Italia Fausta. E muita gente havia de chorar copiosamente no theatro Recreio, tanto mulheres como homens, quando o auctor Ferreira de Souza, representando o papel de *velho amigo da familia*, dissesse com emocional entonação à causadora da tragedia, que àquella hora devia estar arrancando os cabellos de tanto remorso:
>
> – Contempla, miseravel, contempla a tua obra!
>
> E aqui devia cair depressa o panno, antes que morresse mais alguem... (CORREIO DO SUL, 30/05/1919, p. 1).

De pronto, o escritor questiona a verossimilhança do fato. Porém, se a narrativa é verídica, talvez estivesse o articulista criticando o jornalista que noticiou o evento... Mas, não foi o verificado. Nos parágrafos acima, há uma clara intenção de associar a literatura com a realidade. Essa associação, todavia, deveria ser tão fiel que seguiria os padrões de interesse de leitura daquela sociedade. A crítica, nesses termos, faz pouco sentido. Parece-se mais evidente a tentativa de colocar a figura de Elza à margem, sendo que sua imagem representaria a dualidade do Cristianismo: o bem, como a Virgem Maria, e o mal, como a Eva. Para tal concepção, o autor reveste-se de crítico literário e nega querer "zombar da menina".

Sendo assim, se os *faits divers* são notícias do cotidiano em essência, nem todos os textos do gênero funcionam em relação da estrutura da narrativa e da escolha dos elementos linguísticos ali postos. Isso porque, ao passo que alguns leitores mergulham nas profundezas dos enredos linguísticos, outros são céticos e desejam se sobrepor à realidade.

De semelhante tom, o texto assemelha-se à crítica realista ao sentimentalismo romântico presente em alguns literatos, como Eça de Queirós. A personagem Luísa, da obra *Primo Basílio*, por exemplo, descrita como fugaz leitora de romances e fortemente influenciada por esses textos, o que a faz "desmiolada" e "alvo fácil" para sedução e perpetração do adultério. Ao ser descoberta, Luísa cai "[...] numa sonolência prostrada com gemidos fracos, que saía de seus lábios como a lamentação interior da vida vencida"

(QUEIRÓS, 1993, p. 306). De fato, a jovem romântica perece de febre cerebral, mesma doença que acometia as mulheres dos romances que lia e que tanto sonhava em viver.

Luísa de Queirós e Elza do Correio do Sul são mulheres, fracas da "cabeça", que padecem. Assim como nessa obra literária, portanto, a personagem Elza não está descontextualizada de seu tempo. A morte dela, transformada pelo *fait divers* em personagem de romance cotidiano, é uma necessidade, uma prova da moralidade, da honradez além de qualquer dúvida, da verdade e do impacto em não "parecer" mais socialmente casta.

Nos parágrafos que encerram a segunda publicação sobre a situação, tem-se uma reflexão crítica sobre o castigo das causadoras da morte da moça sonhadora:

> No caso da menina de S. Francisco Xavier, o panno caiu depois de sua morte. Com a febre cerebral acabou-se a peça. Quanto ao jornal, commentando esse drama, diz que o unico castigo que espera a causadora desse desastre, realmente estupido, é o remorso. Bem fraco, esse castigo. E ella o soffrerá, ainda assim? Tenho minhas duvidas a tal respeito. Geralmente, quem lança mão da carta anonyma como meio de vingança já atravessou na sua vida interior, tantos estagios de deliquescencia moral, de miséria d'alma, que é todo elle como si fosse um pantano, com apparencia humana. O individuo que escreve cartas anonymas é mais doente do que o criminoso. É um doente da vontade, atacado de covardia congenita e incuravel. Seu pai era provavelmente syphilitico; sua mãi talvez fosse dada ao vicio da embriaguez, em segredo; que muito será que o filho ou a filha tenha nascido doente? Eis porque não creio que, ainda em casos como o da menina de S. Francisco Xavier, a auctora da carta anonyma sinta remorsos do que fez. Vão perguntar ao stegomyia si elle sente remorsos das mortes que causou com as febres que transmittiu. Sente? De certo que não. Pois assim são os calumniadores anonymos...
>
> Agora, à maneira de moral da fabula, para concluir: peço às minhas patricias que não morram por causa das cartas anonymas; si, porém, alguma achar indispensavel morrer por causa de uma calumnia, pelo amor de Deus e da litteratura contemporanea, não morra de febre cerebral; morra de outra doença, de appendicite, por exemplo, que é enfermidade mais moderna. Mas o melhor ainda é não morrer de coisa alguma, porque como diz, com a sua notavel profundeza, o professor Austregesilo, a vida é bôa... (CORREIO DO SUL, 30/05/1919, p. 1).

Ao refletir sobre a personagem que escreveu a carta, compara-a a um mosquito: sorrateira, discreta, quase imperceptível, mas com potencial de afetar a tranquilidade alheia e, inclusive, produzir letalidade com seus atos. Além disso, por ser comparada a um mosquito, não possui sentimentos humanos, podendo ser criminosa e ter inclusive "nascido doente". As severas críticas à autora da carta, ironicamente, são de similar tom à vítima.

Dos fatos descritos, tem-se que a vítima foi tão impacta pelo teor de uma carta injuriosa que meros dias após sua leitura sucumbiu a um desgosto fatal. Elenca-se, portanto, no grupo de suicídio, pois a descrição sugere algo semelhante a um

envenenamento, como se a carta tivesse o condão de envenenar. É suicídio porque a narração orienta a conclusão de que ela escolheu morrer de amor. Não obstante, a reação da mulher é de certo modo ridicularizada pelo jornal, uma vez que não mais se espera das mulheres modernas e contemporâneas tamanha reverberação física decorrente de sentimentos, descritos frivolamente – já fora de moda. O articulista chega a elencar moléstias em decorrência das quais se admite a morte, sendo que a paixão não está dentro do rol citado.

Nesses termos, o terceiro caso aqui detalhado segue essas mesmas evidências. Com duas notícias publicadas, o "gesto brutal" é um caso de tentativa de feminicídio por "amor" seguido pelo suicídio do criminoso na "Cadeia Civil". A primeira publicação, intitulada "Gesto brutal", possui o seguinte texto inicial:

> – "Si não fôr minha, não será de outro!"
>
> Tal foi sem duvida o pensamento selvagem que impelliu o braço de Cantalicio Peralta à pratica do crime que motiva esta nota.
>
> Com as cordas sensoriaes emotivadas pelo acicate dos ciumes, pela dôr e pela colera de vêr-se repudiado e desprezado por aquella que, num momento de esperança, elle acasalara aos seus sonhos de futuro, dominou-o, obcecou-o a idéa de que ella pudesse ser de outrem; que aquella alma, surda às suas suplicas, vibrasse às palavras de amor de um outro ser.
>
> Dahi o gesto brutal, que escancara às vistas o quadro lamentavel de um coração que perverte os affectos mais santos e veste numa alvorada de odio e de sangue um sentimento que fôra, talvez, puro em sua origem, ao mesmo tempo que atira a um cacifo de hospital e à dôr de uma mutilação uma desgraçada moça.
>
> Eis o facto, que occorreu no 8º districto deste municipio (CORREIO DO SUL, 08/04/1921, p. 2).

Percebe-se, de pronto, que as primeiras linhas da notícia possuem preponderância de uma linguagem lírica, subjetiva e opinativa do jornalista, desprovida de qualquer descrição fática e motivada tão somente para conferir ao narrador a função de arauto de uma tragédia. Aproveitando-se da temática do caso posto, entende-se oportuno destacar que atualmente, mais de cem anos após os fatos descritos, o raciocínio do jornalista – atribuído ao protagonista da notícia – figura em questionários para aferição de risco em situações de violência doméstica.

Com efeito, os exatos termos da manchete são reproduzidos no "Formulário Nacional de Avaliação de Risco", elaborado Conselho Nacional de Justiça (CNJ)[146], em questionários às vítimas de violência doméstica e são utilizados para aferir a existência concreta de risco de feminicídios seguidos de suicídio do agente criminoso – ainda

[146] Disponível em: https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/3218. Acesso em: 17 set. 2022.

recorrentes na sociedade. O item 6 do questionário tem a seguinte redação: "O(A) agressor(a) já teve algum destes comportamentos [...] Disse algo parecido com a frase: 'se não for minha, não será de mais ninguém'".

Essa noção corrobora com a perspectiva do psiquiatra Cassorla (2017) sobre o motivo dessa notícia ter potencialmente deflagrado em uma morte voluntária. Embora o próprio jornalista faça suposições, a exemplo do pensamento de Cantalício ao planejar o ato contra sua amada, e surjam evidências de motivação para o suicídio ser o amor não correspondido e a rejeição, ainda há uma incompreensão na perpetração dessas ações. Segundo o autor, a problemática é que o observador (no caso, o leitor) cria teorias próprias, todas racionais, quando na verdade os eventos fáticos são apenas a "gota d'água" de sucessivas situações anteriores, a exemplo de problemáticas constituídas na infância e que a individualidade de cada pessoa determina como isso será tratado durante sua existência.

No entanto, esta primeira notícia ainda não apresenta este cenário completo. Incialmente, apenas causa uma expectativa no leitor de conhecer uma situação fática. Porém, isso é moldado a partir de uma verossimilhança, própria da literatura. O ineditismo do caso dá voz à universalidade, pois o próprio jornalista categoriza como "banal" a atitude do acusado. Em outros termos, ao iniciar o texto com uma "citação direta" fictícia de um pensamento impossível de mapear, a exceção de entrevistas, percebe-se que foi realizada a manipulação da linguagem em prol da romantização do ato. Inclusive, o próprio jornalista deixa claro que foi uma suposição, assumindo sua carga opinativa na narrativa.

Após este "nariz-de-cera", o periódico apresenta as personagens. O primeiro é Cantalicio Peralta, homem branco, com 22 anos de idade, "empregado da estância da exma. viúva d. Francisca Torrescassana, sita no Rodeio Colorado". Este jovem, por sua vez, "conhecera, há algum tempo, a senhorita Doralina Lopes, com 24 anos, serviçal, também, da mesma fazenda". Assim, seguem os fatos: "Fosse que o prendessem os encantos de sua nova conhecida; fosse que houvesse chegado para ele a hora fatal e intransferível de amar, o fato é que Cantalicio apaixonou-se doidamente por Doralina, fazendo-lhe assídua corte".

À primeira vista, aparentava que havia um amor mútuo entre os jovens. Porém, logo a narrativa lança a ruptura:

> Aquella moça, porém, compromettida com já era, tendo, até, nupcias aprasadas com outro joven, não correspondeu aos *pés de alferes* e às confissões

> de amôr do novo apaixonado, oppondo-lhe, ao principio a mais completa indiferença e, por ultimo, as mais formais recusas.
>
> Ante o fracasso de suas aspirações, repetiram-se as tentativas do criminoso de agora para captar as boas graças da mulher amada, o que de fôrma alguma conseguiu (CORREIO DO SUL, 08/04/1921, p. 2).

A ideia primeva de que Cantalício e Doralina viviam, de fato, uma história de amor é eliminada bruscamente, pois o "narrador", tido como jornalista, informa que o jovem apaixonado não é correspondido pela amada, que já é noiva de outro homem. Cantalício, por sua vez, no desespero de não poder concretizar o desejo de seu coração, já é intitulado como criminoso, antes mesmo do crime ser relatado. Seria amar demais o crime do acusado? No caso, a agonia de viver o impossível conduziu, primeiramente, para uma tentativa de feminicídio:

> Não refreando o seu despeito por taes manifestações de repudio, Cantalicio entrou a premeditar uma vingança, há tres dias levada a effeito, à mão armada, contra a indefesa senhorita.
>
> Para tal fim o despeitado amante, munindo-se de uma espingarda, carregou-a, enchendo-a de fragmentos de ferro e de vidro, após o que procurou, com intentos desonestos, Doralina Lopes. Como esta lhe resistisse, Cantalicio detonou contra ella a arma, recebendo a infeliz moça toda a carga no braço direito. O sanguinario amante fugiu, acto continuo (CORREIO DO SUL, 08/04/1921, p. 2).

O tom realístico e perturbador da descrição do ato de vingança do criminoso provoca no leitor uma dualidade de sentimentos: compaixão e impiedade. No início, Cantalício é um jovem perdidamente apaixonado e, rapidamente, vira criminoso que atira contra sua musa idealizada. Porém, sua intenção talvez não fosse a morte da jovem – a dor dos estilhaços de vidro no braço e a amputação do membro são a representação física da dor simbólica do protagonista.

Sendo assim, a notícia não narra apenas uma tentativa de feminicídio, muito menos uma história de amor não correspondido, mas no meio do enredo de amor ideal e da recursa permeiam elementos descritivos da personagem Cantalício. Aos poucos, vê-se uma autodestruição e a expressão de seus sentimentos paradoxais, bem como seus potenciais pensamentos perturbados, seu amor desmedido, seu plano de vingança, a aplicação deste plano e seu o objetivo atingido. Resulta-se, portanto, em uma miríade de emoções, pois Cantalício viu-se em uma condição inalcançável, sendo Doralina a personificação do ideal de mulher e, portanto, nesta imagem, creditou sua única certeza de felicidade. De qualquer forma, o desfecho desta primeira narrativa não é surpresa: o crime foi punido na forma da lei.

> O facto occorreu na tarde do dia 5, no logar mencionado, tendo sido Doralina Lopes transportada para a Santa Casa desta cidade.
>
> Hontem foi-lhe amputado o braço attingido pelo tiro, tendo essa intervenção cirrurgica estado a cargo do dr. Nabuco de Gouvêa. O estado da infortunada moça não é de todo grave.
>
> Quanto a Cantalicio Peralta, foi preso, hontem, nesta cidade, a ordem da policia judiciaria. Contra elle vae ser instaurado processo (CORREIO DO SUL, 08/04/1921, p. 2).

Entretanto, a obviedade da prisão é rompida quando se insere na narrativa um desfecho trágico – porém, não surpreendente. Vendo-se em um destino inalterável, pois sua essência designou-o para este caminho, Cantalicio Peralta comete suicídio na penitenciária.

> **Os gestos tragicos.** Noticiámos, em numero anterior que, na campanha deste municipio, Cantalicio Peralta, tentára, movido por amores mal correspondidos, matar a senhorita Dolores Lopes, tendo-lhe produzido um ferimento que resultou à desgraçada moça a amputação de um dos membros superiores.
>
> O facto teve agora desfecho inesperado, com o falecimento, na Cadeia Civil, a que se achava recolhido, do protagonista da tragedia.
>
> O medico que attendeu Cantalicio attestou como *causa-mortis* uma uremia, proveniente de haver ingerido a victima regular quantidade de substancia toxica.
>
> Suppõe-se, em vista disso, que Cantalicio Peralta, após perpetrar o crime, tentasse se matar por envenenamento, não produzindo, entretanto, o toxico effeito imediato (CORREIO DO SUL, 08/04/1921, p. 2).

Aparentemente, Cantalicio escolhe morrer, porém de maneira lenta. Isso porque o efeito da substância tóxica ingerida não produziu efeito imediato. Conforme ressalta Cassorla (2017), "os métodos usados para cometer suicídio têm também um componente cultural", a exemplo dos índices mapeados em São Paulo de que as mulheres preferem o envenenamento e, os homens, arma de fogo. Entretanto, o suicida em questão foge aos números predominantes, hipoteticamente por reproduzir questões culturais relacionadas ao amor romântico.

Esse fato é percebido através da descrição do narrador sobre o protagonista, que expõe seu gênio exacerbadamente romântico pelo excessivo sentimentalismo e, inclusive, pela opção de retirar a própria vida com um veneno de progressão lenta. Há, ainda, outros elementos que reforçam esse cenário, como a idealização da mulher amada por parte de Cantalicio; a exaltação da emoção sobrepondo a razão e decisões racionais; e, o trágico destino do protagonista exposto em notícia subsequente.

Assim como em todo movimento romântico, análogo aos suicídios de Honorina e Elza, há a representação de uma mulher pura e angelical. Uma mulher que foi "decepada" pelo amor de outrem, um amor que não sentia. Doralina foi punida pelo romantismo puro,

aquele amor que exige que dois indivíduos se amem mutuamente e é nesse sentimento recíproco que ambos encontram a base da sobrevivência, da salvação. Em contraponto, Foucault (1982) expõe, em texto dialógico, que amor seria termo dependente, pois solicita comprovações, exige do outro algo. Assim, para o autor, é possível amar unilateralmente, pois a ação de amar é solitária e parte de um só indivíduo.

Assim, a margem da infelicidade, no caso, é o amor não correspondido. Um amor que transita na individualidade, um anseio egoísta, forte, composto por um egoísmo impiedoso, por uma depressão incontrolável, pela negativa da aproximação. A racionalidade advém da noção sociocultural de uma sociedade do início do século XX que indica os essenciais arranjos tradicionais com base em padrões pré-estabelecidos, como segurança afetiva, posto de chefe de família modelar e constituição familiar. Entretanto, ao visualizar o planejamento racional ser desfeito, ocorre uma incapacidade de aceitação, preponderando anseios irracionais e irresponsáveis – bem como desvenda a faceta do bem e do mal da alma humana ferida.

Todos esses elementos são postos em tons líricos e românticos para que o leitor seja empático aos sentimentos do protagonista. Uma mescla perfeita dos dados fáticos do jornalismo com elementos literários que remetem às narrativas românticas – a imbricação dessas estratégias discursivas que formam o *fait divers* "gesto brutal". Com isso, a descrição detalhada de um espaço-tempo, Bagé do início do século XX, pinta um retrato verídico de uma sociedade tradicional em todos os estratos sociais. O próprio narrador salienta duas potenciais razões, ligadas aos constructos sociais, pelo amor descoberto por Cantalicio: "os encantos de sua nova conhecida" e por haver percebido que chegou "para ele a hora fatal de amar".

Frequentemente o Correio do Sul pontua as seguintes *causa mortis*: amores impossíveis, ilícitos ou não correspondidos; moléstias incuráveis; motivos econômicos; ataque de loucura. Na verdade, motivações desprovidas de explicações racionais (CASSORLA, 2017), pois a condição do indivíduo que comete morte voluntária não precede de reflexão, sendo ato contínuo e desesperado. Assim como o suicídio de Honorina e Elza, a morte de Cantalicio também sobressalta interrogações sobre o sentido da vida, as motivações do ato de desespero e, principalmente, a respeito do papel dos *faits divers* nos periódicos.

Cantalicio é, portanto, antes de ser descrito como criminoso, o ator de um gesto brutal, um "despeitado", um amante inconformado. Diante de uma descrição literária e não jornalística, percebe-se que a racionalidade do peso da lei e da punição acompanha a

subjetividade da motivação do indivíduo. Ademais, tamanha sua dor, que o protagonista impulsiona sobre a própria vida, perdendo o controle sobre seus atos. Uma divulgação voltada aos fatos, aos dados "crus", permitiria ao leitor uma interpretação mais individualista. Por exemplo: Morreu, no dia 09 de abril, no 8º distrito de Bagé, Cantalicio Peralta, 22 anos, que estava preso por tentar matar a jovem Doralina Lopes, 24 anos. A informação foi confirmada pelo médico da Cadeia Civil. A causa morte é suicídio por envenenamento. Cantalicio foi preso no dia 5 depois de ter atirado no braço direito de Doralina com uma espingarda cheia de fragmentos de ferro e vidro. A jovem teve o membro amputado.

Sobre a indicação de reescrita jornalística acima proposta, pontua-se algumas observações. Primeiramente, a descrição dos jovens como empregados da estância "da exma. Viúva d. Francisca Torrescassana" não é tida como acréscimo relevante para mera divulgação do ocorrido. Da mesma forma, supor o sentimento de Cantalicio, indicando possíveis citações diretas e motivações, são dados sem comprovação. Para efeito jornalístico, careciam de testemunhas ou documentos oficiais, como inquérito policial, por exemplo. Ademais, as fontes deveriam estar claras na notícia.

Conforme aponta *Manual de Redação e Estilo* do jornal *O Estado de São Paulo*, especificamente no excerto sobre orientações a respeito da divulgação de mortes, as "particularidades da vida íntima da pessoa — era homossexual, era traído pela mulher ou pelo marido, por exemplo" só deveriam ser divulgadas caso obtivessem relação direta com a causa ou consequência da morte (MARTINS, 1997, p. 182). Entretanto, o fato precisa de checagem e não deve ser baseado em ilações do jornalista. Assim, as duas notícias originais não seguem exatamente os preceitos indicados pela prática jornalística, mas sim apostam no maior grau de detalhismo e na subjetividade literária – e, consequentemente, na maior atratividade do discurso.

Ocasionalmente, a atratividade está na complexidade subjetiva do ato. A própria psiquiatria diz que a psicose só pode ser explicada por quem a vivenciou (CASSROLA, 2017). No caso de Cantalicio, houve a tristeza em decorrência da perda de um amor. Conforme explica o autor, o indivíduo possuía um espaço preenchido pela obsessão de conseguir conquistar Doralina e, quando a expectativa é frustrada, resta um vazio, um desequilíbrio que configura um processo de luto.

> Mas tanto no luto normal quanto – e principalmente – no patológico pode-se passar pelas mais variadas vicissitudes, que o prolongam, tornam-no mais intenso ou sofrido, ou, em casos extremos, levam a quadros doentios, como a

> depressão severa ou melancolia. A maioria dessas vicissitudes processa-se em camadas inconscientes, isto é, o enlutado não sabe o que está de fato ocorrendo em sua mente, ainda que perceba seu mal-estar (CASSORLA, 2017, p. 45).

Dentre essas vicissitudes, percebe-se, nas notícias, pelo menos duas: a raiva que culminou na vingança agressiva e desmedida em relação a pessoa amada; e, a culpa inconsciente, uma ideia de castigo que pode ter levado a ideia suicida. Assim, quanto à análise conforme os preceitos de Durkheim (2000), considerada a falta de maiores detalhes acerca da vida social e da personalidade de Cantalicio, reputa-se que o suicídio decorreu de uma ação egoísta, pois ele deixou de ver sentido na sua vida a partir do "fracasso de suas aspirações". Aparentemente, o jovem ingeriu "regular quantidade de substância tóxica" logo depois de praticar o crime e faleceu somente na Cadeia Civil porque o "tóxico" não teve efeito imediato.

Nos três casos aqui detalhados, o suicídio aparentemente resulta de uma situação de luto: a perda da "reputação" da modista Honorina; a perda do noivo por suposta traição e, assim, da projeção do futuro familiar de Elza; e, a perda do amor não correspondido de Cantalicio. Conforme elucida Cassorla (2017), essa denominação de perder algo deixa um vazio que abre um espaço "dentro da mente do enlutado" antes comodamente preenchido – o que pode culminar em uma experiência "muito intensa, ameaçadora, impedindo que o enlutado siga sua vida por se sentir 'mau', com ódio e com muita culpa". O suicídio, portanto, nos três casos, pode ter sido aventado como uma estratégia de livramento, de libertação da culpa ou da dor.

Por fim, é válido ressaltar que a temática de *faits divers* sobre suicídios possui bastante expressividade no Correio do Sul e suas implicações são teor de debate na seara jornalística e acadêmica até os dias atuais. Se no início do século XX esses casos eram recorrentes nas páginas dos jornais impressos, já se ansiava a discussão sobre os efeitos dessa divulgação detalhada. Desde 2015, por exemplo, a campanha *Setembro Amarelo*[147] foi criada para dar visibilidade à prevenção ao suicídio e a imprensa remete ao Centro de Valorização da Vida (CVV) como caminho para o indivíduo que estiver passando por situação semelhante pedir ajuda. Sobre a prática de produção noticiosa de suicídios, no século XXI, conforme orientação do *Manual de Redação Folha de S. Paulo* (2018, p. 229), os textos devem prosseguir com a divulgação de como a pessoa morreu, sem

[147] Campanha de conscientização sobre a prevenção do suicídio criada no Brasil em 2015 pelo Centro de Valorização da Vida (CVV), Conselho Federal de Medicina (CFM) e Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) para associar o amarelo ao mês que marca o Dia Mundial de Prevenção do Suicídio. Disponível em: https://www.setembroamarelo.org.br/o-movimento/. Acesso em: 02 set. 2022.

omissões sobre a causa da morte. A ressalva para o suicídio, entretanto, é no que tange à indicação de que não se divulgue o instrumento da morte – fato não omitido pelo *corpus* desta análise.

4.3.3 Ocultismo impresso em preto e branco

O grupo temático "Ocultismo" reúne duas notícias do caso "Casa assombrada RJ"; duas do "Homem paralítico anda na Basílica de S. Pedro" e sete publicações sobre o caso intitulado "Professor Mozart". O total da análise detalhada foi de 11 notícias sobre o referido grupo. O primeiro, trata de elementos sobrenaturais; o segundo, de milagres católicos; o terceiro, de curas relacionadas ao espiritismo, especificamente praticadas pelo médium professor Mozart.

As duas publicações do caso "Casa assombrada RJ" referem-se a notícias com um considerável intervalo entre si. A primeira foi publicada em 05 de agosto de 1919, enquanto a segunda em 29 de maio de 1920. Conforme aponta Barthes (1964), os *faits divers* normalmente são pontuais, curtos, textos sobre situações que começam e terminam em uma mesma página. Todavia, alguns casos são retomados, principalmente quando o motivo da primeira notícia recebe um adendo ainda mais espetacular, situação verificada na casa assombrada.

Como indicado no título, os eventos ocorreram em uma propriedade no Rio de Janeiro, mas receberam um texto escrito no Correio do Sul com informações obtidas através de telegramas, algo comum à época. A primeira notícia, divulgada na capa do jornal, contrasta em extensão com a segunda. A motivação parece evidente: primeiramente, o jornalista associou a situação a comuns acontecimentos relacionados com brincadeiras de mau gosto; com a repetição mais detalhada do caso, julgou-se merecer um espaço maior e digno da atratividade para o leitor.

Com o chapéu[148] "As abusões", o título da primeira notícia é "Casa mal-assombrada". De pronto, o narrador informa ao leitor sua posição cética em relação a existência de assombrações, como seria esperado, pois o jornal autointitula-se racional e livre de qualquer crença. Isso porque associa o fato inexplicável a "abusões", ou seja,

[148] No jargão jornalístico, "chapéu" designa a informação que antecede o título, geralmente um excerto curto com o objetivo de contextualizar a temática. Frequentemente o jornal inseria esses rótulos nas notícias. Quando se tratava de situações relacionadas a superstições, havia a inserção antes do título da frase "As abusões".

superstições, ilusões. Além disso, também deixa clara sua posição nas primeiras linhas do texto:

> Factos de casas mal assombradas têm havido muitos, e de quasi todas as vezes o que parecera à primeira vista coisa sobrenatural e inexplicavel, resulta um embuste ou brincadeira de mau gosto.
>
> Um caso dessa especie estava agora preoccupando os moradores da rua General Polydoro, no Rio de Janeiro (CORREIO DO SUL, 05/08/1919, p. 1).

De fato, a classificação inicial era que o caso fosse fruto de alguma artimanha ou mentira ardilosa. A postura cética do narrador expõe sua visão antes mesmo dos fatos. Todavia, a espécie de categorização do *habitat* "casa" como "mal-assombrada" traz um efeito discursivo que aparenta anular todas as explicações associadas. Um espaço individualíssimo, próprio, de aconchego e descanso é descontruído por algo desconhecido, o que prontamente confere ao leitor um estado de alerta. De toda sorte, os fatos são pormenorizados:

> Já na rua Voluntários da Pátria, 418, onde, por algum tempo, residiu a familia do sr. Soares Souza, taes factos se registraram. Nos ultimos 15 dias de sua permanencia naquella casa, a familia Soares de Souza, observou que os phenomenos se repetiam 11 vezes.
>
> Mudaram-se. A coisa ia indo bem na nova residencia, à rua General Polydoro n. 182.
>
> Há uns 15 dias, porém, um genro do sr. Soares de Souza, indo a uma sessão espirita, lembrou-se de interrogar o espirito sobre os phenomenos vistos à rua Voluntários da Pátria. Respondeu-lhe o espirito que o auctor daquellas coisas era o portuguez Aragão, que não pretendia fazer mal, mas apenas divertir-se um bocado atormentando aquella familia com as suas brincadeiras de mau gosto. Dois ou três dias após, começaram os phenomenos a ser observados (CORREIO DO SUL, 05/08/1919, p. 1).

A situação ocorrera com a família Soares de Souza que, mesmo depois de se mudar de residência, persistiu sofrendo com assombrações em seu lar. Após a mudança de casa, as manifestações começaram com pequenos ruídos até que se intensificaram:

> No dia seguinte, tendo-se apagado a luz do quarto contiguo ao do dono da casa, este foi vêr do que se tratava e viu uma mão mysteriosa, mostrando tambem o pulso, o antebraço e o braço. Essa mão apresentava-se de modo a ser perfeitamente visivel. Nesse quarto, como em outras dependencias da casa, o estranho phenomeno se apresentou.
>
> O sr. Soares de Souza, convidou o seu vizinho dr. Sá Ferreira para observar o caso extravagante que acabava de verificar-se em sua moradia.
>
> Este, porque se achasse doente, não pôde ir. Mandou porém, em seu logar, as suas filhas, que de tudo foram testemunhas.
>
> Em certo momento, a mão virou-se, tirando do cabide um paletot que a ali se achava pendurado.
>
> Avançando o sr. Soares de Souza para tomar o seu paletot da mão mysteriosa e ousada, aquelle vestuario cahiu-lhe suavemente aos pés, emquanto a mão procurava a sua cabeça.

> Uma serviçal da casa, abaixando-se para apanhar o paletot, foi fortemente agarrada pela mão, que lhe segurou a cabeça, recebendo, em seguida, uma bofetada (CORREIO DO SUL, 05/08/1919, p. 1).

O enredo do caso sob análise compartilha seu objeto central com os estudos de Sigmund Freud (1976 [1919]). O autor trabalha com o sentimento de estranheza tão aflitivo ao ser humano, utilizando-se conceitos como lar, familiaridade e natureza humana, contrastando-os com seus opostos, especialmente aquilo que ele nomina como estranho, "infamiliar" ou que desperte medo, desconforto e dor. A temática pode ser apontada como eixo comum entre psicanálise, literatura, jornalismo e *fait divers*, uma vez que as áreas se debruçam sobre fenômenos inquietantes que – embora variáveis às sensibilidades e experiências de cada pessoa – a todos interessam e jamais foram resolvidos. Assim, as áreas jornalística e literária ancoram-se nos discursos construídos com base em inquietações em busca da atratividade e do interesse dos leitores.

Nesta esteira, Freud (1976 [1919]) discorre acerca de que sentimentos desconfortáveis são identificados com aquilo que é estranho. Igualmente, estão atrelados a medos e a pensamentos reprimidos que, entretanto, apresentam-se em contextos de familiaridade do sujeito. Dessa forma, o autor trabalha a partir dos conceitos antagônicos de *Heimlich* e *Unheimlich*, traduzidos livremente como familiar e estranho, respectivamente.

Destaca-se que, ao analisar diversos idiomas, o autor demonstra sinônimos para a palavra "estranho" que são alusivos a sentimentos ruins e desconfortantes, dentre os quais se destacam: *locus suspectus* (do latim, associado com uma hora estranha da noite); *uncomfortable* (do inglês, associado a algo assombrado, repulsivo ou medonho); *sospechoso* (do espanhol, associado a mal agouro, sinistro). A partir desse resgate associado à origem das línguas e às relações semânticas entre os significados das palavras, evidencia-se que o "estranho" assume contornos de algo assustador. Ou seja, nos signos convencionais de cada língua, o conceito da palavra "estranho" une-se à uma imagem psíquica acerca do elemento em referência, sendo que sua interpretação é gerada pelas interações verbais realizadas através das enunciações em suas diferentes formas.

Essa noção estruturalista da língua como fato social dotado de fixidez[149] foi evoluída por Bakhtin (1981) ao designá-la não só como fenômeno fundado na

[149] Mikhail Bakhtin (1981) integra a vertente dos estudos linguísticos que apresentou avanços a partir dos postulados de Ferdinand de Saussure (2008 [1916]), linguista precursor do objeto de estudos da Linguística e que descreve a língua como parte fundamental da linguagem, porém de natureza concreta e homogênea, desvinculada dos valores ideológicos.

necessidade comunicativa, mas também essencialmente dialógico. A noção aqui adotada de língua como fenômeno social, carregada dos valores subjetivos dos atores que interagem nos processos comunicativos, coaduna-se com a análise dos enunciados dos *faits divers* aqui postos.

O caso da casa mal-assombrada em pauta, por exemplo, encontra entendimento nos estudos de Bakhtin (1981) sobre romance, pois esse gênero de linguagem, para o autor, mostra com mais evidência o dialogismo, essa contradição discursiva que perpassa a sociedade. Em outros termos, seria utópico o dito "subjetivismo individual" romântico, pois a expressão da consciência não possui somente o aspecto interior (do conteúdo), mas também exterior (objetivação/tradução). A enunciação sobre a casa mal-assombrada do Rio de Janeiro, portanto, não se explica somente no conteúdo, mas depende de outros elementos interiores e exteriores, frutos dos processos de interação verbal entre indivíduos socialmente situados (sujeitos, estudos, pesquisas, contexto histórico, realidade social etc.).

Em adição, quanto a temática tratada na notícia para além dos aspectos internos ali percebidos, tem-se a explicação de Friderichs (1980) que sustenta a telecinesia como uma energia física decorrente da atividade cerebral humana. O autor destaca que tais fenômenos teriam fundamentação científica, não se tratando de manifestação de forças ocultas e sobrenaturais, como amplamente difundido à época. A telecinesia pode ser relacionada com o trabalho elaborado por Freud (1976 [1919]) ao sugerir que o estranho seria uma manifestação daquilo que deveria ter ficado oculto – em decorrência de supressão voluntária. O autor indica que as manifestações dessa força decorreriam, portanto, da supressão excessiva de algo pela mente do agente, que fortemente desejava suprimir aquela manifestação. Assim, as manifestações do estranho não seriam algo totalmente dissociado dos sujeitos, mas deles decorrentes e manifestos por força da supressão voluntária.

A "casa" referendada na notícia, dessa forma, une ambas as premissas, uma vez que os fenômenos ocorrem no auge do conforto oferecido pelo lar: a noite. É durante a noite que o abrigo da casa se torna ainda mais acentuado, quiçá durante ela que a repressão mental e dolosa de tudo aquilo que lhe é avesso se manifesta com maior rigor. O período noturno, igualmente, dá vazão a temáticas suprimidas pelas crenças populares e por diversas religiões, que atrelam o dia à bondade, florescimento e liberdade, elementos contrastados pelas associações comumente trazidas pela noite: a escuridão, maldade, sentimento de vulnerabilidade etc.

Atendo-se ao caso sob apreço, destaca-se que os fenômenos narrados efetivamente teriam acompanhado os inquilinos, cujas mentes, segundo as premissas de Freud (1976 [1919]) e Friederichs (1980), seriam responsáveis pela manifestação dos fenômenos – fator que, pelo que sugere a notícia, continua violentamente na nova residência fixada pela família. Da mesma forma, oportuno destacar que os fenômenos foram retratados durante a noite. A noção de que os fenômenos apreciados estariam ainda mais acentuados após a mudança, de certo modo, reforçaria tal acepção, considerando-se que a repressão mental dos fatos se intensificaria naturalmente, uma vez que os agentes estariam reprimindo com maior vigor as manifestações.

Outro elemento em tal contexto é a figura do lar, retratado de forma literal na notícia, que figura como conceito teórico central elaborado por Freud (1976 [1919]) como aquilo que é familiar, confortável, seguro – em perspectiva ampla. Seja sob as perspectivas científicas esposadas por Freud (1976 [1919]) e Friederichs (1980) ou sobre o enfoque atribuído pelo periódico, os fatos, atendendo os preceitos dos *fait divers*, orientam a atenção geral das pessoas que, por variadas finalidades e formas, buscam experimentar e validar os fatos descritos.

Igualmente interessante destacar que, a despeito dos fatos ocorrerem no fim da segunda Revolução Industrial, com a crescente urbanização e validação dos avanços das ciências naturais e descoberta de novos paradigmas tecnológicos, remanescem a ignorância e a impotência humanas diante dos fenômenos atrelados à morte, ao desconhecido e tudo aquilo que lhe é inexplicável. Tal ignorância, conforme os autores ora referendados, tem grande impacto na mente dos indivíduos. Com a insuficiência das ciências naturais e positivas, recorre-se, invariavelmente, às crenças e aos conhecimentos ocultos e inalcançáveis – *status* ratificado até mesmo por psicanalistas renomados como Sigmund Freud.

Da mesma forma, desafiando a incredulidade coletiva acerca da possibilidade de se tratar de forças assombrosas, o próprio periódico adianta sua argumentação, chancelando suas posições e narrativas ao assegurar o leitor de que os fatos narrados foram constatados pessoalmente por testemunhas dignas de crédito (médicos, engenheiros, agentes de segurança). Tal conduta reforça, a certo modo, o inafastável sentimento de contenda com as alegações postas, seja em decorrência de uma perspectiva científica, seja em decorrência do senso comum e do interesse inafastável acerca da temática. Pela referida razão, pode-se elucidar a razão pela qual a postura do periódico é tão difundida, servindo a contento como a narrativa literária abrangida pelos *fait divers*.

Deste modo, é verificado que a tendência pelo interesse ao sobrenatural contrasta com o ceticismo do jornalista na primeira notícia sobre a casa mal-assombrada – fato verificado pelas marcas linguísticas de dúvida e tom pejorativo, a exemplo de: "o que parecera [...] coisa sobrenatural [...] resulta em embuste" ou "caso dessa espécie". A situação, todavia, é notada de forma mais sutil no discurso da segunda notícia, como se os mais de nove meses que separam as publicações comprovassem, junto à quantidade de testemunhas angariadas durante o período, a veracidade do fato.

O próprio título é elaborado em torno de uma contundente afirmação: "Ha em Botafogo uma 'casa mal assombrada'". Todavia, a designação "casa mal-assombrada", apresenta-se entre aspas com o intuito de demonstrar que o termo pode ser questionado, expressando ceticismo, escárnio ou mesmo afastando o autor do "peso" da adjetivação. Tal postura, inclusive, pode estar atrelada ao ideal do jornal, que diz divulgar notícias da vida social bageense, porém oriundas de "cuidadoso exame" e fruto da "dedicação quotidiana", sendo estas compostas por artigos "criteriosos, bem inspirados e polidos, de toda e qualquer procedencia honesta". Esse discurso, inclusive, vê-se no desenvolvimento da imprensa brasileira do início do século XX, impactado pelas marcas da industrialização.

Conforme Martins e Luca (2012, p. 156), a "extensão da malha ferroviária, entrada de grandes levas de imigrantes e início de um primeiro surto industrial" compuseram esse cenário propício à difusão de informações. Um processo de transformação da imprensa brasileira, principalmente marcado pela premissa ainda vigente do jornal possuir uma reputação ilibada, uma imagem de transmitir a realidade de forma espelhada ao leitor. Para os autores, essa seria uma conjuntura sem volta para configuração do "jornal-empresa", um processo de mercantilização da notícia em confronto direto com os acontecimentos da vida pública. Nesse viés, enterra-se na prática o jornalismo idealizado, abrindo espaço para um jornal que serve aos interesses do público, especialmente aos números e cifras que este público movimenta.

Vê-se, nesse sentido, uma preocupação com parte do público que é descrente em assombrações. Embora o jornalista se coloque primeiramente como cético ao fato, posteriormente deixa sua opinião velada em prol da industrialização da notícia. Certamente em passos mais lentos dos verificados no eixo Rio-São Paulo[150], o jornalismo

[150] O eixo Rio-São Paulo era, à época, "o melhor servido em termos de comunicações" e, mesmo com o avanço dos meios de transportes, a distribuição dos periódicos ainda predominava por meio das ferrovias,

bageense indica se importar com o interesse de seu leitor. Inclusive, essa situação é verificada na extensão da segunda notícia sobre o caso, bem como nos detalhes expostos.

A segunda notícia inicia com uma retomada minuciosa do ocorrido. Inicialmente, os fatos sobrenaturais ocorridos na primeira residência, localizada na rua Voluntários da Pátria, número 418, são descritos em retrospectiva.

> Há um anno, em fins de fevereiro de 1919, começaram os moradores da casa da rua Voluntarios da Patria n. 418, no Rio de Janeiro, a ser importunados pelos ruidos de afastamentos de moveis, risadas, batidas de palmas e gritos, ouvidos no correr da noite, quando era absoluto o silencio e todos estavam mergulhando em profundo somno.
>
> A principio, nas primeiras noites, eram passageiros esses rumores, chegando mesmo algumas pessoas da casa (que era habitada por um velho engenheiro e sua familia) a suppôr que provinham da vizinhança.
>
> Elles sabiam que a chronica da cidade registra, de quando em vez esses phenomenos de "assombração" [...] (CORREIO DO SUL, 29/05/1920, p. 2).

Na narrativa, o jornalista introduz a caracterização do espaço, apresentando a residência ora como tenebrosa, ora como ambiente habitado por uma família – inclusive um "velho" engenheiro, indicando a confiabilidade das declarações por ele proferidas. Nessas parcas linhas iniciais, como que guiado por referências literárias, a exemplo do conto "A casa assombrada" de Virginia Woolf, o leitor é levado a crer que o ambiente físico da casa localizada na rua Voluntários da Pátria estaria habitado por fantasmas, como no conto. Estes, por vezes, poderiam estar vagando à procura de algo, um tesouro ou algo subjetivo. Porém, seria a hipótese desse prendimento com o "real" ou "físico" que perturbaria essas almas. No caso, também perturba a família Soares de Souza.

O leitor, preso no questionamento do inexplicável, vê a infinidade do sentimento de pertença ou revolta dessas entidades, posto na contrariedade vida-morte. O universo sombrio da morte é mesclado à esperança da vida – que estaria associada à explicação racional para a sequência aterrorizante de eventos. As ramificações interpretativas associam-se ao pensamento não-linear do leitor, que engendra hipóteses ao passo que se satisfaz com o segredo, o incerto, a tragédia da família afetada.

Essa dualidade mantém o suspense e lança o questionamento que conduz os demais parágrafos: será que a casa é realmente mal-assombrada? Inclusive, para endossar a dúvida do leitor, o narrador resgata quatro outros casos similares ocorridos nas redondezas em anos anteriores:

---

o que era uma dificuldade para algumas regiões do país (MARTINS; LUCA, 2012, p. 162). A cidade de Bagé, entretanto, teve sua estação inaugurada em 2 de dezembro de 1884, como marco de sua representatividade econômica no período (LEMIESZEK, 1997).

> [...] Há muitos annos, numa casa do largo do Deposito, os moradores não podiam dormir, porque, mal o silencio se fazia, ouviam arrastamento de correntes na escada que dava accesso ao sotão, entrecortado de vozes confusas, soluços, lamentos. Depois um cavalheiro mais audacioso, logo que os rumores surgiram, armou-se de uma boa bengala e foi ver de perto o que era aquillo. Encontrou um velho e inoffensivo papagaio, que cheio de fome e sêde, arrastava a sua corrente de latão, no desejo de ganhar luz, ar, uma espiga de milho e um pucaro do precioso liquido. O pobre bipede ali ficára, esquecido pela familia que mudára e nunca pensou que pudesse metter medo à alguem.
>
> Lembravam-se tambem do episodio dos phantasmas trocistas que mandavam o Cunha tirar o chapéo, do chafariz do Lagarto, que vomitava moedas candentes, – da ladeira do Ascurra, poucos dias antes do attentado de 5 de novembro, e, certos de que estavam a braços com pagode identico, continuavam a dormir alheios ao que escutavam [...] (CORREIO DO SUL, 29/05/1920, p. 2).

Os quatro casos referem-se a situações que possivelmente envolveram a atenção da população local. O primeiro faz referência ao papagaio abandonado, um animal conhecido por repetir a fala de quem se encontra ao redor que, similarmente, reproduz ações de um "fantasma". Do mesmo modo, o comendador Cunha[151], residente na rua Barão de Mesquita, número 4, Rio de Janeiro, disse ser vítima de almas penadas, sendo o estopim do assombro o fato dos fantasmas mandarem o denunciante tirar seu chapéu, em suposto sinal de respeito às entidades referidas.

O terceiro caso, do chafariz do Lagarto[152], alude-se ao chafariz existente desde 1786 no Rio de Janeiro, que supostamente era rodeado por alguma assombração que fazia jorrar "vinténs" da boca do pequeno réptil de bronze – local que, na verdade, deveria sair um pequeno filete de água. Por fim, seria invenção de um periódico fluminense a existência de uma assombração que apareceria todas as noites na Ladeira do Ascurra e percorria a Rua das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, fato comentado inclusive por Olavo Bilac em uma crônica que critica a postura antiética adotada pelo jornalismo[153].

---

[151] Em 26 de maio de 1889, a Gazeta de Notícias noticiou a situação em reportagem intitulada "Almas do outro mundo". Disponível em: http://bndigital.bn.br/acervo-digital/gazeta-noticias/103730. Acesso em: 20 set. 2022.

[152] Segundo artigo publicado na revista Illustração Brasileira em referência à conferência proferida por Adalberto Mattos na Sociedade Brasileira de Bellas Artes sobre os Chafarizes do Rio de Janeiro, a situação relacionada às almas penadas foi quando "um garoto resolveu 'assombrar' os moradores da visinhança e os pacatos transeuntes, fazendo rolar pela parede uma infinidade de moedas de vintém. A principio a pilheria deu o resultado desejado pelo pandego, alarmava quanto por ali passavam" (MATTOS, 1927, p. 25). Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/107468/per107468_1927_00077.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

[153] "O jornal inventou – nada mais, nada menos – que um fantasma "negro e alvíssimo" aparecia todas as noites na Ladeira do Ascurra [...], o que fez com que o "povo em massa" fosse procurar a assombração" (SCHERER, 2008, p. 76). Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/30372397.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

As quatro referências possuem em comum um ceticismo do periódico Correio do Sul maquiado de seriedade jornalística. Obviamente, conforme aponta o *Manual da Redação da Folha de São Paulo* (2008, p. 43), "o maior patrimônio do jornalismo é a credibilidade", sendo sua construção angariada através da aplicação de "boa técnica" e da "atuação íntegra" dos profissionais. Sendo assim, é dever do jornalista realizar a checagem dos fatos e informar seu leitor sobre os fatos relacionados que sejam de interesse público. É o que afirma também Charaudeau (2019, p. 90) sobre o "confronto permanente com um problema de credibilidade" que as mídias enfrentam no que o autor chama de "visada da informação", pois se ancorariam na própria "legitimidade no 'fazer crer' que o que é dito é verdadeiro".

Porém, salienta-se que essas observações foram listadas antes mesmo da divulgação que anuncia o título "Ha em Botafogo uma casa mal assombrada". É de se considerar, mesmo em níveis variáveis, que essa construção discursiva traz uma sensação de seriedade ao texto do jornal, ao passo que também condiciona o leitor ao consumo de um texto parcial. Em outros termos, não somente munido de informações prévias, mas com uma práxis de direcionar e conduzir.

Por conseguinte, não se pode afastar os interesses financeiros do jornalismo em propagar as vendas de seus produtos, mas também o sistema econômico da sociedade, a exemplo dos interesses imobiliários destas residências, cuja posse era sabidamente de figuras importantes para o seio da comunidade carioca. Logo, valida-se a noção sustentada por Martins e Luca (2012) acerca do caráter imperativo dos fundamentos da economia de mercado para a viabilidade do jornal como empreendimento. A sobrevivência atuarial dos jornais, apesar de necessária, não tinha o condão de afastar os diferentes proselitismos promovidos pelos jornais, que sói eram criados com tal finalidade em contextos de acirradas disputas políticas ou simbólicas em curso.

Após essa introdução, que a notícia realmente é narrada:

> [...] Mais observador porém que os restantes, um membro da familia, assim que ouviu as primeiras manifestações, certa noite, ergueu-se rapido do leito e dirigiu-se à sala de visitas, de onde procediam os rumores.
>
> O espetaculo que lhe foi dado ver impressionou-o: as cadeiras jaziam afastadas de sua primitiva collocação, havia tapetes revoltos, quadros fôra do alinhamento, *bibelots* cahidos, e, ao centro da sala girava, num can can desenfreado, um lavatorio de ferro, que para ali viera de outro logar da casa.
>
> O assistente não sopitou a sua admiração, não dominou o seu espanto e com os olhos desmesuradamente abertos, os cabelos de pe, os passos tropegos, mal contida a respiração, foi logo accordar os demais parentes, inclusive o velho engenheiro. E todos constataram o facto, assistindo, ainda, estupefactos as habilidades choreographicas do modesto lavatorio.

> Desde ahi não houve mais tregua, ninguem mais "pregou olho" naquella casa, onde, segundo o testemunho de varias pessoas classificadas, as manifestações presenciadas raiavam o inacreditavel.
>
> Logo que se fazia noite surgiam as primeiras communicações mysteriosas. Às vezes as lampadas de iluminação apagavam-se de subito, sem que mão alguma tocasse nos interruptores; outras permaneciam accesas, não obstante os esforços empregados para apagal-as. Copos, pratos, moringas faziam-se em estilhaços por si mesmos e, frequentemente, mãos invisiveis escreviam bilhetes participando o prosseguimento de semelhante incimodo do estado de coisas [...] (CORREIO DO SUL, 29/05/1920, p. 2).

Alguns testemunhos, como dito, atestam a veracidade ansiada pelos leitores do jornal em uma dualidade curiosa: de um lado, deseja provar um viés científico e racional; de outro, quer alimentar o enredo com provas contundentes. Os relatos são de um médico amigo da família e de um guarda civil, além da intervenção da polícia com o interesse dos populares.

> [...] Um dos amigos da familia, o dr. Jefferson Senesburg Vieira de Lemos, medico do Hospital Nacional de Alienados, morador da mesma casa, ao par do occorrido não teve duvidas em aceder ao convite recebido para ir uma noite àquella casa. Foi e, *de visu*, verificou o que se dava ali.
>
> Numa carta dirigida aos jornaes, naquella occasião, o alienista declarou que no escuro os moveis mudavam de logar e outros cahiam com estardalhaço. Viu portas saccudidas com violencia, pequenos objectos cahirem aqui e acolá e, mal a luz se apagou, ouviu estrondos como se fossem objectos maiores que cahissem. Quando voltou a claridade, verificou a existencia de um e aoutro movel, dos maiores, deslocado ou mesmo quebrado.
>
> Sabia-se que uma pessoa extranha, quando, exhausta do espectaculo a que assistira quis retirar-se, fecharam-se todas as portas do prédio sem que houvesse mãos possantes capazes de abrirem-nas de novo.
>
> Espalhados estes factos dentro em pouco a cada da rua Voluntarios da Patria passou a ser o ponto convergente da admiração de todo o bairro.
>
> Centenas de pessoas agrupavam-se em frente para sondar os mysterios, mal a lua emergia do azul tranquillo do firmamento, sendo preciso que a policia local tomasse medidas preventivas.
>
> Conta-se que um guarda civil mais destemido penetrou cautelosamente no interior do primeiro aposento e logo depois sahiu ligeiro como um foguete, contando que tinha visto o Diabo a lhe fazer caretas, envolto numa nuvem de enxofre [...] (CORREIO DO SUL, 29/05/1920, p. 2).

Porém, após a mudança da família para rua General Polydoro, número 182, os fenômenos extraordinários prosseguiram. Conforme pontua o periódico, o ineditismo está atrelado às novas ocorrências sobrenaturais, bem como a atualidade da notícia é pautada na persistência dos fenômenos. Deste modo, há universalidade na temática, própria dos *faits divers*, pois está ligada aos elementos do vivido que intrigam o ser humano e ultrapassam questões meramente racionais.

> [...] E com a sahida da familia fechou-se a casa de Botafogo, não conseguindo o proprietário arranjar outro inquillino, não obstante a crise de habitações, já então manifestada.

> Fez-se assim completo silencio sobre o caso; pois não tendo moveis para arrastar, nem louça para partir era possivel que os nossos irmãos do espaço ficassem calmos. Pelo menos ninguem das cercanias percebeu coisa alguma de anormal, vinda daquelle prédio "mal assombrado".
>
> Pensava a familia do engenheiro que na nova residencia pudesse respirar tranquilla dormir os somnos reparadores de que tanto carecia. Foi, porém, ilusoria semelhante a supposição. Os phenomenos phychicos da casa da rua Voluntarios da Patria passaram-se com armas e bagagens para a da rua General Polydoro. Passaram-se e com mais violencia (CORREIO DO SUL, 29/05/1920, p. 2).

Novamente, para prosseguir com a narrativa após a mudança da família, há o relato de testemunhas.

> Pessoa que nos merece absoluto credito e que ouvimos a respeito, contou-nos que em um dos dias da semana transacta verificou coisas espantosas nessa nova residencia do engenheiro a que nos temos referido. Disse-nos que foi ao sobrado do prédio, subindo a unica escada que para ali dá communicação e observou a mais completa desordem. Os quartos achavam-se em tal estado que pareciam ter sido ocupados durante longas horas por loucos furiosos. Colchões, travesseiros, lençóes, quadros, espelhos, objectos de *biscuit*, vidros de perfumes, candieiros, bacias, jarros, tudo fazia no chão, em desalinho indescriptivel.
>
> Soube lá o nosso informante que esses factos se davam diariamente e, sem que percebesse de onde vinham, elle mesmo recebeu batatas e grãos de feijão. Estavam presentes varias pessoas conceituadas que a tudo assistiam.
>
> Dias antes da visita desse nosso amigo esteve na casa um facultativo, incredulo pelas suas convicções positivistas, cujo nome declinaremos se formos contestados. Este scientista, às cinco horas da tarde foi ao sobrado do prédio e, verificando que tudo estava em ordem e no logar proprio, fechou todas as janellas e, absolutamente seguro de que não deixara ninguem ali, fechou por fôra, a porta que dava passagem para a escassa, à chave, guardando esta no bolso. Desceu e sentou-se na sala de jantar diante da unica porta que defronta com a escada, para ver se algum subia subrepticiamente.
>
> Jantou com a familia e, quase no fim da refeição, ouviu rumores no sobrado. Terminando o pasto subiu, em companhia de um moço da familia, àquella dependencia da casa, alumiados por uma vela porquanto tudo havia ficado immerso em profunda escuridão.
>
> Quando abriu os quartos, o medico descrente encontrou a costumada desordem, sendo recebido com uma chuva de batatas atiradas de todos os lados.
>
> Disse-nos o nosso informante que chegou ali pouco depois do *bombardeio* iniciado e assistiu-o ainda, vendo cahir o peso de um kilo com grande estrondo no corredor da escada, peso esse que fôra retirado de uma gaveta fechada à chave. Pouco depois o medico descrente voltou ao sobrado e escreveu uma pergunta sobre um papel, deixando no interior de um dos quartos. Quando foi saber a resposta recebeu na cabeça um castiçal e um frasco de essencia, produzindo-lhe este, ligeiro ferimento.
>
> Os phenomenos tiveram agora um interregno, um ligeiro armisticio, mas há participação de que vão recomeçar.
>
> A trégua obtida foi alcançada mediante preces feitas.
>
> Estamos de posse dos nomes de todas as pessoas referidas no correr desta noticia; só não os divulgamos agora para evitar contrariedade às mesmas, que de certo se veriam assediadas por bastantes curiosos e importunos ávidos de conhecerem de voz propria a narração das occurrencias, narra o *Correio da Manhã* (CORREIO DO SUL, 29/05/1920, p. 2).

A narrativa, portanto, congloba real e sobrenatural em contornos híbridos da literatura com o jornalismo ligado ao fantástico e ao inexplicável. Embora o verídico que fornece o tom e os elementos ao texto, as escolhas discursivas e o tratamento do sobrenatural que desencadeiam o *fait divers*. Rapidamente, o leitor transita entre o real e o ficcional, mas são os elementos jornalísticos que fazem a construção de um realismo fantástico, gerando uma sequencialidade de sensações, que transitam entre espanto e satisfação, medo e valentia, dúvida e aceitação.

São esses sentimentos, aliados ao autoconvencimento do leitor atrelando o fato ao inexplicável, que ratificam a existência do sobrenatural e da atratividade dos *faits divers* que versam sobre essas temáticas. Não é possível descrever, explicar, pois não é claro ou evidente, restando ao leitor transitar entre suas construções de certezas e dúvidas sobre o fato.

Por fim, há ainda outro elemento interessante de ser clarificado: a religiosidade presente em elementos textuais. O guarda civil faz referência ao Diabo e no fechamento do texto, o periódico assume que "a trégua obtida foi alcançada mediante preces feitas". Embora a reportagem não tenha entrevistado médiuns ou padres católicos, não se absteve de produzir um texto aberto à interpretação, sendo que a resolução poderia temporariamente estar na fé. De todo modo, como exposto, o jornal, apesar de citar essa "solução", não se responsabiliza em afirmar que a religiosidade resolveria o caso em definitivo, deixando aberta a possibilidade de que a situação persista no local.

Inclusive, é atrelada à religiosidade o segundo caso pormenorizado nesta análise. Sob a temática "Homem paralítico" são duas notícias que narram a situação do sargento Manca que, em Roma, retornou milagrosamente a andar justamente enquanto visitava a Basílica de São Pedro. A primeira publicação se resume a uma nota curta e objetiva veiculada em 11 de setembro de 1921. A segunda, publicada como notícia pormenorizada, estampou a página do periódico em 14 de outubro de 1921. Cabe, portanto, transcrever o *fait divers* de abertura da temática na íntegra, estabelecendo-se as bases para análise:

> O "Messagero", de Roma, dá publicidade a um facto que reputa miraculoso e que, segundo affirma, causara profunda impressão às pessoas que delle foram testemunhas.
>
> Diz o jornal que o sargento Vicente Mança, natural a Sardenha, se achava paralytico desde algum tempo, devido a uma fractura da espinha dorsal.
>
> Succedeu que, uma noite, o sargento Mança estava deitado quando ouviu uma voz que o aconselhava a ir à Basílica de S. Pedro.
>
> Muito impressionado com o aviso, Vicente Mança tomou a resolução de obedecer, e, ahi fez tres invocações.

> Ao fim da terceira invocação – conclui o "Messagero" – o paralytico poude marchar livremente, sem o apoio de pessoa alguma! (CORREIO DO SUL, 11/09/1921, p. 3).

A primeira impressão da narrativa advém do título que, no caso, traz uma percepção milagrosa sobre o fato a ser descrito: "Facto miraculoso". O foco da primeira veiculação, nesse sentido, não está no personagem com deficiência, mas em sua suposta cura celestial, miraculosa, admirável, divina ou mesmo sobrenatural. O sargento, que serviu ao seu país, teria ficado paralítico devido a uma lesão irreversível na espinha dorsal. Uma "tragédia" majorada, aos olhos do público, pelo fato do homem, que protegeu e lutou pelo seu povo, ter sido "punido" com um flagelo injusto e irremediável. Essa noção da deficiência é posta no imaginário popular como carma. Porém, no caso, seria uma condição adquirida em virtude da guerra.

Neste ponto, tem-se a natural aproximação entre os casos, uma vez que ambos retratam contrastes característicos dos *faits divers* aqui analisados. Conforme o raciocínio de Dion (2007), os *fait divers* usualmente revolvem temáticas triviais, porém privilegiam perspectivas peculiares e informações detalhadas capazes de despertar o interesse do homem comum e instigá-lo a diversas sensações e pensamentos. Ademais, de acordo com Barthes (1976), as temáticas postas na narrativa possuem características de universalidade e de atemporalidade. Logo, os contrastes que movimentam os anseios humanos que promovem a coerência e a atratividade deste gênero textual.

No caso, tem-se o militar e o indivíduo sem utilidade; os limites da ciência e as promessas da fé; a debilidade e a virilidade; a coragem e o desânimo; o bem e a esperança, contrastados com o mal e o desespero. Esses atributos constituem, de certa forma, a essência do pensamento sobre a deficiência no seio social – que, embora seja fundado em referências materiais e culturais diversas, pode reverberar conflitos na esfera pública.

No caso posto, a condição do sargento não é evidenciada como algo monstruoso, mas sim representada com certa negatividade – mesmo não sendo o foco da notícia. E, caso assim fosse limitada, não se teria o *fait divers*. A narrativa, porém, introduz a situação à especulação acerca de um milagre, uma expressão "inominável", como preludiado por Barthes (1964). A limitação física do protagonista igualmente traz à baila a questão científica e secular – expressada de forma crescente no século XX – que reorienta a interpretação acerca da perda da funcionalidade social do indivíduo, que passa a ser visto como um passivo social. A exclusão social e as mazelas decorrentes de qualquer fuga ao padrão instituído constituem objeto do estudo de Foucault (2001).

Não obstante o autor trabalhe amplamente o conceito de monstruosidade em relação à noção jurídica e ao funcionamento do sistema de justiça, as deformidades, enfermidades ou defeitos também são apontadas como socialmente relevantes pelo autor. Fundem-se assim elementos ordinários com fatos que tornam o caso excepcional, enquadrando-o como relevante *fait divers*. Nesse sentido, "a enfermidade é, de fato, algo que também abala a ordem natural", pois "[...] tem seu lugar no direito civil e no direito canônico. O enfermo pode não ser conforme à natureza, mas é de certa forma previsto pelo direito [...]" (FOUCAULT, 2001, p. 79-80)**.**

A proporção e a harmonia são atributos admirados pelo coletivo e associados ao belo. Essa condição de perfeição seria um modelo da grandeza do homem, especialmente quando ele foi um herói de guerra – tanto que o jornal conduz a narrativa coadunando com essa permissa no prólogo da notícia:

> Fatigada de soffrer, no inutil conhecimento das causas de seus males, a alma humana, voltando-se para o azul mysterioso do incognoscivel, pede sem esperança e espera sem fé a intervenção de um poder externo que transmude em flores os espinhos do mundo, e quando se verifica um facto em que parece refletir-se a acção da Divina Providencia a interessa-se pelos destinos humanos, agita-se em alvoroço, a espectativa de um milagre redemptor [...] (CORREIO DO SUL, 14/10/1921, p. 2).

O excerto estampa o pêndulo entre a ciência – enfatizando seus limites – e a fé, cujo funcionamento intangível não reconhece barreiras. Na verdade, o caráter do personagem é definido através de suas atitudes: a determinação positiva associada ao direito da cura ou merecimento do milagre; e, a imoralidade negativa associada à faculdade da vileza. Ambas as variantes do comportamento humano independem de sua condição física, pois são relativos à situação subjetiva que, inclusive, é posta pelo jornal como fato "imerso em dúvida" e "verdade indecisa" – em contraste com outras adjetivações, como "milagre" ou "caso miraculoso".

Ao passo que há uma representação da deficiência que a vincula diretamente ao caráter do personagem (o deficiente "larapio"), também são abordadas questões mais profundas e universais do comportamento humano que são contradições que por essência interessam ao leitor. Em outros termos, o discurso promove o mistério, a dúvida, a moralidade, o heroísmo e a monstruosidade. Isso é posto desde a introdução do texto:

> Há pouco tempo, um telegramma expedido da Cidade Eterna, onde, sobre esse throno de sete columnas, pontifica o Príncipe de Christandade, saccudia e commovia todas as terras, espalhando a noticia de um grande

> milagre operado no maior templo do catholicismo, perante uma vasta multidão maravilhada. Dias depois, um ou outro telegramma attribuia a um embuste a grata noticia divulgada pelo primeiro despacho e não tendo vindo mais nenhuma communicação sobre o caso miraculoso, ficámos até hoje, immerso em duvida sobre a natureza da occorrencia annunciada como milagrosa. Os jornaes itallianos, porém, vieram agora esclarecer o milagre narrando-o na complicação de sua verdade indeccisa, que procuramos extractar, consultando os órgãos da imprensa romana [...] (CORREIO DO SUL, 14/10/1921, p. 2).

Com a proposta de uma escrita didática e sequencial, com condução de uma linguagem lírica, o texto longo é organizado em intertítulos, iniciando pela descrição da história de vida do personagem e fechando com a dúvida da existência (ou não) do milagre da cura que fez o sargento andar novamente. Nesse sentido, os intertítulos funcionam como uma cronologia de leitura: "A história de um mutilado da guerra"; "A fé ostentosa do inválido"; "O anúncio da voz misteriosa"; "O milagre"; "Um telefone perturbador"; "O comunicado da autoridade militar"; "As informações de L'Opera Nazionale"; "Um folheto de Manca"; "A ciência explicando o milagre"; "Cavaleiro da Coroa da Itália"; "A atitude do mutilado"; "A polícia interveio"; "Houve ou não houve milagre?". Todos esses intertítulos configuram a narrativa intertextual, vez que os textos dialogam entre si, sendo cada trecho a via de apresentação para novas problemáticas a partir de um enredo já existente, bem como surgem novos personagens e outros espaços-tempo. Deste modo, esses discursos fragmentários formam uma mensagem completa e relacional.

A história do sargento é posta em detalhes. O leitor, portanto, passa a conhecer Vincenzo Manca, homem com 24 anos, italiano, sargento do 81º Regimento de Infantaria que, em junho de 1918, na trincheira em Caposile, "foi atingido por uma granada de 305 milímetros e por ela arremessado à distância de 50 metros, e, retirado debaixo de intenso bombardeiro, todo ensanguentado e cheio de feridas". Após a situação, o ferido foi encaminhado para diversos hospitais, sendo seu diagnóstico descrito pelo jornal a partir das anotações do major médico Laurcatti, diretor do hospital militar n. 1:

> [...] "Sargento Manca Vincenzo de Pietro, do 81º de infantaria, classe 1897, districto de Cagliari, do Magomadas. Ferido em combate em 17 de junho de 1918, às 9 horas da noite, no Piave Camposile. Quando estava de vigia foi lançado ao chão por um projectil calibre 305, que o transportou à distancia de 50 metros, e foi logo recolhido de uma poça d'agua, por dois soldados sardos e um sargento que o transportaram ao hospital de campo 75, onde teve a primeira medicação, e depois ao hospital de Bolonha e Roma.
>
> Actualmente, nota-se que recebeu muitas feridas no thorax e no abdomen, e contusão interna, e muita perda de sangue, com fractura de ambas as pernas, e com fractura muscular nos dois braços. Fractura vertebral primeira e segunda lombar e quarta dorsal, com inclinação da coluna direita; embaraços visceraes e intestinaes; completamente paralytico das pernas. Não está em

> circumnstancia de reger à cabeça. Não pôde de modo algum caminhar sem o ajuste de um apparelho artificial. A doença decorre de causa de serviço" [...] (CORREIO DO SUL, 14/10/1921, p. 2).

A referida descrição é transcrita como fonte de confiabilidade, por ser escrita por um médico que atendeu ao sargento, incluindo marcas discursivas de uma linguagem técnica. Todavia, logo segue o item "A fé ostentosa do inválido" que utiliza já no intertítulo termo pejorativo "inválido" para pontuar o caso:

> [...] Vincenzo Manca, ostentando invariavelmente uma esperança teimosa, surprehendia os seus companheiros e conhecidos, falando-lhes, com ardente convicção, de sua cura proxima. Combatera com abnegação, dizia, cumprira com denodo o seu dever, merecera uma medalha de prata e outra de bronze, e não era justo que jazesse para sempre inutilizado, sem uma compensação ao seu patriotismo e ao seu valor. Haveria de caminhar, como outróra, antes da guerra e não estava longe o dia de readquirir o seu garbo sadio. Alarmado a quantos o ouviam com essas palavras de fé, Vincenzo, no curso de sua peregrinação, chegou à Roma no dia 12 de agosto, em companhia de um soldado, que o confiou aos cuidados da familia do sr. Candido Olivieri, residente à vila Monzatti, avenida Angelico 41, onde recommendou: – O coitado é maluco. É um maluco tranquillo, que a ninguem faz mal. Só fala de sua cura. (CORREIO DO SUL, 14/10/1921, p. 2).

Intencionalmente, há uma indicação de segregação e preconceito no uso de adjetivações como "inválido", "teimoso", "maluco" e que "a ninguém faz mal" – remetendo a uma noção de rejeição, como se o indivíduo perdesse suas condecorações ao deixar de ser "perfeito", pois a sociedade automaticamente passou a caracterizá-lo como improdutivo, louco, inútil, imprestável e, por isso, indigno inclusive de perceber o milagre da cura. Além disso, como no evangelho de Mateus que Jesus cura o paralítico de Cafarnaum exaltando primeiramente sua fé, o soldado estampa sua esperança no divino por todos os locais que passa (BÍBLIA SAGRADA, 1991, Mateus, 9: 2-6). Sua fé, inclusive, é maldita pelos demais, que o consideram um louco por acreditar que seu pedido será atendido.

Ademais, a narrativa traz um discurso saudosista: "haveria de caminhar", "readquirir seu garbo sadio". Diferente do paralítico de Cafarnaum, Manca não nasceu paralítico – para além de uma deficiência congênita, o texto traz a percepção do mutilado de guerra como doente e condenado. E, mesmo diante da revolta e da ausência de aceitação do contexto de sua condição, o soldado possui uma fé incondicional em sua cura e na escuta divina de sua prece. A dimensão dessa crença é explicitada no item seguinte, intitulado "O anúncio da voz misteriosa" – sendo o termo "misteriosa" utilizado com tom depreciativo e cético em relação ao relato:

> [...] Segundo contam, o mutilado, no silencio da noite, passando da esperança ao desespero, começou a chorar, e depois, fitando as trevas, gritou:
>
> – Não! Não posso viver assim. Se eu não tenho cura, faze que eu morra, Senhor.
>
> Ainda espantado do som de suas proprias palavras, Vincenzo ouviu uma voz que lhe dizia na escuridão:
>
> – Coragem! Entre hoje e amanhã, tu não terás mais necessidade de ninguem!
>
> Aterrado, sem saber de onde vinha essa voz Manca accendeu a luz e, agitado, esperou a manhã, a cujo raiar contando o occorrido, ao sr. Olivier, pediu-lhe que o acompanhasse à igreja de S. Pedro. Não pôde attendel-o o seu hospedeiro, em virtude de affazeres urgentes, mas considerou:
>
> – Para que ficasse bom, seria preciso um milagre do céo.
>
> – E o milagre se fará! Respondeu convicto, o mutilado (CORREIO DO SUL, 14/10/1921, p. 2).

Essa sequência narrativa é o ponto chave para compreensão da relação deste *fait divers* com milagres ligados à Igreja Católica. O termo "mutilado" desfigura o personagem da narrativa, como se um pedaço físico de seu corpo fosse capaz de tirar também sua essência, momento em que corpo e alma unem-se na "única" alternativa: a esperança, o divino, a fé, o milagre.

Se as enfermidades e as deficiências estivessem ligadas aos espíritos malignos, como as crenças postulavam, o sargento não poderia, conforme o discurso da narrativa, ser curado por Deus. Como se a sociedade ou seu destino eliminassem o "defeituoso" em prol da sobrevivência do povo – vivem os que ainda podem lutar.

Em detalhes, o periódico relata "O milagre", descrito na íntegra:

> Manca, porém, foi, como desejava, assistir à missa, na basílica de S. Pedro. Levou-o no carro n. 259, o cocheiro Rufino De Micis, residente à rua Graetchi, 13, e que, fazendo parar o vehiculo em frente à igreja, transportou o mutilado ao interior em seus possantes braços, sendo auxiliado, sob a soleira, pelo vendedor de imagens sacras Rubino Di Porto. Os dois o carregaram e ficaram amparando-o ante a imagem da Virgem dolorosa.
>
> Então, conta Manca:
>
> Fiz a primeira invocação em alta voz e, emquanto, voltando-se, fitavam-me os fieis que formavam grupos diversos na Igreja, ouvi a voz mysteriosa, já ouvida na noite anterior, dizer-me com precisão: "A terceira invocação estarás curado". Pedi que me collocassem diante da imagem do santo e fiz a segunda invocação, e, depois de ter sido carregado até perto da tumba que guarda seu corpo, ao fazer a terceira invocação, senti um tremito percorrer-me e bradei, como allucinado:
>
> – Deixai-me. Deixai-me! Estou curado!
>
> – Elle cae se o deixamos, disse o cocheiro.
>
> – Não. Deixai-me. Digo-vos que já não preciso de vós.
>
> Afastaram-se o cocheiro e o vendedor. Manca não caiu. Ficou de pé. Moveu-se, ensaiando indeciso, o primeiro passo, e dando o segundo com segurança. Em seguida, correu, e, depois, ajoelhando-se, agradeceu ao alto favor do céo. Cercando-o, perplexa, a multidão dos fieis, clamava:
>
> – Há pouco era um pobre paralytico. Agora é um homem bom!

> As senhoras, benzendo-se de joelhos, entoaram um salmo. Após, a imprensa romana examinou o attestado do major medico Laureati, constatou a cura miraculosa e divulgou o milagre! (CORREIO DO SUL, 14/10/1921, p. 2).

Percebe-se que a narrativa é constituída a partir de uma sequencialidade de fatos interrelacionados: Manca foi à Basílica de São Pedro; o cocheiro carregou-o nos "possantes braços"; o vendedor de imagens sacras ajudou no transporte, comovido pela situação do infeliz; Manca fez sua suplica diante da imagem da "Virgem dolorosa"; o abençoado ouviu uma voz misteriosa anunciando sua cura; ao sentir a bênção, Manca gritou para o deixarem andar sozinho; o cocheiro e o vendedor relutam, mas se afastam; Manca ficou em pé e logo correu; os fiéis clamaram a cura e a bondade de Manca; senhoras ficaram de joelhos; a imprensa validou o diagnóstico médico anterior e então divulgou o milagre.

Na ótica bíblica, citando somente a perspectiva de exemplificação e não de aprofundamento analítico, há trechos que fazem referência às pessoas com deficiência. Conforme pontua Silva (1986), "dentre os muitos documentos antigos que nos falam sobre deficiências ou sobre pessoas deficientes, os mais explícitos são os Evangelhos". Para o autor, um exemplo é o povo hebreu que "estava acostumado não apenas à existência das doenças e das deficiências que levavam o homem a uma vida de quase certa indigência ou total dependência, mas também à busca de soluções naturais e sobrenaturais, quando possível, para sua eliminação" (ibidem).

As perspectivas de deficiência apresentadas pelo autor, inclusive, podem ser consideradas estigmas sociais hodiernos. Isso porque, embora a tradição do cristianismo traga com força expressiva a associação perdão-cura e promova o respeito entre semelhantes e a caridade; por outro lado, a deficiência ainda é atrelada à noção de "castigo de Deus" e relacionada com os espíritos malignos ou com a condenação à morte deste indivíduo. Essa percepção social inclusive aparece na passagem bíblica em que Jesus curou um cego de nascença com lodo feito a partir de sua saliva, mas os judeus questionaram a cura somente porque "Deus não ouve a pecadores, mas atende a quem lhe presta culto e faz a sua vontade" (BÍBLIA SAGRADA, 1991, João, 9: 30). Em outros termos, é possível a interpretação de que o deficiente visual não seria digno do milagre.

É válido ressaltar que, primeiramente, é feita uma associação entre o perdão e a misericórdia divina. Porém, conforme postula Silva (p. 56), não é possível desconsiderar o questionamento dos discípulos a Jesus sobre a condição que teria ocasionado a cegueira

de nascença do homem: “Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?” (BÍBLIA SAGRADA, 1991, João, 9: 2). Relacionam-se, assim, a deficiência e os espíritos malignos e pecadores.

No evangelho de Mateus, Jesus cura um paralítico de fé “estendido numa padiola”. É neste episódio que Jesus diz “Levanta-te e anda!” (BÍBLIA SAGRADA, 1991, Mateus, 9: 2-6). Neste ponto, uma possibilidade de apreciação da passagem é referente ao nexo causal entre pecado e deficiência, mesmo Jesus tendo dito que viu a fé do homem e no referido trecho não haver menção a isso. Entretanto, independente da via interpretativa, há de se considerar que frase análoga foi dita para Manca pela “voz misteriosa” descrita no *fait divers*: “não terás mais necessidade de mais ninguém”. Depois, na Basílica, a voz reforçou a relação fé e cura, assim como o caso do paralítico de Cafarnaum: “A terceira invocação estarás curado”.

Mesmo, como dito, a passagem relatada não evidenciando explicitamente a relação entre pecado e alguma enfermidade ou deficiência, outras menções ao longo do texto bíblico fazem jus a tal correlação. Conforme Silva (1986, p. 56), pode-se exemplificar tanto com o texto o evangelista João sobre o cego de nascença, quanto do evangelho de Lucas sobre um pai que pede a Jesus que cure seu único filho: “um espírito se apodera dele e subitamente dá gritos, lança-o por terra, agita-o com violência, fâ-lo espumar e só o larga, depois de o deixar todo ofegante” (BÍBLIA SAGRADA, Lucas, 9: 38-39). O texto bíblico identifica que o enfermo sofre de epilepsia.

Nesse sentido, como resgata teoricamente Silva (1986), o castigo divino, a presença de espíritos malignos ou mesmo forças demoníacas são explicações bíblicas para muitas doenças ou deficiências que assolavam a sociedade – sendo que a moral cristã mediaria esta necessidade de inserção desse indivíduo, mesmo consciente de um contexto estigmatizado e preconceituoso. Nesse cenário, mesmo quando Jesus concede a graça do perdão e da cura, os homens tendem a opor seu julgamento. A cura de Manca, no caso, provinha desse “conteúdo da doutrina cristã” direcionado à caridade e ao próximo, ao perdão e à “valorização e compreensão do significado da pobreza”, da simplicidade e humildade – sendo a fé a única possibilidade de salvação desses sujeitos com deficiência do “mal”.

Entretanto, há uma ruptura na narrativa. O jornal apresenta no texto dois fatos que contrariam a linearidade do discurso. O “telefonema perturbador” é o intertítulo que contesta a legitimidade do suposto sargento Manca, sendo o outro, “O comunicado da autoridade militar”, responsável por confirmar a versão do Exército.

> [...] **Um telephonema perturbador**
>
> Lendo, em Milão, os jornais de Roma, e encontrando a noticia do milagre, um correspondente sceptico, emboccando um telephone, communicou a Cidade Eterna:
>
> – Esse Vincenzo Manca, miraculosamente curado na basilica de S. Pedro, não goza, em Milão, de boa reputação em materia de milagres. As auctoridades militares, desmentindo queixas de Manca, há pouco mandaram um communicado à imprensa, dizendo não ser elle sargento nem portador de medalhas e andar illaqueando a piedade publica. Aqui, estava elle no Instituto di Gorla, e, apezar de não poder sair sozinho por ser paralytico, desappareceu deixando o soldado que o acompanhava. Teria ficado bom da paralysia antes do milagre da basilica?
>
> **O communicado da auctoridade militar**
>
> O communicado da auctoridade militar de Milão foi, sem demora, telegraphicamente transmitido à imprensa de Roma. Dizia, no que concerne à identidade de Manca e aos seus antecedentes, que elle, apresentando-se ao instituto de reeducação dos mutilados, de Gorla, conseguiu illudir a boa fé do alto commando, corpo do exercito de Milão, tendo sido, depois, verificado, em inquerito secreto, que Manca nunca foi sargento, nem ganhou medalhas e que explorando a piedade, arranjava dinheiro [...] (CORREIO DO SUL, 14/10/1921, p. 2).

Além dessas evidências, há outras acusações apresentadas em dois pequenos blocos sequenciais, intitulados: "As informações de L'Opera Nazionale" e "Um folheto de Manca". Os excertos registram que:

> [...] **As informações de L'Opera Nazionale**
>
> No dia 12 de agosto, quando Manca chegava em Roma, a séde Central de L'Opera Nazionale protectora dos mutilados, era convidada a precaver-se contra o jovem sardo, em telegramma expresso passado de Bolonha pelo coronel Giovanni Baciali. Segundo essa Instituição, Vicenzo Manca era insaciavel, tinha, desde 9 de fevereiro de 1920, a pensão de primeiro gráu, de 400 liras mensaes; obtivera um subsidio extraordinario para despesas de carro, conseguia auctorização para viajar em primeira classe, em trem directissimo, e levando outra pessoa em sua companhia; reclamava um automovel e, tendo pretensões de vida elegante, nas cidades por onde passava, nas suas constantes viagens, hospedava-se nos hoteis mais sumptuosos.
>
> **Um folheto de Manca**
>
> Manca é auctor. Autor de um folheto publicado em Milão e agora posto em evidencia, por causa do milagre de S. Pedro. A obra de Manca é dedicada "aos meus companheiros de desventura que imolaram os seus membros para affrontar uma grande guerra de conquista". O título da primeira página define o livro: "Depoimento do grande invalido da guerra, sargento Manca Vincenzo di Pietro Luigi e de Unali Francesca, Magomados (Cagliari), condecorado com duas medalhas de prata e uma de bronze". Esse depoimento é uma insultuosa accusação à "Associazione dei combaitenti" e à "Opera Nazionale" (CORREIO DO SUL, 14/10/1921, p. 2).

Com isso, reverte-se diametralmente o perfil do protagonista da história. Aventa-se a hipótese de que Manca incorpora um personagem por ele projetado e, ardilosamente, vale-se da compaixão e dos valores dos cidadãos italianos diante de sua trágica vivência.

Com o desdobramento, inserem-se na controvérsia instituições militares representativas daqueles que restaram inválidos após a guerra. Algo análogo à metalinguagem, como se o leitor pudesse participar da produção da narrativa de Manca e de seu desvelamento pelo *fait divers*.

O intertítulo seguinte, "A sciencia explicando o milagre", na mesma toada, acrescentam perspectivas científicas e introduzem a medicina à controvérsia – opondo-a contra a fé:

> [...] Enquanto os jornaes de Roma viajavam para Milão e de Milão viajavam para Roma as informações contrarias a Manca, os jornalistas romanos consultavam os mais eminentes medicos da Cidade Eterna, e, pela boca de homens como os professores Sante De Sanchis e Mingazzini, a sciencia, querendo roubar a gloria de S. Pedro, não confirmava mas explicava um caso que já era negado: a cura de Manca! (CORREIO DO SUL, 14/10/1921, p. 2).

Dessa forma, instaurou-se a controvérsia acerca da possibilidade de cura do enfermo. Diante do milagre, afloraram explicações científicas previamente negadas. Neste ponto, o periódico apenas introduziu um número maior de envolvidos na temática, sem, contudo, posicionar-se no conflito. Interessante observar que reiteradamente, desde o início da notícia, o jornal muniu-se de citar os nomes e identificar detalhadamente as fontes, formando, pela amplitude da narrativa, uma espécie de arquibancada de testemunhas. No caso, a adição desses personagens serviu tanto à ficção quanto à realidade, pois de um lado promove o enredo, do outro endossa o discurso reproduzido pelo jornalismo. A escuta de fontes, inclusive, é uma das estratégias de confiabilidade adotada pela imprensa (NASCIMENTO, 2009).

Ademais, o trecho "a ciência, querendo roubar a glória de S. Pedro", institui uma característica daquela sociedade, que configurava a ciência como avessa à religião. A ciência, utilizada como fonte oficial, divulgou o atestado de paralisia permanente, tendo Manca passado por diversos hospitais e médicos. A percepção posta, portanto, é que a ciência, depois de ter desenganado o homem paralítico, queria explicar com termos científicos sua cura, mas não confirmar seu milagre – um insulto ao catolicismo descrito de forma irônica pelo periódico.

Após, outros intertítulos remontam à vida castrense de Manca, contribuindo com seu perfil, encobrindo a credibilidade do milagre – reduzido à alegação de Manca.

> [...] **Cavalleiro da Corôa da Italia**
>
> Depois de ter estado em Bergamo, como simples soldado, em 1917, e como cabo, em 1918, Manca ali appareceu em 1919, com as insignias de

> sargento, e numerosas condecorações, entre as quais uma medalha de ouro e a cruz de cavalleiro da corôa da Italia; conquistou as sympathias das principaes familias; conseguiu valiosos soccorros, e um dia foi preso pelas auctoridades militares que o accusavam de nunca ter passado de soldado e de não possuir condecorações.
>
> **A attitude do mutilado**
>
> Em meio ao ruidoso exito, ou desastre, alcançado pela milagrosa cura, Manca, defendendo-se com vigor e não sem notavel habilidade, das accusações que lhe fazem, assegura que mereceu um favor divino, é que deve a sua cura a um milagre.
>
> **A polícia interveio**
>
> Quando Manca, impavido, affrontava as iras que o perseguiam depois da grande cena da basilica, e o escandalo assumia proporções temerosas, a policia metteu-se no caso do milagre, e, depois de torturar o mutilado com longos e dispensaveis interrogatorios, despachou-o, à força, como uma carga perigosa, para a sua terra, na Sardenha (CORREIO DO SUL, 14/10/1921, p. 2).

Com a intervenção dos novos personagens – as autoridades militares e policiais – cessam as narrativas referentes ao milagre ocorrido na Basílica de São Pedro. Manca foi removido do contexto social e, consequentemente, da discussão promovida pelo jornal. Acusado de ter sido preso por forjar insígnias e condecorações, ele não passaria de um soldado, sendo inclusive torturado pela polícia e tratado com desdenho, como se sua falta de moralidade fosse contagiosa: "a polícia [...] despacho-o, como uma carga perigosa, para sua terra, na Sardenha". Ademais, o próprio periódico reitera a persistência de Manca em reafirmar seu milagre, discurso que o jornal nomeia de "ruidoso êxito" ou "desastre", principalmente pelas alegações contundentes e contrárias à versão defendida por Manca.

O fechamento do discurso é uma tentativa de sobressair a linguagem referencial própria do jornalismo, principalmente pela técnica da área de expor sempre dois lados: os que acreditam no milagre e os que o acusam de fraude. Todavia, o que ocorre, é a evidência da linguagem poética como estratégia discursiva, que é capaz de expressar as contradições deste espaço-tempo, relacionando-os com os elementos próprios da narrativa. As marcas dessa linguagem preponderante estão no diálogo com o leitor; naquilo que é dito e no que não é contestado; no (não) acontecimento; nas figuras de linguagem; nas escolhas linguístico-discursivas; nos movimentos e ações (o telefonema recebido ou o sair pelos pés, andando); nas frases interrogativas e exclamativas; no lirismo ou mesmo nas referências extratextuais. Estes e outros elementos são possíveis de serem verificados no trecho abaixo, de título "Houve ou não houve milagre?":

> [...] Os jornaes romanos, desde que receberam o telephonema preventivo do correspondente milanez, mudaram de attitude ante o mutilado, consideram Manca um embusteiro, e classificaram o milagre de truc, mas não se lembraram de reconstituir, de glorificar, esse truc, que não ficou provado. O

> que a imprensa romana apurou, quanto a Manca, o que as auctoridades militares dizem, o que a "Associazione dei Combattenti" não contesta nem a "Opera Nazionali" nega, é que Vincenzo Manca é realmente um mutilado da guerra, que em todos os hospitaes e institutos por onde passou foi julgado paralytico, e sempre andou acompanhado por um soldado, que o carregava, e que entrou na basilica de S. Pedro nos braços dos outros como paralytico, e saiu pelos seus pés, andando. Se os medicos que o trataram desde o seu primeiro curativo, no hospital de sangue, no Piave, não se enganaram e Manca era paralytico incuravel, quando e como se curou elle? Examinados, de longe, serenamente, os factos, chega-se à conclusão de que o milagre talvez não se desse, mas não póde ser contestado; o truc talvez se désse mas não ficou provado, sendo que o milagre tem mais apparencias de verdade do que o truc.
>
> Manca, na opinião do dr. Laureati, não estava em circumstancias de reger a cabeça; segundo o alto commando do corpo do exercito de Milão é um retardatario physico e para os jornaes de Roma, é um cerebro rude, um typo inculto. É, pois, um pobre espirito, e Christo abençoou os pobres de espírito! (CORREIO DO SUL, 14/10/1921, p. 2).

O texto de finalização da notícia, supracitado, caracteriza Manca com a mesma dúvida que o teor do discurso deixa sobre sua índole: "embusteiro"; "mutilado de guerra"; "paralítico incurável"; "cérebro rude"; "tipo inculto"; "retardatário físico"; "pobre de espírito". Já o milagre é tido como potencial "truc", porém sem provas, restando a dúvida de "quando e como" Manca foi curado. A conclusão do texto voltou-se para a religiosidade, sendo explicada na alegação final: "É [Manca], pois, um pobre de espirito, e Christo abençoou os pobres de espírito!".

Afinal, como afirma Charaudeau (2019, p. 90), mesmo implicitamente, percebida qualquer obscuridade no discurso, surge a tendência de desvendar a "intenção oculta": "Desvendar o oculto é tentar fazer crer que o que foi dito anteriormente mascara o que é pensado e que, o que é dito agora, corresponde a uma intenção verdadeira ou a um saber oculto". Em outros termos, o oculto instiga o interesse do leitor no consumo do produto notícia.

Além da dimensão histórico-religiosa, a relação entre deficiência e sociedade é representada no discurso deste *fait divers*. Assim como o texto escrito em formato de notícia, a expressão artística visual reproduz esta mesma lógica. Sobre o tema, "um dos pintores mais célebres da Renascença, Rafaello (1483 a 1520), desenhou uma interessante gravura que [...] mostra um homem paralítico na porta de um templo, perto de São Pedro e de São João em seu trabalho de assistência a enfermos" (SILVA, 1986, p. 160). Nesse sentido, é válido observar que essas referências também constituem o imaginário popular e contribuem para interpretação do texto à época. Ou seja, só o espaço Basílica de São Pedro já desvela um histórico de milagres, de crenças católicas, de curas inexplicáveis ou explicáveis apenas pela fé.

Conclui-se, assim, que o objetivo do periódico era explorar ao máximo a narrativa, com a finalidade de hipnotizar o leitor e engajá-lo na temática para além da última linha do texto. Isso porque, a despeito da tortuosa controvérsia, apresentada em extensa construção textual, o periódico conclui a exposição com uma indagação – que remanesce sem resposta contundente, a ser dada pelas convicções íntimas dos leitores.

O elaborado caso do paralítico Vicenzo Manca, envolto em crenças religiosas e espirituais, abre a discussão para o último caso pormenorizado nesta análise de "ocultismo": o "Professor Mozart". Diz-se assim, pois recolheu-se sete notícias sobre o tema, algumas ocupando praticamente a integralidade de uma das avantajadas páginas do jornal impresso, que possui 54cm de altura x 42cm de largura – mais de dois metros de texto corrido. O primeiro *fait divers* sobre o caso foi publicado em 14 de outubro de 1924, sendo o último em 28 de dezembro de 1924[154]. Todas as notícias veiculadas tratam de comunicações sobre as curas "fantásticas" do espírita Mozart Dias Teixeira, popularmente conhecimento como professor Mozart.

O espiritismo é descrito por Priore (2014) como descobrimento, em pleno século XIX, de um mundo maior que as Américas: o Mundo dos Espíritos. Allan Kardec (2021 [1859]) compila diálogos e ensinamentos basilares acerca do espiritismo, doutrina da qual é notório representante. Mesmo em obra propedêutica acerca do Mundo dos Espíritos, o autor inaugura a discussão com a transcrição de diálogos que manteve com um conspícuo crítico da sua fé que, paradoxalmente, manifesta interesse em presenciar – e validar – os seus preceitos. O diálogo evidencia que Kardec não buscava o proselitismo, muito menos a indulgir críticos que estavam fechados aos ensinamentos da doutrina.

Segundo Priore (2014, loc. 44), Kardec "foi um pedagogo de grande integridade intelectual. Nem um monstro de erudição, como querem seus admiradores, nem um ser primário, como acusam seus detratores". Contrariando o senso comum, a autora pontua que Kardec, igualmente, não se deixava levar por fantasias, mas fundava suas crenças em princípios doutrinários e elaborados estudos, advogando inclusive que "o espiritismo seria o elo entre todas as crenças".

As crenças são, inclusive, termos chave para compreender o motivo do espiritismo ocupar papel de destaque nas páginas do Correio do Sul. A explicação de Charaudeau (2019, p. 93) sobre o que nomeia de polos de "credibilidade" e de "captação" em que figuram as mídias explica a tendência para a exploração de tudo quanto é subjetivo: caso

[154] Ressalta-se, entretanto, que a coleta documental compreendeu o período de 1914 a 1924, podendo haver mais citações sobre o célebre Professor Mozart nos anos que não foram contemplados nesta pesquisa.

prepondere o polo de credibilidade, "menos tocam o grande público", caso prevaleça o de captação, "cujas exigências são as da imaginação dramatizante, menos credíveis serão". Todavia, as mídias circulam por essas tensões de forma consciente.

No mesmo raciocínio, pode-se pontuar que a temática do espiritismo, de modo especial, contribui para a veiculação e o engajamento dos leitores. Trata-se de uma temática relevante moral e socialmente (religiosidade, justiça divina e social etc.). Com isso, geram-se embates vendáveis, contundentes e interessantes, uma vez que são constantemente contrapostos expoentes encarregados de representar a ciência e a religião, partidários contrários e favoráveis etc.

Especialmente sobre o caso em questão, em pesquisa intitulada "O curandeiro charlatão e o messias de Campos: o caso do Professor Mozart, 1924-1939", Rosa (2022) realiza um mapeamento dessa personagem, demonstrando seu amplo aspecto de retratação em obras científicas, artísticas e literárias. Da mesma forma, o autor demonstra que o professor Mozart, a um só tempo, é apresentado como herói e anti-herói. O fiel da balança entre tais categorias se orienta pela existência ou não da crença sobre o seu manejo do espiritismo. Nos termos desta análise, por exemplo, caso o leitor acredite em tal doutrina, estará propenso a aceitar os múltiplos testemunhos e relatos de milagres por ele intermediados. Em contraponto, o leitor cético também encontra argumentos e aberturas nas páginas do periódico para crer que se trata de um falsário.

Essa relação entre as crenças e religiões no Brasil, especialmente sob a ótica do espiritismo, é didaticamente exposta pela historiadora brasileira Mary del Priore, em sua obra *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*. Conforme Priore (2014), o século XIX é marcado pela difusão da corrente do espiritismo no país, o que resultou em uma resposta "severa" por parte da Igreja Católica, que o via como uma extensão de "necromancia". Essa prática, como marca dessa proposição no imaginário popular, é condenada no século seguinte nas páginas do Correio do Sul, a exemplo da notícia "As vítimas da cartomancia"[155], que contou a história das irmãs Kruger que, ao acharem que estavam enfeitiçadas, foram vítimas do que o periódico chama de "charlatanismo".

Porém, o caso do professor Mozart figura no imaginário popular de maneira mais contundente. Os sete *faits divers* publicados em 1924, que o utilizam como protagonista, apresentam uma figura emblemática para o país que, para além de suas curas, contribui para a compreensão dos interesses de consumo daquela sociedade – o que Debord (2005)

[155] Correio do Sul, 03 abr. 1924, p. 2.

intitula de sociedade do espetáculo, sendo esses espetáculos, conforme Morin (1997), a mola propulsora para promoção dos conteúdos imaginários da cultura de massa.

Encontram-se, dessa forma, eixos de interesse da população: objetos de consumo que atraem a atenção dos cidadãos leitores e crenças arraigadas profundamente no imaginário popular. Considerando-se a difusão do tema no período avaliado, com o aparente embate por espaço travado entre as ciências positivas e a ampla gama de crenças espirituais, chega-se à noção de que "Passados séculos, muitos desses objetos de fé e convicção continuam aí, jovens, oxigenados, vivos. O que se convencionou chamar de sobrenatural, maravilhoso ou fantástico revela, na realidade, atos de fé" (PRIORE, 2014, loc. 8). A fé, portanto, pode suprir a insatisfação do homem, porque sempre há em Deus uma resposta. A fé promove um todo lógico, pois "[...] reforça cada indivíduo em si mesmo, e une eficazmente os indivíduos entre si" (HUSTON, 2010, p. 79).

Dessa forma, as temáticas que tratam acerca da fé e de todos os seus possíveis desdobramentos têm grande repercussão e despertam ávido interesse do público. Conforme o exposto, estão envoltos na ação de crer. Nesse jaez, o tratamento do espiritismo pelo periódico em análise evoca a noção de que "No coração do mistério e do silêncio, no seio do diálogo entre o espiritual e o material, tradições específicas fazem florescer mortos e monstros, tornando-os verossímeis" (PRIORE, 2014, loc. 8). Neste exato sentido, conforme leciona Huston (2010, p. 78), "no mundo ocidental a partir do século XVIII, desenvolveu-se toda uma cultura paralela que trata do mal e da desgraça: a arte moderna, do romance até os jogos violentos de videogame, passando pelos filmes sangrentos, pela ficção científica, pela pornografia".

Nesse sentido, delineia-se professor Mozart, uma personagem essencialmente dual. Assim como ocorre em certas narrativas literárias, expectativas não realizadas podem frustrar o leitor na medida em que as ações de Mozart se permeiam por atitudes anti-heroicas, na hipótese de charlatanismo especialmente aventada pela ciência e pela Igreja Católica, resultando em decepção. Quando esse estilo anti-heroico, amoral e desumano, é acompanhado pelo esvaziamento do perfil primevo do herói tradicional, endeusado pelos milagres e curas, observa-se o surgimento de uma ambiguidade que revoluciona a figura do professor Mozart enquanto herói tradicional, gerando, na contradição, uma dimensão ainda mais heroica. A dualidade da dúvida, portanto, apresenta uma verossimilhança capaz de tornar a narrativa ainda mais atraente, uma vez que é capaz de ser, em tese, confirmada pela fé.

Logo, Mozart, com suas facetas e personalidades – que ficam a cargo do leitor definir – é "atacado" pelas instituições e seu contra-ataque são os milagres e curas despretensiosas atestadas por diversas testemunhas de prestígio para a sociedade. A primeira notícia[156], por exemplo, relata a cura do "velho aleijado" de duas pernas, Manoel Carneiro, que andava com muita dificuldade apoiado em muletas. O texto ainda narra a enfermidade de José Reis Rodrigues, paralítico do braço e da perna esquerda, que foi curado também por interseção do professor Mozart.

É importante destacar que esta notícia inicial alardeia que a "fé salvadora" providenciou a cura de uma enfermidade irreversível – em alusão ao texto bíblico escrito pelo evangelista Mateus do paralítico que foi curado por ser um homem de fé (BÍBLIA SAGRADA, 1991, Mateus, 9: 2-6). Descrição idêntica vê-se na narrativa da cura de Manoel Carneiro por intercessão de Mozart:

> [...] Qual não foi a surpreza de todos quando a porta se abriu e por ella entrou não o aleijado que se esperava, mas sim um homem valido, pisando firme, segurando nas mãos com um sorriso febril de contentamento a bailar-lhe nos labios desbotados [...].
>
> O milagre tinha-se operado! E o professor Mozart pegando o pobre velho pelas mãos disse-lhe:
>
> "Muito vale a fé em Deus, meu irmão. Vieste até aqui possuido de uma fé tão absoluta, tão pura, que Deus te ouviu e te curou, antes mesmo de transpores esta porta. Levanta novamente os olhos até o céo e agradeça-lhe reconhecidamente, com a mesma fé que te transportou até aqui, o bem que elle te fez ouvindo as tuas supplicas. É da escriptura que a fé do tamanho de um grão de mostarda atravessa montanhas. Quem tiver fé – concluiu o professor Mozart – será feliz e obterá tudo quanto pedir a Deus e fôr razoavel."
>
> Depois de ouvir as palavras evangelicas do professor Mozart, aquelle homem que vivia, segundo disse, entrevado há anos em cima de uma cama sem poder trabalhar, voltava para casa completamente curado [...] (CORREIO DO SUL, 14/10/1924, p. 2).

Do trecho transcrito, destaca-se a linguagem lírica que traz um tom romântico ao momento narrado, por exemplo: "sorriso febril"; "contentamento a bailar-lhe nos labios desbotados"; "fé que te transportou" e "grão de mostarda que atravessa montanhas". Tem-se uma construção discursiva que, através de sua simplicidade, subjetividade, melodia, tom confessional, eloquência e ambiguidades, aproxima-se do leitor ao revelar seus próprios anseios de entender o episódio narrado ou mesmo de presenciá-lo e de atingi-lo.

O caso do negociante José Reis Rodrigues, na mesma sorte, está envolto em idêntica crença e religiosidade. Conforme relata o periódico, José, após ter celebrado piamente o Natal na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, acordou acometido de congestão

[156] Correio do Sul, 14 de outubro de 1924, p. 2.

que, posteriormente, deixou-lhe a sequela da paralisia do braço e da perna esquerdos. A personagem, pessoa de posses, exauriu os meios religiosos, materiais e científicos ao seu alcance para sua cura – sem sucesso. Porém, decidiu ir ao encontro do professor Mozart, no Palace Hotel, no Rio de Janeiro, uma vez que sabia que lá ele operava milagres. Homem de fé, José teve sua graça atingida, porém foi posteriormente repreendido pelo padre:

> Deixando o hotel agradeci a Deus o milagre da cura, pois desci as escadas sem me apoiar nos corrimões e caminhei para casa sem mais a paralysia, assim permanecendo até agora conforme o senhor tem occasião de testemunhar.
>
> Tendo ficado livre da moléstia, na segunda-feira fui à cathedral de São Salvador e me confessei com o padre Carmello.
>
> No dia seguinte, ou melhor, ante-hontem, voltei novamente àquella casa do Senhor, para tomar communhão, pois sou vicentino de São Francisco de Assis, do Azilo de Nossa Senhora do Carmo, e qual não foi a minha surpresa quando foi negado pelo mesmo padre Carmello, que me disse proceder dessa fórma devido ao facto de ter ido eu pedir caridade da cura ao professor Mozart!...
>
> Estupefacto diante do que acabava de ouvir, retruquei dizendo-lhe que a minha cura tinha sido operada em nome de Deus, o que me punha perfeitamente tranquillo.
>
> Devo dizer-lhe que me retirei com profunda magua da cathedral, mas com o firme proposito de ali não mais voltar.

O conflito manifestado pelo sacerdote católico a José detém especial relevância na narrativa. Isso porque José teria sido castigado pela doença logo após deixar a Casa de Deus, sendo curado apenas por intercessão do espírita, igualmente responsável pela reprimenda do padre a José, negando-lhe a comunhão católica e o afastando da igreja. A isso alinha-se o pensamento de Priore (2014), que afirma que no Brasil, da Monarquia para a República, desde o fim do século XIX, tornava especialmente ameaçadora a expansão do espiritismo – como expressão do "novo" – em relação aos dogmas da Igreja Católica. Em adição, o espiritismo era percebido por segmentos da sociedade tradicional como uma construção esotérica, avessa à pureza do conhecimento científico e dos preceitos institucionais arraigados no país.

Retornando à análise da notícia, cabe ressaltar que até mesmo o nome da personagem contribui para o enredo: José, marido da Virgem Maria que, por sua fé inabalável, alcança a graça. Ademais, o caráter excepcional do fenômeno é reforçado pela afirmação de que a cura miraculosa foi presencialmente testemunhada pelo diretor do periódico *O Estado*, do Rio de Janeiro. Com isso, a exposição congloba as características trabalhadas dos *faits divers*, especialmente no que se refere à singularidade das formas literárias e jornalísticas imbricadas em um só discurso.

Na publicação seguinte[157], o advogado Carlos Fonseca, descrito como "acatado e distincto [...] intelligente cultor do direito", concede depoimento sobre as curas presenciadas por ele. No início da notícia, é transcrito a seguinte citação do advogado: "Costumo sempre a não negar o que vejo e, por isso me sinto perfeitamente à vontade para dizer que, embora a principio tivesse recebido o professor Mozart com as devidas reservas, não posso deixar de affirmar os factos surprehendentes por mim assistidos [...]".

O valioso testemunho do causídico narrou os fatos ocorridos com a moça Maria Ottilia, de 22 anos, que tinha uma perna mais curta que a outra e, após intercessão do professor, saiu andando sã e sem auxílio no salão – mesmo estando o local "encerado", além de descer e subir escadas sozinha. O advogado assegura ao jornalista a sua postura oficiosa em relação a narrativas extraordinárias. Não obstante, relata que havia mais de vinte pessoas vendo o milagre e, por cargo de sua profissão, indagou estes e outros para atestar a verdade do fato. Conforme a descrição do advogado, Mozart era humilde, não aceitando os méritos pelos milagres, nem mesmo pagamentos – razões pelas quais alcançou sua estima. Conforme o professor, o espírito do médico Chapot-Prevost (1864-1907) foi o autor da cura de Maria Ottilia.

Alguns tópicos são caros a esta análise: qualificação das testemunhas, bem como identificação pormenorizada (nome, profissão, endereço, estima social) destas e das "vítimas" curadas pelo professor Mozart. Construiu-se, dessa forma, uma narrativa robusta e notoriamente verossímil acerca das intercessões miraculosas do professor. Nesta linha, igualmente, as pessoas agraciadas são tratadas de um lado como vítimas, uma vez que foram descritas como vulneradas e impotentes antes de perceberem o auxílio despretensioso de Mozart; de outro, como abençoadas com a cura inesperada tida como inatingível pela sociedade e pela ciência.

Enfatizou-se o procedimento de cura operado pelo professor Mozart que "ordenou à senhorita que se levantasse e caminhasse", retirando-lhe a sua muleta para que o fizesse sem qualquer auxílio – reiterando a referência ao texto bíblico. Ao cabo, o professor elucidou a todos os presentes de que ele agia como mero instrumento de espíritos elevados e caridosos. Neste sentido, aponta Kardec (2021 [1859]) ao afirmar que as intervenções oriundas do mundo dos espíritos são responsivas à diversos fatores: fé, crença e interesse das pessoas auxiliadas ou perturbadas por eles, índole do espírito e até mesmo a sua profissão. Assim, seguindo os preceitos de notório precursor do espiritismo,

[157] Correio do Sul, 29 de outubro de 1924, p. 2.

professor Mozart assegura que tais episódios não se confundem com meras apresentações, mas decorrem de uma cadeia de fatores, de modo que não lhe compete controlá-los.

> Logo a começo o professor Mozart inspirou-me sympathia pelos seguintes factos: – primeiro, por declarar sempre que nada valia, pois era apenas o instrumento de que espiritos superiores se serviam para praticarem a caridade; segundo, por que tratava com a mesma affeição e com o mesmo carinho, indifferentemente, ao mais engravatado dos homens como aquelles que mais modestamente se apresentassem; terceiro, emfim, porque nada recebia em pagamento ou em troca das curas que fazia, recusando até os offerecimentos que constantemente lhe eram feitos (CORREIO DO SUL, 29/10/1924, p. 2).

Reputa-se que a temática mereça destaque por fatores convergentes. Inicialmente, Charaudeau (2019) destaca que o contrato de comunicação midiática depende da difusão de informações (fazer saber) e de sentimentos (fazer sentir). O primeiro objetivo satisfaz um compromisso democrático de viabilizar o conhecimento e orientar as decisões do cidadão leitor. O segundo serve a uma finalidade mais concreta: a formação de um produto comercial que cative as massas e viabilize economicamente os produtos midiáticos – o que, por vezes, suplanta o primeiro objetivo.

Como trabalhado, ao lado da visada informacional, tem-se o caráter vital de engajamento e de interesse do seu público, que quase condiciona a eficácia do dever de informar. Por isso, Charaudeau (2019, p. 92) justifica a necessidade da instância midiática em "procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida. O efeito produzido por essa visada encontra-se no extremo oposto ao efeito de racionalidade que deveria direcionar". Tal visada promove, voltando-se ao caso narrado, a subjetividade do leitor, que busca "torcer" pelo herói (o médium) ou pelo anti-herói (o charlatão), de modo que a preocupação com a objetividade dos fatos fique relegada a um segundo plano.

Em uma terceira veiculação[158], o jornal divulga o surgimento de novo expoente espírita, o professor Maximo Niemeyer, a quem compara ao professor Mozart. Desde o surgimento do Correio do Sul, em 1914, este momento é o primeiro que começam a aparecer personalidades que são divulgadas como responsáveis pela intercessão da cura de milhares de enfermos. Não por acaso que logo é publicado o *fait divers* com o título "Victoria de uma nova sciencia"[159], que congloba os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais como principais locais de atuação dos milagres do professor Mozart.

[158] Correio do Sul, 11 de novembro de 1914, p. 3.
[159] Correio do Sul, 14 de dezembro de 1924, p. 2.

Nessa narrativa, há três relatos detalhados sobre as curas "milagrosas". O senhor Guilherme Otto Ernest, de 39 anos, sofrendo há oito anos de epilepsia, ficou totalmente curado com o tratamento de "catalepsia total" feito por intermédio do professor. Pontua-se que a epilepsia é um mal curado por Jesus Cristo, conforme o já referido evangelho escrito por Lucas (BÍBLIA SAGRADA, Lucas, 9: 38-39). Já Isaura de Oliveira foi curada de "cancro" e Antonio Alves de Porto, paralítico, voltou a andar sem amparo após tratamento "em astral" (a distância) pelo professor Mozart.

O subtítulo da referida notícia, "As curas feitas, em Recreio, pelo professor Mozart affirmam cathegoricamente a verdade espirita. Voltamos ao tempo dos milagres?", aparentemente contrapõe o caráter cético e equidistante do jornal apresentado nas demais notícias. Pontua-se, não obstante, acentuado grau de dramatização, quase que sinalizando unânime aprovação e crença no texto narrado através de marcas discursivas afirmativas como "curas", "categoricamente", "verdade", "tempo dos milagres". Na mesma toada se apresenta o conteúdo da notícia, que afirma que a população continua "interessadíssima" pelas curas operadas.

A notícia, ao final, atesta as testemunhas que chancelam a prática dos atos miraculosos:

> Os srs. Fausto Moniz, residente à Avenida Rio Branco n. 108, no Rio; Isaac Solontre e Otto Ernest, residentes em Campinas, tambem tratados pelo professor Mozart, são testemunhas, além do sr. Dionysio Suarez, photographo muito conhecido no Rio (CORREIO DO SUL, 29/10/1924, p. 2).

Quanto ao desafio da credibilidade na instância midiática, Charaudeau (2019, p. 87) afirma que os *media* produzem duas estratégias linguísticas: "a descrição-narração, para reportar os fatos do mundo; e a explicação, para esclarecer o destinatário da informação sobre as causas e as consequências do surgimento desses fatos". Com isso em mente, há a necessidade de "autenticar" os fatos para se transmitir um discurso verossímil, o que é amparado, no jornalismo impresso, pelas sucessivas provas, testemunhos e validações por fontes apresentadas. Nas palavras do autor, "A autenticação nas mídias é a prova pelo 'visto-dito-ouvido' que deve atestar sem disfarce 'o que é', mesmo quando se trata do *inominável*: 'Isto é a morte em transmissão direta'". Tal providência ilustra perfeitamente a forma de exposição da temática estudada como um *fait divers*, sintetizado por Barthes (1964, p. 1) como notícia "inominável", destacando "a extraordinária promoção do *fait divers* na imprensa de hoje".

A autenticação é ainda mais relevante quando se trata de assuntos inclassificáveis, quando as temáticas estão associadas ao sobrenatural e inimaginável, elementos impossíveis de serem corporificados. Tal é o caso com as temáticas envoltas pelo espiritismo, que, a despeito do emprego dos recursos que lhe conferem credibilidade, ainda suscita dúvidas, questionamentos atrelados a crenças e situações do vivido de cada indivíduo. É o que Charaudeau (2019, p. 89) diz sobre a dúvida da reconstituição dos fatos: "Tornar verossímil é tentar fazer crer que o relato corresponde à reconstituição mais provável, apresentando-se o dito como o mais fiel possível ao fato tal como se realizou".

Os últimos parágrafos da notícia, por exemplo, ainda trazem outro fato que contribui para esta "autenticação". O jornal informa que chegam telegramas e cartas de todos os cantos do país pedindo informações do professor Mozart. A justificativa é que essas pessoas, ou seus familiares, sofreram de "males julgados incuráveis e hoje sentem novamente, a esperança bater-lhe à porta do lar desolado". A linguagem lírica une-se às fontes para projetar verossimilhança no discurso, tanto que o periódico reproduz parte de uma carta escrita por Otto Upton Krischte que pede uma fotografia do médium a fim de ser produzida uma escultura a partir da imagem:

> "Só o lêr as noticias detalhadas das curas miraculosas do professor Mozart reproduzidas em vosso jornal, já traz esperança e allivio a milhares de doentes daqui do interior, que esperam por meio de subscripção popular, chegar até à caridosa alma.
>
> Muito grato ficaria, si o sr. redactor me pudesse arranjar uma photographia de perfil e outra de frente do professor Mozart, pois minha senhora deseja muito fazer o busto desse benemerito professor" (CORREIO DO SUL, 29/10/1924, p. 2).

De todo modo, a ciência médica refuta as teses milagrosas e o Correio do Sul abre espaço para essas publicações, a exemplo da notícia "O espiritismo examinado por um scientista"[160], única matéria que foi publicada na capa do periódico. O texto é uma entrevista, originalmente publicada no "Diario de Medicina" do Rio de Janeiro, que visa explicar os fenômenos médiuns a partir da opinião do professor A. Austregesilo, autor do livro *Psychologia da Mulher Brasileira*. O pesquisador fez demonstrações científicas para os jornalistas, relacionando a ação do consciente e do subconsciente para refutar a ideia da corrente do espiritismo.

Em formato de pergunta-resposta, conhecida como "entrevista pingue-pongue" no jornalismo, a notícia em análise emprega múltiplas estratégias linguísticas em sua

[160] Correio do Sul, 20 de dezembro de 1924, p. 1.

construção textual: nos comentários do jornalista (abertura e fechamento do texto), prepondera o lirismo; nas perguntas, a linguagem referencial; nas respostas, a linguagem técnica, didática e opinativa do médico.

Constata-se que o jornalista buscou, desde o início da narrativa, apresentar o médico como uma pessoa lacônica e guiada pela objetividade científica. Os entrevistadores foram pontualmente atendidos e, imediatamente após "as expressões usuais de cortesia", perceberam uma explicação do cientista no sentido de que "O pensamento é uma ação nascente". Assim, o cientista propõe experimentos aos entrevistadores, buscando demonstrar que os fenômenos controvertidos decorrem de projeções mentais, ilusões e propensões imperceptíveis, originadas ou causadas pelos indivíduos envolvidos.

Para tanto, o entrevistado afirma que com o esforço mental, inconscientemente, o agente promove os fenômenos projetados, que são viabilizados pelas interações entre o consciente e o inconsciente do indivíduo. Dessa forma, o cientista afirmou rechaçar integralmente a doutrina espírita. Em adição, elaborou uma consideração científica acerca da manifestação espírita, que se resume a:

> [...] uma manifestação de suggestibilidade. Não é senão a separação do consciente e do sub-consciente. Este último, desarticulado do primeiro, trabalha com o individuo em sonho, ou em acção hypnotica. O medium é um auto-suggestionavel que, com facilidade, desarticula o consciente do subconsciente. [...] Dahi, as illusões e allucinações sensoriaes, sensitivas, motoras e combinadas, que se registram nos "media", tal qual como acontece com os auto-hypnotizados. O apparecimento dos espiritos explica-se pela existencia de taes personalidades no sub-consciente dos pacientes. Somente a psycho-analyse, pelo methodo de Freud, póde desvendar a razão de ser do apparecimento das personalidades invocadas (CORREIO DO SUL, 20/12/1924, p. 1).

Na mesma linha, o entrevistado argui que até mesmo as ideias e os atos externados pelo médium decorrem de informações enterradas em seu subconsciente. Destacou que tais são as conclusões de experimentos e de pesquisas com o hipnotismo, uma vez que através da técnica se revelam informações aparentemente incompatíveis com a vivência do paciente, que chega a sugestionar se tratar de sabedoria "de culturas apagadas", configurando as associações com fenômenos sobrenaturais. Não obstante, o pesquisador volta-se novamente à psicanálise para afirmar que tais projeções decorrem naturalmente da formação da personalidade que se opera desde a infância, de modo que nada do que é alcançado pelos ocultistas foge dos limites do indivíduo. Em complementação, o

entrevistado afirma que fenômenos apresentados como sobrenaturais também podem decorrer de treinamento dos envolvidos, sugerindo se tratar de uma enganação.

A notícia, que aborda as interfaces entre a mídia e a religiosidade, opera em um movimento de midiatização religiosa. A pauta é centrada na personagem (entrevistado) e, a partir desta, o acontecimento é reconstituído, ou seja, a popularização dos fenômenos espíritas no país. Assim, o enquadramento discursivo do jornalista não se limita a informar, mas opina inclusive no tom dado às perguntas formuladas. Ademais, por tal postura, chega a equiparar os argumentos dos expoentes da ciência e do espiritismo, conforme se evidencia no trecho: "– E os mediuns que, como na rua Frei Caneca, escrevem com os olhos fechados?"; "– E o caso dos individuos que, durante ou depois do chamado transe mediunico, descrevem, por exemplo, o interior de casas distantes, e que elles desconhecem?"; "– E o phenomeno das mesas e dos objectos que se movem?". Significa dizer que os jornalistas não tomam a palavra do cientista como superior aos fatos narrados e testemunhados até então acerca do espiritismo, pois trazem sucessivos exemplos concretos para retrucar as explicações postas.

A postura dos jornalistas é também evidenciada quando, logo no início da entrevista, pedem que o cientista cesse a utilização direta deles nos experimentos – uma vez que não foram submetidos a tal demonstração ao testemunharem ou apurarem as sessões espíritas: "Então, explicamos: – Como nas sessões espiritas, nunca accedemos aos convites de experiencias em que figurassemos como pacientes, desejariamos observar, agora, a mesma conducta". A partir daí, as demonstrações passaram a ser interpretadas com a empregada do consultório do entrevistado, que "rompeu a rir", ensejando certo descontentamento no patrão, que afirmou: "Não ria. Não é caso de rir". Isso significa que a mídia não ansiou por intervir diretamente no fato, o que coaduna com os preceitos da imparcialidade jornalística, sedimentando sua credibilidade.

Deste modo, prevalece uma visão interpretativa no texto, focalizando em perguntas insistentes, direcionadas, e com o fito de captar a atenção do leitor. O espaço da narrativa, inclusive, transita entre o consultório médico (ciência) e o mundo dos espíritos (espiritismo), equiparando-os como fontes válidas de informação.

A motivação do texto advém do interesse público sobre o tema, situação exposta inclusive em outras notícias, sendo perceptíveis o envolvimento e a visão interpretativa do jornalista nas marcas textuais. É relevante frisar, também, que o jornalismo deveria prezar por esclarecer os fatos, destacando-se na "visada da informação" (CHARAUDEAU, 2019). Todavia, mediante os mecanismos linguísticos pensados

discursivamente, percebe-se o apontamento de capacidades exclusivas dos espíritas, capazes de superar barreiras das ciências naturais e ascendentes no século XX. Assim, exacerbam-se os sentimentos em confronto ao objetivo original da instituição midiática.

Com o prosseguimento dos "debates", o cientista elucida que os novos fenômenos apontados pelos entrevistadores são normais, afirmando ser trivial que se escreva com os olhos fechados, bem como que a descrição de casas desconhecidas é viabilizada pelo fato de que os prédios são parecidos. Paralelamente, o entrevistado sugere que as pessoas podem ter se preparado para tais performances por treinamento ou por conhecerem secretamente os locais descritos. Quanto aos objetos levados a levitar por forças da mente são denunciados como fruto de um "truc", sob a conclusão de que "forças hipnóticas são meras fantasias. Subsidiariamente, o cientista afirma que o campo científico emergente da metafísica poderia se aventurar a elucidar a excepcionalíssima transmissão de pensamentos.

Ao arremate, o pesquisador responde que julga nocivas as práticas espíritas, protestando: "Como professor de clinica neurologica, não posso deixar de profligar esta psychoneurose que está avassallando o mundo e, com espantoso progresso, o Rio de Janeiro". Com isso, advogou pela repressão do espiritismo em favor do "domínio da medicina clinica" e da preservação da confiança dos enfermos. Assim, concluem os jornalistas que tais opiniões resumem "a palavra oficial da sciencia" – comprovando que o médico, no caso, representava toda a categoria científica.

A reiteração de notícias sobre os fatos ocasiona uma erupção de novas perspectivas: relatos de curas; testemunho de um prestigioso advogado; outros milagres; reafirmação do potencial ímpar do espiritismo; perspectiva de um cientista. O leitor, potencialmente, a cada nova publicação, vê-se compelido ao envolvimento com a temática, vide a presença tonificada dos novos dados nas páginas do periódico. O grande acontecimento (curas do professor Mozart), assim, reverbera, irrompendo em novos microfatos que, juntos, contribuem para a intensidade da narrativa – embora Barthes (1964) defenda que os *fait divers* não possuem prolongada memória, justamente por informarem a integridade do fato e poderem ser lidos a qualquer tempo. Com isso, o fato é alargado a um campo discursivo atemporal.

Como dito, outra notícia[161], na esteira do fenômeno em expansão dos milagres do espiritismo, ainda detalha os feitos de mais uma personagem que se junta ao professor

[161] Correio do Sul, 28 de dezembro de 1924, p. 2.

Mozart, conhecido como professor Niemeyer. E, dada a comoção social dessas ditas celebridades, bem como no anseio de ter a cura para as chagas da vida, o jornal inclusive informa, em uma nota, a possibilidade da presença física do professor Mozart em Porto Alegre[162]. Tal fechamento é amparado pelos ensinamentos de Priore (2014, loc. 3) ao sustentar que as mensagens não têm neutralidade, sendo justificadas por interesses e carregadas de significado: "Ela exprime um contexto e um estado de espírito. Ela não nos ilumina sobre o futuro, mas reflete o presente. Ela é reveladora das mentalidades de uma época, de uma cultura e de uma sociedade. Excelente razão para conhecer sua história".

Na mesma linha do exposto, constata-se, em todas as notícias acerca do Espiritismo, que a doutrina e o seu expoente, professor Mozart, são retratadas com frequente validação por testemunhas. Com efeito, a cada evento envolvendo Mozart e suas inúmeras curas, são elencados os indivíduos que presenciaram os atos, seus nomes, profissões, sua estima na sociedade, e até mesmo seus atos anteriores e posteriores aos testemunhos. Igualmente, não é raro que as testemunhas referendem outros indivíduos conhecidos, aptos a validar as opiniões esposadas pelo periódico analisando, contribuindo com a credibilidade e com a seriedade da narrativa – sem se distanciar do caráter sobrenatural da matéria e dos sentimentos que, portanto, a acompanham. Com isso dialoga Kardec (2021 [1859]), ao afirmar aos críticos que deseja sucesso em suas contendas, uma vez que serviriam de prospecto e promoção ao espiritismo.

Outro ponto de convergência entre a doutrina de Kardec (2021 [1859]) e os feitos dos professores Mozart e Niemeyer se apresenta no fato de que eles não agem com presunção de recompensas materiais ou de estima. Pelo contrário, reconhecem amplamente seu caráter meramente instrumental para a expressão e feitos dos espíritos. A doutrina espírita, segundo o autor, demanda a crença basilar acerca da existência do espírito humano e das suas capacidades, bem como o refinado estudo de todos os seus preceitos. Às críticas, o autor destaca que, como em todas as correntes de pensamento ou representatividade, serão apresentados bons e maus expoentes que não podem ser confundidos entre si.

A intervenção dos espíritos, por intercessão do professor Mozart, conforme elucida Kardec (2021 [1859], loc. 164), é possível uma vez que eles são "seres concretos e circunscritos, aos quais só falta serem visíveis para se assemelharem aos humanos [...] possuem todas as percepções que tinham na Terra, porém em grau mais alto, porque as

[162] Correio do Sul, 28 de dezembro de 1924, p. 3.

suas faculdades não estão amortecidas pela matéria". O objetivo do Espiritismo, pela lição do autor, volta-se a estudar e demonstrar o mundo espiritual, admitindo para tanto a interação racional e voluntária dos espíritos e dos homens. Em consonância com projeção de Priore (2014, loc. 44), "o espiritismo foi um observatório do tempo porque as pessoas se reconheciam nele. Mas também porque ele lidava com questões fundamentais como a morte, a doença, a religião, o amor, a família, as ciências: todas elas sob o impacto de grandes mudanças". Com isso, dialoga igualmente com a noção de que "Desde sempre os mortos foram invocados para cuidar dos vivos" (idem, loc. 3).

Não há dúvidas, na esteira deste pensar, que os *faits divers* abrangem temáticas que instigam uma comoção social sob a proposta de crer no inacreditável. No tempo presente da sua veiculação, tem-se uma personagem de comoção duradoura, vide a quantidade de publicações subsequentes e a persistência da figura do professor Mozart no debate público até o ano de 1930, conforme sustenta Rosa (2022). Sob tal jaez, valida-se ainda a configuração de que os *faits divers* têm sua concepção acessível a qualquer tempo, uma vez que, ainda em 2022, remanescem as mesmas dúvidas e sensações acerca da temática exposta, tanto é que as provocações apresentadas, ainda hoje, conduzem às reflexões por elas problematizadas.

O caráter anacrônico e permanente das provocações delineadas é primorosamente traduzido pela doutrina espírita. Nesta linha, destaca-se a acepção de Priole (2014, loc. 44) acerca de que "Kardec permitiu reconhecer o rosto noturno de uma sociedade que viu emergir os seus medos mais ocultos através de espíritos e fantasmas". Percebe-se, com isso, a ideia de que, em contraste com o mundo experienciado pelas pessoas, há uma fronteira desconhecida – cuja exploração passa a ser possível pelas crenças, que igualmente oferecem explicações inalcançáveis por outros meios.

A dualidade composta por tais realidades é igualmente trabalhada por Morin (1997, p. 167), que a contextualiza ao elucidar a cultura de massa: "A contradição – a vitalidade e a fraqueza – da cultura de massa é a de desenvolver processos religiosos sobre o que há de mais profano, processos mitológicos sobre o que há de mais empírico". Tem-se a recorrente noção do individualismo neste cenário de trocas simbólicas, nas quais cada indivíduo anseia por sua própria salvação; e é nisso que vicejam crenças, religiões e alternativas aos limites da realidade perceptível.

Desenvolvendo o raciocínio, Huston (2010) destaca que, para ordenar a sua vida e a vida em sociedade, o homem necessita da compreensão concomitante entre as percepções acerca do bem e do mal. A autora enfatiza que é insuficiente e inquietante ao

homem o conhecimento de apenas uma das faces das possíveis representações dos mundos. Com efeito, lança-se o bem como norte e se conhecem as virtudes que orientam cada sociedade. Não obstante, os *faits divers* do jornal Correio do Sul não exploram com detalhes o lado próspero da sociedade: relações familiares e sociais bens sucedidas; instituições sólidas; amizades; progresso etc.

Pelo contrário, em geral, têm-se temáticas muito mais grises, para se dizer o mínimo. Apesar das temáticas variadas, percebe-se também um nítido efeito moralizante dos discursos construídos nos *faits divers* do Correio do Sul. A realidade é temperada, assim, com doses homeopáticas de ficção – fator determinante para a existência humana. Com isso se alinha Huston (2010, p. 82) ao sustentar que "O fato de acreditar em coisas irreais nos ajuda a suportar a vida real". Assim, os *faits divers* são como uma receita pronta que equilibra perfeitamente os anseios objetivos e subjetivos dos indivíduos.

CONCLUSÃO

Esta tese, como pequenos pedaços de jornal que delicadamente precisam ser justapostos para significarem, formou-se em um extenso mosaico de notas, notícias e reportagens que uniram as muitas narrativas cooptadas. Um processo artesanal de reconstituir as páginas do Correio do Sul e, associadamente, a história de Bagé, cidade localizada no extremo sul gaúcho. Como bússola para este extenso e gratificante percurso, teve-se o objetivo de refletir sobre as construções narrativas do jornalismo e da literatura a partir dos *faits divers*, bem como sobre a histórica intersecção entre as áreas. Estas múltiplas narrativas, relidas, ordenadas e resumidas, substantivam o trabalho aqui transcorrido. Um misto de vocabulário erudito e técnico – um emprego da língua que se transforma à luz de seu tempo.

Entretanto, com a leveza de uma reconstituição, as palavras são escolhidas a dedo pelos jornalistas do periódico dentro de um léxico rico, vasto e impressionante que a Língua Portuguesa apresenta. As marcas das fontes jornalísticas ficaram evidentes: documentos policiais, processos judiciais, relatórios dos peritos, dos médicos legistas ou, ainda, informações científicas. A partir desses dados oficiais é que começava a magia das narrativas, viabilizadas pela visão implacável dos jornalistas-escritores do Correio do Sul. O resultado eram textos carregados de opinião, o que evidenciou e auxiliou a compreender a convenção estrutural dos *faits divers* no início do século XX.

Ressalta-se que comunicados de assassinatos políticos foram retirados das métricas mapeadas nesta pesquisa, bem como homicídios de jornalistas conhecidos popularmente, situação que ocorria com frequência em virtude da perseguição política ao posicionamento do profissional atuante na imprensa. Também foram suprimidos os desastres naturais, como acidentes de trem, afogamentos ou incidentes em indústrias, situações recorrentes à época. Mesmo quando ocorriam tais catástrofes, as manchetes do jornal eram sempre políticas e marcavam a linha editorial.

Assim, tem-se um jornal que apresenta um panorama político-social do mundo, com abordagens técnicas e linguagem culta; um veículo de comunicação direta com os representantes políticos. Aparenta-se, por vezes, uma "carta aberta" ideológica e não uma notícia informativa. Essa situação é verificada principalmente nos editoriais, mas não são os únicos com esse tipo de opinião e estes nem sempre possuem espaço fixo no periódico. Inclusive, o veio ideológico é percebido nos elementos discursivos dos *faits divers* publicados no Correio do Sul.

Justamente por tais circunstâncias que as notícias relacionadas a políticos ou celebridades não se enquadram como *fait divers.* Em outros termos, a leitura dessas colunas não surpreende, seu teor é esperado pelo leitor. Todavia, o tom opinativo e as manifestações do jornalista e do próprio jornal estão em todos os tipos de notícias do Correio do Sul, instaurando-se um tom predominantemente dialógico com o leitor.

Para tanto, verificou-se que há recursos narrativos que são percebidos concomitantemente nos *faits divers*, enquanto gênero divulgado em um jornal, e no desenvolvimento regular de textos literários. A semelhança, entretanto, não se resume à estrutura textual, mas já se apresenta de forma incorporada pelo jornalismo através de estratégias que permeiam as fronteiras entre as áreas. Em outros termos, estão na seleção temática, no tratamento dos dados, no suspense, no encadeamento, no ritmo e na percepção contextual.

Diante da acepção de permeabilidade entre os campos jornalístico-literários, é possível aferir que a narrativa, bem como a gênese de sua constituição dialógica (língua, linguagem e elementos discursivos), é ponto estável da hibridização dos gêneros produzidos a partir dessa fértil relação. No entanto, a relativa estabilidade desse ponto convergente culmina na questão da subjetividade das escolhas discursivas que caracterizarão o texto como "fato" ou "ficção". Assim, diante da subjetividade dos atores que participam dos atos comunicativos, tem-se que não existiria fato sem ficção, pois o texto jornalístico perpassa processos de apuração, produção e circulação, em que há intervenção humana direta – sendo o indivíduo um eterno desbravador em busca de sentidos, o que refletiria em tudo que por ele é produzido. Embora os fatos existam, narrar é, sem dúvida, interpretar em algum grau a informação, que, no jornalismo, chama-se de opinião.

No mesmo raciocínio, a relação jornalismo e literatura resulta em uma fecunda arena linguística em que um discurso é semeado pelo outro, em um fluxo dialógico-interativo. O resultado é um complexo textual rico em interpretações em todos os níveis da análise linguístico-discursiva, bem como sócio-histórica e literária. Isso porque, preponderou-se uma linguagem poética, erudita, com assertivos empregos de figuras de linguagem, o que propiciou uma sem igual amplitude de sentidos, amplificados pelo decurso tempo. Justamente é o contexto do início do século XX, delineado pela grafia do vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa vigente à época; pelos conflitos político-partidários locais, nacionais e mundiais; pelas guerras e batalhas sangrentas travadas no período; pelos costumes e valores que moldavam a sociedade; pela reprodução de

descrições policias e forenses amplamente exploradas pelo periódico; entre outros, o que permite desvelar as camadas de sentidos dos *faits divers* analisados.

Destaca-se que, desde a gênese de ambos os campos, a literatura está no jornal e, este, na literatura, em uma hibridização que aparece "sem aviso" ao leitor e sem clara delimitação. Por vezes, os *faits divers* são encontrados em colunas com as editorias bem demarcadas através do título "Factos Diversos". Em muitas outras situações, aparecem na capa ou no miolo no jornal, incitando uma circularidade naturalizada entre as formas jornalístico-literárias. Essa situação, todavia, impacta os múltiplos níveis de leitores de maneira distinta. Logo, o reflexo da singularidade e confluência dessas formas nem sempre será, no aspecto crítico, socialmente positivo.

Percebe-se, a partir do *corpus*, que essa relação é essencial para a atratividade dos textos estabelecidos como *faits divers*. Os aspectos literários, presentes no gênero, quando inseridos no espaço do jornal impresso, evidenciam-se de tal maneira que suscitam o real de forma mais contundente. Ou seja, é a partir da "denúncia" que o fato significa e torna-se determinante para o desenvolvimento da narrativa. A literatura age como mola propulsora da narrativa, enquanto o jornal impulsiona o texto – tanto com a cobertura dos acontecimentos, quanto com a viabilização da leitura em grande escala.

Todavia, divulgar eventos reais com esse viés também possui impactos na esfera jornalística. É perceptível que, eventualmente, o Correio do Sul prejudica os personagens. Em outras palavras, constrói uma ação motivada por uma perspectiva específica, seja do jornalista ou do veículo, e investe os elementos linguístico-discursivos para "vender" uma ideia pronta. O resultado de sucesso seria convencer o público e, a partir daí, criar uma única "verdade". Por outro lado, os impactos de um posicionamento leviano não respingam somente na perspectiva ficcional e são perceptíveis na realidade.

Tem-se que o jornalista é um escritor que conta histórias; o literato, da mesma forma, é um escritor que conta histórias. O anseio da escrita, arrisca-se, advém da necessidade intrínseca de compartilhar o que se vê e o que se sente, de modo que o jornalismo e a literatura têm, na comunicação, outro ponto de convergência. Em notícia publicada no jornal Correio do Sul, foram entrevistados escritores da época para responderem à pergunta: "Por que escrevem?". O escritor João do Rio, ao dizer que escrever "é como um incêndio interior. Quanto mais penso em abafá-lo, mais o vejo alastrado e voraz, consumindo-me"[163], vai ao encontro da fala coletiva. Escrever por

[163] Correio do Sul, 11 mai. 1920, p. 3.

vontade, por fatalidade, por destino, por necessidade – por ímpeto, seja velado ou declarado. Cada sujeito apresenta a forma, a estrutura, os objetivos, as perspectivas. Mas a escrita ali está, advinda do íntimo de cada escritor, seja ele jornalista ou literato. Se escrever é arte, não é possível tirar de um desses sujeitos a prerrogativa de ser escritor que conta uma história.

É exatamente isso que se percebe nas escritas dos *faits divers*. Uma prerrogativa inata de escrever, uma libertação dos jornalistas e uma possibilidade mais próxima do factual aos literatos. Ambos manipulam a realidade dotados de uma espécie de curiosidade mórbida. Logo, não só o criminoso, mas os escritores (literatos ou jornalistas) e o próprio leitor possuem sentimentos morais difusos. Para além da moralidade, aliás, são manifestações psíquicas complexas, uma catarse no sentido de libertação dos sentimentos mais obscuros que circundam todos os indivíduos – e mora nesse enigma a audiência expressiva e perene dos *faits divers*.

À guisa de conclusão, desterraram-se nos *faits divers* os usos de uma linguagem folclórica, sobrenatural, na criação e no tratamento de figuras e acontecimentos sociais e políticos. Tal fenômeno, conforme profundamente trabalhado por Foucault (2001), tem raízes sociais e culturais densas e antigas, atrelado à organização social tribal, feudal, absolutista, moderna e mesmo contemporânea.

Diante da visão sobre narrativa dialogada nesta tese (BARTHES, 1973; 1976), bem como a imbricação das áreas jornalístico-literária, direciona-se a conclusão de que é sempre um desafio aventar e traçar este paralelo. Independentemente da época, ou do nome dado a essa imbricação, a exemplo da designação de jornalismo visceral ora proposta, entende-se que não há como negar uma aproximação entre as narrativas produzidas pelas áreas. Tanto o jornalismo quanto a literatura florescem da confluência das fontes da realidade e da ficção, em gêneros distintos, com propósitos também distintos e, principalmente, com princípios discursivos distintos.

O jornalismo visceral, nesta proposta, é representado por textos publicados na imprensa e que empregam elementos discursivos literários para lumiar o que uma universalidade se nega a confessar. Com a tinta do periódico, expele-se o sangue – representativo da vida – cujo esvaimento traz à baila as duas questões inexoráveis aos homens, em todos os tempos: a vida e a morte. Trabalha-se ardorosamente, portanto, com paixões e sentimentos imanentes e latentes – características prementes dos *faits divers*.

Aproximar áreas não exclui, certamente, o estatuto discursivo peculiar das esferas discursivas literária e jornalística. Há de se respeitar os campos de conhecimento e suas

funções sociais estabelecidas. Ao contrário, quando imbricados, a soma resultante é positiva, pois ambos agregam o que há de mais caro para formar um novo "produto" comunicativo. A realidade constatada nas edições do Correio do Sul do início do século XX auxilia na percepção de que esse processo de trocas entre a literatura e o jornalismo é prática arraigada na ontogênese das áreas.

Aliás, o resultado dessa relação permite criar um panorama histórico da cidade de Bagé entre os anos de 1914 e 1924, o que não seria propriamente evidenciado através do desenvolvimento usual do texto jornalístico ou literário isoladamente. As características singulares da literatura e do jornalismo não permitiriam essa reconstituição, pois é nessa combinação que se pode vislumbrar o verídico, aquilo que foi vivido, sob um viés crítico, a partir do qual são descritos alternadamente os fatos e os vieses apresentados pelo escritor e mesmo aqueles atribuídos ao povo.

O campo sobre o qual se desenvolveram os fatos e as narrativas estudadas foi tracejado como um local próspero, expoente da cultura gaúcha e protagonista da história nacional. Bagé, cuja origem é marcada pelos embates entre os impérios espanhol e lusitano, tem seu povo, sua economia, suas tradições e seus anseios retratados pelos *faits divers* carreados no presente estudo. Constatou-se, a despeito dos valores fundantes de Bagé, com o frequente enaltecimento das rígidas tradições religiosas e sociais, o predomínio de uma linguagem cética e de enaltecimento à ciência e à mentalidade progressista, marcados, por exemplo, com as dúvidas levantadas sobre o milagre que fez Sargento Manca deixar de ser paralítico em plena Basílica de São Pedro, em Roma, bem como as críticas ao espiritismo e às curas praticadas pelo professor Mozart. Na mesma toada, o periódico concomitantemente vindicava a atuação firme das autoridades constituídas do município na persecução de criminosos vis e sedentos de sangue, porém conclamando a adstrição aos limites da civilidade e da humanidade das penas, na forma da lei vigente, evidenciado pelo notório caso do "Come Gente".

A carga opinativa, seja do veículo ou do jornalista, ou mesmo a projeção dos interesses e das perspectivas dos leitores – a partir da sensibilidade do redator – evidenciou elementos de uma sociedade aristocrata, arraigadamente patriarcal e supressora do protagonismo social feminino, preocupada essencialmente em manter as aparências de promotora da moral e dos bons costumes. Por outro lado, igualmente são evidenciados anseios da sociedade de outrora, responsáveis por alçar a cidade de Bagé a níveis ímpares de desenvolvimento, considerado o cenário nacional de então, com a demanda de patamares civilizatórios cada vez mais elevados. Tal dualidade é igualmente

contrastada com a retratação detalhada de fatos e da estrutura social, responsável por conferir fidedignidade à narrativa, traço inerente à técnica jornalística e ao gênero *fait divers*.

A narrativa híbrida, portanto, mesmo não sendo fator exclusivo desta relação jornalístico-literária, pode ser nela identificada. Quando isso ocorre, de fato, o jornalismo, naquela narrativa, passa a ser também literário. Da mesma forma, a literatura passa a ser também jornalística. Há quem não concorde com tal afirmação, como bem pontuam Castro e Galeno (2002), visto que defendem a linha da área "pura", se é que poderia ser chamada assim. De todo modo, nesta pesquisa, ombreia-se com a assertiva de Alceu Amoroso Lima, em seu livro que foi um dos precursores da pesquisa deste "jornalismo literário" e que não poderia ser mais atual, de que todas as "artes da comunicação" são de certa forma influenciadas pelo "espírito jornalístico" ou a ele influenciam.

Percebe-se que as paixões sempre estão presentes em algum grau nos *faits divers* e não somente quando ligadas às perspectivas românticas. A paixão, enquanto exacerbação de um sentimento envolvente e sedutor, notoriamente eleva o número de leitores mobilizados de um periódico. Foi a paixão pela vingança social que animou as multidões a acompanharem de perto a narrativa detalhada das verdadeiras sagas do "Come Gente"; foi a paixão genuína por sangue e vísceras que fez o público clamar pelo desfecho da sentença capital do moderno Barba Azul; foi a paixão obsessiva que orientou os bageenses a acompanharem atentos à narrativa do horrendo crime perpetrado pelo "Monstro Humano"; foi a paixão pela difamação e pela desgraça alheia que propulsionou as narrativas dos suicídios de tantas jovens senhoritas; foi pela paixão da superstição e do ocultismo que se concebeu o sucesso dos *faits divers* das assombrações e curas milagrosas do espiritismo; foi a paixão da esperança de uma cura pela fé católica que propagou as narrativas acerca dos milagres da Basílica de São Pedro e tantos outros.

É justamente a exacerbação das mais intrínsecas paixões que movem o anseio humano, postulando a singularidade e riqueza do gênero narrativo *fait divers*. As esferas discursivas jornalística e literária, ao envolverem-se e interseccionarem-se, tornam a construção narrativa dos *faits divers* única e relevante para compreensão da esfera pública em que os textos circulam. Isso é posto através da escolha do léxico; das estruturas linguísticas repetidas; da valoração sensacionalista do gênero que marca um estilo particular; das posições sociais dos narradores na cidade de Bagé do século XX, geralmente bacharéis; e, principalmente, do tratamento linguístico-literário dado ao fato.

O vasto *corpus* aqui coletado, perpassando por 2.516 edições do Correio do Sul, compostas de 10.197 páginas de notícias e reportagens meramente informativas, *faits divers* e anúncios, comprova a vivacidade da língua quando percebida dentro de seu contexto e sem negligenciar as características das esferas discursivas que dialogam na estruturação do gênero *faits divers*. O *faits divers* é mágico como a vida, pois é instigante, inesperado, subjetivo, mas também universal; o *faits divers* é como um vício, pois é capaz de cooptar a mente humana em um anseio de leitura sequencial e, por vezes, irracional; o *faits divers*, enfim, revela a essência do Correio do Sul e da sociedade de Bagé, pois, como um roteiro fílmico de uma longa história, vão se desvelando novas sensações, trazendo à luz costumes, ritos, expressões e, impressionantemente, permitindo que o leitor seja capaz de montar um cenário, corporificar rostos e espaços. Essa é a magia. Os *faits divers* do Correio do Sul são arte, como a literatura, como o jornalismo, como a própria vida – e ter domínio sobre a própria vida, através da informação, é libertador.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luciano Aronne de. **Rio Grande do Sul ontem e hoje:** uma visão histórica. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2018.

AJZENBERG, Bernardo. Dois senhores. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura:** a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

ALBUQUERQUE, Afonso. A narrativa jornalística para além dos faits-divers. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 69-91, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R5-Afonso-HP.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular.** São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue:** um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco; Poética / Aristóteles:** seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

AQUINO, Thiago Avellar. **Atitudes e Intenções de Cometer o Suicídio:** Seus Correlatos Existenciais e Normativos. João Pessoa. 2009. 280 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: http://www.vvgouveia.net/en/images/Teses/Aquino_T._A._A._2009.pdf. Acesso em: 27 ago. 2021.

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica:** as técnicas do jornalismo. São Paulo: Ibrasa, 1972.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1981.

BARROS, José d'Assunção. Os conceitos na história: considerações sobre o anacronismo. **Ler História**, n. 71, p. 155-180, 2017. Disponível em: https://journals.openedition.org/lerhistoria/2930. Acesso em: 01 nov. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2006.

BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha.** São Paulo: Ática, 1994.

BARROS FILHO, Clóvis de; BARTOLOZZI, Pedro Lozano. **Ética na comunicação:** da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 1995.

BARTHES, Roland. et al. **Análise estrutural da narrativa.** Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1976.

BARTHES, Roland. ***Essais critiques.*** France, Paris: Éditions du Seuil, 1964.

BARTHES, Roland. **S/Z.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras:** língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012.

BÍBLIA SAGRADA: tradução dos originais pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, ed. 79, 1991.

BRASIL. **Decreto nº. 847, de 11 de outubro de 1890.** Código Penal dos Estados Unidos do Brazil, 1890.

BRASIL. **Recenseamento Geral do Brasil.** Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística, 1920, v. IV, Parte 4ª – População.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1980 [1965].

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Literatura oral no Brasil.** São Paulo: Global, 2006.

CASSORLA, Roosevelt M. S. **Suicídio - Fatores inconscientes e aspectos socioculturais:** uma introdução. São Paulo: Blucher, 2017.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e literatura:** a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia científica.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo.** São Paulo: Summus Editorial, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2019.

CORREIA, Eduardo Luiz. Romance policial, a gênese narrativa do jornalismo investigativo. In: TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; SANTOS, Marli dos (Orgs.). **Fronteiras Híbridas do Jornalismo.** Appris editora: Curitiba, 2015. p. 149-148.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas:** literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

CUNHA, Euclides. **Os sertões** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 516 p. Disponível em: http://books.scielo.org. Acesso em: 10 abr. 2021.

DAENINCKX, Didier. **Petit éloge Des Faits Divers.** France: Editions Gallimard, 2008.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.

DECOIN, Didier. **Dictionnaire amoureux des Faits divers.** France: Plon, 2014.

DION, Sylvie. O "fait divers" como gênero narrativo. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**, n.34. Universidade Federal de Santa Maria, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11944. Acesso em: 02 jul. 2020.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio:** estudo de sociologia. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

ENDRES, Kathleen L. **Evolution of journalism and mass communication.** The University of Akron, Ohio, USA, 2001.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 1978.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.** Rio de Janeiro: FENAJ, 2007. Disponível em: encurtador.com.br/dhkl5. Acesso em: 02 abr. 2022.

FINLEY, Moses L. **Democracia antiga e moderna:** edição revista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FLACH, Alessandra Bittencourt. **Literatura Popular**. Porto Alegre: Sagah, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Entre o amor e os estados de paixão:** conversa com Werner Schroeter. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Goethe Institute, 1982. p. 39-47. Disponível em: encurtador.com.br/bRS08. Acesso em: 10 set. 2022.

FOUCAULT, Michel. Os assassinatos que se conta, in **Eu Pierre Rivière que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. Rio de janeiro, Graal, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais*:*** curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREUD, Sigmund. "O estranho". In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Jayme Salomão (Trad.). Rio de Janeiro: Imago, v.17, p. 275-314, 1976 [1919].

FRIDERICHS, Edvino Augusto. **Casas mal-assombradas:** fenômenos de letergia. São Paulo: Edições Loyola, 1980.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2009.

GINZBURG, Carlo. **História noturna:** decifrando o sabá. Editora Companhia das Letras, 1991.

GOYET, Mara. ***Sous le charme du fait divers.*** France: Éditions Stock, 2016.

GUIMARÃES, Valéria. Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os faits divers criminais. **ArtCultura**, v. 16, n. 29, 2014. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/34324/. Acesso em: 26 abr. 2020.

GUIMARÃES, Valéria. Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX. **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 323-349, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/BBZn9875hjNbTGJRw3D8wcd/abstract/?lang=pt. Acesso em: 26 abr. 2020.

HELIODORA, Bárbara. **Caminhos do teatro ocidental.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

HIPÓLITO, Octávio. O jornalismo em Bajé. In: SOUZA, Museu Dom Diogo de. **Anais de Bajé.** Bagé: Gr. Ed. Santa Maria, 1963.

HUSTON, Nancy, **A espécie fabuladora**, Porto Alegre, L&PM, 2010, 141p.

JAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1965, p. 73-86.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.

KARDEC, Allan. **O que é espiritismo?** Introdução ao conhecimento do mundo invisível, pelas manifestações dos espíritos. São Paulo: Montecristo Editora, 2021 [1859].

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico:** projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2020.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** São Paulo, Ática, 2006.

LAJOLO, Marisa. Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes. In: MALLARD, Letícia et al. **História da literatura:** ensaios. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 19-36.

LEMIESZEK, Cláudio de Leão. **Bagé –** Relatos de sua história. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

LEMIESZEK, Cláudio de Leão. **Bagé –** Novos relatos de sua história. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário.** Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice na cabeceira:** jornalismo. Editora Rocco, 2012.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: MADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15-26.

MANUAL DA REDAÇÃO: **Folha de S. Paulo**. 21ª edição. São Paulo: Publifolha, 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da comunicação.** São Paulo: Editora Paulus, 2014.

MARTINET, André. **Elementos de Linguística Geral.** 8. ed. Lisboa: Martins Fontes, 1978.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação:** ideias, conceitos e métodos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MARTINS, Eduardo. **Manual de redação e estilo.** 3ª edição. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo político**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MATHIEU, Jacques. Como analisar um objeto. In: LÉTOURNEAU, Jocelyn. **Ferramentas para o pesquisador iniciante.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MEDEL, Manuel Angel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura:** a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem.** Canoas: Ed. ULBRA, 1996.

MOLINA, Matías M. **História dos jornais no Brasil.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX:** o espírito do tempo. 9a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente.** Revista eletrônica e-compós. Dez. 2004.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin do. **Técnicas de redação em jornalismo:** o texto da notícia. Vol. 2. São Paulo: Saraiva, 2009.

ALVES, Francisco das Neves. **O periodismo gaúcho no século XIX:** breves impressões históricas. Biblos, Rio Grande, v. 23, n. 2, p.137-166, 2009. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/article/view/1312/596>. Acesso em: 10 jan. 2023.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário.** São Paulo: Contexto, 2008.

NOVO MANUAL DA REDAÇÃO: FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1992.

NUNES, Ana Cecília Bisso. **Jornalismo Popular no Brasil e na Alemanha**: as capas do *BILD Hamburg* e do *Diário Gaúcho*. Estudos em Jornalismo e Mídia – Vol. 8 Nº 2 – Julho a Dezembro de 2011. Disponível em: encurtador.com.br/cEHMS. Acesso em: 02 jun. 2021.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 2007.

PREDEBON, José. **Criatividade**: abrindo o lado inovador da mente – um caminho para o exercício prática dessa potencialidade, esquecida ou reprimida quando deixamos de ser crianças. São Paulo: Atlas, 2010.

PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre jornalismo.** Rio de Janeiro: LTC, 2012.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas Ampliadas:** O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Editora Unicamp, 1995.

PERKINS, David. **História da literatura e narração**. Porto Alegre: Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, v.3, n. 1, março de 1999.

PUCHNER, Martin. **O Mundo da Escrita:** como a literatura transformou a civilização. Editora Companhia das Letras, 2019.

QUEIRÓS, Eça de. **O Primo Basílio.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

QUINTANA, Mario. **Caderno H** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

REIS, José Carlos. **O Desafio Historiográfico.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 64.

RIBEIRO, Kelli. A complexidade do encontro de esferas discursivas: o caso da mídia e da religião na contemporaneidade. **Revista Desenredo**, v. 13, n. 1, 2017. In: http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/6779. Acesso em: 20 out. 2022.

ROXO, Elisangela. Eu existo! Muito prazer, sou a jornalista que estacionou o carro do Caetano no Leblon. **Revista Piauí**, São Paulo, 29 mar. 2021. Disponível em: encurtador.com.br/rS048. Acesso em: 09 jun. 2022.

SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e literatura:** a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Editora Cultrix, 2008 [1916].

SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e Literatura: a fértil convivência. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e literatura:** a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

SELIGMAN, Laura. **Jornais Populares de qualidade**: ética e sensacionalismo em um novo padrão do jornalismo de interior catarinense. Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, 2009.

SENADO FEDERAL. **Parecer da CPMI Violência Contra a Mulher:** Projeto de Lei do Senado nº 292/2013. 2013. Disponível em: encurtador.com.br/iqsI3. Acesso em: 16 abr. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Juremir Machado da. O que escrever quer calar? Literatura e jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura:** a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 47-52.

SILVA, Marcos Paulo da. Jornalismo, Cotidiano e Experiência Estética: uma discussão sobre a interface dos campos calcada na regularidade cotidiana. In: **Anais do XXIV Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)**. Brasília, DF: Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2015.

SILVA, O. **A epopéia ignorada** – A pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje. São Paulo: CEDAS, 1986.

SILVEIRA, Guaracy Carlos da. **Introdução ao jornalismo.** Porto Alegre: SER – SAGAH, 2018

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma breve história do jornalismo no Ocidente. **Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa.** Porto, UFP, p. 12-93, 2008.

SOUZA, Eudoro de. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico. In: ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco; Poética / Aristóteles:** seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX – Textos e contextos. Bocc, **Congresso Brasileiro de Ciências Da Comunicação**, 34º. 2011. p. 1-11.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Fronteiras híbridas: o jornalismo e suas múltiplas delimitações. In: TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; SANTOS, Marli dos (Orgs.). **Fronteiras híbridas do jornalismo**. Curitiba, Appris, 2015.

TORRES, Luiz Henrique. **Teoria da História:** construção e desconstrução da racionalidade. Rio Grande: Pluscom Editora, 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo.** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: insular, 2005.

WERNECK, Humberto. A arte de sujar os sapatos. In: TALESE, Gay. **Fama e anonimato.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.